

IAÇÃO GUIA DA PROGI

18.31 BAS 21.05 INQUÉRITO 1 + 1 = 1

TAÇ

Tran-
Sang-
tado e
Gond-

Inquérito junto do grande público privilegiando os estudantes, e ainda junto de conhecidas personalidades intelectuais e de críticos de televisão. Com a presença dos drs. Jacinto Prado Coelho, Augusto Abelaira, Lúcio Lepeti, Mário Dias Ramos, Rui Cádima, Jorge Leitão Ramos e Correia da Fonseca. Apresentação de Isabel Ayres.

21.00
1 + 1 = 1

Inquérito junto do grande público, com incidência junto dos estudantes e de conhecidas personalidades intelectuais e de críticos de televisão.

18.20 Sum

18.30 Basq

Pavill

Sang-

20.00 Pais

20.25 O Te

20.30 Telej

21.05

21.35

22.05

23.00

Intervém, neste programa, Jacinto Prado Coelho, Augusto Abelaira, Lúcio Lepeti, Mário Dias Ramos, Rui Cádima, Jorge Leitão Ramos e Correia da Fonseca. Apresentação de Isabel Ayres.

Inquérito 1 + 1 = 1 - inquérito junto do grande público, privilegiando os estudantes, e ainda junto de conhecidas personalidades intelectuais e de críticos de televisão.

te do pro-

um inquérito ao público, a escritores e críticos Jacinto do Prado Coelho, Augusto Abelaira, M. Lepecki, M. Dias Ramos, R. Cádima, J. Leitão Ramos, Correia da Fonseca. A RTP não anunciou o tema: aceitaram-se apostas. (21h00).

● 21.00 — INQUÉRITO
1 + 1 = 1

Inquérito junto do grande público, privilegiando os estudantes, e ainda junto de conhecidas personalidades intelectuais e de críticos de televisão. Intérpretes: drs. Jacinto Prado Coelho, Augusto Abelaira e Lúcio Lepeti; Mário Dias Ramos, Rui Cádima, Jorge Leitão Ramos e Correia da Fonseca. Apresentação de Isabel Ayres. Produtor: Nuno Figueira. Realizador: Fernando Midões.

Manuela Moura Guedes (antes do Telejornal): «Hoje, em «1 + 1 = 1», a participação de intelectuais, de críticos de televisão (...)

10 hipóteses para descobrir a razão do não aparecimento dos críticos de televisão no «1 + 1 = 1»

Não apareceram porque a Maria Elisa disse que não senhor, que não queria lá a crítica; não apareceram porque a Maria Elisa disse que não senhor, que não queria lá a crítica; não apareceram porque a Maria Elisa disse que não senhor, que não queria lá a crítica; não apareceram porque a Maria Elisa disse que não senhor, que não queria lá a crítica; não apareceram porque a Maria Elisa disse que não senhor, que não queria lá a crítica; não apareceram porque a Maria Elisa disse que não senhor, que não queria lá a crítica; não apareceram porque a Maria Elisa disse que não senhor, que não queria lá a crítica; não apareceram porque a Maria Elisa disse que não senhor, que não queria lá a crítica.

Sexta-feira, 16 de Outubro de 1981

TELECRÍTICA



Rui Cádima

Vira-se ou não o bico ao prego?

Vem aí a «grande viragem»... Anunciada profusamente há já mais de quinze dias, o novo mapa-tipo esquematizado por Maria Elisa entrou ontem no ar, coincidindo portanto a data de viragem com o início da transmissão de mais uma telenovela, a tal que a Direcção de Programas diz que é boa, mostrando assim a sua rotunda ignorância sobre as críticas a ela dirigidas, nomeadamente à adaptação televisiva — críticas essas aliás dirigidas exactamente pelo crítico de televisão de «O Globo» — jornal que é uma das extensões da Fundação Marinho, proprietária da Rede Globo, e produtora da telenovela. Dizia na altura o Artur da Távola que nessa adaptação que começámos agora a ver quem tinha ficado a perder tinha sido Erico Veríssimo, criticando deste modo abertamente a adaptação feita pela rede de Televisão de que é também funcionário!

Essas críticas tiveram eco desde logo em Lisboa e entretanto a Direcção de Programas deitava culpas para cima da Imprensa portuguesa, alegando que se estavam a tomar posições negativas sem se conhecer ainda a telenovela... Que os jornalistas eram isto e aquilo e não sei mais quê... Lamentável. Mais lamentável ainda por vir da parte de uma jornalista habitualmente autoconsiderada pessoa informada.

Passamos agora das críticas — ou autocríticas — surgidas dentro de uma mesma estrutura (Rede Globo) para o seu reverso absoluto: isto é, para a mais desavergonhada das imodéstias surgida ultimamente na RTP.

O despalte de renegar o passado próximo — a miséria das misérias televisivas deste Verão, deste longo e dilatado Verão de Junho a Outubro — e embandeirar em arco, como sóc dizer-se, propagandeando aos sete ventos as grandiosidades e riquezas da nova programação, é de facto sintoma desse despautério.

Tem havido muito pouca modéstia e nenhuma vergonha naquilo que tem sido feito e dito nos últimos meses ao nível da produção e da política geral, da 5 de Outubro para o Lumiar. Esperemos mais uma vez que as coisas mudem. Sem interregnos. Sem «estações baixas».

Vimos aqui há dias que uma coisa é o texto, outra é o contexto: a segunda pode habitualmente fazer influir a primeira para onde quer que o emissor queira. O texto pode assim ser «formação», «informação», «deformação», «persuasão», «propaganda». Ao contrário do que foi dito num recente inquérito nem sempre informação é formação. Há que saber do que é que se fala.

De facto, o termo mais adequado para definir o que se tem passado ultimamente é «propaganda». Na informação, por razões de todos conhecidas; na programação por se ter vendido gato por lebre e impingido como desculpa o espectro da não rentabilidade da empresa.

Estamos pois em pleno início dessa pressuposta «grande viragem». A promoção feita até agora deixa-nos perceber à partida que tudo o que nos foi tirado nos meses de Verão vai agora ser emitido. Não admira portanto que se tenha falado em 80 por cento de produção nacional quando é certo que nestes últimos meses andámos pelos 20 por cento.

Segunda-feira, 19 de Outubro de 1981

TELECRÍTICA

Rui Cádima



Maria Elisa como a formiga

Por diversíssimas vezes aludi nesta coluna ao rotundo fracasso que foi, no seu conjunto, a programação do alargado «verão» televisivo, de Junho a Outubro.

Todos vocês são, por certo, da mesma opinião. Não sei se a Maria Elisa — ela é um bocado reticente e teimosa nestas coisas de dar a mão à palmatória — não sei, dizia, se ela de facto fará coro connosco...

O que vos posso dizer é que o Dr. Proença de Carvalho, por exemplo, é dessa opinião... Na recente recepção para a apresentação do novo mapa-tipo, numa breve conversa que tive com ele consegui perceber isso mesmo: que também o presidente da C.A. da RTP não tinha ficado satisfeito com a programação de «verão». Isto quanto aos programas não informativos, porque quanto à informação propriamente dita não houve praticamente coincidência de opiniões...

Vamos então para o primeiro sábado do novo mapa-tipo. Para começar, uma «abertura» quase madrugadora para o que estávamos habituados — e tardia para o que é usual la fora. Você estava habituado para além do mais a não ligar o seu televisor as 13.50 (quem é que quer começar um sábado, primeiro dia do fim-de-semana, por um programa de culinária muitas vezes mais improvisado do que as suas próprias experiências caseiras, quando você lá em casa põe também o avental de seguida eram os problemas dos deficientes, o «Tropicália» ao quilómetro, etc., etc.?). Agora é diferente. O leitor se tiver filhos já os pode entreter a partir das 10.30, com vários módulos infantis, compreendida a «Animação» de Vasco Granja e uma nova série filmada: «A Loja das Antiguidades» — uma adaptação de Charles Dickens que nos chega com a chancela de qualidade da BBC.

Entretanto, a partir das 12.30, um bloco de transição para a tarde, que nos pareceu bastante bom, embora dois dos seus programas («Novos Horizontes» e «Baralha, Parte e Paga») pudessem ser produzidos e realizados com uma outra dinâmica, uma outra qualidade televisiva, porventura também num outro horário.

Mas nesse bloco o fundamental foi integralmente novo. Referimo-nos ao primeiro episódio de uma nova série sobre a «História da Escrita» ao novo programa de Francisco d'Orey, «Inventário Musical», cheio de interesse nesta primeira emissão com Pedro Caldeira Cabral e a música e os instrumentos medievais de sopro e corda; e ainda com essa imensa série de cem episódios — tantos quantos os quadros de que tratará — «Grandes Pintores», que analisará, semana a semana, um quadro. Não tão bem quanto Lionello Ventura já havia feito no clássico «How to look at a picture», mas de qualquer forma de um modo extremamente didáctico e escorreito, mesmo para o grande auditório.

A restante programação de sábado não se ficará atrás. Do programa de Maria João Aguiar «Hoje Há Visitas» ao novo figurino do «Porque Hoje É Sábado», quase todo agradável. Só a noite não foi «nacional» quando deveria ser ela a sê-lo, mais do que a tarde ou a manhã. Isso parece-me continuar a ser imperdoável.

De qualquer modo um bom início. A tal ponto que transparece a poupança de Verão para passar o Inverno. Como faz a formiga.

Sábado, 17 de Outubro de 1981

TELECRÍTICA

Rui Cádima



Por um regresso ao «inferno»

Vi os «Charters para o Inferno» como se estivesse debaixo da acção de um qualquer alucinógeno, tal o impacto que o programa causou num pequeno grupo de pessoas entre as quais me encontrava. «Charters pour l'enfer» foi «Grande Reportagem» na quarta-feira. Achei por bem voltar a ele.

De início pudemos assistir, como estão lembrados, àqueles parágrafos introdutórios sobre a questão «Timor» e logo de seguida a esse excelente trabalho de Jean-Pierre Moscard, realizado para a TF1, um mergulho na noite e no dia dos jovens toxicómanos europeus, prisioneiros da droga, da Tailândia à Índia. Uma espécie de «Midnight Express», sem ficção.

Estávamos completamente «a zero» sobre aquilo que íamos ver. Uma semana atrás Barata-Feyo tinha anunciado que das duas três: ou veríamos qualquer coisa sobre o Irão, qualquer coisa sobre a Tailândia ou qualquer coisa... sobre a Polónia, salvo erro. Depois do polémico trabalho sobre Timor fomos os primeiros a dizer, aqui nesta coluna, que se deveria continuar sobre «Timor» até aos limites que a história presente possibilitasse... Ao contrário daquilo que seria desejável o assunto parece ir ser encerrado na próxima emissão de 4.ª feira. Esperemos bem que isso não aconteça. Já foi divulgada o relatório, já aí andam jornalistas estrangeiros, não deveríamos ser nós, portugueses, a ficar para trás... Esperemos que em termos de televisão não se assista a um «happy end» na quarta-feira.

Bom, mas... «completamente a zero», dizíamos, porque nem uma promoçãozeira fora feita sobre o que íamos ver; nenhuma informação tinha sido dada para os jornais; nenhum desmentido havia sido feito sobre uma primeira página de «A Tarde» que em manchete (des)informava sobre o conteúdo do programa do dia seguinte.

E, no entanto, «Charters pour l'enfer» era uma produção internacional de elevado valor, aliás premiada muito recentemente em Siena, na Itália, precisamente no passado dia 26 de Setembro por ocasião do 33.º Prémio Itália de televisão — considerado internacionalmente como um dos mais importantes eventos para programas de TV a concurso. «Charters pour l'enfer» ganhou o prémio da região da Toscana, sendo o primeiro prémio (imediatamente acima) concedido a um documentário de John Else sobre as perspectivas de uma guerra nuclear, numa produção da Cooperation for Public Broadcasting.

Só temos a lamentar de facto que a RTP compre «enlatados» e não saiba o que vem lá dentro... É ridículo que programas deste nível sejam suficientemente promovidos junto do público e, dada a sua complexidade, debatidos por público e especialistas (e críticos de televisão, claro!).

Temos também a lamentar que a dupla coordenadora d «Grande Reportagem» não tenha recebido informações actualizadas sobre o programa, enfim, que a TF1 não tenha zelado pelos seus interesses, informando os seus clientes daquilo que compram...

Proponho por isso que se volte a este espectacular documento, talvez na «2», sem esquecer o necessário debate em torno do que ali se diz e vê.

TELECRÍTICA

20/10/81



Rui Cádima

De um magazine para outro

O fim-de-semana foi particularmente rico em novos programas. Uns melhores, outros piores... Com o tempo lá iremos...

Entretanto, o que nos pareceu de maior actualidade nessa mesma programação, por diversos motivos, dos quais adiantaremos alguns, foi o aparecimento de um novo magazine de cinema, o anúncio do final de outro — o muito falado «Écran» de Augusto Seabra e José Nascimento — e a homenagem a Glauber Rocha, como que ensombrada pela presença ofuscante de Sinatra no «primeiro» canal.

Vamos ao novo magazine. Da responsabilidade de José Vieira Marques, nome sobejamente conhecido, grande divulgador do cinema quer pelas suas «animações culturais» nos princípios dos anos 70 quer, um pouco depois, como um dos principais impulsionadores do Festival Internacional de Cinema da Figueira da Foz, Vieira Marques está agora a ser acusado de ir preencher um espaço televisivo subordinado aos interesses das distribuidoras de filmes. Acusação algo provocatória em que de facto não queremos acreditar. Julgo que neste aspecto é o próprio Festival da Figueira que fala por si...

Domingo, antes do «Telejornal», o primeiro programa desta série quinzenal. Genérico frágil, bastante pobre, amontoado (montado) de slides, Vieira Marques surgiu-nos também ele pobre, pelo menos ao nível do significado do enquadramento. Um fundo com uma simples figuração desarticulada, neutralizava a eventual expressão «paralítica» do apresentador. Ninguém diria para o que é que ele estava ali a falar. Esperemos que isso não tenha sido mais do que absoluta falta de tempo para fazer melhor.

Política de fundo: apresentação de trailers de filmes de longa-metragem a estreiar; reportagem sobre rodagens de novos filmes; relatos de festivais internacionais, etc., etc.

Ilustrando desde logo os princípios expostos, vimos a apresentação de «Eu Te Amo», de Arnaldo Jabor, com Sónia Braga — filme que levou a conhecida «Gabriela» ao «star system» norte-americano, não fosse ele produzido por Walter Clark, o homem que fez a Globo, actualmente director de programas da «Bandeirantes»...

Quer os planos que vimos de «Eu Te Amo», quer os de «Toda a Nudez Será Castigada» (do mesmo realizador), quer também os do filme de Ingmar Bergman em exibição em Lisboa («Da Vida das Marionetas»), pareceu-nos irem todos contra uma certa didáctica actualmente aceite na utilização do *media*. Numa montagem apressada, incongruente, como aquela que vimos, de imagens violentas, no final predominará no telespectador somente a impressão visual, não tendo praticamente nenhum efeito qualquer «off» verbal que eventualmente se possa ouvir. O gesto violento, a expressão incoerente, o nu violado não são obviamente bem recebidos pelo auditório nessas circunstâncias. Para além disso, o «close» em televisão é muito diferente em termos de expressão, função e significado do que em cinema. Porém, apesar de tudo, estamos convencidos que o programa irá melhorar em todos estes aspectos.

O «Écran» apareceu-nos no sábado em penúltima edição, com uma reportagem sobre a actualidade no cinema português. Entrevistas a realizadores, produtores e responsáveis governamentais nesta área. De facto, foi um programa demasiado técnico para se situar sem engulhos na «1». A sua passagem para a RTP/2 não foi de modo nenhum desajustada. Só temos a lamentar que este programa acabe da forma tornada pública e que à partida parece subverter qualquer código deontológico.

TELECRÍTICA



Rui Cádima

Televisão e persuasão

A persuasão funciona em televisão de uma forma absolutamente subliminar. Sem dar por isso o telespectador está a ser orientado para esta ou aquela conclusão, sob efeito de um discurso que é quase sempre comum a processos à partida tão dispares como informação e persuasão.

Por exemplo, um dos factores a que habitualmente se dá pouca atenção e que tem de facto uma influência nítida sobre o receptor da mensagem é a apresentação do locutor, a «embalagem irrelevante». Da forma como veste à própria voz, todos os elementos que constituem a totalidade da sua imagem são extraordinariamente importantes, em termos psicossociológicos, na recepção.

Há uma história engraçada a este propósito e extremamente significativa: há meia dúzia de anos, em Inglaterra, fez-se um estudo sobre estas questões, estando os apresentadores do boletim meteorológico entre os analisados. O estilo pessoal, a voz, a maneira como vestiam e gesticulavam, enfim, uma ampla série de sinais particulares, exceptuando obviamente as qualidades particulares, foram «dados» fundamentais para extrair conclusões...

Evidentemente que nestas circunstâncias — e aí é que está a piada — haveriam de surgir comentários como, por exemplo, «fulano tal é capaz de detectar um anticiclone como nenhum outro dos seus colegas»...

É óbvio. É assim que o auditório reage muitas das vezes. Sem lhe serem incutidos sinais subliminares.

Derivando daqui, mas num estádio um pouco mais complexo, a persuasão pode surgir a partir da «credibilidade» do apresentador; ou pode assentar num âmbito teórico da própria linguagem da publicidade e da propaganda e também pode ser obra da ingorância e da ingenuidade, sendo assim o auditório induzido em erro, aliás quase nunca entendido como tal, dado o poder do *media*.

Um exemplo desta última tem sido largamente divulgado nestes dias na RTP. A série «Hill Street Blues», estreada na última sexta-feira, tem vindo a ser apresentada como o programa que ganhou mais Emmy's (óscars para Televisão) na história das já decorridas 33 sessões da atribuição desses prémios. Aqui está um erro de informação, espécie de deformação não intencional, resultante quer da ingorância quer da falta de cuidado habitual em confirmar ou em requerer fontes de informação adequadas. De facto, se esta série ganhou ainda há bem pouco tempo 8 Emmy's (melhor actor, melhor actriz, melhor série dramática, entre outros — isto apesar de não ser a série de maior audiência nos EUA), em 1976 a série «Eleanor and Franklin», baseada na vida de Roosevelt, ganhava nada mais nada menos que 12 Emmy's! Outro exemplo é passar na «Grande Reportagem» um documento tão extraordinário como «Charters pour l'Enfer» sem qualquer promoção — tratava-se de um «Prémio Itália 1981», talvez o melhor prémio atribuído na Europa a programas de Televisão! Poderíamos falar ainda no misterioso não aparecimento dos críticos de Televisão em recente programa também....

Mas a verdadeira persuasão, isto é, a propaganda escondida com o rabo de fora, sob a capa de informação, pudemos vê-la muito às claras, quer no material fornecido ao telespectador sobre a vitória da APU em Loures quer, ainda, de forma igualmente grave, na referência à vitória do PASOK na Grécia.

Estamos bem persuadidos...

23/10/01

Rui Cádima



Quando o acesso à TV não deixa de ser um acto censório

Ocupámo-nos ontem de forma alargada em torno do programa de David Mourão Ferreira sobre o escritor António Patrício e ficámos obviamente sem espaço para nos referirmos à última «Grande Reportagem» que nos havia sido prometida com múltiplos participantes, personalidades visadas na anterior reportagem sobre Timor, caso que teve as consequências de todos conhecidas pela forma como os seus autores (Artur Albarran e Barata Feyo) se referiram ao assunto.

Desta vez, portanto, as personalidades visadas. Nada mais nada menos que nove! Mesa-redonda alargadíssima, a deixar prever que de uma «Grande Reportagem» daquelas só poderia sair a bagunça e não a «luz»...

Ainda no campo das previsões, pelo que fomos informados de início, o tempo de emissão seria dividido por forma a que todos os entrevistados tivessem direito ao mesmo período de tempo (5 minutos para cada), sendo os 5 restantes para as perguntas dos entrevistadores.

Todo este problema tem muito a ver com a velha questão da televisão de acesso, ou talvez, como diria Enzersberger, com a apropriação progressiva dos meios de comunicação por parte dos habituais receptores de mensagens (na sua grande maioria impedidos de utilizar essa espécie de *feedback*). Esta questão ganhou forma nos anos 60 com as teses de participação democrática nos meios de comunicação. Anthony W. Benn, ao tempo ministro da Tecnologia britânico, dizia em 1968 que «as emissões são demasiado importantes para deixá-las nas mãos dos emissores»... Foi a partir daí que a prática da utilização dos «tempos de antena» ganhou forma. Para além disso, como é óbvio, as cadeias de televisão apercebiam-se de que era cada vez mais indispensável possibilitar o acesso ao poder de transmissão das mensagens a um cada vez maior número de pessoas. Os satélites de telecomunicações entretanto deixavam para trás qualquer possibilidade de voltarem a verificar-se as chamadas «quarentenas informativas» próprias dos regimes totalitários.

Sem se verificar a utopia pretendida por alguns, nomeadamente por aqueles que vêem o poder dos *media* como factor ora publicitário ora subversivo (e que portanto reivindicam respectivamente quer a imposição de necessidades e o consumo desenfreado, quer que cada receptor seja um transmissor em potência), o que é facto é que hoje os «tempos de antena» são uma conquista real (embora aconteça também aqui o imprevisto: o PPM a falar no 5 de Outubro) e o acesso dos indivíduos habitualmente receptores aos estúdios está agora mais liberalizado. No entanto, com alguma gravidade nestes tempos que correm, a palavra «censura» continua a fazer parte da terminologia do quotidiano. As conclusões estabelecidas no inquérito à RTP para aí apontam. O que vemos no dia-a-dia para aí nos remete.

Mas a «censura» também pode ter a capa da mais ampla liberalização. Isto é: o facto de se querer admitir numa mesa-redonda nove intervenções que se adivinham à partida extremamente longas, dada a polémica e a complexidade de que a questão «Timor» se reveste, não é mais do que um processo deveras suspeito o conceder esse ridículo tempo às personalidades contactadas. E voltamos a estar envolvidos num processo que não deixa realmente de ser ainda censório.

Quinta-feira, 22 de Outubro de 1981

TELECRÍTICA

Rui Cádima



António Patrício por David Mourão-Ferreira

Portugal é um navio naufragado em que a tripulação espera há séculos...

Só a verdade é inverosímil.

Estes alguns dos aforismos que podemos encontrar em «Words» de António Patrício (publicados no livro de contos «Serão Inquieto»), utilizados por David Mourão-Ferreira no seu «Dom de Contar», na série dos «Narradores Portugueses do Século XX», para nos apresentar este escritor bastante esquecido pelos nossos homens de letras e pelos meios de comunicação de massa.

Relembrado bem há pouco por João Lagarto no seu excelente trabalho cénico «D. João e a Máscara», Patrício é na verdade, como bem referiu Mourão-Ferreira, um «criador de primeira grandeza».

Vimos agora a primeira parte das duas que comporão a abordagem do escritor. Desde já vos chamamos a atenção para essa segunda parte. Recomendamos que tomem atenção sobretudo à forma utilizada por um escritor contemporâneo para numa entrega algo difícil, do lado de lá da câmara, nos fazer introduzir esse (injustamente) quase desconhecido. Mourão-Ferreira fá-lo de facto de uma forma que não diríamos obviamente «genial» mas com um dom particular de entrega aos narradores que nos traz e também ao *media*. Convém ter a consciência disso, pois se como vimos no recente inquérito ao «1 + 1 = 1» o grande público está algo sequioso de «cultura», de penetrar facilmente no mundo das letras e das artes, David Mourão-Ferreira é de facto capaz de uma forma didáctica — se bem que de uma forma também algo professoral — de introduzir os menos motivados nesses mundos ainda não descobertos.

De uma forma didáctica também vou tentar trazer para esta coluna mais alguns elementos que poderão de algum modo fazer com que o leitor se possa interessar pela segunda parte que veremos numa das próximas terças-feiras.

Considerado por alguns como uma das figuras cimeiras das letras na década de vinte, o autor de «Pedro o Cru», nascido no Porto no ano de 1878 (quem se lembra de ter sido falado e comemorado no centenário do seu nascimento?), realizou a síntese do saudosismo com o simbolismo não sem deixar transparecer também uma certa influência nietzscheana como podemos ler na «História da Literatura Portuguesa» de António José Saraiva e Oscar Lopes. Vejamos, sem qualquer desprimor para o trabalho feito por David Mourão-Ferreira, como esses dois ensaístas nos apresentam em termos sucintos a figura de António Patrício: «Nega à maneira de Nietzsche qualquer finalidade para a vida que seja extrínseca à própria vida, e tomando o amor como o tipo das paixões humanas, os dramas de Patrício exprimem um imenso apego àquilo mesmo qual no amor existe necessariamente irrealizável, quer devido à morte (*Pedro o Cru*), quer devido à contradição do finito-infinito inseparável das aspirações humanas, isto sob a forma de contraste inevitável carne-espírito (*Dinis e Isabel*, em que a própria santa se revela sensual e humana no limiar da morte), ou sob a forma de insaciabilidade (*D. João e a Máscara*). E mais à frente: «A ideia dominante da morte é como que o recorte, a consciência plena e definida neste escritor do valor insubstituível de cada momento de vida intensa; e, deste modo, o lugar da morte é muitas vezes nele o lugar também da natureza, que poucos poetas sentiram tão lubrificamente.»

Um único senão: não nos ter sido suficientemente explicada a razão da utilização da Casa Museu Anastácio Gonçalves (antiga «Casa José Malhoa», em frente à Maternidade Alfredo da Costa) para as filmagens.

Terça-feira, 27 de Outubro de 1981

TELECRÍTICA



Rui Cádima

«Nem só de pão vive o homem»...

Obviamente que nem eu nem você, caro leitor, nenhum de nós tem qualquer coisa contra São Francisco de Assis. Antes pelo contrário! Só teremos todos a reconhecer nessa figura humilde, nesse evangelizador por excelência, quase contemporâneo da formação de Portugal, a absoluta disponibilidade para se entregar aos outros, renegando a sua condição social privilegiada quando os 27 anos, em 1208, abandona a família para se tornar «irmão do mundo», dos pobres, dos leprosos e dos necessitados.

Foi essa a mensagem que o «Setenta Vezes Sete» nos trouxe domingo passado a propósito das comemorações da passagem dos oitocentos anos sobre o nascimento do chamado «poverello» (pobrezinho).

Vimos como no dia 4 de Outubro, em Fátima, a comunidade cristã dava início às comemorações franciscanas, presididas por D. António Ribeiro. Como foi dito na cerimónia, de facto «não é a Igreja que impõe ao mundo Francisco de Assis. É a figura e a mensagem do *poverello* que se impôs à Igreja e ao mundo». Mais à frente diria D. António Ribeiro: «O problema do mundo não é simplesmente um problema de justiça social, embora esta deva ser garantida. Mas fossem os bens da terra equitativamente distribuídos pelos homens e pelos povos, tivessem todas as disponibilidades reais de acesso a um elevado nível de bem-estar material, de dignidade social, de cultura e de recreio, de tranquilidade e de paz, nem assim encontrariam a 'perfeita alegria' de que falava São Francisco porque 'nem só de pão vive o homem'...»

Bastaria o tom que eu diria «socializante» (no melhor sentido do termo) e o bom humor imprimido a este texto para vermos com atenção redobrada o programa em questão. Tanto mais que havia já algum tempo que D. António Ribeiro não surgia a intervir em público como figura cimeira do clero português. Mas, enfim, não era essa a questão principal...

Repostas as coisas em termos televisivos quanto à passagem do 800.º aniversário do nascimento de São Francisco de Assis (apesar de mesmo assim chegarem com um certo atraso), seria de facto com alguma estupefacção que iríamos ver o dia passar e não ser feita nenhuma referência à passagem do centenário do nascimento de Picasso!

Enfim, peço desculpa, mas de facto ao princípio da tarde ainda há hora do almoço, num telefonema de Luís Pereira de Sousa («Bom Dia, Domingo») para o professor Rakar (astrólogo) soubemos entre outras coisas que os «escorpiões» estavam agora favorecidos pela influência de Marte e que... Picasso fazia anos! Cem! A 25 de Outubro de 1981! Apesar, evidentemente, de ter morrido a 8 de Abril de 1973... Era o José Luís Porfírio quem voltava a lembrar no «Expresso» que no dia da sua morte «houve quem dissesse que nessa data, vinte e sete anos antes do seu termo oficial, acabava o século XX»...

À semelhança da imprensa portuguesa, com algumas excepções, também a RTP pouca importância deu ao assunto... Um curtíssimo apontamento no «Telejornal» e pronto! Morto o século, morto o Picasso, mais valia não falar mais no assunto... E não falam! Mesmo apesar de a RTP ter feito já publicidade em torno de um programa já comprado sobre o grande pintor. Mas ficou na prateleira. Talvez para utilizar nas comemorações do 800.º aniversário da morte de S. Francisco de Assis...

Sábado, 24 de Outubro de 1981

TELECRÍTICA

Rui Cádima

Com o «policial» regressam os moralistas...

Ao princípio era a moral. Do garoto que roubava no *Paisà* de Rossellini aos *siuscià* de De Sica; da violência irreprimível de *Scarface* ao «monstro humanizado» criado por Fritz Lang no *Matou*, a resistência a esse tipo de mensagens muito divulgadas nos anos 20, 30 e 40 era sempre a mesma: o carácter «perigoso» que esses filmes eventualmente pudessem ter sobre os espectadores mais jovens, na sua educação, era permanentemente referido por pais, educadores, e também por alguns sociólogos menos heterodoxos.

Aliás, isso não acontecia só com o filme policial... Qualquer género narrativo a que a violência não fosse estranha era alvo dos mesmos anátemas.

Inicialmente, em oposição ao entusiasmo das camadas sociais mais despertadas para o fenómeno artístico e nomeadamente para o aparecimento do cinema (e mais tarde da televisão), surgiam as observações mais virulentas daqueles para quem o cinema era uma «arte menor» e, pior do que isso, uma espécie de cancro social, responsável por todos os males. Qualquer forma de degenerescência criada no próprio colectivo era na maior parte das vezes imputada à memória que o cinema deixava, à divulgação de imagens semelhantes nessa «perigosa» arte de massas.

Esqueciam-se obviamente esses moralistas que o «reel world» referido por Joyce — o movimento avassalador das imagens — não era mais senão o «real world». A memória do cinema era com efeito a memória da vida. Era isso no fundo o que interessava esconder... *M-Matou* apesar de poder ser anunciado nas primeiras páginas dos jornais era um indesejado...

A atitude moralista a que aludimos tem tido sempre tendência a ampliar-se enormemente nos períodos de crise social quando a criminalidade juvenil aumenta de uma forma algo assustadora. Isso aconteceu por exemplo nos anos subsequentes ao final da II Guerra Mundial. Aconteceu no Brasil a um nível mais restrito quando «Lucio Flávio» ou «Barra Pesada» foram acusados de contribuírem também para uma maior tendência juvenil para a criminalidade, enfim, tem acontecido em Portugal, a um nível ainda mais restrito, quando as associações de pais extraem conclusões quanto aos efeitos de determinados filmes que se vêem na televisão e nos «écrans» de cinema...

Os moralistas existem ainda hoje, portanto. Poderão agora dizer inclusive que o mal está aí de novo... «Uma Cidade Como a Nossa», meias de vidro, raptos, assassinios, vida nocturna... o mundo do crime, em suma. Ainda por cima já aqui, à saída de casa...

A nova série policial portuguesa «Uma Cidade Como a Nossa», realizada por Luís Filipe Costa, não trará muito mais do que aquilo que já vimos no «Zé Gato». Não há um estilo, um ritmo sequer. Vive-se do improvisado das sequências, umas mais conseguidas do que outras, umas mais facilitadas, pelo orçamento do que outras. E é aí afinal que continua a residir a questão. Não é possível avançar em termos dignos sem que a produção seja a primeira a facilitá-lo.

Luís Filipe Costa dizia isso mesmo ao «Sete»: «Falamos do crime à medida do nosso meio, já que, afinal, tudo se passa a um nível de pilhagalinhãs...» Um ponto comum a qualquer dos dois policiais é o predomínio de um certo humor, umas vezes negro outras não: aquela da notícia mal feita no Telejornal foi das melhores...

Quarta-feira, 28 de Outubro de 1981

TELECRÍTICA



Rui Cádima

Taxas e tiros pela culatra

De vez em quando sai-nos o tiro pela culatra e em vez de um já previsto razoável serão televisivo, ficamos como que programados para a insónia envergonhados com a nossa condição de telespectadores, após termos o tradicional «Ou Vai ou Taxa» das últimas segundas-feiras de cada mês. «Nana», no segundo canal, era um apetecível convite, ainda antes de ir para o ar o já consagrado programa «No Grande Mundo do Desporto».

Mas a gente acaba de facto por ceder ao impacto da «1», quanto mais não seja por lá para as tantas, depois das onze, claro, não termos outra alternativa senão ver as marchas e marchinhas e o luto do Parque Mayer. Acabamos por aceitar o sacrifício. Como se fôssemos escuteiros-mirins. Por cada «Ou Vai ou Taxa» um tiro ao bolso e à paciência...

De facto, é preciso uma grande paciência para ver aquilo! Já estou como o outro: não admira que o dr. Proença de Carvalho não pague a taxa... Já viram o que era a administração da RTP constituir o grupo dos «13 magníficos» sequiosos de prémios, dando a cara às câmaras, sorrindo com vontade de chorar, batendo palmas à compaixão?...

Nestas coisas da descentralização a hospitalidade dos portugueses acaba sempre por vencer. Não se lembram das campanhas de alfabetização? Houve quem dissesse que em Trás-os-Montes alguém começou a ler «O Capital» como se da nova Bíblia se tratasse. Só depois, quando os padres lá da aldeia disseram que não senhor, que aquela era a Bíblia do Diabo é que o povo, eterno crente, dono da mais pura ingenuidade, lançou a «mais-valia» para a fogueira...

Bom, no «Ou Vai ou Taxa» ninguém vende a bíblias do diabo. Vendem, sim, relógios, televisores a cores, viagens, automóveis e acima de tudo cabotinismo. A abrilhantar a sessão os já habituais «faz-tudo» do Parque Mayer (a crise ainda há-de ser maior), ranchos folclóricos, orquestras típicas, o fado, o triste fado, a canção-gagá, a banda, o fungagá. Não faltaram as moscas, os cães (em entrevista!) e os touros. Eu não vou acreditar que do Algarve ao Minho haja paciência para aquilo. Fazia mesmo uma aposta: 15 dias de «Ou Vai ou Taxa» e seria um ver se te avias a rasgar os impressos de cobrança. Ai seria o verdadeiro tiro a sair pela culatra...

Não é por nada: é que estavam as Doce no palco (doce *hard core*?) e já alguns dos 13 magníficos bocejavam por todos os lados (e ainda não tinham saído os automóveis...).

Esta mecânica televisiva de criação de falsas necessidades, amálgamas de saloismo decadente, popularucho ao mais baixo preço são estratégias antigas que já deram o que tinham a dar nos velhos tempos da FNAT. Continuam pelos vistos a dar-se bem na televisão que temos. Não admira.

Não admira também que acabássemos a noite a pensar na «Nana». Tenho a impressão que mais valia um plano da Nana e da Rose do que toda aquele folclore, de segunda-feira, ao fim e ao cabo um gigantesco tempo de antena, com um programa da Liga Contra o Cancro, outro dos agentes técnicos agrícolas, o habitual «Telejornal» e o tempo de antena da televisão, que acabou já a caminho da meia-noite... Tal o abuso... Que nas marchinhas dançassem a morte, os fungagás entoassem o requiem e o Parque Mayer vestisse o luto... Chica!

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 3 por

16

TELECRÍTICA

20/10/81



Rui Cádima

Panorâmica breve sobre os «infantis»

Com a entrada da nova programação em 16 de Outubro, o espaço habitualmente ocupado pela RTP/2 (das 20.30 às 23 horas) foi substancialmente alargado, como já devem ter notado. À semana, as emissões começaram a ir para o ar cerca das 18.45, mais ou menos quando acaba na «1» o «Tempo dos Mais Novos» e começa o «Pais, Pais».

E começam mal, por sinal, pois começam em simultâneo com a «1», com o «Pais, Pais», quando deveriam dar prioridade às emissões infantis, que são, de facto, muito poucas, pelos menos de segunda a sexta.

De facto, quando acaba o módulo infantil na «1», a RTP/2, em vez de responder de imediato com a continuação da programação infantil, introduz inexplicavelmente o serviço de notícias regional, quando toda a gente está farta de saber que as zonas abrangidas pela RTP/2 pouco mais passam das regiões litorais. E mesmo que assim não fosse...

De qualquer modo, este alargamento do tempo de emissão na «2» veio a tornar-se algo generoso para as crianças, apesar de poder (e dever) ser ainda mais preenchido por esse género de programas. Em termos de tempo necessário de programação para esses níveis etários é um pequeno progresso que merece ser realçado: isto, evidentemente, para o nosso nível habitual... É melhor, de facto, não irmos buscar exemplos estrangeiros para termo de comparação...

Quanto à função desses programas — se são mais informativos ou mais recreativos — parece-me que, de um modo geral, se repararmos no somatório de programas veremos que há como que uma compensação equilibrada de «funções». O pior é o resto...

De facto, quanto ao tema já a questão não se porá da mesma maneira — a estabilidade decompõem-se. Um primeiro aspecto a notar é haverem muito poucos filmes e séries em estreia. A RTP/2 tem como que um espaço já «contratado» para a série brasileira, de grande qualidade aliás, já premiada internacionalmente — «O Sítio do Picapau Amarelo» — enquanto a «1» repete a série «O Homem e a Terra», as «Histórias Contadas», o «Wattoo, Wattoo», o «Popeye» e algumas outras séries que já vínhamos a acompanhar no «mapa-tipo» de Verão, se assim se lhe pode chamar...

As fins-de-semana aparece, entretanto, algo de novo: «A Loja de Antiguidades», série da BBC, baseada em Charles Dickens. Entretanto têm surgido também alguns documentários desgarrados, a habitual «Animação», de Vasco Granja, por lá anda também (a precisar de uma espécie de reciclagem na apresentação e com um figurino já esgotado), o «Porque Hoje É Sábado» (será que ainda irá manter a sua função e a sua missão após a saída do prof. Santana Castilho?) e aos domingos o «Bom Dia, Domingo», de Luís Pereira de Sousa e Maria João Metelo, que a nível de programas infantis inclui somente «Ruy, o Pequeno Cid» e pouco mais, o que é na verdade uma redução, uma quebra substancial, se considerarmos que no Verão as emissões matinais do «Tempo dos Mais Novos» chegavam a ter três módulos infantis.

Um outro aspecto a considerar é a falta de informação que existe sobre a programação infantil em geral. Não há promoção nenhuma, o «Cartaz TV» já passa por duas vezes seguidas o mesmo *videotape*. Sinais, porventura, de uma qualidade geral que deixa muito a desejar. Então em matéria de produção nacional o panorama é confrangedor.

Sábado, 31 de Outubro de 1981

TELECRÍTICA



Rui Cádima

«Olhai os Lírios do Campo» e a necessidade dos «Bichos de Telenovela»

Um pouco à semelhança de «A Escrava Isaura» (que passou aqui quase despercebida e que foi um grande êxito na Venezuela), a telenovela que abriu o novo mapa-tipo outonal tem feito bradar aos céus alguns saudosistas fanáticos do velho processo de identificação e de projecção em TV.

Cohen-Séat foi um dos primeiros a falar nesse processo ainda nos anos 40, a propósito da influência do cinema no telespectador de nível cultural médio. O carácter onírico da imagem fílmica, o processo hipnótico de admiração e de imitação, a *mimesis* (nomeadamente nas camadas mais jovens), a adoração de um personagem cuja imagem é defendida pelas regras publicitárias transformando-se de imediato em ícone, enfim, o problema da aceitação quase «mágica» de modelos e valores construídos num qualquer espectáculo pelos auditórios de vários níveis culturais leva sempre à criação de falsas necessidades nesses mesmos espectadores, necessidades essas obviamente exploradas pelos negociantes do fenómeno social da comunicação de massa.

E nesse aspecto não há melhor empresário nem melhor vendedor do que aquele que faz parte do complexo processo de produção e «distribuição» dessa nova linguagem, algo híbrida, a que se deu o nome de «telenovela».

De facto são esses agentes, mais do que quaisquer outros, os verdadeiros alquimistas dessa mágica. Mais, inclusive, sem comparação, do que os novos produtores de Hollywood, muitas vezes entregues ao sonho de dispendir milhões na *didáctica* do cinema (veja-se por exemplo Coppola). Veja-se por exemplo o fracasso *industrial* de «Apocalypse Now» perante obras como «Kramer Vs Kramer», «Ordinary People», ou mesmo «Dallas».

Mas voltando à «nova» telenovela, «Olhai os Lírios do Campo», é já lugar-comum dizer que é das mais fracas de todas, que nem aquece nem arrefece, que foi ao fim e ao cabo como que um estratagemas de circunstância para perdurar até à entrada de «João Gudunha», lá para Janeiro... Enfim, que foi uma compra propositadamente frágil, dizem as más-línguas, para diminuir o impacto do grande público perante o primeiro trabalho original português. w foi-se depois um pouco mais longe quando se referiram críticas já produzidas no Brasil por entidades insuspeitas sobre as deficiências e os aspectos menos positivos desta adaptação de Herval Rossano, a partir do original homónimo de Erico Veríssimo.

Depois destes primeiros episódios transcorridos é óbvia a distanciação da obra de Veríssimo. E nesse aspecto concordamos com o que Artur da Távola afirmou na altura em que a novela passou pela primeira vez no Brasil: «(...) Se as obras levam a chancela de um livro importante da nossa literatura precisam ser fiéis ao que é básico no livro e à estrutura dos seus personagens. O «Olhai os Lírios do Campo» da televisão jamais conseguiu traduzir o clima exacto da obra. Desconheceu os diálogos excelentes sobre a vida, a medicina, a riqueza, os problemas sociais, as várias visões políticas em pugna...» Daí, de facto, Artur da Távola considerar esta adaptação uma autêntica «quidjida para com a obra de Veríssimo».

A adaptação de Herval Rossano falha portanto nitidamente nestes dois aspectos fulcrais: por um lado, por o tempo histórico da narrativa não estar de acordo com as necessidades criadas habitualmente no espectador de telenovela; por outro, por Rossano não ter respeitado o original nem sequer lhe ter criado alternativas «viciadas», que cumpririam essas necessidades.

20

TELECRÍTICA

3/11/81



Rui Cádima

Falamos de enchidos televisivos

Já que não pode dar mais nada, a televisão «deu» o relato... Barretes e bandeirinhas, transistores colados ao ouvido, unhas roídas, alguns dos «alegres» de domingo apareceram-nos assim logo de entrada, antes ainda daquela bicharada ingente entrar em directo, com macacos em directo do Jardim Zoológico, papagaios do Rio, ratos de estúdio e os ratões de olho...

Para começar não estava nada mal... O Júlio Isidro (de vez em quando mete-se nestas) era o primeiro *tiffosi* da tarde, a dar o tom, ou seja, a sublinhar de uma forma que poderíamos, inclusive, considerar satírica (*ma non troppo*) o facto de a RTP e os principais clubes da primeira divisão não terem chegado a acordo recentemente, sobre a transmissão dos jogos mais importantes do campeonato.

Mas a televisão lá estava para dar o relato (isto, se os clubes deixarem entrar a Rádio, coisa que às vezes não acontece...). O que é certo é que com um pouco de respeito pelo telespectador, quer a televisão quer os clubes, poderiam ter condescendido um pouco mais em retação às «questões de princípio» e não ter atado tanto os cordões à bolsa...

Enfim, com o clássico «derby» Benfica-Sporting preso por um fio de transistor restava-nos contemplar a magnanimidade dessa «disease» recém-nascida no audiovisual nacional — Salette Pureza, de seu nome — *travesti do entertainer* mais bem pago do *showbiz* lusitano, ex-«Feliz e Contente», agora com emprego à tarde, enquanto o parceiro dito o Gervásio gagueja pela manhã em «gags» para encher os vide-os-chouriços televisivos («Bom Dia Domingo» e «O Passeio dos Alegres»), pois claro! (que me perdoe a sociedade de língua portuguesa)...

E assim ia decorrendo o «Dia de Todos os Santos», vinte e quatro horas depois de todos termos comemorado (porque o comemoramos todos os dias) o Dia Mundial da Poupança. Nesses dias especiais ainda vamos tendo paciência para estas coisas... É que isto de fazer chouriços televisivos, se uma vez são milagres, feitos com a ajuda de todos os santos e ainda daqueles que não nos (lhes) pertencem, outras vezes são como que velhas andanças do demónio do «seja o que Deus quiser»...

Charges bem humoradas, *gaffes* para fazer rir, algum desleixo também. Aqui e ali, quer no «Bom Dia Domingo», quer no «Passeio dos Alegres», tivemos exemplos de tudo isso, embora o segundo, mais bem estruturado que o primeiro, mais apoiado, tanto pela evidente preparação prévia, mais empenhada, como pelo *staff* de apoio (grupo de colaboradores e técnicos, do motorista aos assistentes de realização no estúdio), e o próprio público também. O programa de Júlio Isidro tem também uma outra função e mesmo um outro público. E essa outra organização, se tem a ver com este último aspecto, está também intimamente relacionada com o facto de ser já um programa que conta com o trabalho conjunto de uma equipa reunida há mais de um ano (se bem que tivesse havido alguns acidentes de percurso).

Das charges gostámos particularmente daquela que ouvimos de «Tony Silva», com texto de Herman José, sobre o fenómeno já amplamente referido como a «golpada» do Rui Guedes e o seu órgão falante... Interessante foi também o desenho animado do inspector na «corrida», que não teve legendas, mas que teve a legenda final a dizer «Fim»...

Quinta-feira, 5 de Novembro de 1981

TELECRÍTICA

Rui Cádima

A impossível arte de Mizoguchi

Queria desde já chamar a atenção dos leitores para um miniciclo de filmes japoneses que o «Cineclube» nos está a mostrar, tendo começado terça-feira com a «Imperatriz Yang Kwei Fei» de Kenji Mizoguchi.

Se há realizadores de cinema que podem ser considerados como grandes mestres, como artesãos de corpo inteiro na sua arte como poucos mais o souberam ser, Kenji Mizoguchi foi um deles, um dos poucos. Por mim, poderei trazer para a sua companhia, um Jean Renoir, um Fritz Lang.

Se porventura tivesse que descobrir na história do cinema algum realizador que estivesse próximo de conseguir *hipnotizar*, através das imagens criadas, o seu público, eu diria, sem pensar, Mizoguchi.

Os filmes dele perturbam. Inclusive «Os Contos da Lua Vaga», mergulhados profundamente nos mitos e lendas, na simbólica religiosa, um dos mais belos filmes de sempre, deixa-nos perplexos, como perplexos ficámos perante um templo Maia ou um fresco de Pompeia. Perplexos como ficamos perante algo inatingível, «santificado».

Embora o filme que agora vimos não possua a mesma mágica de *Ugetsu Monogatari* (apesar da história possuir a mesma «moral»: como alguém disse, quer os «Contos» quer a «Imperatriz» estabelecem como que o «corolário do mito de que o amor da mulher salva o homem e sem esse amor o homem está condenado»), o que é certo é que de entre os 88 filmes que Mizoguchi realizou — muitos dos quais perdidos para sempre (por exemplo, do período mudo s'ó existe, segundo Matsuda Michio, fundador no Japão do clube de amigos do cinema mudo, «O Kichi, a Amante do Estrangeiro»), os «Contos» estão no primeiro plano enquanto a «Imperatriz» está entre os melhores...

Há quem tivesse visto neste filme «o mais belo hino jamais prestado pelo cinema ao amor de uma mulher por um homem» (Louis Marcorelles, «Cahiers du Cinema», Maio de 1959). Alguns meses depois, em Agosto do mesmo ano, três anos após a morte do grande cineasta (em 24 de Agosto de 1956), wjean Domarchi, na mesma revista dizia de Yang Kwei Fei: «Une inexorable douceur...»

Recordo-me agora da presença duplamente imponente de Henri Langlois em Lisboa, nos finais de 1976, para fazer uma pequena introdução ao ciclo que então iniciava sobre parte bastante significativa da filmografia do mestre japonês. Falava Langlois, na altura, numa espécie de ternura pelo quotidiano, constante que se evidenciava na obra do cineasta, mesmo quando o seu testemunho recuava no tempo, inclusive ao século XI, por exemplo, como acontece no filme que acabamos de ver.

Essa retrospectiva foi então organizada pela Fundação Calouste Gulbenkian, e de facto permanecerá na memória de muitos como um dos mais fascinantes acontecimentos culturais que foi possível seguir.

A simplicidade de Mizoguchi, do artista, conciliava-se ao seu carácter difícil enquanto «maestro», assim como o amor solicitava a morte na maior parte dos seus filmes, ou o efémero o eterno, o antigo o novo, bem como, na sua personalidade, o budismo coexistia com um «materialismo» que aqui no Ocidente seria por certo cristão.

Tsuneco Hazumi, um dos mais importantes críticos de cinema japoneses, numa das últimas entrevistas concedidas por Mizoguchi pedia-lhe para falar da sua arte...

— «Quer que eu lhe fale da minha arte?»

«É impossível...»

Quarta-feira, 4 de Novembro de 1981

TELECRÍTICA



Rui Cádima

E se os programas fossem vitalícios?

Por um lado, é com satisfação que saúdo o regresso dessa simpática figura já muito conhecida dos telespectadores portugueses, principalmente daqueles que dão uma particular importância aos programas sobre Ciência — o dr. António Manuel Baptista.

Da última vez que tivemos contacto com ele, através dos pequenos ecrãs, há poucos meses atrás, o seu programa tinha o título genérico «XX-XXI, Ciência e Tecnologia». Desta vez, porém, o conhecido investigador surge-nos em «Encontros com a Ciência», e neste primeiro programa que foi para o ar segunda-feira pelas 19.10, logo a seguir ao «País, País», vimos alguns curiosos aspectos em torno da recente descoberta do tratado de Arquimedes sobre a balança. Vimos, na prática, como é que um quilograma de algodão, pesado no meio atmosférico normal, pesa mais do que um quilograma de chumbo... Não faltou pois o «eureka!» de Arquimedes e uma larga referência à recente descoberta. Pudemos apercebermo-nos sucintamente de aspectos particulares da biografia de Arquimedes, nomeadamente com o auxílio de citações de Plutarco sobre os seus hábitos, referências ao painel de azulejos sobre o cerco de Siracusa, onde Arquimedes morreu (belo painel, aliás, existente no Salão Nobre do Hospital de S. José, como bem nos foi apresentado), etc.

Queria dizer-vos que tive oportunidade, ainda durante a primeira fase de produção de «XX-XXI», de colaborar no programa do dr. António Manuel Baptista, como assistente de produção. Tive por isso um conhecimento circunstanciado do método de trabalho deste «homem de televisão» já com uma longa experiência destas andanças...

Ele era o apresentador do programa, o seu responsável, o investigador dos temas, era ele quem apoiava documental e bibliograficamente o programa, era ele, enfim, quem já se encontrava no local de filmagens com tudo pronto, inclusive ao nível de detalhes da realização, para se iniciarem as filmagens. Era esse o seu método. Tudo o leva a crer, continua a ser esse o seu método... E, caso curioso, raramente sentia a necessidade absoluta de repetir uma «take» para ter tudo resolvido na montagem final...

Evidentemente que esta competência é rara. Ela deriva sobretudo da experiência, também do conhecimento do *media*, deriva de muitas e muitas horas de filmagens ao longo dos anos. Para além do mais o dr. António Manuel Baptista é um excelente apresentador. Da sua fluência expressiva à simpatia e ao empenho postos no contacto com o público através da câmara de filmar irradia sempre aquele prazer incorrigível de dar algo de si e dos outros nas matérias em que se é «expert».

Todos estamos de acordo... Eventualmente não estaremos num ponto: nunca, em circunstância alguma, mesmo perante «sumidades» insubstituíveis, se deve colocar a possibilidade de criar «lugares cativos» a esta ou àquela individualidade no panorama da programação televisiva. Somos contra a «concessão» de um tempo de emissão «vitalício» a quem quer que seja. Para além do mais trata-se de uma agressão directa à democraticidade da ideia e da prática da televisão de acesso, só aceite de facto uns bons anos depois de todo o mundo ter já os olhos cansados do pequeno ecrã...

Ai, que nos desculpem, somos contra os Antónios M. Baptista, os Sousas Veloso, os Antónios Vitorino de Almeida. Somos pelo «rotativismo» na televisão de acesso.

que tem como propósito...

Sexta-feira, 6 de Novembro de 1981

TELECRÍTICA

Rui Cádima



Lumiar e Afeganistão a mesma barraca

Ainda que com algum atraso não queria deixar de me referir à «Grande Reportagem» sobre o Afeganistão transmitida pela RTP/1 na passada terça-feira, enquanto decorria na «2» a projecção da «Imperatriz Yang Kwei Fei», de Kenji Mizoguchi, filme a que nos referimos em detalhe na «Telecrítica» de ontem.

De notar também que, quer nessa terça-feira, quer na noite seguinte, o alinhamento de programas obedeceu sensivelmente a uma repetição estrutural ainda que alternada, com longas-metragens de um lado e programas de informação do outro (sendo «Quarta Há Noite» o único a poder considerar-se de produção nacional).

Mas voltemos à reportagem sobre o Afeganistão. Como tiveram oportunidade de ver tratava-se de um trabalho do primeiro canal da televisão francesa — a TF1. Era também uma reportagem muito recente. Demasiado recente mesmo. Tinha sido emitida na televisão francesa precisamente a 31 de Setembro de 1981... Isto quer dizer que tudo se processou, neste caso particular da compra de um programa, de uma forma invulgarmente rápida para aquilo que costuma ser normal na RTP. É óbvio que perante casos como estes não nos podemos esquecer daquilo que já tem acontecido por diversíssimas vezes no âmbito da produção nacional: passam-se os dias, os meses e os anos sem que os departamentos competentes dêem andamento aos projectos e aos processos de filmes muitas vezes já aprovados inclusive de direcções de programas anteriores. Seria bom pois se a RTP começasse a responder aos projectos de produção nacional com a mesma celeridade com que responde à compra de reportagens estrangeiras de interesse discutível.

A reportagem em si era obviamente polémica. A intervenção soviética no Afeganistão já havia sido inclusive tema para acesa polémica aquando da presença de Freitas de Amaral nos Negócios Estrangeiros. A questão em si é obviamente complexa, vista com a neutralidade necessária...

«Complexa» é também a política de informação do Lumiar... Qualquer psicanálise mítica que se possa fazer ao caldeirão das mezinhas informativas do Lumiar leva-nos sempre a concluir desgraças, quer pela insuspeitada má vontade dos responsáveis em falar do País em que vivem (e onde nasceram, sal vo desconhecimento meu), em dissecá-la (etc., etc.), quer também pela reconhecidíssima incompetência e ânimo leve com que são feitos os trabalhos. A este nível (embora não sendo das piores), recordo aquela do José Eduardo Moniz, vinda das profundezas do inconsciente, claramente denunciadora, de iniciar a apresentação de posições da Intersindical com um «também» logo após ter estado a referir aturadamente quais os mais importantes agentes da «actual» crise social e económica, como a seca e outros... A Intersindical «também»...

Grande confusão pairou entretanto — e também (já agora), no «Quarta Há Noite», novo programa da RTP/2 que passa a estar no ar às quartas-feiras a partir das 22h. Vimos um casamento em directo (no horário «proibido» pelo governo), vimos um trabalho algo desconexo de José Freire Antunes sobre amores e desamores do «24» para o «25» (ainda assim um bom ponto de partida para uma discussão) vimos Amaral Pais falhar redondamente na moderação de uma mesa-redonda que não existiu (Adelino Alves, que é feito dos *index?*...), Pinto Enes a meter «gag» no futebol... enfim, salvou-se o «pivot» que esteve quase sempre *off-side*...

Um recado para TF1 e para Jean Bertolino e Olivier Warin (para a próxima em vez de andarem às araras e aos «ogres», vá um por um lado e outro por outro, mas de cada um dos lados da barricada, se não é uma barraca...).

14

TELECRÍTICA

2/4/81

Rui Cádima



As crianças e a Informação

É um dado que temos que considerar: as crianças e os adolescentes vêm os programas de informação, quer sejam eles o «Telejornal», a «Grande Reportagem», os apontamentos de Carlos Franco no «Passeio dos Alegres» ou outro qualquer bloco com características informativas.

Evidentemente que os vêm não de uma forma elevadamente representativa desses níveis etários, mas ainda assim em números que nos obrigam a colocar o problema de uma forma mais aprofundada.

Infelizmente vivemos num País ainda muito atrasado no que se refere aos estudos de opinião pública, às sondagens frequentes sobre as reacções aos *media*, enfim, aos estudos, de uma forma geral de âmbito social, dos trabalhos jornalísticos aos universitários, principalmente na área das comunicações de massa. Neste aspecto Portugal está a anos-luz de entrar para a CEE... Estamos como que a fazer as nossas primeiras inscrições na pedra...

Não sabemos, pois, em que medida é que em Portugal há uma maior ou menor percentagem de jovens a ver os programas de informação, que, aliás, são feitos para os adultos, mesmo quando não passam de «contos do vigário», ou são mesmo manipulação abjecta. O que sabemos é que, por exemplo, as crianças dos grandes centros urbanos pertencentes a famílias de nível cultural médio e superior, começam desde muito cedo a interessar-se por questões políticas. Já tive por exemplo oportunidade de «filosofar» sobre a morte de Sá Carneiro com uma criança de nove anos mais bem informada que muitos adultos, já debati problemas de actualidade internacional com alunos do preparatório e do secundário, já vi por exemplo o filho de um conhecido jornalista português, com 12 anos, dizer ao «PH» que isto do jornalismo em Portugal anda muito por baixo, que já não há quem escreva em português como os «velhotes» o faziam... E citava Eça e Norberto de Araújo...

Bem ensinados pelos pais — com certeza absoluta; mas também pela TV. Isto pelo menos, quer dizer que a geração que nasceu com a TV tem já um «diploma» a que os pais não tiveram acesso... E isso conta hoje — já — muito.

O que seria importante para uma breve análise do fenómeno em si, era, por um lado, fazer uma estatística preliminar da aderência e das reacções dos mais jovens aos programas informativos (de notar que já há muito que não existe informação para crianças na RTP, ao contrário do que aconteceu no passado esporadicamente) e depois prolongar esse estudo para ver até que ponto é que os efeitos dessa informação «desfazada», ou também de má orientação dada aos programas de televisão que lhes dizem directamente respeito (que como é sabido estão muito maltratados — e sempre estiveram na RTP), estão ou não a prejudicar um normal desenvolvimento das suas capacidades, das motivações e dos interesses inerentes à própria idade.

Nos Estados Unidos, onde existe há muito uma bibliografia extensíssima sobre estes assuntos, considera-se a partir de sondagens feitas que em 6 níveis etários diferentes, entre crianças e jovens adolescentes (dos 8 aos 13 anos), pelo menos 50 por cento vê «muitas vezes» os grandes blocos noticiosos nacionais enquanto 40 por cento vê os blocos de informação regional e local com a mesma frequência. Em Portugal os maiores centros urbanos poder-se-iam aproximar destes números, sendo certo que a nível nacional as estimativas decresceriam substancialmente. O que não impede, claro, que se comece a dar um pouco mais de atenção a este problema. Voltaremos em breve a esta questão.

Segunda-feira, 9 de Novembro de 1981

TELECRÍTICA

Rui Cádima

O velho e o novo divismo

Temos visto como os fenómenos de projecção e identificação em TV se desenvolvem extraordinariamente, quer nos programas com funções de entretenimento, quer naqueles com funções informativas, principalmente através da denúncia de comportamentos de carácter patológico — por vezes mesmo neurótico — que levam, em última instância, à *mi-mes* e ao divismo.

É óbvio que estes fenómenos têm sido notados particularmente no cinema, onde nomeadamente «conquistaram» as grandes plateias internacionais. Valentino, Garbo e alguns outros foram os primeiros a transmitir esse carácter onírico da imagem fílmica. Mais tarde, porém, a seguir à fase de grande domínio do *star-system* norte-americano passámos a um outro sistema de enfação e de cópia, de consequências mais amplas, que passaram a ter os seus modelos nomeadamente no mundo do *showbiz*, através das estrelas-rock.

Divismo é, fundamentalmente, como o definiu um filólogo italiano «uma espécie de enfação por um actor ou uma actriz de cinema», ou ainda, «designa uma categoria de pessoas que nas modernas sociedades industriais são objecto de referência e de admiração colectiva, de emoções e atributos particulares». Lógico que ao passarmos do campo do cinema e do music-hall para a especificidade da *media TV* cedemos encontrar outras categorias de «estrelas» — também elas objecto por excelência para a projecção e a identificação — que coexistem embora a níveis não tão elevados, com os modelos que já vêm inclusive do tempo do mudo.

A nova programação da RTP faz, por um lado, como que a reciclagem do divismo de «segunda» de um certo passado da RTP e, por outro lado, submete à consideração e às reacções do auditório novos modelos, espécies de heróis do imaginário, que preencherão melhor do que quaisquer outros esse tempo «empático» característico na relação telespectador-écran. São eles quem melhor consegue responder às «necessidades reais» do grande público, sabendo-se à partida que são exactamente essas as falsas necessidades, ou as necessidades criadas pelo próprio video.

No plano do «divismo» de segunda, actualmente em reciclagem, a gestão de Proença de Carvalho é lúdica em exemplos: Henrique Mendes, Henrique Santana, Artur Agostinho, Maria João Metelo, Maria João Aguiar, Artur Varatojo, Camilo de Oliveira, etc., etc. Parte deles obviamente soterrados logo de início por essa máquina infernal — criadora e destruidora dos pequenos deuses caseiros, para referir o cantor.

Depois temos os novos modelos que andam por aí a entreter melhor ou pior, pior ou melhor, principalmente aos sábados e aos domingos. Luís Pereira de Sousa (as suas limitações e as limitações que lhe impedem parecer não constituir óbice a que a sua popularidade se mantenha, principalmente nos níveis culturais abaixo da média), o Júlio Isidro (grande recordista de índices de audiência, o bom-pastor do pessoal da pesada que enquanto não deixar de levar o bloco de notas para o banho não perderá nem conversa nem assunto), o Rui Guedes (o já conhecido «ratão» que faz das tripas coração e dos órgãos sabe-se lá o quê) e o recém-descoberto, tipo contratado-a-prazo, António Duarte («Porque Hoje é Sábado»).

Velho e novo divismo aí está à compita, a remeter para o estúdio quase toda a produção nacional dos fins-de-semana. É uma política respeitável como qualquer outra... Uma política não tão respeitável se virmos que encobre entre outras coisas a falência da produção nacional em áreas significativas, da ficção ao teatro passando pelo documentarismo.

fazem parte quatro internacionais suíços: Engel, Trincher, Andre e Luehli.

O adversário do Sporting joga no Estádio Maladiere. Com capacidade para 16 mil pessoas,

10
Segunda-feira, 9 de Novembro de 1981

TELECRÍTICA

Rui Cádima

Economia política da Informação

Não constitui surpresa de maior o facto de na semana passada a direcção e a chefia da Informação da RTP/2 terem pedido a sua demissão em simultâneo. Para quantos acompanham, ainda que esporadicamente, os trabalhos apresentados pela «Informação/2», uma tal decisão impunha-se praticamente desde a primeira hora...

Habitados que estávamos à qualidade do serviço informativo das 22 horas, na «2», foi com alguma estupefacção que assistimos a um progressivo abandono e a um alheamento consciente das atribuições desse bloco, por parte da Direcção de Informação e, claro, da gerência da RTP.

Por um lado foi-lhe retirada a capacidade de se continuar a afirmar num horário não coincidente com o da «1», e simultaneamente o seu melhor corpo redactorial dispersou-se — desaparecendo inclusive do jornalismo televisivo. Ao nível de financiamentos e de apoio na produção, parque material, colaboradores, etc., etc., tudo se começou a complicar. Isto para falarmos exclusivamente como meros observadores da produção material da informação. Uma outra questão, mais complexa, mas a considerar também, seria a do controlo ideológico, da manipulação, da censura e da autocensura em determinadas situações pontuais.

Em relação à primeira questão sabemos como era de facto muito frequente assistirmos a atrasos consecutivos no arranque do serviço diário de informação da «2», por vezes atrasos de dez minutos e mais. Era também frequente vermos a «Informação/2» ser como que uma repetição do «Telejornal», em determinados casos, ainda que o alinhamento das notícias e o seu tratamento tivessem variantes mais objectivas, nomeadamente na atenção que o «Nacional» merecia sempre, o que aliás raramente acontecia na «1», porque de facto a informação da RTP/1 raramente aborda a actualidade nacional, por motivos óbvios...

Entretanto o orçamento previsto para a «2» aproximava-se rapidamente da actual situação e alguns dos «bonitos» então feitos foram abandonados... A «Informação/2» passou como que a viver de muito do material filmado para a «1». Era a sucursal que tinha de tudo como na sede...

A força de tantas pressões a «2» chegava mesmo a ter como que o prisma ideológico da sua privilegiada congénere, embora a não possamos considerar como essa espécie de «porta-voz» da ideologia do poder político que é a «1».

Por tudo isto, e por muito mais, se pode compreender que Amaral Marques (que já tinha sido homem da confiança de Duarte Figueiredo no «Telejornal», e que agora não sei se bem se mal, era considerado o «Director de Informação» da RTP/2), José Alberto Machado, Amaral Pais e João Grego Esteves, tivessem apresentado conjuntamente o seu pedido de demissão das funções que exerciam.

Se quiséssemos entretanto dar mais alguns exemplos, recentes para verificarmos das malévolas distinções vetadas pelos responsáveis à Informação televisiva poderíamos ir para oposições do género «Aqui e Agora»/«Quarta Há Noite»; «Aqui e Agora»/«Estúdio Aberto»; «Grande Reportagem»/(sem opositor); informação de fim-de-semana na «1» também sem opositor na «2», etc., etc. É de facto suspeito que se ponham por exemplo tantos meios ao serviço da informação da RTP/1 aos sábados, às 20 horas, e a «2» na sua programação de fim-de-semana não tenha mais do que um pobre «Estúdio Aberto» a incidir sobre questões de carácter muito particular (neste último foi a Lei da Caça que esteve em discussão).

Quanto à estrutura em si, a Informação televisiva está extraordinariamente anquilosada, ou mesmo decrepita, produzida sem o menor sentido do que é o espectáculo e a isenção no jornalismo televisivo. Voltaremos a esta importante questão.

ra nenhuma afectar ainda Amarelo. Série infantil,
mais os dois homens que de produção brasileira.

Segunda-feira, 16 de Novembro de 1981

TELECRÍTICA



Rui Cádima

Depois do que vi apetece-me dizer: enfim, vivo!

Um dos «cem grandes quadros» da magnífica série da BBC, que temos oportunidade de seguir aos sábados, logo a seguir ao «Sumário», foi uma tela de Picasso intitulada «A Vida» — e que é paradoxalmente sobre a morte...

Vimo-la nesta última emissão. Excelentemente apresentada, esta «obra-prima da mocidade». A descrição crítica deste trabalho do fim do período azul foi-nos depois enquadrada no âmbito dos novos parâmetros que entretanto definiam a sua pintura, do «erótico para o ascético», do real para o simbólico, referenciando exactamente, na tela, situações reais, convicções, sentimentos, para mais tarde deixar inclusive o figurativismo. «A Vida» explicita directamente no rosto do homem em primeiro plano a morte de um seu amigo que acabava de se suicidar...

Esta emissão serve-nos enfim para aqui deixarmos um convite para que o leitor veja logo à noite, na RTP/1, a emissão dedicada a Picasso, que chegou a estar prevista para passar a 25 de Outubro, data em que se comemorou o centenário do seu nascimento. Nós não vamos perder. Não perca também o leitor este trabalho raro.

De Picasso para Rafael Bórdalo Pinheiro. Uma nova rubrica na «1» trouxe-nos José Augusto França, figura ímpar no domínio da investigação e do ensaio nas artes plásticas portuguesas. «Outras Maneiras», assim se chamava a emissão. Diziam as informações da RTP que se tratava da «apresentação dos livros da quinzena»... Bom, acreditemos que sim... E que o jazz do Caldeirão não passou de um momento cedido à música... De qualquer modo convém que de futuro se explicitasse este é com efeito um programa dedicado às novas publicações no panorama editorial português ou não.

É que por enquanto, pelo menos que saibamos, não há notícia de nenhum programa sobre o tema, nem sequer nada previsto para essa área. De facto, no âmbito dos «culturais», o livro continua a ser enormemente desprezado perante o filme, a peça, a tela. E dizer que Maria Elisa era autora de um programa literário antes de ser directora de programas (perdão!, coordenadora-directora!).

Carl Sagan, autor da série «Cosmos», que passa sensivelmente a meio da tarde de sábado na «1», levou-nos desta vez numa dessas viagens que jamais esqueceremos: ao planeta vermelho — «Blues for the Red Planet»... Proximamente falaremos aqui mais em pormenor desta série. Ela merece o tal o interesse histórico, prospectivo, antecipador que ela denota. «Os marcianos seremos nós», dizia a certa altura Sagan... E não era ficção científica!

Sabadádu lá esteve pela segunda vez, com genérico à «Fantástico», risos contínuos em off «à la» «Planeta dos Homens» e indicativo musical copiado em flagrante delicto do «Vivó Gordo». Apesar das distâncias, se a Globo pedisse indemnizações não sei o que seria...

De qualquer modo um balanço positivo no final destes dois primeiros programas. Um programa que os telespectadores já mereciam aos sábados à noite, desde o «Eu Show Nico».

Aquilo que entretanto mais se destaca é a inclusão dessa grande actriz do teatro ligeiro — Ivone Silva. De tal forma que se não fosse ela muitos dos textos de César de Oliveira não passariam de *sketches* de festa de finalistas... Camilo de Oliveira apesar de não ser o seu melhor «compaíre» ainda disfarça a coisa... Boa nota para o ressuscitar televisivo de Samuel, Manuel Freire, Carlos Alberto Moniz, Maria do Amparo, Pedro Osório e todos os outros. Apetece dizer: enfim, vivos!

TELECRÍTICA

12/11/81

Rui Cádima



De cavalo para burro

De sábado para domingo não é como do dia para a noite..., mas talvez seja como de cavalo para burro...

Isto, não por uma eventual redução de qualidade da programação da «1», aos domingos, mas, antes, por um substancial crescimento da qualidade dos novos programas dos sábados. Tenho-me referido aqui à maior parte deles: «A Loja das Antiguidades», o «Inventário Musical» (entretanto ficámos sem «A História da Escrita», agora sem substituto à altura), os «Cem Grandes Quadros», essa série espantosa que é «Cosmos», algumas coisas do «Porque Hoje é Sábado», enfim, de princípio ao fim pode dizer-se que temos tido neste novo mapa-tipo uma mão-cheia de programas que devem merecer a nossa atenção. Pena que neste aspecto os sábados não se repitam pelo resto da semana. Aos sábados, portanto, matéria interessante de seguir. Assim, a Televisão cumpre de facto a sua função, por assim dizer...

A noite de sábado (não o dissemos ontem) tem quanto a nós um verdadeiro pólo de interesse no «Sabadádu», um outro pólo de atracção cónico-contra-informativo no «Aqui e Agora» e um pólo de inacção na telenovela dos sábados à noite — a série «Dallas» — que segundo julgamos está já na sua fase descendente de impacto na audiência. Não sei se entretanto se pensa acelerar o passo para introduzir o episódio em que J.R. é assassinado — episódio que bateu todos os recordes de audiência na história da Televisão americana. Talvez assim consigam recuperar de novo o impacto da série. «Dallas» é de qualquer modo um subproduto de consumo televisivo que remete o receptor para a sua condição de telespectador passivo. E esta não é de facto a função da Televisão nos países de regime dado à liberdade e ao desenvolvimento...

Domingo: se o sábado estava cheio de programas de interesse domingo esteve vazio. Ou, por outra, apresentou-se tal como uma manta de retalhos de alguns dos «restos» da programação. Enfim, tácticas... A coisa assim até parece resultar e pode dizer-se que é tudo produção nacional...

Se eu tivesse que vos dizer de que é que gostava aos domingos, diziam-vos para verem o «70x7» (apanham-se por vezes alguns programas de muito interesse), os «Magazines», quer de cinema quer de teatro, e a série da noite «Amor num Clima Frio», que é de facto de uma grande qualidade.

Quanto ao «Bom Dia Domingo» e ao «Passeio dos Alegres» sabemos como se tratam de programas entregues por vezes ao mais puro dos aca-sos, sendo sempre muito contingente aconselhar um ou outro, embora Júlio Isidro se aproxime mais do género de programas que poderia ser o de maior consenso ao domingo à tarde, com o consentimento dos avós mais antiquados... Ainda aqui é sempre aleatória a nossa aposta, quanto mais não seja por haver sempre uma deficiente informação sobre os vários «números» e acrobacias que os apresentadores dos programas têm em agenda.

Boa nota para Vitorino e para os Duran Duran, claro! Má nota para o «Bom Dia Domingo», que se está a diluir nesse mesmo cabotinismo que Luís Pereira de Sousa já recebeu e, enfim, naquilo que de pior nos rodeia. O pior de tudo é alienar para popularizar. É isso que sobretudo criticamos seja qual for a direcção de programas.

Os Duran Duran foram inclusive *calados* no «bis» de «Girls on Film». A partida parecia-nos que a *régie* estaria porventura cheia de razão em cortar a música a meio. Mas não. Depois do grupo convidado ser mandado às urtigas, veríamos acabar o magazine de José Vieira Marques e faltarem ainda cerca de 25 minutos para o «Telejornal». «Subir o Guadiana», do tempo da outra senhora (como o tinham sido os «Cactos» e os barros de José Franco, péssimos documentários para «encher» das 11 às 11.15), foi a solução para tapar o «buraco». Se fosse preciso mais alguma coisa para comprovar todo este amadorismo poder-se-ia esperar pelo «mata ratos» — o Rui Guedes — tal o tratamento que ele está a dar aos infelizes!

Quinta-feira, 19 de Novembro de 1981

TELECRÍTICA



Rui Cádima

Os pequenos Goebbels

É ainda hoje uma regra estabelecida na nossa arqueologia do quotidiano: o feitiço ainda se vira contra o feiticeiro. É um pouco a história da pedra filosofal... Não há nada a fazer. E que melhor prova poderíamos nós exigir que não fosse a do recente conhecimento do relatório final sobre a legitimidade jurídica da reportagem apresentada pelo suspenso «A Par e Passo» aquando da convalescença de Carlos Antunes em Santa Maria. De facto, de uma situação em que eram Joaquim Furtado, Eduarda Pimenta e Mário Lindolfo a estarem no banco dos réus, por acção do Conselho de Gerência, passou a ser o Director de Informação o principal visado! O diabo tece-as...

Eu duvido que o Dr. Proença de Carvalho quisesse atingir os seus «homens de mão» assim tão sub-repticiamente... Lá que a incompetência é grande, é. Mas para já volto-me para a viragem do feitiço, ou para a «voragem» do feitiço, caso o evoluir dos factos não me obriguem a crer em algo de diferente.

E da informação não vamos sair. Eu, por mim, digo-vos que é nessa área que mais me sinto violentado. E por isso penso inclusive que a Informação televisiva é uma das principais responsáveis pelo descrédito em que cai a «política». É que aqui ela passa a ter os sinónimos «jogos de bastidores», «autocensura», «censura», «manipulação». É, para além do mais, uma afronta ao regime democrático. E uma afronta diária, o que é mais grave.

A informação é, ao fim e ao cabo, o sector mais degradado da empresa. Pelo menos na «1» onde o termo «propaganda» lhe é aplicado com toda a propriedade. Se não vejamos: se nos referirmos aos grandes blocos da «1» de sábado para terça, inclusive, chegamos a conclusões deprimentes como de costume, não só sob o ponto de vista do texto final (forma + conteúdo), como das omissões e do que significam (uma das questões mais importantes), como ainda de comparações que eventualmente se façam com tempos de antena da área do poder (onde por vezes se confessam coisas que o «Telejornal» cortaria), ou com a «Informação/2».

Para além disso a verdadeira propaganda governamental e dos partidos que a suportam parece ser por vezes ainda mais conseguida, ainda que produzida de fora, do que aquela «cozinha» dentro, debaixo da sigla «Telejornal». Repare-se por exemplo no tempo de antena do PSD emitido segunda-feira. Presentes estavam António Capucho, Fernando Amaral e o jornalista Luís Godinho. Em causa as propostas a apresentar ao próximo Congresso, no Porto. Toda a «performance» preparada para a emissão, desde a escolha dos jornalistas (a presença de jornalistas nestas coisas é sempre lamentável, por se tratar de propaganda — o mesmo digo da presença de jornalistas militantes em cargos de chefia nos media não partidários, nomeadamente na Televisão) à colocação das câmaras, às distâncias focais, aos trocadilhos no diálogo, etc., tudo perfeito... Para impressionar. Repare-se que não deixa de ser a política do microfone estendido...

Como muitas vezes (não) se faz no «Telejornal»... Ali não ouvem nem deixam ouvir. Nos últimos dias então tem sido um festival de omissões, de informação viciada, de autêntica criação de factos políticos (começar o «Telejornal» com a história do comando arménio e das ameaças a Orly quando isto por cá anda pelas horas da morte é um exemplo), assim como o não tratamento dado a questões decorrentes do anúncio do tecto salarial de 14,75 por cento para 1982 e simultaneamente do índice inflacionário de cerca de 25 por cento na gestão AD no último ano, do descontentamento popular e sindical perante o custo de vida, a educação, a informação, etc. Também da situação difícil que volta a viver o PSD, da corrupção, da presença do FMI, da desocupação de casas na Moita (o que vimos na terça-feira foi uma deturpação sobre o que já se havia passado), e, enfim, da insatisfação geral dos portugueses, de nada disso os pequenos Goebbels da informação televisiva nos dão notícia.

Para o fim da noite, a «Grande Reportagem» de Cândido de Sousa sobre Angola (ele foi lá para filmar as bases da Swapo...) e a da TFI sobre as «zonas libertadas» pela Unita! Para o que havíamos de estar guardados!

Sexta-feira, 20 de Novembro de 1981

TELECRÍTICA



Rui Cádima

«Telejornal» mais depressa nos States do que na Moita do Ribatejo!

Na manhã seguinte à passagem da «Grande Reportagem» sobre Angola, a Embaixada daquele país em Lisboa anunciou de imediato a realização de uma conferência de Imprensa. Presumia-se obviamente qual era o tema... As redacções dos jornais enviaram imediatamente os seus jornalistas e o «Telejornal» parece que neste caso não fugiu a regra... Pelo menos pelo que lemos no «Diário de Lisboa», que no próprio dia noticiava em manchete o acontecimento, dando conta também da presença de uma equipa da «1», ao que parece dirigida por um acirrado jornalista.

Em vão esperámos pela passagem desse trabalho no «Telejornal». «Em vão», ou talvez não... A omissão desse trabalho era já esperada. É que essa conferência de Imprensa tinha sido convocada precisamente para responder directamente à «Grande Reportagem» de José Cândido de Sousa sobre Angola — e não só a essa, mas também àquela apresentada sobre as acções da Unita no interior de Angola, produzida pela TFI e apresentada no mesmo programa.

Perguntava-se Adriano Sebastião — e com toda a razão, aliás — se era assim que o Governo português queria estreitar as relações com Angola...

É óbvia a legitimidade desta identificação entre o texto da reportagem e o texto ideológico, digamos assim, do actual Governo português, mais lesto em acusar a União Soviética no Afeganistão do que a África do Sul em Angola ou Moçambique. Para além do mais, tem na informação da «1» o seu melhor veículo de propaganda, quanto mais não fosse por ser orientada por assessores políticos de informação e por militantes AD. Mas nós sabemos como não é só por aí que vem à tona a complexa manipulação da informação televisiva.

Mas o «Telejornal» de quarta-feira trar-nos-ia outras curiosidades não menos interessantes. Refiro-me ao envio de dois jornalistas da RTP/1 aos Estados Unidos, cada qual para a sua coisa. Um foi o José Eduardo Moniz que telefonou de Nova Iorque para nos dizer aquilo que chegou cá primeiro, não por via telefónica, mas por imagens bem nítidas, aliás, com Reagan a falar da «opção zero» e da sua «política de paz», ou, aqui para nós, do terrorismo nuclear que paira sobre as nossas cabeças caso um qualquer Dr. Strangelove, à maneira do de Kubrick, deixe descair o seu braço, em saudação hitleriana, sobre o fatídico botão...

Outro dos jornalistas enviado, ou melhor, outra, foi Helena Balsa, que de Providence mandou alguns trabalhos sobre o simpósio que decorreu na Universidade de Brown, sobre a vida e a obra de José Rodrigues Miguéis.

É óbvio que esta brincadeira dos enviados especiais só pode dar vontade de rir. Uma anedota bem cara, aliás. Quando nós sabemos das dificuldades do «Telejornal» em receber e pôr no ar os seus serviços realizados dentro da própria cidade de Lisboa (Embaixada de Angola) ou em fazer deslocar uma equipa rapidamente aos arredores (Moita), por exemplo, ver, de repente, dois enviados especiais do outro lado do Atlântico, cada um para a sua coisa, é coisa para pensar... Eu já agora propunha a Vasco Lourenço, que anda com os «dossiers» da corrupção em mãos, que analisasse atentamente este caso...

TELECRÍTICA

23/11/81

Rui Cádima



«Cosmos»: um dos melhores programas da história da Televisão

Carl Sagan, essa figura imponente da arqueologia espacial norte-americana, tomava posição ainda muito recentemente em universidades do seu país sobre o perigo nuclear que actualmente abala o mundo e que põe o mais calmo dos pacifistas em perfeito pé-de-guerra pela paz.

Por aqui se demonstraria, se tal fosse necessário, que este especialista das questões do espaço, tão depressa o Galileu como o Nostradamus, entre os astrónomos contemporâneos, não vagueia só nas águas da premonição, da história da astronomia e da exploração espacial, mas realiza também um trabalho pedagógico e antecipador, um jogo filosófico se quisermos, extremamente enriquecedor para o grande público televisivo.

Para além do mais trata-se com efeito de uma série superiormente executada, da apresentação para a montagem, do texto para a realização. «Cosmos» é uma série em 13 episódios — dos quais já foram emitidos os primeiros seis — uma série que já é extremamente popular entre os telespectadores habituais de sábado à tarde. Aqueles que ainda não tiveram um contacto com esta série não percam os sete episódios que ainda faltam. É sem dúvida um dos melhores trabalhos da história da televisão.

Uma outra curiosidade liga-se com a fenomenologia dos extraterrestres, por vezes ficção científica, por vezes inclusive tabu. Em quase todos os episódios Sagan não perde uma oportunidade que seja para deixar essa dúvida a pairar na consciência dos ignorantes terráqueos. Exemplos para citações não lhe faltam, como temos visto, das inscrições nas cavernas aos livros publicados pelos autores contemporâneos. É uma obsessão que existe em quase todos eles.

Aliás foi o próprio Carl Sagan que, motivado e perfeitamente decidido pelas suas próprias convicções, fez com que as sondas Pioneer 10 e 11 levassem para as suas viagens pelo sistema solar uma série de símbolos e de indicações abstractas, bem como figuras humanas nuas, para o caso de se darem os conhecidos «eventuais contactos»...

Isso mesmo contava-nos Gerges Leclre que prefaciou a edição francesa de «Cosmos» recentemente vinda a público, a acompanhar a transmissão televisiva da série na «Antenne 2». Não sabemos se está prevista a sua edição em Portugal, mas, como por cá estamos de há muito habituados à não-memória, é natural que entretanto a série acabe e não se pense mais nisso...

O interesse pela série redobrará a partir do momento em que vos descrevêmos os seus principais colaboradores. Por exemplo, quanto aos efeitos especiais o principal nome da equipa é o talentoso Robert Black (Óscar pelo seu trabalho em *Star Wars* de George Lucas).

Alguns dos efeitos de «Cosmos» são inclusive superiores aos desses trabalhos que temos visto no cinema: é o caso do «calendário cósmico» que nos dá como que uma viagem real de Sagan pelo Universo. Mas não são só os efeitos especiais que fazem de «Cosmos» essa série inigualável. Consultores da NASA, matemáticos, artistas plásticos, géometras do espaço, os melhores técnicos de televisão (não esqueçamos que o produtor, por exemplo, tem já no seu curriculum «A Era da Incerteza» de Galbraith), todos eles fizeram «Cosmos».

Carl Sagan, *himself*, foi Prémio Pulitzer em 78 com *Eden Dragons*, salvo erro. Foi galardoado também pela NASA, detém um Prémio Internacional de Astronáutica pelos seus estudos sobre Marte, jornalista emérito, consultor de diversos organismos, professor em Cornell, director do Laboratório para Estudos Planetários. Chega?!... Não o percam, portanto!

Quarta-feira, 18 de Novembro de 1981

TELECRÍTICA

Rui Cádima



Uma sessão com Picasso

Picasso: retrato de corpo inteiro. Picasso, esse genial dom de pintar. Tivemo-lo na segunda-feira, pela mão de uma mulher. Tal como muitos dos seus quadros surgiram por amor às mulheres por quem se apaixonou.

Embora um pouco para além da data em que se comemorou o centenário do seu nascimento, era assim mesmo imperioso que a Televisão portuguesa se aliasse à festa universal que atingiu o seu ponto alto no passado dia 25 de Outubro. Vergonhas já vimos muitas.

«Picasso — Diário de Um Pintor», assim se intitulava o documento feito com uma enorme dedicação e sobriedade por Perry Miller Adato. Se, em jeito de balanço final, se poderia considerar que este trabalho foi com alguma frequência esse citar subtil das relações que o pintor manteve com as mulheres que amou ao longo da sua vida, inclusive das repercussões que a presença da mulher teve na sua pintura, isso ficou talvez a dever-se ao facto de se tratar de um trabalho feito também com essa sensibilidade de mulher, cineasta extremamente empenhada em trazer para os espectadores deste trabalho esse quase secretismo que tanto tem empolgado críticos, ensaístas e historiadores. Mas teve a ver também com a inevitabilidade que deriva da própria presença da mulher na biografia do pintor, obviamente...

Daí se tratar de um facto de imediato denunciado por terceiros... no caso, David Douglas Duncan, «o» fotógrafo de Picasso, com cerca de 40 mil *flashes* disparados sobre o pintor — que, aliás, dificilmente conseguia «apanhar»: «Era pior do que estar na Coreia ou no Vietname», dizia, sério, para depois se referir à sua última companheira, a mais retratada, Jacqueline.

Toulouse-Lautrec, Van Gogh, a caricatura, os bordéis e as prostitutas, primeiro em Barcelona, depois em Paris, fornecem-lhe como que a matéria-prima para as suas telas, ainda antes dos 20 anos! «Todos os bons retratos são até certo ponto caricaturas...»

E de novo «La Vie», descrita agora por Pierre Daix (vimos este quadro ser analisado em «Cem Grandes Quadros», no sábado), sobre a morte do seu maior amigo da adolescência, Casajenas.

E sempre as mulheres. Primeiro Fernande, no final do período azul. Eva: «Escrevo o nome dela nos meus quadros, *Ma Jolie*... Olga, Marie-Thérèse, Françoise Gilot, Dora Maar... «Havia um estilo para cada mulher», confessava com uma certa inocência o catalão Palau i Fabre...

Perry Miller Adato, a realizadora desta excelente biografia — outra mulher — é considerada como uma das grandes senhoras da Televisão norte-americana. De outro modo ela não teria aliás conseguido a participação financeira da IBM na produção do filme, feito para um dos canais do serviço público de Televisão de Nova Iorque, dedicado essencialmente à cultura. Trata-se aliás de uma realizadora já premiada com um «Emmy» — o Óscar de Televisão, quando realizou em 68 um filme sobre Dylan Thomas.

Este «Picasso» sem ser genial responde da melhor forma aquilo que o público de TV pode esperar. Assim a RTP esteve de parabéns. E nós também... Mas só quanto à passagem deste documentário, porque quanto ao resto... Eu depois, conto-vos.

TELECRÍTICA



Rui Cádima

«Topo Gígio»: caso patológico

O espectáculo televisivo de fim-de-semana elaborado pelo sistema de estrelato lusitano (vulgo *star-system*) tão depressa está ao nível das papas e dos bolos com que se enganam os tolos como nos dá momentos de grande criação, embora sempre da responsabilidade do estrelato muito externo e muito dedicado à causa também (cf. com o «filho ilegítimo de Salette Pirezas» — Herman José no seu melhor).

Momentos baixos todos os programas têm. Errar é, por outro lado, coisa da praxe, nada que espante na RTP. Acertar é que é para admirar... Erros e grandes têm-nos o «Bom Dia Domingo», o «Passeio» tem alguns, e o «Sabadabadu» claro também não é perfeito... Enfim, a um outro nível, ainda não mentecapto mas com as suas paranoias, está o «Topo Gígio», um programa limitado por todos os lados, uma espécie de objecto de sublimação do cinismo feito carinho, levado ao muito grande plano pelo estrelato deficiente, pelos vendedores de ilusões e outros comerciantes de *merchandising* (tentando transformar o cinismo em ouro, vendendo a imagem do boneco à menina e ao menino), limitado também pelos produtores, a RTP, tanto quanto nos quer parecer, por não dar suficiente cobertura financeira às brincadeiras televisivas desse debutante, menino querido de uma certa burguesia lisboeta um tanto ou quanto instalada na menoridade cultural e na decadência, para não fugir à regra. De qualquer modo para festas de anos, casamentos e baptizados, para abrilantar as noites nos *pub's* da Lapa ou para organizar, musicalmente falando, os serões *kitsch* de Nuno Abecasis, convinhemos que o autor não é mal achado.

A troca de programas para antes do «Telejornal» não foi contudo completamente assumida. Penso que o melhor teria sido pô-lo a fazer de pano de fundo às intervenções dos apresentadores do «Bom Dia Domingo». Quanto ao rato em vez de estar para ali a estrebuchar frente ao ratão mais valia que o pusessem ao lado do macaco Choné, no «Passeio dos Alegres». Se fosse preciso um mediador não faltariam candidatos: a escola está lançada.

Entretanto voltámos a ter a menina Paula como convidada especial do Rui Guedes. O primeiro, à terceira, lembram-se?, foi o José Cid, que apareceu ali com uma coreografia também um tanto animalesca, primata, salvo seja.

Quanto à Paula, sob o ponto de vista do crítico de «dança-jazz», não temos dúvidas de que a pontuação a atribuir-lhe seria máxima... Ela é de facto uma excelente bailarina, será muito possivelmente dentro de poucos anos uma profissional em grande evidência.

Uma outra questão é a leitura que se possa fazer da apresentação da criança naquela curta «performance» com uma coreografia extremamente bem imaginada e melhor dançada ainda.

Temos ouvido os mais dispares anátemas vindos dos mais variados sectores, dos mais «progressistas» aos menos. Mais dos primeiros que dos segundos...

Uma análise banal, sem qualquer pretensiosismo científico, psicanalítico ou interdisciplinar, como aliás seria desejável que se fizesse, remeter-nos-ia obviamente para a condenação dessa apresentação. Todos sabemos como a televisão transforma o objecto filmado em «fétiche», de uma forma tanto mais gravosa quanto mais «close» sobre as continuístas ou as estrelas da telenovela, ou ainda sobre os nossos charmosos apresentadores do «Telejornal»... O escândalo no «Topo Gígio» é outro: tem a ver com a motivação do Rui Guedes em colocar-se como espectador privilegiado da «performance» da criança, e não o rato, pressuposto apaixonado. Entrego o caso à Associação de Psicanálise...

Sábado, 21 de Novembro de 1981

TELECRÍTICA



Rui Cádima

O discurso informativo e a criança

Poderia parecer afirmação desproporcionada mas não é: na televisão portuguesa só a propaganda política e a publicidade podem ser consideradas como *informação* dirigida também às crianças.

De resto, as camadas etárias mais jovens bem podem protestar por não haver nenhum serviço informativo que se preocupe com as dúvidas e os desejos dos mais pequenos (o «Porque Hoje É Sábado» aproxima-se desta intenção ao nível dos adolescentes). De igual modo seria importante que os serviços informativos da televisão se comesçassem a preocupar também com este problema, dando não só um outro destaque às matérias que lhes dizem directamente respeito como ainda clarificando o mais possível o seu discurso informativo, tendo por objectivo principal ser acessível a miúdos e graúdos.

Num estudo que referíamos aqui há dias sobre a criança e a informação televisiva nos Estados Unidos (McLeod, Atkin e Chaffee, «Adolescents, Parents and Television Use», in *Television and Social Behaviour*, G.P.O., 1972), chegava-se à conclusão de que nas escolas do Wisconsin, onde foram realizados os inquéritos, 30 por cento dos miúdos inquiridos disseram ver «quase todos os dias» o noticiário nacional, enquanto 32 por cento viam com a mesma frequência o noticiário regional. Embora não falem por nós, portugueses, estes números falam por si... A tendência é aliás para o crescimento destes índices de audiência. E o facto explica-se também por essa progressiva clarificação dos textos informativos e pela sua transparência.

E voltamos de novo à publicidade e à propaganda. Estudos levados a cabo nesta área levam-nos a considerar existirem relações viciadas, imposição de leituras, dirigidas dos discursos televisivos directamente a uma capacidade de entendimento ao nível mental de crianças e adolescentes.

Nada melhor a confirmá-lo do que a transparência da publicidade e o fascínio que exerce sobre o potencial consumidor. O mesmo acontece principalmente nos períodos de campanha eleitoral, mas também com os habituais «tempos de antena» e com o discurso político da propaganda, mesmo quando se apresenta como informação. Trata-se de textos elaborados com a intenção de serem «compreendidos» mesmo pelas populações do interior, muitas das vezes pouco habituadas a entender o discurso político. Na televisão essa «concessão» corresponde na maior parte das vezes à criação de um discurso perfeitamente identificável pela criança. É evidente que esta problemática tem os seus aspectos positivos e tem também os seus aspectos negativos, conforme os casos que se apresentem.

Uma outra situação que se verifica com uma certa frequência, nomeadamente em Portugal, é um amontoado de informações incoerentes, da informação à publicidade, que tanto podem ser dirigidas aos empregados de escritórios e aos camponeses, em simultâneo, como podem querer «atingir» de uma assentada os intelectuais e os meninos da primária... Este é o resultado da apresentação de muitos «produtos» sem qualquer estratégia informativa e/ou publicitária, onde a atitude «decifradora» é a mais natural de encontrar no receptor. É pois urgente viabilizar pela informação televisiva a socialização da criança, a percepção do mundo que a rodeia, reduzindo o discurso ao seu código mais simples, sem cair na imposição da mensagem, que também tem os seus códigos, bem simples, aliás.

TELECRÍTICA



Rui Cádima

Uma directora de programas chamada sondagem?

Ninguém duvida de que a RTP volta as costas ao País. A informação da «I» fá-lo completamente, de corpo inteiro; a programação, agora, um pouco de perfil, mas sempre imprevisível nas suas viagens repentinas.

É por isso que achamos sempre uma certa graça aos responsáveis máximos da Televisão portuguesa quando vêm a terreiro falar em sondagens à opinião pública, no crescimento da audiência e, de seguida, no aumento de receitas. Fê-lo o dr. Proença de Carvalho sóado passado aqui mesmo, nas páginas do «PH», como, aliás, tem feito variadíssimas vezes nas últimas entrevistas.

Infelizmente, para prejuízo de todos, nas polémicas que têm vindo a público sobre o actual saldo positivo da RTP ainda ninguém quis clarificar verdadeiramente qual a gestão que está na origem da recuperação financeira registada. É evidente que o comum dos cidadãos, obviamente distante das razões profundas da economia da *media*, dirá, como nós, ser muito difícil recuperar-se uma grande empresa, como a Televisão, de um dia para o outro. Dai ser fácil acreditar que a gestão Soares Louro tenha tido nesse longo processo um trabalho pioneiro, prospectivo, alicerce para a inversão. Soares Louro, aliás, não se furta a essa responsabilidade...

Foi porém com agrado que registámos as diligências entretanto feitas com vista à realização de sondagens semanais sobre a programação, com início previsto para Janeiro próximo. Isto será tanto mais importante quanto, até aqui, e segundo foi afirmado na mesma entrevista, «até agora temos trabalhado na oase da intuição, embora os estudos de opinião tenham mostrado que as ideias do público não coincidem propriamente com alguns dos hiper-críticos da RTP».

A *intuição* referida por Proença de Carvalho está, por outro lado, em oposição declarada com as afirmações de Maria Elisa contidas no texto introdutório do catálogo de *A nova programação da RTP — Outubro de 1981*: «(...) a programação que hoje vos apresentamos resulta de um trabalho de reflexão que tem em linha de conta as propostas concretas dos nossos telespectadores através dos meios de divulgação de que dispomos: sondagens de opinião (nomeadamente o grande inquérito encomendado recentemente pela RTP à TEOR), os reflexos nos outros órgãos de comunicação social, o correio e os telefonemas dos telespectadores.»

As conclusões do estudo da TEOR: 60,2 por cento dos inquiridos manifestaram *agrado e muito agrado pelo Telejornal*, enquanto 33,2 por cento *se mostraram indiferentes e 5 por cento manifestaram desagrado. Quanto à programação nada se disse ainda...*

De qualquer modo, se há casos em que as sondagens são falaciosas este é um deles. Nenhum português informado e em boa consciência pode dizer-se «*agradado*» com a informação deste Telejornal.

Mas se as sondagens podem ser falaciosas caso não obedecem a critérios científicos, podem também introduzir quando menos se espera a «*tiranía do rating*» como se dizia nos EUA há muitos anos atrás (e que se verifica ainda hoje no Brasil, por exemplo, quando o IBOPE diz se o personagem de telenovela deve ou não representar o que o autor tinha previsto).

Esperemos portanto que a RTP não passe a orientar-se nem pela intuição (que é péssima) nem pela tirania da sondagem (que é pior). Não há nada como ter uma política cultural e informativa ao serviço do público.

TELECRÍTICA

11/17/81

Rui Cádima



As boas e as más imagens

Feito ontem um primeiro reparo — urgente, quanto a nós — sobre o que será o sistema da sondagem e os seus perigos de uniformização em relação à atomização, ao não respeito pelo indivíduo na estrutura social (à não-cientificidade da sondagem, por assim dizer), importa agora fazer uma rápida abordagem do que de melhor e pior vimos no fim-de-semana.

Antes, porém, um conselho: não se esqueça que hoje, terça-feira, há uma extraordinária estreia no «Cine-Clube» de António Pedro Vasconcelos. «Hitchcock Presents», longa série de curtas e médias-metragens do grande mestre americano inicia-se precisamente hoje, decorrendo pelos meses de Dezembro e Janeiro. Não perca portanto este começo.

Do fim-de-semana, embora com algumas alterações em relação ao alinhamento habitual de programas, importa começar por referir essa espécie de golpe de rins, algo a contragosto (pelo menos em relação ao que temos visto) que foi a transmissão directa, do Monumental, da final do primeiro Festival RDP da canção. De facto a RTP soube desta vez associar-se a uma *festa* que apesar de não ter sido no seu conjunto tão boa e diversificada em autores e intérpretes quanto seria desejável (o próprio apresentador — Júlio Isidro — não teve qualquer pejo, e muito bem, em reconhecê-lo, em directo), mas apesar disso não deixava com efeito de ter uma importância nacional, o que era mais do que suficiente para merecer uma reportagem televisiva ainda mais atenta do que aquela que vimos. Estávamos já muito desabitados destas coberturas televisivas em directo, de modo que ficámos favoravelmente impressionados. Esperemos portanto que futuramente, em casos de qualidade óbvia, a RTP se faça representar com as suas câmaras.

Quanto ao decorrer do Festival, vários aspectos se evidenciaram e contribuíram favoravelmente também para uma melhor imagem do País real, neste caso sob o ponto de vista do profissionalismo existente entre intérpretes, autores e orquestradores musicais portugueses. A interpretação final foi excelente, a todos os níveis — incluindo o play-back sobre as cábulas — bem como aquilo que nos pareceu ser uma bonita confraternização final entre participantes e convidados. Uma boa imagem dada a este País, tão carecido que está delas. Uma imagem de nós próprios. Sem ressentimentos.

Já a apresentação dos Classix Nouveaux na segunda parte nos pareceu algo frustrante. Do grupo conhecíamos essencialmente o seu grande êxito — «Guilty» — do qual aliás existe também um magnífico teledisco, mas para além disso esperávamos ver muito mais não só ao nível dos temas como também da própria «mise-en-scene». Neste aspecto, diga-se a verdade, também a passagem dos Duran Duran por Lisboa foi gorada. O grupo de Sal Solo — líder futurista, misto de Nosferatu, de Hell Angel e de centurião romano — nada veio adiantar ao que de relativamente interessante dele conhecíamos. Pautando-se a sua passagem bisada (!) na RTP por um esquema coreográfico de linhas pouco futuristas, e nada eficazes, se não mesmo por uma estética ultra-retro e ultra-retrógrada também. Este o tipo de imagens que se começam a repetir de uma forma que poderá em breve «militarizar» o rock, propagandear o rufar do tambor e a robotização do corpo. Há que estar atento para estas imagens extremamente ambíguas em termos sociais e culturais.

Péssimas imagens foram ainda aquelas que vimos antes do «Bom-Dia Domingo» começar. Dos barros de José Franco aos cactos do Parque Eduardo VII, das chaminés algarvias ao Guadiana, tudo aquilo era demasiadamente amador, tudo aquilo já tinha passado, tudinho no mesmo horário dos domingos anteriores... É o cúmulo, acreditem!, mas é verdade.





20.00 ☐ Informação/2
20.30 ☐ Orgulho e Preconceito
21.30 ☐ No Grande Mundo do Desporto
22.30 ☐ Os Ropers Helen
continua...

18.15 ☐ País, País

Quinta-feira, 3 de Dezembro de 1981

TELECRÍTICA

Rui Cádima



A Restauração a ideia de nacionalidade a televisão e os outros

A ideia de nacionalidade tanto esteve por detrás da Restauração em 1640, como aparentemente esteve também a presidir às comemorações do primeiro de Dezembro, este ano, das quais a RTP nos deu no Telejornal aquelas breves imagens, já para o final.

O mesmo poderíamos obviamente dizer da participação dos amigos de Olivença nas mesmas comemorações de que também tivemos imagens e, também, do mesmo modo terá que ser entendida a mensagem de D. Duarte, duque de Bragança, legítimo pretendente à coroa. Muito folgamos pois em ver toda uma pluralidade de filosofias políticas reunidas em torno de uma data de grande significado na história dos portugueses. O caso é que para tamanho significado pequena foi a festa. Esperemos que isto não signifique que as gerações de hoje esquecem essa ideia de nacionalidade...

Como bem referiu Oliveira Marques a ideia de nacionalidade por si só não basta para sustentar de uma forma coerente uma unidade política e, mais ainda, uma independência... Pelo muito que a mitologia sebástica pudesse mover no inconsciente nacional, ou pelo muito que a corte dos duques de Bragança desejasse, o período da ocupação deveria estender-se por sessenta anos.

Portugal tudo perdera: o monopólio comercial, a Rota do Cabo, o domínio colonial no Índico e em África. Inclusiva a sua própria identidade cultural estava seriamente ameaçada. Basta dizer que muitos dos nossos artistas, dos autores dramáticos aos pintores mais representativos, grande parte deles se tinha refugiado em Castela. A nobreza espanhola, por exemplo, fazia correr a ideia de que o português era um dialecto ibérico menor... Bom, tratou-se com efeito de um dos períodos mais negros da nossa história, tendo «nuestros hermanos» por carrascos.

Curiosamente, nas primeiras décadas do século XVII, o sebastianismo e toda a mitologia do encoberto passaram a ser facilmente identificáveis, como referiu o mesmo Oliveira Marques, com «algum corpo mais visível que não era outro senão o duque de Bragança, herdeiro legítimo à coroa». A ajudar ao coro, claro, o nosso Nostradamus de Trancoso, o sapateiro Bandarra.

Curiosamente também, no dia em que se registava a passagem de mais um ano sobre a data que tinha reposto a Casa de Bragança no poder, o PPM desfrutava da possibilidade de se referir a um certo número de questões relacionadas com a Restauração e, enfim, com os próprios pressupostos monárquicos, já que de uma questão política e histórica de dimensão monárquica se tratava.

De facto, talvez por lapso, talvez não, o partido de Gonçalo Ribeiro Teles (também ele presente no acto da declaração pública de D. Duarte João, pretendente à coroa, descendente directo de D. João IV), no «direito de antena» que foi para o ar nesse mesmo dia a seguir ao Telejornal, não fez uma só referência à data de 1 de Dezembro de 1640. Optaram, ao invés, pelos problemas ecológicos. E perderam certamente uma ótima oportunidade. Mas não foi o PPM o único a perder uma boa oportunidade de manifestar a sua posição perante uma tal data.

Bom, mas dos problemas da Coroa sejam os seus pretendentes a tratar... Nós não queríamos deixar de fazer este reparo que nos parece elucidativo quanto ao modo como se perdem oportunidades soberanas... Claro que a RTP não está isenta de críticas. Seria bom que de futuro se vissem, claro, biografias de individualidades mas que não fossem esquecidas as monografias sobre a história do colectivo. É claro que também aqui se fala da ideia de nacionalidade...

21

TELECRÍTICA

4/12/81

Rui Cádima



Cinema em plano americano

Não há dúvida: quanto a cinema não nos podemos queixar. Terça à noite tivemos os primeiros Hitchcock de uma longa série de telefilmes que irão passar nos próximos dois meses (excepcional redescoberta da FR3, bem secundada por António Pedro Vasconcelos); quarta à noite, na «1», um Nicholas Ray: «55 Dias em Pequim».

Embora nem os Hitchcock nem este Ray se possam situar no grupo das grandes obras de qualquer dos cineastas (e não escondamos que são dois dos maiores do cinema americano), os telefilmes de Hitchcock têm o sabor das obras desenterradas da História, descobertas ou redescobertas muitos e muitos anos depois, enquanto a epopeia pequenense do dealbar do século tem o sabor amargo da derrota — foi talvez o único fracasso — e último de toda uma carreira que acabou após essa louca e longa viagem que Wim Wenders fez com Nick Ray em *Lightning Over Water*. Sabor amargo, ainda porque nos traz à memória o desaparecimento, dois anos e tal após a sua morte, de Nicholas Ray.

Se na semana passada assinalámos aqui, embora com as necessárias ressalvas, a já muito razoável escolha de filmes para o mês de Novembro, hoje vimos fundamentalmente constatar que para o mês de Dezembro essa política de qualidade prossegue. E ainda bem!

Com efeito, e não falando já da programação do «Cineclube» com o quase todo Hitchcock para Televisão a passar em Dezembro, e Janeiro, restante programação de filmes, quer na RTP/1 (às quartas), quer na RTP/2 (aos sábados), volta a obedecer a uma criteriosa escolha que muito nos apraz registar.

Uma rápida vista de olhos sobre os filmes que veremos leva-nos a concluir que se trata de um miniciclo de cinema americano, composto de obras «soltas», umas famosas outras não, mas quase todas a poderem merecer a nossa atenção.

Assim, oestacariamos já para amanhã um filme de John Frankenheimer que será por certo uma surpresa para quem conhece outros trabalhos deste cineasta — trata-se de «Uma Segunda Vida», com Rock Hudson. Nathalie Wood, recentemente falecida, será a protagonista de «Amar Um Desconhecido» de Robert Mulligan, que também veremos (a 12, na RTP). Não percam também um dos melhores Se não o melhor filme de Sidne Lumet — «O Agiota» (que passará uma semana depois), ou «O Capra» da quarta-feira seguinte, ou ainda, obviamente, «O Inimigo Público» de Woody Allen, na noite de sábado logo a seguir à noite de Natal.

A terminar o ano de 1981, nada melhor do que «Gigi» de Vincent Minnelli, excepcional musical com Leslie Caron, a passar dia 30 de Dezembro. À parte portanto um ou outro «barrete», como aliás deve ser o filme de Richard Thorpe com Elvis Presley (quarta 16, RTP/1), trata-se em geral de uma programação melhorada.

Para já, para além de outras questões de fundo no âmbito das relações entre a Televisão e o cinema, há que notar, contudo, um aspecto extremamente negativo nesta política de programação. Refiro-me ao facto lamentável do cinema português estar a ser marginalizado em todo este processo de enriquecimento cinematográfico. A urgência está aí: é necessário impor uma quota de passagem dos filmes portugueses quanto antes.

TELECRÍTICA



Rui Cádima

21

TELECRÍTICA

5/12/81



Rui Cádima

Desemprego, habitação: congelar as «batatas quentes»

Quem passasse na Av. da Liberdade, há uma semana e tal atrás, via, não sem espanto, um imenso «happening» hiper-realista, uma intermível bicha de gente nova aguardando a sua vez para se candidatar a um lugar no Banco... Aliás não era uma só bicha, mas duas. Uma para o banco do Marquês, outra para a Companhia das Águas, salvo erro, junto dos Restauradores.

Tratava-se com efeito de uma imagem extremamente violenta deste nosso quotidiano, uma imagem impressionante com a qual, aliás, e um tanto paradoxalmente, nos estamos a conformar. Há que estar alerta, em dúvida, para essas «anormalidades» que começam a ser encaradas passivamente, como se da coisa mais natural deste mundo se tratasse.

Mas em relação ainda a essas massas de gente, quem se desse ao trabalho de ver, junto dos candidatos aos lugares em aberto, quais eram aqueles que concorriam ao primeiro emprego e quais aqueles que não estavam inscritos nos serviços oficiais de desemprego verificava que esses eram com efeito a esmagadora maioria.

Dizia um dos jornais de Lisboa que só os candidatos ao banco eram na ordem dos 30 mil... Relacionando agora todo este processo com o «Quarta Há Noite» da RTP/2 vemos que teriam sido essas imagens as melhores para começar o programa, que incidia, sobretudo, nestas questões relacionadas com o desemprego em Portugal. O programa, apresentado por Carlos Ribeiro, abordou de qualquer modo esta complexa temática de uma forma pouco habitual na informação televisiva (o próprio tema é, aliás, ostensivamente esquecido pelos responsáveis da informação). Pena que os malfadados números de sempre tenham mais uma vez vindo à baila: em Portugal, segundo o Instituto Nacional de Estatística, o número de desempregados não chega a 250 mil...

O secretário de Estado do Emprego, entrevistado no estúdio, daria mais números, sempre dentro de uma normalidade europeia...

Se no início deste texto chamámos a atenção para a triste realidade portuguesa neste campo foi porque, regra geral, quando a problemática do desemprego é aflorada nos meios de comunicação nunca é tido em conta que a situação real é substancialmente mais negra do que aquela que acaba por ser reportada. Isto porque, por um lado os números oficiais não se aproximam de modo nenhum da realidade (e para o comprovar não há nada como encomendar uma sondagem a nível nacional), por outro lado porque as implicações do fenómeno são tão vastas e terríveis que ninguém se atreve com efeito a olhar o problema do desemprego de frente. E mais uma vez isso não foi feito.

«Batata quente» é também o tema da habitação, abordado na noite de quinta-feira no programa «1.ª Página» apresentado por Margarida Marante, que, como se sabe, é uma jornalista militante PSD...

Também aqui, a presença de um membro do Governo no estúdio, a ter, digamos, um direito de veto sobre aquilo que é dito, e que neste caso só teve algum significado na posição assumida pela Associação dos Inquilinos Lisboenses. Apesar de na véspera a oposição ter intervenido um tanto criticamente na Assembleia da República em relação à filosofia e à legislação do actual Ministério da Habitação... Mas a isto já nós estamos habituados... Se vos falasse, por exemplo, da apresentação do OGE por João Salgueiro teria que dizer o mesmo: aqui tudo se passou como se em Portugal estivessemos no regime de partido único: nem uma palavra da oposição em relação ao OGE!

Sá Carneiro ensombrado pela propaganda

É sempre difícil falar sobre textos com características biográficas. Daí, em parte, não ser fácil falar sobre «Francisco Sá Carneiro — Um documento» que preencheu a noite de sexta-feira passada na RTP/1, na passagem do primeiro aniversário da morte daquele que foi, segundo Conceição Monteiro, sua colaboradora directa, o «dirigente insubstituível» do PSD.

O mito está criado, não há dúvida. No entanto, há uma série de questões que queríamos aqui alinhar, pois achamos que é a partir delas que também se fará a História. Nomeadamente porque o culto ao dirigente, ao corpo e ao espírito, enfim, o culto ao morto, atingiu neste país proporções imprevistas e impressionantes, transformando o político, o cidadão vulgar, dotado de qualidades notadas, no mártir, no mito, a sua imagem no objecto-fetichismo alvo da voragem dos comerciantes do merchandising (porta-chaves, camisolas, autocolantes, cinzeiros, etc.) e, finalmente, o que é mais grave, a sua morte e o seu nome são hoje utilizados pela imprensa da direita da forma mais soez e «maquiavélica», sem nenhuns escrúpulos, sem respeito, pretendendo-se com «Camarate» (e não só) recolher dividendos políticos, espicaçar a «caça às bruxas», criar um clima de afrontamento nas sociedades civil e militar segundo o método nazi, fazendo, portanto, do falecido autêntica mercadoria selvaticamente disputada por vampiros assanhados.

Felizmente, a Televisão não aderiu à campanha. Se o fizesse, da mesma forma que fez de Sá Carneiro um mito, fazia de Camarate o Inferno nacional, um foco de guerra civil e, quem sabe, um vulcão messiânico, provocando, inevitavelmente, uma situação política insustentável.

Se «Francisco Sá Carneiro — Um documento», não entrou por esta última via (houve nesse aspecto a coragem e o bom senso de o não fazer, aliás, Cunha Rego e Sarsfield Cabral não são propriamente as Veras Lagoas da nossa praça), não deixou, porém, de prestar um ardoroso e polêmico culto à personalidade. Neste aspecto, podemos concluir à vontade que se tratou de um documento intencionalmente orientado pelos conhecimentos mais rudimentares das leis da propaganda política.

A primeira parte do documento é praticamente toda preenchida com o retrato de Francisco, por Ricardo, seu irmão. Algumas declarações mais, como, por exemplo, a da sua primeira mulher, Isabel, e de um amigo dominicano. Uma biografia, portanto, reduzida à sua expressão mais simples, encerrada no segredo dos deuses, um quase mistério religioso, enfim, um retrato em família, como se tivesse sido previamente encomendado. É uma opção que não compartilhamos, mas perfeitamente legítima.

As segunda e terceira partes são propaganda elementar. À excepção das intervenções dos convidados — figuras de destaque da AD e também Mário Soares, o resto é um amontoado cronológico de comícios, intervenções, discursos — é a história recente da AD, das movimentações de massas mais conhecidas, tudo encadeado de forma a dar a melhor imagem do agrupamento político e não do indivíduo. O verdadeiro pensamento de Francisco Sá Carneiro, a sua filosofia, o homem, foi menosprezado nessa montagem aleatória por vezes com cortes inconcebíveis a meio de depoimentos (e retomada vergonhosa do mesmo plano) denunciando, assim, de uma forma amadora e incompetente o corte.

Freitas do Amaral referiu-se no seu depoimento a uma afirmação de Sá Carneiro expressa numa reunião privada: A política solicitava o homem sempre sob dois parâmetros, um ético e outro lúdico. E acrescentou Sá Carneiro: Se não existe o primeiro a política torna-se uma vergonha; se não existe o segundo a política é uma maçada. Ricardo Sá Carneiro, por outro lado, falou-nos do «morder a vida» que via no seu irmão, logo após um primeiro contacto com a morte no acidente de Farnalhão.

Julgo que as segunda e terceira partes do documento deveriam prosseguir por aí e não pela sua participação exaustiva nos actos públicos como preferiram os autores deste trabalho. Houve um aproveitamento do seu discurso político e um completo desprezo pelo homem, na sua totalidade.

Em última instância a opção propagandística não resultou... É que, ao contrário do que se pretendia deixar no ar — «A AD arrastou o País» — todos os portugueses sabem que quem arrastou tudo e todos, inclusive, o candidato presidencial escolhido por Sá Carneiro, foi Ramalho Eanes. Para além da propaganda a mentira, portanto, sua fiel depositária.



TELECRÍTICA

Segunda-feira, 14 de Dezembro de 1981

Terça-feira, 8 de Dezembro de 1981

TELECRÍTICA



Rui Cádima

Coisas de doidos

O incrível aconteceu. Talvez uma coisa sem importância para alguns mas na verdade algo do domínio do absurdo.

Domingo, entre o «70x7» e o «Bom-Dia Domingo», apareceram de novo aqueles filmes-documentários a que nos referimos aqui há exactamente uma semana, frisando já nessa altura o nosso espanto por se estarem a repetir estupidamente sempre os mesmos filmes. Hoje, nada seria de estranhar se entretanto se tivessem reformulado esses «tapaburacos», colocando no ar outras quaisquer curtas-metragens enquanto não entrava o programa de Maria João Metelo e Luís Pereira de Sousa.

Mas o incrível aconteceu. Acaba o «70x7» e logo de seguida nos comecem a zumbir nos ouvidos as gaitas do Trio Harmonia enquanto na imagem os barros de José Franco voltavam a entrar-nos pela casa dentro, pela quarta vez (!) em quatro semanas, sempre à mesma hora...

Para além do resto tratava-se de um documentário muito infeliz com uma concepção perfeitamente idiota, inferior inclusive aos trabalhos dos cineastas amadores menos experimentados. José Franco, nosso grande artista popular, sai perfeitamente amesquinhado deste encontro com o filme. Não sei pois se tudo isto não passa de uma brincadeira de muito mau gosto, se de uma distração monstruosa, ou se de uma directiva interna absolutamente consciente... Tudo é possível...

Quanto a mim, apesar da pouca importância que à partida se poderá dar ao facto, penso tratar-se de um escândalo ao nível de muitos outros, assumindo toda esta questão um significado idêntico ao de muitas outras incompetências e prepotências que nesta coluna têm sido referidas.

É imperdoável pois que se tenham repetido durante quatro semanas seguidas os mesmos filmes «de emergência». Não admira que já os conheçamos de cor e salteado: o primeiro a aparecer é como dissemos sobre os barros de José Franco, o segundo sobre os cactos do Parque Eduardo VII, depois vem o Convento do Espinheiro, os barros de Reguengos, etc., etc., tudo um primor de documentos como têm podido reparar...

Para já não falar desse espaço «branco» que nunca foi portanto devidamente preenchido (em termos financeiros é muito dinheiro perdido — e é algo que não se vê em nenhuma televisão estrangeira, julgamos elementar dever colocar-se o início do «Bom-Dia Domingo» de forma a que não ficassem esses «brancos» assim que acaba o magazine religioso. Isto até para salvaguardar que no próximo domingo voltem à baila as gaitas do Trio Harmonia com o moinho saloio em fundo...

No caso de suceder qualquer imprevisto, então sim, compreende-se perfeitamente o retardar do prosseguimento da emissão... Agora todos os domingos o mesmo é coisa de doidos. Não tem havido inclusive a menor preocupação em remediar o facto. As asneiras sucedem-se semanalmente sempre iguazinhas à oito dias atrás.

Aqui portanto o primeiro erro grave perfeitamente absurdo da Direcção de Programas. Não era preciso muito para retirar esses 15 a 20 minutos «brancos». Depois, um segundo erro mais escandaloso ainda a que a Direcção de Programas também não se pode furtar: as incríveis repetições dos horribes filmes: verdadeiramente inacreditável. Só na RTP isto é possível. Garanto-vos que na Globo, por exemplo, este tipo de gaffes desqualifica imediatamente o seu responsável ao nível da supervisão. Aqui fica pois o convite a Proença de Carvalho para que apure responsabilidades já que é tão lesto na observância de irregularidades... Dr., veja lá, olhe que andam a brincar com aquilo que ainda é nosso, slavo seja...



24/7
a 23/8



24/8
a 23/9

Contactos com pessoas poderão vir a ser

Acautele-se com as palavras e evite ferir os

Quinta-feira, 10 de Dezembro de 1981

TELECRÍTICA



Rui Cádima

O crítico e a greve

No ano em que Portugal reconquistou as liberdades democráticas a Comissão para a Cultura e a Educação do Conselho da Europa apresentava um projecto de recomendação relativo à gestão e aos objectivos da Televisão pública nas sociedades europeias democráticas.

Após uma análise circunstanciada de todo um passado recente, ao nível da Europa, nas telecomunicações em geral, e simultaneamente favorecendo-se de uma série de conclusões contidas em relatórios de várias reuniões internacionais realizadas nesse âmbito, e noutros trabalhos e resoluções, a Comissão optou por recomendar ao Comité de Ministros do Conselho a análise de um «projecto das condições mínimas de um serviço nacional de radiotelevisão», para além de ter também avançado várias outras propostas a mais longo prazo, nomeadamente no que se referiria a uma política europeia global para o sector.

A primeira parte desse projecto apresentava um conjunto de quatro pontos prioritários, com carácter globalizante, e destinado obviamente ao grande auditório. Vejamos quais eram:

I) Escolha múltipla de programas tendo claramente em conta os interesses das regiões e das minorias e não difundidos exclusivamente num só canal.

II) A atribuição de um lugar de relevo às questões da educação e da cultura.

III) A luta, através de programas apropriados, e de uma forma equilibrada, contra todos os tipos de poluição no domínio da cultura, das actividades comerciais e da informação.

IV) Estreita coordenação e larga cooperação com outras produções ao nível da Europa.

Estes, enfim, os primeiros pontos do projecto que, obviamente, continha muitos outros pontos relativos por exemplo ao direito de resposta do indivíduo, à liberdade de expressão, à responsabilização de gestores e produtores, ao direito de associação dos telespectadores, à questão da censura, etc.

Não deixa de ser pois extremamente interessante de referir nesta coluna, nesta altura, este projecto de recomendação a todos os países membros, publicado em 1975 pela Assembleia Parlamentar do Conselho da Europa.

É possível que quando este texto for lido pelos leitores já haja uma resolução definitiva quanto à proposta de greve na RTP para hoje, segunda e terça-feiras. Mas quer haja quer não haja greve, o facto é que só a intenção dos trabalhadores em declará-la é já extremamente significativo quanto a questões fundamentais na gestão de um serviço público de Televisão como aqueles que aqui citamos. Com efeito não se trata só de uma questão laboral — todos o sabemos.

Se alguma coisa fosse necessário dizer para comprová-lo, bastaria citar os diversos comunicados internos dos vários núcleos partidários na empresa, do CDS ao PCP, todos mostrando o seu declarado descontentamento com a actual gestão e nomeadamente com a sua política informativa e de programas.

Uma greve justa, portanto. Só resta esperar que os subscritores das críticas à gestão Proença de Carvalho não venham a ser alvo de processos idênticos aos que já conhecemos e que levaram ao afastamento compulsivo de inúmeros trabalhadores. É que a ser assim a RTP ficaria por certo com meia dúzia de trabalhadores, a maior parte deles especializados na assessoria e no comissariado para a propaganda...

TELECRÍTICA

12/12/81

Rui Cádima



Devido à greve que se verificou ontem nos vários serviços da RTP — e que afectou a emissão — não apresentamos hoje o habitual comentário deste nosso colaborador. Rui Cádima voltará a estas colunas, provavelmente na próxima segunda-feira.

11/12/81

Rui Cádima



É caso para ir à bruxa...

À excepção da greve, esta tem sido uma semana recheada de absurdos. Cada vez que me lembro da Fátima Medina a anunciar o Hitchcock por duas vezes, para segunda-feira à noite, vejo forçosamente no facto uma espécie de princípio de todo um prenúncio de bruxedo televisivo...

Mas se mestre «Hitch» não vinha pela dois nesse dia, o primeiro canal desforrava-se de uma outra ausência com material em armazém... A «Lágrima» do José Cid tinha-se perdido no Oceano... Do México não tinha chegado nada de jeito. Ficámos com a informação. RTP ou RDP? Audiovisual ou áudio só?

O Cid conseguiu o nono lugar. Nada mau, para veterano. Mas em vez dessa «prenda» que era a retransmissão em diferido do Festival da OTI tivemos um anjinho de Charlie a cantar *godspell* e outras barbaridades mal copiadas, como se Charlie fosse agora pastor de paróquia e tudo abençoasse, com os favores de Deus. Mas aqui, de facto, não se tratou de milagre. Mais uma vez a bruxa má intercedeu junto do diabo...

No feriado a RTP preparava-se para recompensar todos os saudosistas do desporto-rei com lugar cativo na bancada da sala de jantar. Para começar nada melhor do que um Porto-Benfica. Quem pagou as favas foram os benfiquistas. A RTP fez bruxedo, houve logo quem dissesse... De facto quem não se lembra de ver no Telejornal a Televisão debaixo da água da Luz à espera da autorização para filmar o Portugal-Escócia? A RTP agora vingou-se: quatro a um, uma cabazada, a vingança do chinês.

Mas nem só de futebol viveria o feriado. Havia desporto para todos. Prendas de Natal... Logo de seguida viria o andebol. A RTP estava fora de si... Ninguém queria acreditar. Depois, o jogo por começar. As paredes ainda ecoavam o rock do último concerto enquanto o Suécia-Islândia esperava que acabasse de chover, baldes no meio do recinto.

Tinha chovido na véspera... E se a seca tem sido a grande adversária da RTP, mais ainda do que o telespectador (o que é difícil, diga-se desde já...), agora era a chuva que mandava a RTP para casa, bobines por carregar. Também aqui, claro, as mãozinhas de bruxedo. Mas a construção civil dá o exemplo: um pavilhão com poucos anos e já a meter água dentro daquela maneira.

Outro fenómeno muito português é fazer «Grandes Reportagens» dentro de quatro paredes. Não dizemos que não é possível... Acharmos é que uma entrevista com carácter oficial a um chefe de Estado como foi aquela feita a François Mitterrand nas vésperas da sua chegada a Lisboa não é propriamente uma «Grande Reportagem». Mas se é esse o conceito que os profissionais da RTP têm perante casos destes então o melhor é não teimar muito... Curioso foi ver Mitterrand dizer que a cooperação francesa com as ex-colónias portuguesas passava primeiro pelo nosso país... Logo nesse dia tínhamos conhecimento de que estava para chegar a Maputo uma delegação ministerial francesa... Entretanto, Portugal, depois da visita de Eanes, prepara uma visita de Balsemão lá para 82... Por muito que seja a boa vontade do novo poder socialista francês...

Terça, ainda, Ramalho Eanes passou como um fantasma pelo Telejornal. Uns minutos dedicados ao almoço de Santarém e mais alguns extractos da entrevista a Pedro Cid (um excelente trabalho o deste jornalista) foram penosamente apresentados por Raul Durão. É uma questão de falta de hábito...

Quarta foi Dia Nacional do Deficiente. Uma homenagem ao longo da noite que não deixou de ter o seu quê de piedade. E como amor com amor se paga restava-nos também ter um pouco de piedade por tudo aquilo...

RTP: um serviço público altamente deficitário

Sábado faltámos propositadamente ao contacto diário que temos consigo, leitor. Quisemos assinalar dessa forma, com o nosso silêncio (o mesmo é dizer, com a nossa solidariedade para com os trabalhadores em luta), a primeira greve geral na história da RTP.

Quinta-feira, primeiro dia de greve, expressámos aqui a nossa opinião sobre algumas das causas que julgamos apesar de tudo estarem por detrás desta luta que, tal como tem sido largamente divulgado pelos *media*, se apresenta como um conflito laboral. Nesse texto — «O crítico e a greve» — analisávamos a legitimidade da realização de uma greve geral na Empresa, não em termos da discussão do acordo colectivo de trabalho — e de conflito laboral — mas, antes, na sequência directa da vinda a público de diversos comunicados partidários, todos eles bastante críticos em relação à actual gestão.

E não só por isso, mas também pelo que estava na origem de todos esses comunicados — uma espécie de claudicar progressivo de toda uma política de gestão quase exclusivamente virada para aquilo que não passa, quanto a nós, de uma aparente e falsa *viabilização* da Empresa. E se dizemos «aparente» e porque não cremos que seja desta forma, dando azo a greves gerais, criando o descontentamento entre o público, fomentando a contra-informação, que a RTP se torna um serviço público de televisão *rentável*. Isto, quer sob o ponto de vista económico, quer sob o ponto de vista cultural.

É óbvio que a rentabilidade de um serviço público de televisão não pode ser medida em cifrões ou em dólares. Portugal precisa de uma televisão que obedeça minimamente às mais elementares regras e aos códigos deontológicos subjacentes à *qualidade*, quer no domínio da informação, da cultura e do recreio, ou da educação.

Como temos visto, isso não acontece. Daí todo o processo que veio a culminar na greve geral. Discordámos porém da posição assumida pelos sindicatos na declaração de greve e em todas as suas intervenções nos *media*. É de facto lamentável que os representantes dos trabalhadores tivessem agora feito incidir as suas declarações públicas exclusivamente sobre a questão laboral e sindical.

A partir daqui poder-se-ia dizer que a greve só decorreu a 50 por cento da sua legitimidade total. Nada melhor portanto do que analisar sector a sector as directivas da gestão, e isto tendo por objectivo supremo evitar a progressiva degenerescência da Empresa no que se refere ao investimento cultural, educativo e informativo. O «negócio» dos telespectadores é outro... A rentabilidade de um serviço público da televisão só pode ser vista em termos culturais e não económicos. O mesmo acontece aliás com a Educação e a Cultura e outros serviços públicos essenciais.

Feito este reparo, talvez convenha entrar directamente naquilo que entretanto temos visto. É que, apesar de termos declarado, no sábado, simbolicamente, a nossa solidariedade, vontade não nos faltou para alinhar alguns parágrafos sobre a questão da rentabilidade cultural.

Entretanto quinta à noite apareciam os fura-greves. O que vimos foi uma vergonha. Em todos os sentidos. Desde a programação em si ao desrespeito pela vontade maioritária dos trabalhadores, passando pelos ilusionismos da gestão, tudo foi na verdade muito baixo, ao nível dos piores momentos da história da RTP. Em termos produtivos, em termos de rentabilidade informativa, ou cultural, foi o desastre. Pior ainda que o de sábado quando a informação («Sumário» e «Aqui e Agora») dava um relevo especial à manifestação de apoio a Jaime Neves, em oposição às manifestações de trabalhadores contra a política governamental.

14.12.81

16

TELECRÍTICA

15/12/81

Rui Cádima



Apesar do estado de sítio «reina a tranquilidade na RTP»...

Recordo uma «caixa» na primeira página do diário de João Coito, de um destes dias, referente à greve na RTP. O título rezava mais ou menos assim: «Semigreve na RTP poupa Mitterrand e manifestação comunista»...

A publicação, que por diversas vezes tem apoiado — e louvado em hossanas a actual política de Proença de Carvalho e de seus pares (o que, como é óbvio, não deixa de ter um significado relativo nestas coisas de identificar pessoas com determinadas áreas ideológicas), pretendia, assim, entre outras coisas, acusar muito directamente a oposição, excluindo a hipótese de muitos trabalhadores de área dos partidos do Governo apoiarem a greve, como de facto aconteceu. São manobras nossas conhecidas. Estamos habituados a este tipo de manipulação na informação diária que a RTP/1 nos dá...

Evidentemente que à partida essa dedução assentava em premissas erradas. Para que tal acontecesse, motivado por tais pressupostos, era necessário que a oposição tivesse, de algum modo, acesso à informação, quer ao nível da produção quer ao nível do tratamento informativo, plural (no caso de o ser...). Sabemos como são escamoteadas as posições diferentes ao discurso do poder... Sabemos, pois, que esse é o tipo de informação demagógica e ofensiva dos mais elementares direitos humanos, contra a qual nos levantamos, por dever profissional e na nossa qualidade de cidadãos.

Curiosamente — ou não... — o dia-a-dia do telespectador ia desmentindo de uma forma lapidar, progressivamente, cada uma das premissas provocatoriamente avançadas. Pudemos ver qual o tratamento dado à presença de Mitterrand em Portugal, pudemos ver também como foram tratadas as múltiplas manifestações antigovernamentais que decorreram no sábado, de Norte a Sul do País. No «Sumário» de sábado chegaram mesmo a falar primeiro da manifestação a Jaime Neves e só depois na dos trabalhadores de Lisboa. E após dois acontecimentos nacionais tão importantes, no domingo dizia-se com a maior das naturalidades a milhões de portugueses que por cá nada tinha acontecido...

Domingo, segundo dia de greve geral, Proença de Carvalho acabou por «institucionalizar» a emissão pirata, não se sabe ainda se violando claramente a Lei da Greve ou não. Base de operações, Centro de Formação da RTP. Logo após a Missa de domingo e o programa religioso «70 x 7» aguardávamos tudo excepto um «Bom dia Domingo»... Seria um mau domingo, feito por meia-dúzia de trabalhadores que estão, com certeza, satisfeitos com a Televisão que temos. Pior para eles que, ainda por cima, a fazem sendo dos principais responsáveis por ela.

Em vez do «Bom Dia Domingo» um «Telejornal» em primeira edição às 11 da manhã... A pretexto da situação na Polónia, Eduardo Moniz e alguns aprendizes lá estiveram uma vez mais a cumprir a sua função de agentes do comissário para a propaganda. O que ouvimos — já que aquilo era mais um noticiário radiofónico do que outra coisa — atingiu por vezes o paradoxo de poder ser entendido como clara ingerência nos assuntos internos polacos. Chegou ao ponto de ser convocada uma manifestação com apoio governamental (Freitas do Amaral)!

Ficamos à espera que nos próximos dias Freitas do Amaral convoque outras manifestações, com o apoio de Duarte Figueiredo e seus agentes, contra o regime racista da África do Sul, as ditaduras da América Latina, o nuclear, a armamento, o custo de vida e, claro, contra esse cancro da sociedade portuguesa que dá pelo nome de RTP! Nós apoiamos.

TELECRÍTICA

Rui Cádima



CDS elogia Proença: durante quanto tempo?

Vários ensinamentos podemos tirar do conflito laboral que opôs a administração da RTP aos seus trabalhadores.

Tratou-se de um conflito que não levou em linha de conta nem a deficiente programação da RTP e muito menos o actual estado em que se encontra a informação do primeiro canal. Ao colocarem as suas reivindicações exclusivamente ao nível laboral, esquecendo as normas específicas de um serviço público de televisão e a sua própria função na defesa da qualidade dos programas e da gestão democrática da Televisão, segundo o estabelecido a nível internacional, os trabalhadores da RTP deixaram que um dos argumentos que lhes seriam mais favoráveis ficasse completamente à margem da luta. Este um grave erro, quanto a nós, na nossa modesta opinião de comentaristas interessados na qualidade dos serviços da Televisão.

Daí decorreu que não fossem abordadas questões tão importantes como a das atribuições dos Conselhos de Redacção e dos Conselhos de Programas naquilo que devia ser uma constante observação dos atentados aos mais elementares direitos dos telespectadores como o da liberdade de informação, de expressão, do direito de resposta dos trabalhadores, da censura, etc.

Segunda-feira, ao contrário do primeiro e do segundo dia de greve, a emissão da RTP decorreu numa aparente normalidade no que diz respeito exclusivamente aos programas emitidos — todos os previstos, incluindo o folhetim de cordel «Daqui Fala o Morto», com Laura Alves, dez anos depois. Quanto ao conflito em si, a greve prosseguia com percentagens de aderência tão elevadas como nos dias anteriores, à excepção dos administrativos. Uma clara derrota dos trabalhadores, sofrida exactamente no dia em que era aprovado em plenário o anúncio de um novo pré-aviso de greve para sábado e domingo próximos.

A greve era justa — e sê-lo-á sempre, desde que continuem a verificar-se os atropelos a uma programação digna, nacional, e sobretudo a uma informação plural e competente. Esta derrota poderá adiar ainda mais a competência, poderá tornar a RTP ainda mais monolítica, ainda mais subserviente às ideias de uma das áreas do poder, poderá, enfim, colocar o «bunker» no lugar do tigre de papel.

Importa de qualquer modo ver como tudo evoluiu de quinta para segunda-feira, até ao paradoxo de, numa empresa com mais de dois mil trabalhadores, uma reduzidíssima minoria assegurar a emissão. Algumas irregularidades foram alegadas. Na Assembleia da República o Partido Socialista por intermédio de José Niza, antigo director de Programas da RTP, pedia um inquérito às possíveis ilegalidades: trabalhadores não qualificados a dirigirem sectores fundamentais da empresa; impedimento da entrada dos piquetes de greve nas instalações; promoção da incompetência; ameaças policiais; emissões ridículas durante os períodos de greve; encomenda de filmagens de emergência a produtores exteriores sem escrúpulos e sem qualquer qualificação profissional para o fazer; subversão da Lei da Greve e da Lei da Radiotelevisão, etc.

De um lado, portanto, o Conselho de Gerência e alguns apaniguados. Do outro lado a maioria dos trabalhadores: má imagem para uma empresa com as características desta, ainda por cima «não deficitária» (já que o é — e largamente — na indústria cultural). Mas em abono da administração veio entretanto o CDS... Largos elogios teceram os democratas-cristãos a Proença de Carvalho, em comunicado de segunda-feira. Seriam precisas mais provas de um compromisso? Durante quanto mais tempo vão os portugueses suportar a ideia de que têm uma Televisão a servir o poder, se não mesmo um partido do poder? Durante quanto mais tempo suportaremos este regime feudal? Durante quanto mais tempo demorará a Televisão portuguesa a emancipar-se da alçada dos partidos políticos e da direita portuguesa?

TELECRÍTICA

12/12/81

Rui Cádima



Bem-vindo Vitorino de Almeida!

A nota sensível foi, na terça-feira, para o afastamento da David-Mourão Ferreira da série «1 + 1 = 1», tendo-se transformado a eventual «tónica retardada» — o sinal de estagnação — em tónica desejada — de há muito — personificada agora no reaparecimento de António Vitorino de Almeida na televisão portuguesa, após um período de afastamento igualmente incompreensível.

«A Nota Sensível» — assim se chama o programa do maestro que agora surgiu, previsto inicialmente para uma série de seis e integrado no híbrido «1 + 1 = 1» (do qual já não há sinal, quer pelo desaparecimento do genérico, quer pelo esquecimento ostensivo na sua promoção). Tratando-se de um programa que aparentemente «desculpa» outras faltas, e tendo em atenção o conjunto de colaboradores que dele fazem parte, outra sorte mereceria...

Foi, aliás, este um dos aspectos que levaram David-Mourão Ferreira a decidir-se pela suspensão da sua colaboração na série referida. Em carta dirigida a Maria Elisa — e publicada parcialmente pelo semanário «O Jornal» de 27 de Novembro — David-Mourão Ferreira mostrava-se particularmente decepcionado pela falta de cuidado que a RTP estava a ter com o lançamento do seu programa, e ainda manifestando-se abertamente contra a «abusiva realização, sem consulta prévia aos responsáveis pelo programa, daquele pseudo-inquérito à opinião pública»... (o tal em que deveriam participar também os críticos de televisão, embora à última da hora fossem desconvocados das filmagens por Maria Elisa se ter manifestado contra a sua participação no inquérito).

Contra as razões que levaram, em parte, David-Mourão Ferreira a rescindir o contrato que tinha com a RTP, veio a tónica geral deste primeiro programa de António Vitorino de Almeida. É pena que pareça ser à custa do afastamento de David-Mourão Ferreira (tanto mais por se tratar de um dos intelectuais portugueses que desfrutaram de uma grande popularidade entre os telespectadores, em toda a história da televisão portuguesa) que se dá o regresso de António Vitorino de Almeida.

Daqui se poderá deduzir, por exemplo, que a Direcção de Programas parece contabilizar as suas colaborações externas não em termos das necessidades culturais da programação, mas antes no retardar e na redução das colaborações com determinadas opções estéticas e culturais que não são exactamente aquelas que levam a direita a dar todo o seu apoio a Proença de Carvalho...

Seja como for, a verdade é que António Vitorino de Almeida é talvez o nosso «bicho de televisão» mais completo, dominando já de uma forma pouco vulgar, mesmo a nível de programação estrangeira, a linguagem televisiva, associando, à pedagogia e à filosofia, a reportagem, o comentário estético ou social, o discurso televisivo ao cinematográfico, a ironia ao non-sense, o erudito ao popular.

«A Nota Sensível» veio mais uma vez demonstrá-lo. Ainda que, sob o ponto de vista da montagem — e das soluções de recurso, ou do domínio dos imprevistos (que habitualmente cabem aos operadores de imagem) — não tivéssemos visto um trabalho tão válido como víamos em «A Música e o Silêncio», cuja equipa era austríaca. Ainda assim tivemos oportunidade de seguir momentos de grande criatividade, ao nível do melhor que nos chegou de Viena de Áustria. Bem-vindo, pois, Vitorino de Almeida!

Sexta-feira, 18 de Dezembro de 1981

TELECRÍTICA

Rui Cádima



Silêncio sobre debates do OGE é grave atentado à Democracia

Segunda-feira, dia 14, último dia da primeira greve geral da RTP, o Conselho de Gerência vinha a público lamentar-se do facto de não poder dar aos telespectadores a habitual cobertura circunstanciada dos debates parlamentares, como tem sempre acontecido quando o Orçamento Geral do Estado é discutido na Assembleia da República. Que havia greve, dizia-se, e que portanto era de todo impossível fazer chegar ao local as equipas técnicas para assegurar a reportagem.

No dia seguinte, Marcelo Rebelo de Sousa, na qualidade de secretário de Estado-adjunto do primeiro-ministro, dava a conhecer uma nota oficiosa na qual felicitava os não grevistas e reconhecia que quanto à greve «apenas estavam em causa questões de ordem laboral». No ponto 3, porém, fazia uma referência directa à questão da transmissão do OGE, avançando entretanto novos dados.

Em primeiro lugar lamentava-se que a oposição «se tenha furtado ao estabelecimento de um consenso com a maioria e o Governo quanto à forma de divulgação dos trabalhos da Assembleia da República sobre o debate e a votação das Leis do Plano e do OGE para 1982», para depois concluir que «dessa atitude resulta ver-se a opinião pública privada do conhecimento pormenorizado de tais documentos (...) através da RTP, uma vez que esta empresa, na rigorosa observância do princípio da imparcialidade, não pode, compreensivelmente, condicionar tal divulgação ao espírito de colaboração exclusivamente manifestado pela maioria e pelo Governo».

Que me desculpem a citação, caso a conhecessem já, mas ela é de facto fulcral para a compreensão da totalidade do problema que tratamos.

Desde já não é difícil reconhecer que a RTP está a incorrer em duas graves faltas perante os portugueses. A primeira deriva do facto de não ter sido ouvida a oposição perante uma acusação tão grave como aquela que foi formulada na nota oficiosa assinada por Marcelo Rebelo de Sousa. A oposição foi como que impedida de exercer o seu direito de resposta. A segunda refere-se à total ausência dos períodos extraordinários de programação habitualmente consagrados aos debates parlamentares, cujos temas são de importância máxima para os portugueses.

Quanto à primeira questão, esperávamos no «Telejornal» do dia seguinte, terça-feira, que se dignassem informar-nos sobre as reacções da oposição à referida nota oficiosa, uma vez que o não tinham feito no próprio dia... Um facto tão escandaloso, ou mesmo uma tão grande provocação, não devia ter passado em claro, como se de uma verdade irrefutável se tratasse. Simplesmente, neste caso, como em tantos outros, uma vez mais o direito de resposta não foi respeitado, as regras democráticas foram infringidas. Com a agravante de a partir daí ficar a pairar a ideia de ser a oposição a não querer a transmissão da discussão do OGE...

Quanto à segunda questão é evidente a falsidade e a demagogia nela contidas, isto para além de denunciar de uma forma infantil o contrário daquilo que tem sido sistematicamente afirmado pelo Conselho de Gerência da RTP: ao dizer-se que a empresa em caso de desacordo entre os partidos não pode garantir as regras da imparcialidade não se está a fazer mais senão a passar um atestado de incompetência aos seus profissionais da informação (e aí até têm razão, com as devidas excepções) e estão, claro, a despir a sua máscara. É que em última instância a verdadeira imparcialidade só pode estar na informação e não no silêncio. Silenciar o debate sobre o OGE, silenciar as críticas da oposição às graves medidas de austeridade agora aprovadas é a mais vergonhosa das parcialidades, é, em resumo, um grave atentado à sociedade democrática.

nã
iza
do
via
O
est
da:
in:
esce
s —
e
tivc
j —
o di
ntic
gua
er c
pa
so
«Se
nti
gi
is -
iva
açã
ito
em

Co
ler
a e
«Gra
jectiv
mãni
portu

a maioria dos exemplos...

TELECRÍTICA

19/12/81

Rui Cádima



Exige-se um inquérito pela não transmissão dos debates do OGE

ERA inevitável. O OGE e a questão levantada em torno da não transmissão dos trabalhos da Assembleia da República teria que voltar à baila. Não é impunemente que se emitem notas oficiais falsas.

Quinta-feira, por duas vezes a RTP/1 foi como que «constrangida» a tocar de novo no assunto. E nós sabemos que em casos destes uma pequena achega não é mais se não uma acha para a fogueira. Tema também da «Telecrítica» de ontem, a não transmissão dos debates parlamentares sobre o OGE é, repetimo-lo, uma grave provocação ao País. Se aqui estamos de novo a falar no assunto é porque sentimos que alguém está em falta para com os portugueses. E esse alguém pode muito bem ser a RTP.

A segunda nota oficial da presidência do Conselho de Ministros, lida no final do Telejornal, de quinta-feira, veio repor alguma verdade sobre esta grave questão, embora mais para além de se ter feito um *mea culpa*, tenha paradoxalmente tornado ridículos o(s) autor(es) da primeira nota oficial que, no ponto 3, como vimos aqui ontem, dizia serem os partidos da oposição os responsáveis pela não transmissão...

Entretanto outros aspectos não menos ridículos vieram a público. Foi no «PH» aliás que tomámos contacto com eles. Era a famosa troca entre o «Sabadabadu» especial de fim-de-ano e os debates: ou um ou outro... Os deputados que escolhessem, pois não havia segundo a RTP outra alternativa.

Voltamos hoje a chamar a atenção dos deputados eleitos pelos portugueses para a gravidade que assume o facto de se impedir que o País siga de perto uma discussão tão importante o fulcral como a que está a ter lugar em S. Bento.

Ainda na mesma noite ficámos sujeitos inesperadamente a um enlatadíssimo serão com nada mais nada menos 2 — séries — 2 por troca do «1.ª Página» com sexta-feira. Tema: OGE!

Para o caso tanto faz que neste mini-debate participe fulano ou cicrano... Não tem grande importância saber quais eram os convidados nem tão pouco o que lá se disse. Essa seria já uma questão secundária.

É óbvio que o «1.ª Página» sobre o OGE surge como um «lavar daí as suas mãos», um «agora não pensemos mais nisso...» um «já passou, já passou...» Não é contudo mais senão um falso «descarte»... A verdade é só uma: em termos de informação, de orientação internacional quer venha ela da UNESCO, das Nações Unidas ou do Conselho da Europa, da ética política ou do respeito pelas regras da sociedade democrática, nada pode substituir o «directo» ou mesmo o «diferido» dos debates parlamentares.

Ora se foi pedido um inquérito parlamentar para se concluir se houve ou não ilegalidades por parte da administração da RTP cometidas aquando da greve geral, mais se justifica agora exigir que a Assembleia da República investigue quais as verdadeiras razões que levaram a RTP a escusar-se a colocar as suas câmaras em S. Bento para a cobertura da discussão do OGE.

Importa pois saber se tudo isto não passa de um embuste, se não surge como uma espécie de represália maquiavélica na sequência da própria greve (não esquecer que a primeira alegação foi a de que não era possível fazer a reportagem por os trabalhadores da RTP estarem em greve), ou se é uma congeminação inconfessável, parte de uma estratégia política, de um conto do vigário, enfim, de uma premeditação... Os trabalhadores da RTP têm, aliás, uma palavra a dizer. Importa pois que também eles contribuam para a clarificação de todo este processo.

Como cidadão eleitor aqui deixo o meu desejo sincero de que se apurem responsabilidades não só pela não cobertura dos trabalhos, como também pelo facto de a oposição não ter utilizado o direito de resposta à nota oficial do Governo.

TELECRÍTICA

21/12/81

Rui Cádima



O espelho e a bruxa

A culinar uma semana de escândalos, dois «directos» cozinhados por Proença de Carvalho e Duarte Figueiredo (como nunca talvez o tenham feito), não chegaram a ser realizados! Isto, só por si, e não atendendo rigorosamente a mais nada, poderia servir de pretexto para pôr em causa a actual gestão.

Nada me anima, pessoalmente, contra o Dr. Proença de Carvalho. Tenho tido com ele, aliás, relações extremamente cordiais. Penso que Proença de Carvalho não tem o perfil próprio para as funções de administrador da RTP. A gestão dos meios de comunicação de massa, quando estatizados, deve ser atribuída, nas sociedades democráticas, por consenso entre os grupos sociais e as forças políticas, e nunca impondo, exigindo, muitas vezes mesmo com chantagem política, «aquela pasta», o quarto poder, quantas vezes o primeiro... É até uma atitude extremamente retrógrada se não mesmo de baixa moral política querer institucionalizar o conflito permanente e dar, assim, do *media*, a imagem da tensão, do anticonsenso, e, mais para além disso, a um outro nível, a imagem da incompetência e da prepotência.

No campo da informação, nomeadamente na RTP/1, a Televisão tem o comportamento do *espelho* — repetitivo e bajulador — perante a *bruxa* — neste caso a AD, sem tirar nem pôr... Ela é a mais bonita de todas... O «diz-me espelho» é a paranóia narcísica institucionalizada pela gestão ao longo dos muitos meses que já passaram.

Não admira pois, por exemplo, que Álvaro Cunhal se tenha recusado a fazer de bobo da corte no debate previsto para a noite de sábado, a integrar o «Aqui e Agora», cujo tema não podia ser outro, para semelhante convite... a Polónia!

Depois do PC ter sido ostensivamente afastado do pequeno ecrã, incluídos os períodos eleitorais, como todos se lembram, eis que o tema «Polónia» aparece a proporcionar o reaparecimento dos comunistas nos «directos» da RTP, depois da «clandestinidade»... De facto, trata-se de um convite que é simultaneamente uma provocação moral e política. É preciso ter a consciência disso.

Antes da recusa de Cunhal, Vitor Constâncio havia recusado participar num outro debate — esse previsto para sexta-feira passada — e incidindo sobre o OGE. Não sei por que razões o fez, mas o que é certo é que a obrigatoriedade de transmissão dos debates, consignada na Lei, não foi cumprida.

E não o foi, tanto quanto estamos informados, por haver necessidade de gravar o «Sabadabadu» de fim-de-ano... Se não é provocação é com certeza refinado *non-sense*... ao ponto de até o Parlamento «engolir em seco»...

Mas voltando ao «Aqui e Agora» que não apareceu, substituído depois pelo «Telejornal», curioso será notar que não chegaram 24 horas (após a recusa de Cunhal) para a direcção de programas reajustar a programação ao «buraco» aberto (embora o «Aqui e Agora» pudesse ter voltado a Viana do Castelo — parece que ficou lá muita coisa por tratar...). Eram 19 e 20, aproximadamente, entrou o Popeye (se a «Francisca» do Manoel de Oliveira fosse a Olívia Palito tinha a promoção assegurada...), para só se ir embora meia hora depois, antes do «tempo» e do «cartaz» dos cinemas e teatros. Depois do Telejornal, contudo, ainda havia tempo para mais meia-horazita de «Pantera»... Quem tinha razão era a Tónia Carrero que está aí para nos abrilhantar a noite de fim-de-ano com alguns *sketches*: «A televisão aqui é tão improvisada como no Brasil»... (ela chegou e descobriu logo...) Não lhe disseram é que por aqui há semanas em que a programação falha durante noites a fio... Quando ela souber vai dizer que nós somos os maiores... Nisso, nem a Globo nos chega aos calcanhares...



Terça-feira, 22 de Dezembro de 1981

TELECRÍTICA



Rui Cádima

Uma boa prenda!

Todos sabemos o que significa ser «uma boa prenda», em linguagem irónica, na tradição popular. Pois domingo passado recebemos em ondas hertzianas, directamente de Monsanto, sacos bem cheios de muitas «prendas» dessas... A maior, digo-vos já, foi o Rui Guedes — essa «be-la prenda» da nossa praça, bem secundada, domingo de manhã, por um rato gigante, um «marreta» à boa maneira do Lumiar — leia-se: dos ratos da Televisão.

Isso foi no «Bom-dia Domingo» — e só foi pena que as Aristogatas não dessem pelo «furto»... Mas daí para o «Topo Gigio», passando pelo «Passeio dos Alegres», todo o santo dia aquelas alminhas estiveram empenhadas numa espécie de festival de caridadezinha, em jeito de pedtório nacional, bem programada, numa atitude profundamente hostil, diria mesmo numa clara ingerência nos assuntos económicos do Estado... É que às duas por três já parecia que a RTP estava com vontade de pedir aos telespectadores que salvassem a crise, ou levando baldes de água, ou oferecendo um litrito de azeite — prendas ali para a Gomes Teixeira, entenda-se...

Enfim, em geral não era bem o Natal dos Hospitais mas para lá caminhávamos... As grandes vedetas do *showbiz* nacional começaram já a afinar as vozes, tendo algumas delas aparecido, aliás sem papas na língua. Houve inclusive quem chegasse a chamar aquilo uma «grandíssima tasca», o que não é exactamente o mesmo que um hospital, mas enfim...

Hermínia, Paco Bandeira, as Doce, o Dany Silva, o Rui Guedes (este, de uma forma sensacional, a revelação da canção nacional, apresentado — pelo próprio — como *special guest star* do «Bom-Dia Domingo», promovendo o disco, despromovendo a RTP), todos apareceram, se bem que o último fosse a «prenda» maior, ainda por cima a bisar!

O Natal e a festa da família, estão aí portanto, pobres mas honrados, apesar da RTP ter «pó gigio» para todos e dar-se um ar de novoriquismo que põe a 5 de Outubro claramente contra a Gomes Teixeira.

Para reparar em tudo isso basta deitar um esgar displicente ao espelho mágico. Vem-nos logo aquele estendal de artificialismo, essa gigantesca apologia da sociedade consumista e de tudo o que no fundo é exterior à quadra, deixando de algum modo a tradição e o próprio quotidiano relegado ao esquecimento. Pretende-se assim um tanto inadvertidamente transformar o Natal numa fachada de algum fausto e alguma opulência, quando a realidade é cruelmente o contrário. Não temos dúvidas de que se Cristo só agora viesse ao mundo a classe dominante fá-lo-ia nascer na melhor clínica privada e transformá-lo-ia por certo no chefe de fila dos novos filósofos...

O Natal, hoje, surge-nos, assim, falso, ou pelo menos é essa a primeira impressão que temos depois de nos sentarmos em frente do televisor. Mistificada a quadra, a realidade social e a própria filosofia cristã, o Natal ganha toda uma moldura que será em última instância devoradora de uma certa consciência humana. A reflexão e inclusive a paz necessária ao homem após o transcorrer de mais um ano não se inscrevem neste mundo materialista, são já utopias.

O Natal está pois em crise. Assim como a família também o está. Do «Porque Hoje é Sábado» para os «directos» de domingo pudemos, via TV, apercebermo-nos disso. Mais uma vez, como é habitual, a nota dissonante foi para o programa religioso «70x7». Uma jovem operária, em meia dúzia de palavras, deu-nos a imagem impressionante da realidade mistificada: «Não vou ter Natal», dizia com as lágrimas nos olhos. Os filhos dela não podiam ter Natal... Sabe-se porquê, embora não através da programação e da informação actuais da RTP.

Nesse sentido pode dizer-se que também a RTP não vai ter Natal, embora pela inversa.

22

Quarta-feira, 23 de Dezembro de 1981

TELECRÍTICA



Rui Cádima

Béjart, Rita Lee: segunda houve noite!

O corpo, a voz. O corpo, a música. O gesto, a palavra. A explosão de cada um deles e de todos. A explosão do espectáculo total. A explosão do trabalho e do amor. Primeiro tivemos uma iniciada — Rita Lee. Depois um mago — Maurice Béjart. Cada um deles a explodir de maneira diferente em cada um de nós, numa noite que eu diria «ensolarada»...

Enlatado por enlatado preferimos pois aqueles que nos trazem quer o rock tropical de Rita Lee quer o ineditismo de uma performance como aquela que Béjart nos deu logo de seguida, sem tempo para retomar o fôlego perdido.

Que bom que era se em cada semana houvesse uma segunda-feira como aquela... Rita Lee, desassossego para todos os lados, do reggae para os boleros, do samba para o rock, aquele cheiro a coisa maluca, aquele fazer crescer água na boca, cheios, bem cheios desse amor louco...

Que bom que era se ainda depois de ver aquela «diva» do rock em pais de samba, pudessemos visionar uma outra diva, bem autêntica esta, a Callas, presente em cada gesto, em cada palavra, em cada som do «Casta Diva» de Béjart.

Rita Lee, aliás, trouxe-nos um dos mais sensacionais shows de que temos memória, entre todos os já vistos ao vivo e em «especiais TV» como este (da Globo) o foi. Béjart por seu lado trar-nos-ia um espectáculo diferente, uma viagem da arte às mais recônditas expressões da memória, apesar de se tratar de uma homenagem à Callas, ou talvez porisso mesmo.

Armando Jorge apresentaria o programa como de difícil leitura, «complexo», essencialmente uma «aventura», para ele, uma batalha desesperada, entre um mito, os referentes culturais e o génio criador de Maurice Béjart. Em suma, como referiu, algo de marginal ao público habitual de televisão.

Apesar da máscara, da representação, mas também por elas, um sentimento profundo de admiração, de reconhecimento do génio, um trabalho feito do amor ao teatro, um trabalho feito de amor pelo dizer, pelo canto, pela mímica, um ritual à Callas como se ela fosse o deus daquele *happening*.

Postos de sobreaviso perante o carácter ecléctico do espectáculo e o seu eventual fracasso junto do grande público televisivo restava-nos ver até que ponto esta nova expressão da arte de Béjart poderia estar ali como um segredo para correr poucos daqueles que já tinham passado ao «filtro» Rita Lee, numa progressão rápida e dinâmica portanto.

Mais uma vez em causa pois o problema dos níveis culturais em audiências televisivas. Não vamos pretender que no canal em que a telenovela é rainha a dupla Béjart/Boulez, à frente do mais «académico» vanguardismo europeu, tivesse forçosamente que estabelecer o divórcio com os receptores. Julgamos mesmo que os seus frutos, apesar de provocatórios, acabam por ser colhidos, ou não fosse «Casta Diva» o género de espectáculo que gera dissidências e mobiliza opositores e apaixonados...

Sabemos que se trata de um espectáculo que atinge uma faixa muito reduzida dos telespectadores portugueses. Sabemos que após um primeiro contacto essa faixa se alargará necessariamente. Mas a questão fulcral é se há alguma coerência na programação da RTP que permita compreender a inclusão de Béjart oito dias depois do «Daqui Fala o Morto» com as relíquias mumificadas do Parque Mayer.

Sexta-feira, 25 de Dezembro de 1981

TELECRÍTICA

Rui Cádima

Topo Gigio Natal dos Hospitais cuidado com as imitações

O dobro do tempo! É preciso ter descaramento! Ainda por cima uma «prendinha de Natal»! Dá vontade de dizer: se um rato incomoda muita gente dois ratos incomodam ainda mais... Mas afinal que raio de país é este que institucionaliza o rato como a pretensa mascote nacional (isto quando Cristo é a figura central no calendário cristão...), sendo o Rui Guedes o seu legítimo representante, o homem que vai defender o boneco em tribunal, contra todas as imitações clandestinas... ??...

Um qualquer «rato de cadeia» (vulgo advogado) diria que estamos num país de ratos, em linguagem popular... Isso seria, apesar de tudo, uma espécie de descarte simplista. De facto não há nada como defender o verdadeiro «Topo Gigio», contra todas as imitações...

Diria mesmo que não há nada como chamar à pedra todos os responsáveis pelos Gigios que por esse mundo fora afirmaram os seus dotes televisivos, e ver se, de facto, em Portugal há ou não há um «Topo Gigio» de voz convincente, embora defraudado no *partenaire*...

A coisa adquire foros de acontecimento nacional, está visto. Convém mesmo travar de uma vez por todas com as falsificações. Convém ver quais os ratos que se aproveitam de um pobre rato... Convém descobrir o mal antes que a peste proliferar.

Mais grave pois que a imitação no *merchandising* é a imitação do próprio programa, ou seja, do seu verdadeiro plano inicialmente previsto, pelo agora tão falado *world copyright*, da sua autora Maria Perego.

Vem tudo isto a propósito daquela breve promoção de uns poucos segundos, vista logo a seguir ao comunicado do Conselho da Revolução: na véspera de Natal, segundo se anunciava, o «Topo Gigio» iria estar nos ecrãs o dobro do tempo habitual! É caso para pensar que mal fez Cristo a Deus para ter na noite de aniversário do seu nascimento um rato acompanhado do diabo em figura de gente...?

Bom. Ficamos à espera que os anjos nos ouçam... As coisas esqueceram-se entretanto. Um café e um bagaço, como diria o Rui Veloso (salvo seja), e tudo passará... Ou não fosse isso o salvar da tarde de quarta-feira.

Desta vez, o já muito divulgado «Natal dos Hospitais» preencheu grande parte da tarde até ao início do Telejornal. Pelo Santa Maria desfilou ao fim e ao cabo a canção-nacional e a nacional-canção para que todos, e ninguém pudessem reclamar. Do mais fadista ao mais rocker, do rezingão ao pacato trovador, todos quiseram contribuir com a sua colaboração (alheia a qualquer sentido comercial, é evidente) num espectáculo que, segundo as más línguas, tem quase tanto impacto como o Festival RTP da Canção..., num estado já perfeitamente senil. No dos hospitais não se pode dizer que o pluralismo estético e político não tenha sido respeitado. Apareceu lá de tudo, mais uma vez. Houve muito doente que ficou mais doente, outros houve que não suportaram mais dor...

No fundo, trata-se de um espectáculo-purga, uma espécie de elixir intragável contra a maleita, do qual tudo foge. Atendendo ainda ao pretenso êxito do espectáculo, do qual duvidamos, aliás, é ainda um convite à doença, de consumir a televisão que nos impingem, como se em vez de estarmos em nossas casas estivéssemos numa cama de hospital... O que é facto é que todo o telespectador assíduo, por muito crítico que seja, não deixa de, em grande parte das vezes, receber de uma forma imediatista essa imagem de fachada, de falsidade, que, supostamente, alguém pretende que seja a sublimação das multidões. O Natal dos Hospitais é no fundo um certo quotidiano português, é o fado de um destino, ligeiro e triste, virado para a morte, para todo um presente submisso, doentio. É contra esta tendência que importa lutar.

TELECRÍTICA

28/12/81

Rui Cádima



la

21

li

Natal-masoch-surreal

Caro leitor: se estava à espera que o Capitão Quesada aparecesse num *sketch* a - propósito - da festa - da - cerveja que vimos sábado passado, em plena quadra natalícia, esperou e frustrou. Não pense contudo que esta prosa aqui vai surgir pela pena de um qualquer membro de uma qualquer associação antialcoólica. Não pense também que aqui vimos dizer, como o Ant'ónio Sala, que melhor do que um copo só dois copos...

Nada disso. A RTP, por seu lado, veio dizer-nos que não há nada como sentar os portugueses à mesma mesa, por-lhes dessa bem loirinha à frente e, em caso da coisa extravasar via meios de comunicação de massa, por-lhes um cheirinho a émulo do Capitão Quesada, qual Tossan, entertainer-moralista avisando que não há nada, no fundo, como aprender a beber: «Tu só tens que saber quando são horas de parar...» Assim, a coisa ficava remediada e não havia ninguém que se pudesse queixar...

40 anos de cerveja! Não há nada como comemorá-los! Em directo, se possível! Mesmo assim a festa veio com algum atraso. Por lá passaram os nossos mais desdobráveis e habituais intérpretes, figurantes, homens - dos - sete - ofícios do - mundo - do - espectáculo - e - da - publicidade... Não fosse a cerveja e ficávamos mais pobres em festejos natalícios. Lá teria que vir mais umenlatado. Assim, um copo e um Gervásio - que - não - vai - ao Ginásio - mas - vai à - festa - da - Portugal e pronto, tá tudo resolvido.

Pena foi que não fosse em directo, logo a seguir a uma das intervenções do Capitão Quesada, com um anúncio da «Francisca» pelo meio (pago pelo distribuidor) quando Camilo manda vir mais um conhaque pela morte de José Augusto!... Que drama! Que País! Tínhamos um Natal sado - masoch - surreal como nunca houvera na história!

Deixando o álcool e a tragédia para trás — vade retro! — mergulhe-mos no verdadeiro espírito da quadra que nada se coaduna em boa verdade com essas festarolas loucas da cerveja, promoção vertiginosa dessas drogas fatais...

Uma quadra ao fim e ao cabo ensombrada, ou alumiada, como quisessem, pelas velas que não se acenderam ou se acenderam em memória do martirizado povo polaco. Ronald Reagan pediu-o. E logo a RTP se prestou a fazer-se eco desse pedido. Pena que Reagan e a Televisão suíça não tivessem extortado o Mundo a acender velas pelo povo timorense, angolano, chileno, uruguaio, boliviano... e, da mesma forma, a RTP! Mas por pouco não apareceu ali nenhuma das habituais carpideiras a dizer que Pilatos era russo e que We Walesa era enviado do Senhor e que Reagan também é que o Pinochet é que teve razão que deu cabo deles... Nisto de aproveitamento político das situações quem sabe é a RTP. E ninguém melhor que eles poderá ter neste País um estatuto de fiel servidor das ideias que germinaram com a Revolução Francesa...

As «Boas Festas» foram abrilhantadas este ano com os brasileirismos da Turma da Mônica, uma espécie de «Vamos dormir» em desenho animado para consumo natalício. Nisto de televisões não há nada como não fazer nada, comprar já tudo feito... Essa é, sem dúvida, a política da casa.

Odiver na Ta

O Oc de Port no seu por 2-0. O ad próximo em 10 cabend te.

Nós até pensávamos que não valia a pena o Rui Esteves ter andado em canseiras para reunir aquelas cinco visitas na véspera de Natal. Mais valia fazer como de costume: esquecer que eles existem... Assim não se teria visto aquela vergonha de se cortar abruptamente a entrada da Ana Bela Chaves — um dos grandes embaixadores da cultura portuguesa no estrangeiro, intérprete de renome mundial — para dar o programa em directo de Roma. Isto só demonstra a bandalheira que é hoje a RTP. Não há o menor pudor em mandar às urtigas seja quem for quando não se cumprem rigorosamente os horários previstos para as emissões. Chama-se a isto prepotência, degradação, a. É este estado de coisas que continua a reinar na RTP. Para cúmulo, teria que acontecer com Ana Bela Chaves, mais uma «exilada» no seu próprio País.

A véspera de Natal foi ainda pretexto para um «bis» de Rui Guedes, o que não deixa de ser preocupante...

lo

A psicologia

20

24/12/81

TELECRÍTICA

Rui Cádima



Camilo, Natália, Balsemão: sempre a tragédia

Enquanto o crime perfeito era cometido na RTP/2 pela mão hábil de mestre Hitchcock em mais uma série dos seus especiais para televisão, Natália Correia penetrava na cadeia da relação do Porto, não para responder por qualquer crime cometido no canal oposto, ou por qualquer dano prestado a outrem, mas antes para melhor nos descrever aquilo que referiu ser a «paixão e a morte» na obra de Camilo Castelo Branco.

As primeiras imagens partiam pois de dentro de uma cela, tal qual acontecia também no anterior programa de Manuel Alegre sobre Bocage, transmitido há quinze dias. As produções Manuel Guimarães, responsáveis pela realização de qualquer destes programas, respectivamente «Neste Lugar Onde», de Natália Correia, e «Trovas do Vento que Passa», de Manuel Alegre, mostrando parecer atravessar um período essencialmente dedicado a um certo *trágico* na cultura portuguesa, não consegue por outro lado soltar-se dessas grades que a envolvem, que são significativa e paradoxalmente sinais de *paixão*, tal qual ela se tem apresentado nalgumas das biografias dos nossos homens de letras até agora tratados. A paixão torna-se trágica e o trágico é muitas vezes o crescendo final da luta... Atente-se em Camões, por exemplo.

Daí, talvez, as longas sequências passadas dentro das cadeias, a cela como significante intertextual, como símbolo de um passado complexo quer no programa de Manuel Alegre, quer neste agora de Natália Correia; quer em Bocage, quer em Camilo.

Mas se nesta primeira parte sobre o autor de «Amor de Perdição» tivemos a paixão, na segunda parte teremos o infortúnio, a morte, tal qual ela surgiu tanto nas elipses românticas como nas imagens bem transparentes criadas por Camilo na sua vastíssima obra.

Curioso notar que este programa de Natália Correia sobre Camilo foi extremamente favorecido, ao contrário de muitos outros, pela introdução de frases musicais, extractos de peças eruditas, bem integradas nas sequências exactas, por assim dizer. O programa de anteontem valeu mais por isso mesmo: como nunca tinha sido feito até aqui, desta vez houve um aperfeiçoamento na banda sonora que há muito era, aliás, desejado. Mais ainda, portanto, que os dados avançados pela poetisa e deputada, mais ainda do que os movimentos de câmara (agora também melhorados), o que nos pareceu mais conseguido foi de facto a inclusão desses apontamentos musicais a sublinhar o de alguma maneira frágil discurso filmico.

«1 + 1 = 1» a melhorar, portanto. Pena que na pequena sequência do «Amor de Perdição», fosse escolhido o mudo de Gerges Pallu e não a mais recente «remake» considerada já, apesar da polémica que originou em Portugal, como uma das principais obras do cinema contemporâneo. Teria sido bom que em vez de Pallu aparecesse Oliveira. Nos tempos que correm, e dos quais nos foram dados elementos quer pela intervenção de Pinto Balsemão (mais elementos sobre o *trágico*), quer também por Lucas Pires sobre os problemas concretos do pelouro da cultura, sonegar o «mestre» e o filme que mais o projectou a nível internacional, relegando-o para um plano secundário perante Pallu, é um tanto provocatório. Apesar de tudo, Pallu, sessenta anos depois, foi ali citado de uma forma extremamente digna. Pallu era já um cineasta que sabia do seu *métier*...

Terça-feira, 29 de Dezembro de 1981

TELECRÍTICA

Rui Cádima



El Tony es el mayor!

Estou absolutamente convicto de que a D. Salette Pureza não estava a brincar quando disse ao senhor Joaquim Isidrio que gostava era de ter tido um 'pó gigio' como prenda de Natal...

Toda a gente gosta de ter um 'pó gigio'... Não é por acaso que é o boneco mais anunciado nas ruas da Baixa... Agora de um Rui Guedes é que é mais difícil gostar. Ainda que seja um pianista (salvo seja!) de renome em certos círculos da sociedade lisboeta...

Bom, a verdade é que ninguém ouve na Baixa lisboeta anunriarem os Rui Guedes pró menino e prá menina... Topo Gigios sim, verdadeiros, falsos, piratas e de todos os feitios. Rui Guedes nem um... Há ratos e ratos, diz a tradição...

Domingo, abençoado tivesse sido, não tivemos o Rui Guedes. Apesar disso, muitos foram os admiradores do ratito a festejarem o acontecimento, não tanto pelo seu não aparecimento — que ele agora até nos anúncios aparece, já parece o Nicolau Breyner — mas mais pelas férias do Rui Guedes... Que sejam longas e no meio de muitos ratos... Mas a D. Salette Pureza não se esqueceu de homenagear com todo o seu charme a simpática figura do bichano. Bem-haja, D. Salette!

Não tanto declamador, antes um *latin-singer* implacável e inigualável (o Júlio Iglésias ao pé dele...), o já lendário Tony Silva, idolo dos domingos à tarde, também ele gosta de homenagear de muy dentro de si, o famigerado rato... Essas acções humanitárias muito bem lhe ficam.

Importa dizer, contudo, que não é isto que o projecta no estrelato internacional. Honra aqui seja prestada à RTP. Não fosse ela e o Tony Silva era ainda hoje pouco conhecido entre nós. Estaríamos hoje ainda muito longe de saber que ele é um primeiro-ministro no defeso, ou, melhor, «não-praticante» Tem demonstrado à saciedade, por outro lado, que toda a sua capacidade romântica, a sua moral, os seus conselhos devem ser acarinhados e seguidos. Mais um esforço, Tony, e a casa é tua! Salva-a antes que seja tarde. Injecta-lhe o teu sangue, torna-a submissa, ocupa-a selvaticamente, como s'o tu sabes... Estou certo de que o teu grande amigo Dr. Proença de Carvalho te facilitará tão nobres tarefas... Enfim, não te limites a dizer «Isto é que vai uma crise...!». Põe em acção o teu projecto da conquista do poder! Por mim, pobre crítico de TV, limito-me aqui tão só a fazer eco da ind'omita vontade das tuas admiradoras... Prá frente Tony! «Es el mayor de todos, segura-te dessa!» Deves, inclusive, destronar a «los Joaquins Isidrios e Pereiras de Sousas». Tu sozinho enches o domingo! «Solo tu!» Só não será muito aconselhável ficares com o «70 x 7», como sabes, o «magazine» religioso... De resto até a «Beulah Land» pode ser tua. Aliás, a Sarah sente-se agora muito s'o... Pensa nisso.

No caso de ainda te lembrares dos milhares de filmes que vias por ano ao longo da tua adolescência — aliás, aprendeste a dançar o tango, a ver o Carlos Gardel a beijar argentinas ali no Jardim Cinema, nunca te esqueças disso — podias também tomar conta do «Magazine de Cinema», agora coordenado pelo Dr. Vieira Marques, teu velho amigo que, entre tanto, deve ter tirado uma espécie de pós-graduação entre os quarto e o quinto episódios. O Dr. só lhe fica bem... O que é certo é que ninguém como tu poderia falar aos milhões de admiradores nos filmes da semana. A tua grande paixão pelo Manuel de Oliveira levar-te-ia, por certo, a gastares dois ou três meses só com o «Francisca». Aliás, merecia-os, nem que fosse só para compensar o tratamento que lhe tem sido dado até aqui... Como temos visto o Dr. Vieira Marques só promove os Aristogatos enquanto os outros promovem os Aristoratos. S'o tu é que poderias repor as coisas no seu lugar. Confessa que és o D. Sebastião da 5 de Outubro! Vá lá, não te envergonhes... Volta depressa! (Elas não me largam, querem que eu o peça aqui mesmo na «Telecritica»!)

CINEMAS

Filmes em estreia

A NOITE DO FALCÃO — Con-
des — Tel. 322523 — 14.00, 16.45,
19.00 e 21.30. Realização de Robert
Butler. Suspense. Interdito a menores.

Segunda-feira, 4 de Janeiro de 1982

21

TELECRÍTICA

30/12/81

Rui Cádima



Viva o Totó, abaixo o «Taxas»

Se tivéssemos que dar a nossa opinião sobre quais foram de entre os programas emitidos nesta quadra aqueles que mais se poderiam ter parecido com uma verdadeira prenda de Natal, escolheríamos, obviamente, não o «Ou Vai ao Taxa», mas sim as «matinêes» que a RTP nos tem dado excepcionalmente nestes últimos dias.

Tratam-se aliás de emissões coincidentes com as férias escolares, parecendo assim que se trata de programação dirigida aos mais novos, remediando-se deste modo, neste período festivo, a não existência de programação durante as tardes, ao contrário do que acontece na maior parte dos países desenvolvidos e mesmo noutros países, ao nível de televisões públicas e privadas.

Pelos filmes programados podemos ver facilmente que o critério de escolha teve como intenção primordial ocupar, digamos assim, os tempos livres dos mais jovens. Quer pelo tema, quer pela suposta classificação etária dos diversos filmes já emitidos, e ainda a emitir nos próximos dias, podemos constatar-lo. Só temos por isso a felicitar a RTP por esta louvável iniciativa.

Se a iniciativa é já em si extremamente louvável, mais ainda se torna pelos filmes escolhidos. Na verdade comparando as obras que estamos a ver neste miniciclo das tardes das férias de Natal com a qualidade média de programação de longas-metragens na RTP/1, reparamos que em nada lhe fica atrás, bem pelo contrário... Não é todos os dias que se pode ver Totó, Fernandel, Lewis, Fred Astaire, e tudo o resto que tem passado...

Relembrando os filmes já passados, temos logo de início uma pequena série de três fitas dedicadas a esse fabuloso par de dançarinos que foram Fred Astaire e Ginger Rogers. Deles vimos «Chapéu Alto», «Ritmo Louco» e «Vamos Dançar?». No conjunto, e apesar de se tratar de uma ótima escolha (integrando aliás os melhores filmes desta dupla imbatível), talvez tivesse havido um pouco de exagero em programar logo três filmes de uma assentada, fazendo das tardes da «1» uma espécie de «cinemateca» do sapateado...

Tivemos também essas extraordinárias e «efabuladas» imagens de «Os Contos de Beatrix Potter» interpretadas pelos miúdos do britânico Royal Ballet — talvez o ponto alto da programação para crianças, já que «Vinicius para crianças», emitido na noite de Natal, dizia também respeito aos mais adultos.

Segunda-feira, «Totó, Polícia e Ladrão», de Monicelli, fazia-nos ganhar fôlego para à noite nos resgatar ao suplicio de ver o «Ou Vai ao Taxa». Nós pagamos a taxa (ainda por cima!) e por isso não nos sentimos no direito de aturar o insuportável produzido à maneira de penalização terrível para todos os que fogem ao fisco televisivo. É de facto uma espécie de tortura... Se o estimado telespectador não paga a taxa tem na última segunda-feira de cada mês o martírio dos martírios, o primeiro incentivo na própria programação da RTP a deixar de pagar a taxa, quando não mesmo a partir o televisor... Do que vi nesta segunda-feira nem quero pensar!

Passo ao Totó, especialista noutros contos do vigário que não os da RTP. Os deles eram de profissional, por ele até dávamos a carteira cheia à RTP... agora manifestações mentecaptas é que não... Por favor!, ao menos sejam profissionais — nem que seja do amadorismo!

21

TELECRÍTICA

31/12/81

Rui Cádima



Apague o televisor antes da meia-noite e comece bem o ano

No último dia do ano, o crítico, após ter visto tantas horas de televisão quantas aquelas que dormiu, recomenda sinceramente a todos quantos o têm acompanhado no sacrifício de ser telespectador, que se querem entrar o ano com o pé direito façam tudo menos ver televisão... Quem vos avisa é a voz da experiência... Vejam lá agora como é que entram o ano...

Para além da passagem de ano e da programação especial própria da data (que se verá logo à noite e sobretudo durante o dia de amanhã) ao longo de toda a semana tem ressaltado à vista desarmada, mais uma vez, a falsidade da afirmação de que os tão falados 60 por cento da programação seriam de origem portuguesa.

É certo que, considerando agora os períodos extraordinários de programação durante as tardes da quadra de Natal, não se pode pôr a questão da mesma maneira. Só em longas-metragens, de segunda a sexta, isso quereria dizer um acréscimo da ordem das oito horas de programação estrangeira — já que, apesar de se tratar de uma programação extremamente criteriosa, nenhum filme português, do «antigo» ou do «novo» cinema foi programado. E de facto é lamentável que isso ainda aconteça hoje, depois de se fazerem campanhas, depois do apoio ao cinema português ter sido declarado pelas mais altas instâncias do poder, nomeadamente por Lucas Pires, ministro da Cultura, depois ainda de o cinema português estar a ser recebido a nível internacional da forma que todos sabemos, com prémios atrás de prémios, com distinções atrás de distinções. Pena que só a RTP não faça coro com toda esta evolução, com este reconhecimento geral. Aqui vai pois um aviso para Luís de Pina, um homem profundamente embrenhado quer em toda esta problemática do cinema português quer ainda nas emissões de filmes de longa-metragem através da televisão. É já tempo do cinema português ser defendido na RTP.

Esta questão das relações do cinema e da televisão que de há muito temos querido abordar terá aqui um destaque especial talvez já amanhã, caso nada de anormal entretanto surja na caixinha das surpresas... Será uma boa forma de começarmos o ano, tirando o chapéu ao audiovisual!

Mas dizíamos nós: nada mais nada menos de oito longas-metragens em cinco dias! É obra! Com tanto filme é evidente que os cinéfilos estão de parabéns — a escolha foi aliás surpreendente. Mas estão eles e não está a maioria do grande público... Para dizermos «programação nacional» teremos que dizer «Sabadabado Especial» — e esse é só para logo à noite — teremos que dizer «A Vida Íntima da Laura» (e esta é uma peça para amanhã à tarde), teremos que dizer, ainda, por muito que nos custe, «Ou Vai ou Taxa»... O resto é informação abjecta, «divulgação», etc.

Assim vão os Tópal propalados sessenta por cento de programação «fabricada em Portugal»... Aqui há ainda a considerar o novo programa que entretanto apareceu s'ó na terça-feira, apesar de já ter sido anunciado há algumas semanas atrás: rhamase «TV Rep'orter», do sector dos «não-dizemos» nacionais, e, ao que parece, tal como tem acontecido algumas vezes com a «Grande Reportagem», trata-se de um programa voltado para o País real e para a reportagem mas que não necessita de sair das 4 paredes do estúdio... Pelo menos neste primeiro programa o Adriano Cerqueira nem se levantou da cadeira. Um filmezinho do Governo Regional dos Açores e já está! Não custa nada. Só falta agora descobrirem o filão dos filmes das embaixadas e dos centros culturais estrangeiros... então é que vai ser viabilizar a empresa...

TELECRÍTICA

Rui Cádima



Sobre «Deixem a Polónia ser Polónia»

UM dos raros intelectuais portugueses que tem vindo a assumir com uma certa regularidade no seio da esquerda portuguesa (esquerda democrática e esquerda estalinista) uma posição de certa forma independente em relação à questão polaca é Eduardo Prado Coelho. Lembramo-nos dos seus últimos artigos quando viamos aquela montagem de pequenas sequências emitidas em directo do continente americano para todo o mundo, em homenagem ao povo polaco.

Como é sabido, o discurso ideológico não tem em Portugal praticamente nenhuns teorizadores, nem tão pouco, para nossa vergonha, quase nenhuma polémica. Em Portugal a ideologia vende-se em «cassetes»... habitualmente passa-se à margem das grandes questões. Prado Coelho é uma das raras vozes que vai tentando introduzir um discurso teórico que é sobretudo produzido em França. Mesmo assim parece ser só o interlocutor de alguns.

No programa (que privilegiou particularmente o nosso país...) vimos no nosso caso nem mais nem menos do que aquilo que estamos habituados a ver aqui: Balsemão denunciando a repressão na Polónia, Soares idem, a UGT idem. Para além disso nada mais. Aqui, de qualquer modo, só não costumamos ver é bandeiras do CDS montadas na sequência de imagens imediatamente a seguir à pequena intervenção de Mário Soares... Fora isso o programa pareceu-nos quase perfeito.

Por cá, portanto, este ou aquele dirigente partidário limita-se exclusivamente a avançar um certo número de lugares comuns. «Discutir» a Polónia em Portugal tem sido quase exclusivamente «ler» Eduardo Prado Coelho... Em termos televisivos faça-se referência à «1.ª Página» da autoria de Margarida Marante (na qual participaram António José Saraiva, Marcelo Curto, Eduardo Prado Coelho e José Miguel Júdice — programa que teve o mérito de levar ao grande público um debate raro neste país) e ainda um «Quarta Há Noite» coordenado por Henrique Garcia onde participaram militantes dos quatro maiores partidos, incluindo o PC. Para

além deste simples «marcar o ponto», pouco mais se viu na RTP sobre a Polónia.

Chegou entretanto a vez de ver uma superprodução norte-americana patrocinada por Ronald Reagan e a United States Information Agency e realizada por um dos grandes especialistas de realização em televisão nos Estados Unidos: Martin Pasetta, que costuma também assinar as grandes homenagens produzidas pelo American Film Institute. Tivemos o tão anunciado «Deixem a Polónia Ser Polónia».

Não estão portanto em causa os princípios universais da liberdade e dos direitos do homem quando se trata de libertar os povos da opressão. O que estará em causa é a emissão no contexto da história presente e passada; em causa está a campanha de propaganda como objecto persuasivo, transmitida via satélite para mais de trezentos milhões de telespectadores, como jamais se fez na história da Televisão. Em causa está portanto o fenómeno espectáculo e o fenómeno histórico e sociopolítico. Isto numa primeira abordagem, não tentando desde logo a análise ideológica.

Como espectáculo foi grandioso, como só os americanos podem fazer. Sob o ponto de vista histórico surge isolada. Não há memória que este tipo de emissões se tenham realizado a propósito desta ou daquela restrição das liberdades. Sob o ponto de vista «ético» e político diremos que estes não foram os melhores organizadores. Não seria preciso recuar ao Chile ou ao Vietname para o provar... Por outro lado esta gigantesca campanha retirou aos países da área do socialismo democrático a possibilidade de vir a fazer recair sobre si uma iniciativa do género. «Discutir» a Polónia passa pois por tudo isto, e pelo aproveitamento que a direita faz do «caso» polaco. É que — e cito Prado Coelho — «O melhor director de Televisão que o general Jaruzelski pode neste momento arranjar é precisamente Prouença de Carvalho», mas também: «Nada poderá servir melhor a direita portuguesa do que a imagem de uma esquerda minimamente manchada ou comprometida pelo escândalo polaco.» E «uma certa» esquerda portuguesa ainda o está.

Segunda-feira, 4 de Janeiro de 1982

TELECRÍTICA

Rui Cádima

Efeitos da ressaca da re-seca e da re-chuva

Hoje, dia 4 de Janeiro, transcorridas já algumas dezenas de horas sobre a passagem de ano, vamos propor-vos um mergulho na máquina do tempo e fazer com que regressemos ao dia 31 de Dezembro de 1981...

Você, leitor, acabou de jantar, e pelo sim pelo não ainda decidiu deixar uma olhadela ao programa de televisão. Eis senão quando uma espécie de transe hipnótico se apodera de si... A causa era o «Grande Houdini»!... E, claro, fez logo com que você se sentasse no sofá e não arredasse mais o pé dali. Aquilo era mesmo terrífico, maldito, «do outro mundo, sem dúvida... Antes que ficasse aterrorizado você passou logo para o Gene Kelly em Pasadena. Veja lá agora a receita que a Maria Elisa lhe passou para você se entreter na noite de fim-de-ano! Quem o avisou seu amigo foi... Nós bem lhe dissemos para apagar o televisor antes da meia-noite...

Houve de facto quem apagasse, fosse beber um copo e acabasse em casa dos amigos a comemorar o regresso do Marco Paulo, do António Mourão e do Paulo Alexandre, para não falar já no Grupo de Baile... Disto não temos nós todos

os dias na televisão...

Mas passadas as mágoas e os medos sobre esse mágico horrificante que foi o Houdini, e também sobre todos os outros horríveis da noite de fim-de-ano — já citados — e ainda sobre o Grupo de Baile (eu não os convidava nem para o baile dos bombeiros — isto não quer dizer que pusesse o pi sobre toda a banda sonora), idos eles e os outros, veio a Tónia Carrero uma mensagem de Natal para todos os telespectadores — nem a simpática Tónia bate a Ivone! Nesta «S. Silvestre» quem ganha somos nós! Nem sequer era preciso mandar vir a Tónia para sabê-lo — mais a mais nesta fase de grande sovínice televisiva. Mas a Maria Elisa já lhe havia prometido no Rio uma vinda a Portugal... E veio! Só faltou o «Tempo» patrocinar a iniciativa...

O ano começava assim. Valeram-nos a Ivone, o Camilo e mais as suas «cegadas». De qualquer modo tudo isto era já mau sinal. Não fossem eles e as saídas eram mesmo agoirentas.

A tendência do fim-de-semana confirmou-se nos primeiros dias do ano. No sábado foi o que se (não) viu... Mas no dia 1, sem interrupções nem cortes de energia, tudo aquilo que estava programado para o início da tarde foi mandado às urtigas — o Houdini com certeza que não é estranho a estes maquiavelismos — e a encerrar a tarde, antes do Telejornal, houve só um atraso de 35 minutos na entrada do Telejornal! Por outras razões, no sábado aconteceria mais ou menos o mesmo. Nada mal, para início de ano...

Hélder de Sousa seria o apresentador do primeiro Telejornal do ano. Primeiro assunto tratado: a homilia e a Missa de ANO Novo dada pelo Cardeal Patriarca D. António Ribeiro em Vila Franca de Xira. Segundo assunto tratado: a homilia do bispo do Porto, D. António Ferreira Gomes. Terceiro assunto: a «S. Silvestre» dos bebés nascidos em Lisboa e Porto. Quarto assunto: as visitas do Presidente da República a algumas empresas de laboração continua.

A «Informação/2», por seu lado, num trabalho assinado por José Alberto Machado, fazia alinhar logo na abertura a reportagem sobre a visita de Ramalho Eanes. Aliás, foi a partir dessa reportagem que o «Telejornal» elaborou o seu trabalho, embora tivesse sido muito maltratado, mal e porcammente montado, isto, claro, em comparação com o que vimos na «2». O Presidente da República continua a ser desprezado pelo «Telejornal». Ele mesmo o recebeu, já habituado que está... Não sabemos portanto o que é que levou o responsável da emissão a colocar D. António Ribeiro e o bispo do Porto antes do Presidente da República e a homilia papal de João Paulo II para o fim do «Internacional». Pensá-mos que fossem efeitos da «ressaca»... Seriam?

Segunda-feira, 11 de Janeiro de 1982

TELECRÍTICA

Rui Cádima



Sábado: uma excepção a que não faltou a regra

O sábado que passou teve um tanto excepcionalmente diversos focos de interesse. Na verdade vários foram os programas a sobressair em relação à mediania habitual. Lembremo-nos inclusive de programas de produção interna que entretanto surgiram com uma nova dinâmica. Dada a raridade destes «fenómenos» obviamente que teríamos de ficar favoravelmente impressionados.

Referimo-nos nomeadamente aos dois programas que foram para o ar sensivelmente à hora de almoço, qualquer deles de produção interna. Primeiro tivemos «Memória de um Povo», documentário consagrado a determinados rituais de fim de ano da região de Miranda do Douro (só foi pena que não tivesse sido emitido na altura própria...), depois vimos o já conhecido «Muito, Pouco, Tudo ou Nada», apresentado por Isabel Bahia e que nesta edição de sábado, com António Vitorino de Almeida por convidado, nos pareceu atingir uma das suas melhores sessões.

No que se refere aos programas «externos» fomos de igual modo surpreendidos. Estamos a pensar na retrospectiva feita sobre todo o ano musical no «ViváMúsica». Infelizmente o mesmo não podemos dizer do magazine de cinema que acabou por ter como único motivo de interesse a reportagem feita sobre a rodagem do filme de Fernando Lopes, a «Crónica dos Bons Malandros».

Se fôssemos no entanto para os enlatados iríamos descobrir nada mais nada menos do que as duas melhores séries estrangeiras que passam actualmente na RTP: «Cosmos» e «Cem Grandes Quadros».

Só por estas razões seríamos levados a dizer que este segundo sábado de 82 muito prometeria para o ano inteiro não fosse o resto da semana estar invadido de programação de «segunda».

Contratempos tivemos também como não podia deixar de ser... O bis do «Sabadabadu» uma semana depois da primeira emissão pareceu mais ser uma necessidade de programação do que propriamente uma resposta aos pedidos de muitos telespectadores, como foi dito.

Mas o pior não viria com esta repetição fastidiosa do programa de César de Oliveira (se houve razão para repetir, este, mais havia por outros da mesma série). O pior seria aturar o Adriano Cerqueira mais os seus convidadas ditos «astrólogos». Num repente o estúdio ficou transformado na barraca de feira que tantas vezes tem sido. Alquimistas, doutores da mula rasa, bruxos e pára-quedistas da informação não saltaram para discutir os graves problemas com que se debate o país ao nível das previsões futurólogas, o suficiente afinal para estar destinada ao telespectador a fatalidade do dia. Má sina a nossa...

Contratempo foi ainda o encerramento com «Dallas», cada vez mais quadrada, muitas das vezes sem pontos de fuga em comparação por exemplo com o que de melhor nos chega da telenovela brasileira. «Dallas» é de qualquer modo uma série respeitável, ou não tivesse batido todos os recordes dos «rankings» norte-americanos chegando a fazer praticamente com que todas as santas alminhas yanques sintonizassem os episódios mais emotivos em percentagens jamais vistas na história da televisão americana.

A nossa preferência foi contudo para o programa de Teresa Olga realizado na região de Miranda do Douro, numa perspectiva etnológica, ao encontro das tradições culturais mais arraigadas na população de Vila Chã da Braciosa.

A grande importância do programa está em ter chamado a atenção para o facto de se estar a perder nesta região todo um passado que e simultaneamente uma fonte inesgotável de saber ancestral. Resta saber se o país vai responder aos dramáticos S.O.S. que o Património tem vindo a lançar...

Terça-feira, 12 de Janeiro de 1982

TELECRÍTICA

Rui Cádima



A propósito de uma sondagem

Em qualquer cadeia de televisão europeia é habitual fazerem-se sondagens junto da opinião pública imediatamente a seguir à emissão de determinados programas para se ver de uma forma mais aproximada quais as verdadeiras reacções do auditório aos programas em causa. É com efeito um processo já de há muito utilizado pelas redes emissoras de televisão. E não só obviamente pelas redes emissoras. Por esse mundo fora jornais há que fazem as suas próprias sondagens periódicas, inclusive diárias, por forma a informar os seus leitores das reacções a nível global. O género de sondagem sobre a programação televisiva é, aliás, muito comum de ver mesmo nas publicações não especializadas.

Quanto à RTP é do domínio público que muito pouco se tem feito nesta área, reconhecida como fulcral para qualquer política de gestão a médio prazo. Lembremos inclusive uma recente entrevista de Proença de Carvalho onde era referido que em breve haveria uma reformulação profunda neste âmbito, passando a fazer-se com uma periodicidade relativamente estreita os necessários inquéritos à opinião pública. A não ser que as coisas melhorem, ficamos pois com a ideia de que a RTP tem um sistema de contacto com o auditório extremamente deficiente, feito a espaços largos, e sobretudo, feito no segredo dos deuses uma vez que das raras sondagens feitas não se soube absolutamente nada. Podemos pois acreditar que a RTP está ainda na sua pré-história dos contactos com o seu auditório.

É frequente ver uma continuista ou um qualquer apresentador de programa referir-se ao facto de terem havido muitos telefonemas, cartas, etc., do público em relação a esta ou aquela questão, este ou aquele programa. A partir daí é também frequente ver que se fazem alterações na programação por este ou aquele comentário, por mais ou menos telefonemas. Foi porventura o que aconteceu com o «Sabadabadu»

deste último sábado.

Entretanto vinha a público no semanário «Se7e» uma sondagem feita a jovens portugueses entre os 12 e os 21 anos sobre a programação na rádio e na televisão. É de facto uma sondagem que quase ganha foros de ineditismo pela raridade com que aparecem trabalhos do tipo. Curiosa pois a semelhança que se verifica nesta área entre Portugal e o resto da Europa...

Não é muito frequente mas todas as sondagens são passíveis de errar profundamente na metodologia a seguir num determinado inquérito. Mesmo quando todos os passos a dar obedecem a critérios rigorosos e todo o processamento se pode considerar científico as conclusões poderão não ser satisfatórias. Não é o caso da sondagem a que nos referimos.

A sondagem encomendada pelo «Se7e» para além de não nos dar nenhuma pista sobre os métodos seguidos enferma ainda do erro de misturar os temas e as funções da programação televisiva, tudo levando a crer que se tratou de um questionário elaborado de uma forma extremamente aleatória. Só assim se poderá compreender que, por exemplo, apareçam na mesma ordem de preferências, magazines, séries, concursos, informação, numa promiscuidade de funções absurda.

Daí concluir-se entre outras coisas que o Telejornal tem quase a mesma audiência, junto desse público jovem, que os «Marretas» ou o «Passeio dos Alegres» (na ordem dos 70 por cento!). Nos Estados Unidos da América, onde os níveis de audiência são mais altos no que diz respeito à assiduidade dos jovens aos programas de informação, os níveis entre os adolescentes raramente ultrapassam os 40 por cento! Por outro lado nessa sondagem programas tão populares como o «ViváMúsica» e a «Animação» não são sequer citados, sendo preteridos em favor de outros que já há muito abandonaram o pequeno «écran». Daqui se conclui pois que há sondagens e... sondagens.

em soluções ao fim de...

14/1/82

TELECRÍTICA

Rui Cádima



Mudai os lírios murchos

NÃO sei se a culpa é do famigerado João Gudunha (que, entretanto, até parece que mudou de nome...) e da Edipim, que deveria, segundo previsões feitas há algum tempo, pôr no ar, neste mês de Janeiro, os primeiros episódios da primeira telenovela portuguesa.

Telenovela portuguesa, se existe, por enquanto, está a ir para o ar todos os dias às oito da noite, não se sabendo se faz rir, se faz chorar, tal a moral da história...

Quanto aos «lírios», já murchos de tão maus tratos, o que é certo é estarmos agora a aturar quase em duplicado a telenovela brasileira baseada em Erico Veríssimo, apesar de muito afastada do seu romance «Olhai os Lírios do Campo».

Já todos reparam nisso com certeza. Tudo se complicou, contudo, desde que Olívia começou a passar por futura mãe solteira. Começaram aí os maus prenúncios. Entretanto, no regresso de Nova Itália, como na partida, como lá, como em qualquer parte, cena apaixonada que houvesse era vê-la repetida até à exaustão. Já se sabe que estas coisas do «suspense» imediatista, mais a mais «romântico», na velha tradição da fotonovela e das «soap operas» norte-americanas, são exploradas pelos brasileiros, nomeadamente na «novela das 6» das formas mais sofisticadas. Na passagem de um episódio para outro, utilizam-se muito essas cenas mais melodramáticas — o que é já um código da linguagem das telenovelas, ou o alimento do vício pavloviano. Corta-se a cena para depois dar algumas imagens instantâneas da sequência, deixando o telespectador preso ao próximo capítulo. A sequência será depois aproveitada para iniciar o episódio seguinte, poderá ou não ser passada ainda antes do episódio começar, antes do «slide» do título que por ali fica às vezes infundáveis segundos,

prosseguirá depois com o próprio episódio, para além de ter sido já passada nas «cenas dos próximos capítulos»...

E, assim, o João Gudunha vai tendo tempo para se restabelecer de todos os atrasos e, claro, vai também subindo de «nível» à custa do apodrecimento dos «lírios». Esse o golpe mestre. O «João» vai entrar na melhor altura... O melhor era até adiantar um pouco mais as coisas e depois repetir a «Escrava Isaura»...

Para ser franco ainda não percebi se todos aqueles «enchidos» servem ou não para «estender» o tempo até o «João Gudunha» estar pronto a entrar... De qualquer modo, se não servirem para isso para mais nada servem. É, aliás, uma forma pouco ortodoxa de defender comercialmente um produto. Por isso mesmo, e também pela narrativa se estar agora a desenvolver com todo aquele drama mesquinho, aquela quase pornochanchada, é que recomendamos aqui a necessidade de se estabelecer uma determinada distanciação em relação ao aproveitamento demagógico que está a ser feito do facto de Olívia estar grávida de Eugénio. Tudo aquilo já cheira, aliás, a folhetim «Tide»... Os lírios já servem para detergente... O que é grave, diria mesmo gravíssimo, é a audiência estar a aumentar nos últimos tempos...

Uma outra telenovela é a da Informação. Diários, não diários, «Grandes-Reportagens», mini-reportagens, anti-reportagens, TV's repórteres, revistas, magazines, tudo cabe no mesmo saco, tudo é metido no mesmo horário e o público que se amole... Da informação faz-se gato-sapato, ao ponto de ser agora o desporto a invadir as, já quase nulas, áreas do «Internacional» continuando-se a adiar, entretanto, a emissão, polémica sem dúvida, de «Les Trotoirs de Manile». Estamos à espera...

13/1/82

TELECRÍTICA

Rui Cádima



No Centenário do Pinóquio

ESTÁ neste momento a comemorar-se em Itália (e um pouco por toda a parte) o centenário da criação desse roberto toscano companheiro de todos os sonhos: o Pinóquio.

Muitos de nós, dele, lembramo-nos apenas do filho de Gepetto, mágico carpinteiro, capaz de criar o boneco cujo nariz cresce descomunalmente sobre cada mentira dita.

Como em muitos outros casos idênticos de grande popularidade, a personagem, a figura, tornou-se verdadeiro mito, espécie de lenda autêntica vinda dos confins do Olimpo de todos os heróis infantis, enquanto o seu autor mergulhou paradoxalmente no esquecimento. Quem se lembra de Collodi?

Collodi, pseudónimo de Carlo Lorenzini, é de facto o autor das famosas «Aventuras do Pinóquio» publicadas em contos a partir de 1881 e até 1883.

Cem anos depois, e ao longo também de três anos, os italianos vão celebrar como só eles sabem, meses depois, de terem levado a cabo as grandiosas comemorações dos dois mil anos sobre a morte de Virgílio, nada mais nada menos do que o centenário do nascimento do Pinóquio!

Por todo o mundo se têm sucedido as mais diversas manifestações, da mais discreta à mais aparatosa (esta guardada obviamente para a «mãe» Itália...).

Por cá, na RTP, inclusive, já tivemos uma pequena referência ao acontecimento com a passagem do filme de Luigi Comencini, «As Aventuras de Pinóquio». Desta vez, no «Tempo dos Mais Novos», nas tardes das segundas-feiras, de novo um programa dedicado à criação de Collodi. Isto não quer dizer, evidentemente, que pelo facto de terem aparecido estes programas na RTP se trate com efeito de uma participação portuguesa nas comemorações. Nós de facto bem quisemos em qualquer dessas circunstâncias ouvir referir o centenário...

Em Itália, porém, não se fala noutra coisa. Diz-se até que as «Aventuras» são a obra mais divulgada depois da Bíblia!

As festas, digamos, assim começaram ainda em 1981, já nos finais do ano. Daí para cá tem havido uma autêntica *rivoluzione*, que continua, por agora, nomeadamente com a peça «Pinocchio» (história de um roberto), de Carmelo Bene — um nome já consagrado no cinema, no chamado «cine-opera» — agora a dedicar-se com um renovado empenho às grandes encenações da *comedia dell'arte*, na tradição dos grandes mestres italianos. Aqui ele é o autor, o actor, o encenador, o autor dos décors, do guarda-roupa... Quem o quiser ver é ir já a correr ao Scala de Milão...

Mas antes de Carmelo Bene já uma exposição sobre «Collodi escritor» tinha sido montada em Florença em Outubro último. Um congresso sobre literatura para jovens cem anos antes do Pinóquio havia sido realizado. Um disco de Edoardo Bennato inteiramente dedicado à obra máxima de Collodi havia sido gravado. Reedições das «Aventuras» haviam sido editadas. Diversos ensaios sobre o Pinóquio haviam sido publicados no âmbito da Fondazione Nazionale Carlo-Collodi. O monumento a Pinóquio da autoria de Emilio Greco havia sido erigido. Os mosaicos de Venturino Venturi haviam sido realizados. Representações públicas e cortejos em Collodi (terra natal da mãe de Lorenzini) que lhe serviria de pseudónimo) haviam sido festejados. Inquéritos junto dos autores contemporâneos haviam sido feitos. Programas de televisão haviam sido produzidos.

Latinos como eles, mas mais pobres, os portugueses tinham na noite de segunda-feira uma outra festa de homenagem, também consensual, feita a Maria Leonor. Desta festa, porém, pouco há a dizer. Fiquemos com as imagens e os sons na nossa memória.

7/1/82

17

TELECRÍTICA

Rui Cádima



Silêncios que dizem tudo

A QUELES que na noite de Natal seguiam atentamente o programa «Cinco Visitas de Natal» não ficaram certamente com qualquer dúvida sobre a necessidade de ser retomada a emissão estupidamente cortada por óbvios motivos de força maior, que aliás não devem ser postos em causa. Em causa deveria estar sim a conjugação de dois ou três factores que levaram a que à hora prevista o programa não estivesse ainda no ar, sendo depois ainda mais retardado por uma avaria exterior.

No programa participavam alguns dos nomes de maior destaque no panorama da música erudita e do bilado, em Portugal. Como aqui foi referido, por mais de uma vez, aliás, quando decorria a participação da violonista Ana Bela Chaves no referido programa a emissão foi abruptamente interrompida para dar lugar à ligação a Roma, de onde iria ser transmitida em directo a missa de Natal integrada nas habituais comemorações presididas por João Paulo II.

Antes da repetição do programa Alice Cruz apresentou as elementares desculpas, tendo embora dado uma ênfase inusitada ao facto do corte do programa ter sido tanto mais gravoso quanto se tratava de personalidades de grande prestígio do nosso mundo cultural. Julgamos que não será tanto assim. Há que, sobretudo, reconhecer que é ridícula toda e qualquer interrupção ostensiva de uma qualquer intervenção, seja ela de uma grande instrumentista ou do mais comum dos cidadãos. Infelizmente quanto à segunda já todos estamos habituados e portanto já quase se não dá por isso. A interrupção da instrumentista é obviamente mais notada por duas razões: em primeiro lugar porque raramente temos programas daquele cariz; depois porque mesmo nessas raras ocasiões jamais se dá o «acaso» de interromper uma emissão como esta o foi.

Bom, mas repostas as coisas no seu lugar, digamos assim, em relação às «Cinco Visitas de Natal», o restante programa de terça-feira era, quanto a nós, dominado pela curiosidade perfeitamente legítima, aliás, de ver como é que o Telejornal iria informar os portugueses sobre variadíssimas questões que entretanto vieram dar um novo relevo a factos já de um certo modo «esquecidos» pelos *media* no que se refere ao tratamento dado à vida política, social e económica portuguesa.

Uma das questões refere-se à posição assumida pela Ordem dos Médicos relativamente às medidas tomadas pelo Ministério dos Assuntos Sociais no campo da saúde, e anunciada ao País através da Televisão, para o que o referido responsável teve, como sabemos, largos minutos à sua disposição no já sobrecarregado tempo concedido a entidades diversas no horário nobre do primeiro canal. Mas se o ministro teve direito a todo esse tempo no horário nobre, a resposta da Ordem dos Médicos foi pura e simplesmente ocultada dos portugueses em período idêntico. O Telejornal de terça-feira, que deveria ter feito um trabalho alargado sobre a conferência de Imprensa de Gentil Martins, nada disse. Nada disse também da resposta das organizações sindicais à comunicação ministerial do dia anterior sobre a paralisação dos transportes, comunicação, aliás, algo provocatória em relação ao próprio regime democrático. O Governo mais uma vez faria da RTP um órgão hiperoficial, terça-feira, quando ordenou a transmissão de informações sobre as carreiras suplementares de transportes para os dias de greve, o que nem sequer estaria em causa... É profundamente lamentável, pois, que mais uma vez a direcção de Informação da RTP/1 tenha actuado como mera corrente de transmissão do Governo e não como serviço público que deveria ser e todos sabemos que não é.

...o que vai pelos campos de futebol.

E, já agora, um relance nas

que se acaba de revelar, são meras tricas sem importância. Ora,

6/1/82

17

TELECRÍTICA

Rui Cádima



De Elisa para Balsemão do pão para o papão

SEGUNDA-FEIRA o que nos saltou mais à vista — esta viciada video-visão — foi uma «local» de primeira página da «Capital» que noticiava a hospitalização da directora de programas da RTP, Maria Elisa.

Fui para casa a pensar em duas coisas: em primeiro lugar na responsável aqui tantas vezes criticada, sem dúvida mais vezes criticada pelo que nos tem aparecido de mau, do que elogiada pelo que de bom de vez em quando aparece.

Pensámos também na forma como o Telejornal iria tratar tal facto. Era perfeitamente compreensível que o fizesse tanto mais que se tratava de uma das pessoas que actualmente mais responsabilidades tem na empresa.

Um tanto inesperadamente o Telejornal em relação ao caso nem «ai» nem «ui», como se costuma dizer... Não disse nada. Esqueceu pura e simplesmente o sucedido. O que não admira, aliás... O Telejornal na maior parte dos casos esquece-se do País inteiro...

O crítico de televisão quer aqui deixar no entanto uma palavra de simpatia e o desejo de rápidas melhoras à Maria Elisa. No fundo somos todos vítimas do mesmo mal... A Televisão não perdoa nem aqueles que estão do outro lado das câmaras. Mas os mais maltratados são os que estão do lado de cá...

O que re facto é que mesmo nos piores momentos, no meio de uma qualquer bolorenta sessão de «Homens e Toiros» ainda patrocinada pelo Fundo Nacional do Cinema do tempo da outra senhora, fica-nos a amizade pela pessoa, e em relação a esses ficam-nos as imagens de um qualquer Frank Shiffman a apresentar a lista infundável de grupos e cantores negros que passaram pelo seu «Apollo» de Harlem. Ou não fossem o «Duke» e os «Temptations» alguns dos maiores que por lá passaram — e quem diz «lá» diz «toda a parte»...

Mas o Telejornal quando nos surpreende não é por uma coisa só. Iamos a dizer que tínhamos ficado surpreendidos por não ter ido nenhuma equipa a Espanha expressamente para filmar Pinto Balsemão a fazer ski nos Pirinéus...

Iamos a dizer... mas não estaríamos a falar verdade. Ficámos sim surpreendidos foi quando o Raul Durão abriu a notícia da chegada do primeiro-ministro dizendo que ele acabava de regressar de umas «curas» férias em Espanha... Aposto que assim, ainda por cima com o apadrinhamento do Telejornal e da presidência do Conselho de Ministros, a moda das «curtas» férias no país de «nuestros hermanos» em estâncias superlativas vai com certeza pegar e no Orçamento acabarão por substituir as férias nacionais repartidas...

O Telejornal esqueceu-se entretanto foi de cobrir o regresso do primeiro-ministro com a já muito tocada faixa dos Salada de Frutas «Se Cá Nevasse...», gravada na Holanda...

Bem pelo contrário, antes do ministro do Trabalho ir à TKelevisão nessa mesma noite utilizar mais uns minutinhos do infinito «Tempo do Governo» a propósito das greves dos transportes, um pouco antes ainda de Freitas do Amaral ocupar mais um pouquinho dos tempos de antena sobre tema parecido dizendo quase a mesma coisa, o responsável de emissão não se esqueceu de pôr um óptimo fundo musical a amenizar a entrada do ministro e de mais as suas deambulações político-laborais. A partir dali é perfeitamente legítimo que a UGT e a CGTP reivindiquem o direito de resposta. Quanto mais não seja contra a institucionalização de receios desmesurados que os dois políticos pretenderam incutir quanto ao perigo das instituições democráticas... O problema é outro, todos o sabemos. Os portugueses já não têm medo do «papão»... Querem é o pão. Essa é dura realidade.

...a Saúde...

TELECRÍTICA

7/1/82

Rui Cádima



Televisão e cinema

Abrir o novo ano — a televisão, o cinema. Aproveitamos o índice inflacionário de cinefilia televisiva para repor alguns dados na mesa e a partir deles poder sistematizar aquilo que é ao fim e ao cabo o «divórcio» entre as duas grandes artes audiovisuais.

Aqueles que têm um mento ainda que superficial das questões fulcrais da semiologia e da semântica sabem que o cinema e a televisão não são considerados «linguagens» porque não possuem nem um código sistematizado nem a tão discutida «dupla articulação» entre as unidades significativas (por exemplo as palavras da linguagem falada) e as unidades distintivas (as letras). Esta tese estruturalista apesar de ter os seus opositores não deixa de ter em última instância a sua razão de ser, pelo menos enquanto os códigos semióticos subsistirem na sua idade pré-histórica. O cinema é portanto uma linguagem sem língua, cujas «unidades» podem ter vários significados consoante a forma como são utilizados. Talvez que o estudo de Christian Metz publicado já há alguns anos na revista «Communications», sob o título «Le cinema, langue ou langage?», tenha sido definitivo em relação a esta polémica. Daí passa-se para a televisão tendo em consideração que se trata de uma linguagem que obedece a outros códigos, se bem que o tronco geral seja comum.

Costuma dizer-se que há uma «gramática» televisiva específica, e para cada corrente, teoria ou autor cinematográfico, os respectivos códigos (estilos) definem também uma gramática com a sua especificidade.

Mas se passarmos dos termos genéricos em que a questão se põe para os aspectos particulares veremos que aparentemente toda a questão se simplifica. No cinema, por exemplo, o conhecido «efeito Kulechov» é a prova de que os códigos não são compostos de sinais que possuem sempre os mesmos significados. Trata-se de uma experiência realizada pelo formalista russo Kulechov (contemporâneo de Eisenstein e de Pudovkin) que queria exactamente dizer que um mesmo rosto com uma determinada expressão, seja ela qual for, é interpretado de diferentes maneiras conforme sejam diferentes as imagens que o procedam ou sucedam. Este é aliás um tipo de exercício utilizado nos testes psicológicos, em campanhas publicitárias, etc, uma determinada sucessão de imagens.

Há, pois, como assinalou Jean Mitry, uma «lógica de implicação» sempre que se pensa no significado dos códigos cinematográficos e nos discursos filmicos, por assim dizer. Por outro lado, todas as figuras utilizadas quer pelo cinema quer pela televisão, são obviamente comuns. Com ligeiras diferenças, do plano geral à elipse, da sobreimpressão ao *flash-back*, todos os processos de filmagem servem tanto ao cinema como à televisão. Enquanto a estética cinematográfica só em casos excepcionais admite a repetição de algum modo exaustiva do grande plano (o génio de Eisenstein e de Dreyer conseguiram-no nas máquinas e nos rostos), a estética televisiva é pressionada exactamente pela função do grande plano em qualquer unidade discursiva. Costuma dizer-se que a televisão brasileira é quase uma montagem de *closes* sobre os rostos dos personagens... Isso significa de facto que a grande produção televisiva ou assume radicalmente as características da «linguagem» que utiliza ou corre o risco de se tornar um fracasso...

Este um primário aspecto deste «divórcio». Mas outros divórcios existem dentro deste. Esses dizem respeito à utilização quase «pirata» que a RTP faz do cinema em geral. Mas isso fica para uma outra vez.

8/1/82

TELECRÍTICA

Rui Cádima



Se em vez da CGT e da CGTP fosse a Solidariedade

EM 1975, em pleno «verão quente», era uma certa esquerda radicalizada, detentora então de um grande poder nos meios de comunicação de massa como a Rádio e a Televisão, que veiculava a ideia de que a iniciativa privada, o «patrão», o liberalismo político, etc., eram de certa maneira os mais perigosos agentes da «reação» a ameaça constante às conquistas alcançadas, quando não mesmo os «inimigos da revolução»...

Em 1982, em plena «crise», faça chuva ou faça sol, é uma certa direita, apesar de tudo detentora dos mesmos meios de comunicação de massa, que ocupa sistematicamente o *medium* de maior impacto — a Televisão — transformando o serviço público em agente manipulador da opinião pública. E, claro, ao contrário dos esquerdistas de então, os governantes de hoje, ainda que não assumam o discurso específico de há uma década atrás, ao tempo da «primavera marcelista», sabem vir dizer aos portugueses (como o fizeram por várias vezes o ministro do Trabalho e mais recentemente o ministro dos Transportes, não esquecendo o «tempo de antena» preenchido esta semana pela polémica intervenção de Freitas do Amaral) que as lutas sindicais, as greves e as reivindicações têm por objectivo destruir a democracia, dissolver a Assembleia, inviabilizar a revisão da Constituição, tomar de assalto S. Bento, e o que mais se disse...

Deste modo, a Televisão tornava-se esta semana o principal agente de agressão, apostado nas verdades unilaterais, uma vez abusivamente utilizado como meio de propaganda na defesa da política governamental, sem que, de qualquer modo, tivessem sido respeitadas as normas estabelecidas na lei quanto, nomeadamente, ao direito de resposta dos trabalhadores e das respectivas associações sindicais — os primeiros visados nesta campanha que, só por se tratar de propaganda deliberada, merece ser considerada como mera contra-informação.

A Televisão não está pois a cumprir a função que lhe foi atribuída na lei como serviço público que é. Aliás, os próprios sindicatos chegaram inclusive a propor, publicamente e em tempo oportuno, um debate sobre toda a questão, não tendo sido ouvidos...

Mas mesmo que não fosse essa a forma seguida para que o problema fosse posto nos programas de informação não diária — como seria lógico que fosse — seria de bom tom, ou melhor, seria deontologicamente perfeito, se os responsáveis pela informação na RTP/1 não fizessem diariamente as concessões que fizeram, não cedessem a esta espécie de chantagem a que todos temos assistido, pretendendo-se envolver os trabalhadores em luta numa campanha orquestrada, tendente ao derrube do regime...

É, de facto, frustrante assistir a este espectáculo que já alguém considerou de «ocupação selvagem» do Lumiar. Por muito boas intenções que o Governo possa ter, perante esta agressão constante, o crítico, na sua tribuna livre e independente, só pode ter uma atitude de repulsa e perguntar-se a si próprio que política social é, afinal, a deste governo, qual a verdade que o anima?

Estamos em crer, portanto, que se em vez da CGT e da CGTP a confederação sindical mais representativa dos trabalhadores portugueses fosse a Solidariedade, neste momento Walesa era certamente um perigoso comunista cujo objectivo final era tomar o poder pela força se necessário fosse, instalar-se em S. Bento e destruir as liberdades democráticas... para além de entravar definitivamente o processo de revisão constitucional...

Só nos resta, neste caso, acreditarmos que nenhum Jaruzelski está pronto por aí para substituir o ministro do Trabalho e o dos Transportes nos nossos ecrãs de televisão.

15/1/82

TELECRÍTICA

Rui Cádima



Se Duarte Figueiredo perdesse as estribeiras...

SERIA absurdo acreditar que a televisão portuguesa poderia ter, ou vir a ter na actual gestão Proença de Carvalho o seu Polac.

É sem dúvida inimaginável que amanhã, num dos próximos dias, ou para o mês que vem, os estúdios da RTP abram as suas portas de par em par a alguns dos portugueses mais irreverentes, cartoonistas contundentes, comentadores satíricos, extremistas, direitistas, esquerdistas, punks e pessoas sérias...

No entanto foi isso que ainda recentemente aconteceu num novo programa da televisão francesa intitulado «Droit de Réponse» (TFI) da autoria de Michael Polac, logo na quarta emissão, ainda o programa era recém-nascido...

Aconteceu estar reunido em pleno estúdio um conjunto de convidados verdadeiramente explosivo, ao ponto de à mínima fagulha se dar a catástrofe. Começou por discutir-se a «liberdade de expressão»... Polac lamentava o desaparecimento de «Charlie Hebdo» (semanário satírico) perante os próprios jornalistas e caricaturistas e... perante outros, inclusive de jornais de extrema-direita. Minutos depois era a verdadeira «bagarre», o estúdio transformado em praça pública, emissão ainda no ar. Como se os irmãos Marx tivessem irrompido do filme da véspera e envenenassem completamente o ambiente introdutório, bem temperado musicalmente, incitando os já de si inflamáveis jornalistas do «Charlie Hebdo» à desordem completa, fazendo assim o «número» mais visto de toda a história da publicação.

Por breves momentos, pois, os franceses tiveram em suas casas as imagens da mais verdadeira das exteriorizações (no seu lado mais virulento) tendo por opositores muitos daqueles que durante algum tempo não se puderam exprimir convenientemente...

Calculadas as devidas distâncias, o mesmo aconteceria em Portugal se Duarte Figueiredo num saudável ataque de amnésia convidasse para o Telejornal o dr. Arnaldo de Matos, responsável pela «Gaiola Aberta» — Vilhena de seu nome, o director do «Barricada» e todos os responsáveis dos serviços informativos do primeiro canal.

Seria o extravasar de muitos recalques, eventualmente na mais conforme das circunstâncias, mas seria sobretudo o inédito, o imprevisível, seria o sinal de outra televisão. E nós quase que estamos por tudo!

Mas a «1» sabe precaver-se... De tal modo que nos últimos dois anos raras — raríssimas — têm sido as ocasiões em que quatro representantes de cada um dos principais partidos políticos portugueses têm estado nesse canal como estiveram, por exemplo, quarta-feira passada na RTP/2 no já popular «Quarta Há Noite».

Embora se tivesse tratado de uma emissão «morna» a descambar do que seria o cumprimento das obrigações «oficiais», acabamos por ver uma sucessão de expressões sisudas, o civismo a imperar, a deferência a estabelecer-se. Mas nem por isso, estamos certos, a direcção de Informação encontraria razões para de futuro abrir às correntes de pensamento, maioritárias e minoritárias, as suas emissões. Continuaremos pois sujeitos a uma informação delimitada, censurada, omissa. Não teremos, para além do mais, o nosso Polac. Para mal de todos nem teremos o pensamento que temos...

Nem teremos informação... Como foi engraçado ver mais uma (entre outras) originalidades da «1», dando a notícia da greve dos ferroviários ingleses (com filme e tudo, vistas de helicóptero, etc), antes das dos portugueses!

(comédia) de Boaz Davinson, com Ittich Karzuc. Int. men. 13 anos. 24.00 Drácula. Tem Sede de Sangue. Int. men. 18 anos.

Int. men. 13 anos.

Sábado, 16 de Janeiro de 1982

TELECRÍTICA

Rui Cádima



Telespectadores: unamo-nos!

A QUI há dias fazíamos eco nesta mesma coluna de opinião de um «expert» na área da comunicação de massa — Jerry Mander — que, numa obra recentemente publicada, argumentava atrevidamente sobre a necessidade de eliminar a Televisão! Em casos mais desesperados há quem chegue mesmo a partir o televisor — isso tem acontecido um pouco por toda a parte.

Há, porém, quem não seja tão radical e proponha, por exemplo um dia por ano de pausa nas transmissões televisivas. Quem o fez, dirigindo-se aos alemães, há relativamente pouco tempo, foi o próprio chanceler Helmut Schmidt, ele que é um pouco avesso ao dom de ubiquidade da *media*.

Há, enfim, milhares de reacções, cada uma delas com a sua razão. O televisor ganhou já, inclusive, o estatuto, ambíguo, de educador/alienante com uma função formativa/deformativa que em muitos casos substitui o pai e o professor.

A criança passa muitas vezes mais horas frente ao televisor do que a dormir — o que na verdade é sintomático quanto ao poder que o *media* exerce sobre os seus espectadores. Não é só, contudo, o problema da não protecção da criança frente ao televisor que é preocupante. Se isso acontece é sinal de que os próprios pais são de certo modo impotentes para evitá-lo. Muitas vezes sucede mesmo que são os pais os melhores companheiros das crianças no «igloo» familiar cuja única saída é o televisor.

Olivier Gagnier, num recente artigo publicado no «Le Monde de l'Éducation», fazia notar que o fenómeno da progressiva entrega da audiência à programação da Televisão, sem qualquer espírito crítico, está a afirmar-se como um dos principais focos do reaparecimento de um certo analfabetismo. Por vezes tem-se, inclusive, a percepção de que os efeitos culturais das várias mensagens televisivas, dos vários programas, num dia de emissão junto dos mais novos, funciona

praticamente como uma falsa aprendizagem, um aparente adquirir de conhecimentos, actuando, portanto, junto da criança e do adolescente (e mesmo do adulto) como um oponente aos processos normais de educação e de aquisição de conhecimentos, nomeadamente, como uma verdadeira barreira à leitura. «Lê-se cada vez menos» — conclui-se nos estudos sociológicos norte-americanos. «Cava-se cada vez mais o fosso entre as «élites» dirigentes e as categorias culturalmente mediocres que engolem televisão em altas doses», isto segundo o sociólogo Lee Rainwater.

Com efeito, todos nós, na nossa experiência diária, no nosso contacto com os mais novos, nos apercebemos que eles raramente reconhecem um facto ou compreendem uma nova ideia através de processos cognitivos ou dedutivos a partir de outros dados já conhecidos, a partir da leitura. É muito raro ouvi-los dizer por exemplo, conhecerem isto ou aquilo por já terem lido... Habitualmente o que dizem é que viram uma vez um programa de Televisão...

Embora não sendo a principal causa do actual estado em que os jovens se encontram no que diz respeito nomeadamente à escrita da sua língua-pátria (hoje se seguramente mais erros em português no ensino secundário do que há vinte anos atrás, na quarta classe), é seguramente um dos agentes principais dessa analfabetização progressiva — e assustadora. E desmotivados os jovens, desfalece progressivamente a própria identidade da Nação. E não é exagero dizer que, no plano do ensino, da cultura e do património, Portugal já corre perigo.

Daqui lançamos o alerta que é simultaneamente um convite a todos os telespectadores: a partir de hoje vamos tentar formar grupos de pessoas — em nossas casas, nas escolas, nos empregos, prontos a inventariar quais as causas da doença e de que forma ela alastra. Vamos fazer ouvir as nossas vozes! Vamos formar associações de telespectadores.



Pela criação de associações de telespectadores

18/1/82

NA continuação do que dissemos na «Telecrítica» publicada no sábado e na qual fazíamos essencialmente um convite a todos os telespectadores para criarem nos seus tempos livres grupos empenhados em, pelo menos, verem televisão com um olhar crítico, vamos hoje dar mais algumas a esta proposta referindo-nos nomeadamente àquilo que, em tempos, o Conselho da Europa fez avançar sobre a questão.

No fundo, o que desejamos profundamente é que a opinião pública passe a manifestar-se de um outro modo — se é que hoje se manifesta... De facto não há qualquer dúvida de que temos — e sempre tivemos, neste aspecto, uma «maioria silenciosa» em Portugal. Só o facto de ainda hoje não estarem desenvolvidos os processos de contacto directo com o auditório o demonstra. Praticamente não existem em Portugal o efeito *feedback*, o diálogo entre o receptor e o emissor, absolutamente indispensável para um funcionamento mais consentâneo dos *media*. Pode pois dizer-se que o grande público se porta habitualmente como uma espécie de massa passiva, agnóstica, ou sem capacidade de resposta — silenciada, portanto. Hoje como ontem sempre existiu essa «maioria silenciosa» (que nada tem a ver obviamente com a velha denominação *spinolista*). Essa maioria passiva que todas as noites «engole» elefantes pela televisão deve pois tornar-se em maioria activa.

Já passámos — e muito — a altura de dizer «basta!»... Importa agora arrepiar caminho, quanto antes. Importa criar um amplo movimento de Norte a Sul, uma espécie de conselho de programas a nível nacional que se possa manifestar aqui e ali independentemente de qualquer coordenação ou centralização. Se esta fosse uma proposta progressivamente aceite, se, dela, se

começassem a ver rapidamente os frutos asseguro-vos que dentro de pouco tempo teríamos pelo menos uma televisão em português, divertindo, informando e educando.

Esta é uma aposta, um desafio a que todos devemos responder. Aliás, o interesse é só nosso: somos todos concidadãos desta «aldeia global»...

Importa pois que o grande público se manifeste não isoladamente, por telefonema ou carta (quantas vezes anonimamente), mas em grupo, criando pequenas associações, tele-clubes, assumindo posições públicas, fazendo notar as suas preocupações, reclamando a regionalização, a montagem de emissores, numa palavra: reivindicando *para si* e *para o colectivo* a propriedade que é pública.

Estamos convencidos que esse seria o primeiro passo para se entender televisão sob um outro ponto de vista, o de que todos devemos participar nela. Todos devemos estar prontos a responder-lhe, não directamente (porque a tecnologia ainda não o permite, embora haja experiências positivas nesse domínio...), mas, indirectamente, através de outros meios de comunicação, nos grupos pequenos, nas colectividades de cultura e recreio, nas casas do povo, na imprensa regional, e, enfim, em todas as associações públicas e privadas.

Vejam os a este propósito o que afirmou o Conselho da Europa num dos seus últimos relatórios sobre a gestão dos serviços públicos da radiotelevisão: «Importa encorajar as associações de telespectadores não para que elas se tornem doravante representativas do público mas para que possam participar neste debate actual sobre a televisão.» Este, de facto, o aspecto mais importante. Há que reaprender a viver sem a televisão! Esse o melhor caminho para obter a necessária *distanciação* do *media* e não o seu endeusamento.



Cabra-cega teleministerial

19/1/82

ISTO, de ver televisão dá que fazer. Quer se seja crítico de televisão com coluna no jornal quer se seja crítico só lá em casa... E como estamos agora lançados numa campanha que poderia ter por lema «em cada lar um crítico de televisão», pelo menos um!, é tema que vem a propósito (isto partindo do falso princípio de que em cada casa há uma televisão... Na verdade, segundo recentes estimativas não chegam a haver 1 300 000 receptores declarados ao fisco em 10 milhões de habitantes...).

Mas porque é que a Televisão dá trabalho ao telespectador? Em primeiro lugar — é elementar — pelo esforço que temos que fazer para adivinhar quando é que um programa anunciado para um determinado horário vai começar. Vejamos por exemplo o novo programa «Jornal de Economia». Começou a ir para o ar fez sábado oito dias imediatamente antes do «Telejornal», como que a sobrecarregar o já pesado fardo oficial que todos os dias carrega a RTP/1. Entretanto, por obra não sei de quem (mas seguramente não pela mesma pessoa que o programou para as 19.30) vim-lo a meio da tarde. Foi pois extremamente emotivo (...) ver o ministro do Trabalho mais um vez a dizer já sua justiça — parece que todas as outras vezes não chegaram... Mas ainda não foi esta a última neste conflito. Este «Jornal» tem, para além disso, muito que se lhe diga, mas a seu tempo lá chegaremos, já que hoje o espaço não nos vai chegar para tudo.

Se durante a tarde de sábado tivemos o ministro do Trabalho, à noite deveríamos ter no «Aqui e Agora», tal como estava previsto, o ministro dos Transportes (esta dupla anda inseparável e detém seguramente o recorde de permanência no pequeno ecrã nos últimos tempos...) Mas o ministro não quis ir... É sensato. Provavelmente pensou que já era abusar dos portugueses e que ao fim e ao cabo todos nós acabávamos a pensar qualquer coisa do género «mas afinal o que é que ele foi lá fazer?»... Se pensou, acertou. De facto importa neste momento que a Televisão saiba responder com o seu trabalho às preocupações dos portugueses quante a melhorarem o seu nível

de vida. As condições de vida estão-se a degradar a um ritmo perigoso, e só resta saber se aqueles senhores, que todas as noites nos lêem «notícias» no pequeno ecrã, são de facto portugueses, se habitam neste país e se são pagos pela nossa moeda. Se calhar não são...

De ministros ficámos por aqui, excluindo as participações suplementares, a pequena notícia... Entretanto ainda no sábado o *râguebi*, o final da série «Cosmos» (que se afirmou como um trabalho memorável em toda a história da Televisão) e a transmissão directa de «La Bohème» em directo do Metropolitan de Nova Iorque, bem como o Tony Silva no domingo (o mesmo não digo do Herman José no «Topo Gigio»), foram os pontos altos do fim-de-semana.

Fascinante foi de facto o trabalho sobre a ópera de Puccini assinado por Franco Zeffirelli, muito embora em termos de responsabilidade de emissão os programas já alinhados para os intervalos correspondentes às passagens de actos não tivessem aparecido como estava previsto. Quanto à introdução de João de Freitas Branco, extremamente meritória, poderia ter ido ainda mais além. Ao longo da sua intervenção, lembrámos-nos muitas das vezes que o «slide» poderia ter sido um óptimo contributo para as suas explicações, bem como algum material de arquivo (se é que o há) de outras representações desta ópera que poderia ter ilustrado por exemplo a sinopse lida, etc.

Anuncia-se agora um outro programa de ópera. Deverá ter sido emitido ontem, segunda-feira, à noite. «Pavarotti» era o título, e simultaneamente o nome de um dos maiores tenores da actualidade. Houve quem dissesse que já era ópera a mais. Na verdade dois programas sobre ópera emitidos com um dia de intervalo não é boa política... Boa política continua a não ser a da programação das segundas à noite... Que é feito das tão faladas noites de teatro em português? E no resto da semana? Que é feito dos não sei quantos por cento de produção nacional? Pelo menos no «Cartaz TV» desta semana nem uma imagenzita em português...

Quarta-feira, 20 de Janeiro de 1982

TELECRÍTICA

Rui Cádima



«Educática», ano zero

VIVEMOS numa sociedade de informação. Caminhámos a passos largos para uma civilização computadorizada, na qual se calcula que a quase totalidade da população mundial terá que manipular instrumentos informatizados. Já não é necessário exemplificá-lo... O dia-a-dia do cidadão, mesmo o seu contacto esporádico com a «inteligência artificial» ou com os microprocessadores, ou mesmo com os jogos adaptáveis ao visor do aparelho de televisão que temos em casa, é o melhor exemplo para o demonstrar.

A tal ponto que se falava já no ano que findou, nomeadamente junto da União Internacional de Telecomunicações, em propor à Assembleia Geral das Nações Unidas o ano de 1983 como o Ano Internacional da Comunicação.

Há algum tempo falávamos aqui sobre a tese de um ensaísta britânico quanto às transformações que uma tal revolução causará na sociedade contemporânea. Ele falava, inclusive, numa quarta revolução das comunicações, depois do aparecimento da escrita, da impressão e da radio-difusão. Para lá caminhamos, de facto. As consequências que daí resultarão são imprevisíveis. Ninguém ainda se aventurou em criar um cenário plausível, ainda que no âmbito da ficção científica, do que se passará a este nível dentro de vinte anos. Pelo menos ainda ninguém o fez com as mesmas possibilidades de acertar que alguns visionários dos anos 40 tinham... É que os meios eram outros...

Fala-se agora na progressiva adaptação da máquina, fala-se nas comunicações espaciais, na microelectrónica, na radiodifusão de TV por satélites directos, mas não se é capaz de fazer uma perspectiva definida no âmbito da antropologia e da sociologia. Uma das flagrantes neste âmbito é o que se passa exactamente com a tecnologia dos satélites de telecomunicações, cujos elevados gastos até agora realizados têm sido postos em causa pelo aperfeiçoamento mais recente da utilização das fibras ópticas na comunicação. Um pouco à margem de tudo isto, mas tocando

neste e naquele aspecto, tivemos um pequeno ciclo de programas dedicados à Informática, numa série da responsabilidade de Gonçalves Filipe, técnico de Informática, que logo de início afirmou ir tentar nesta série «desmistificar a Informática», uma vez que «a divulgação da disciplina em termos do chamado grande público fica aquém do que seria desejável»... Desmistificar o computador, portanto.

Afirmou ainda Gonçalves Filipe, depois de terminar a série, que «muita coisa ficou omitida por falta de tempo ou oportunidade». E era verdade.

Questões tão importantes como a Informática no ensino (e não tanto o ensino da Informática), na cultura, no audiovisual, na agora chamada «Educática», etc., foram somente afloradas e preteridas assim em relação a autênticos lugares-comuns que da tão banalizados que estão bem podiam ter sido abandonados.

Quanto a nós a Informática está de há muito perfeitamente «desmistificada». Não é por acaso que o habitante das regiões do interior, quando se dirige aos serviços bancários dos grandes centros ou também aos serviços hospitalares, reage com uma certa discrição, se não mesmo uma certa familiaridade um tanto paradoxal, ao aparato computadorizado que surge à sua frente. Os jogos video, por outro lado, já chegam às aldeias mais recônditas. Quanto a nós a «desmistificação» nesta área passa, sim, por uma luta desigual, que todos nós devemos desde já levar a cabo, no sentido de preparar este país para não perder a «corrida», de consequências violentíssimas para aqueles que ficarem na cauda do pelotão. A nível internacional não se vê vontade política em, por exemplo, apoiar os países em vias de desenvolvimento nestes domínios. Não será, portanto, despropositado crer que as desigualdades poderão acentuar-se nos próximos anos...

Por tudo isto — e pelo que ficou por dizer... — se impõe que daqui para o futuro este tema esteja semanalmente presente na RTP, apresentando pelos diversos «experts» que nestas matérias já contamos entre nós.

TELECRÍTICA

Rui Cádima



Ainda as relações entre o Telejornal e Belém

JÁ lá vão mais de vinte e quatro horas sobre a passagem daquele «Telejornal» que encerrou com a presença de Joaquim Leiria (bons tempos...), na qualidade de portavoz do Presidente da República, e ainda hoje estou por perceber porque é que tivemos quase uma hora de notícias!...

Pensei um pouco, «matutei» sobre o assunto (...), e aquilo que mais rapidamente me ressaltou da memória foi a presença maciça de informação sobre as reacções dos partidos políticos às declarações de Joaquim Leiria ao «Diário de Lisboa» da véspera.

A partir daí, seria a admiração geral no «Telejornal», seria o retorno de Ramalho Eanes à primeira página da informação televisiva da RTP/1 como alvo preferencial. Não teria, com certeza, passado despercebido ao telespectador comum a tentativa de, de novo, serem aproveitadas as circunstâncias (absolutamente normais sob o ponto de vista da «legalidade democrática») para denegrir mais uma vez a imagem do Presidente da República. Mas desta vez com a legitimidade que lhe era dada pelo facto de a própria oposição, coincidir nalgumas dessas críticas formuladas.

Porém, denegrir a imagem de Ramalho Eanes é uma prática corrente. Seja por omissão ou pela manipulação da informação sob as ordens de Duarte Figueiredo, tem-se verificado desde há muito uma hostilidade militante verdadeiramente capciosa em relação a Belém. Ramalho Eanes bem o sabe — vejam-se nomeadamente as suas declarações a José Alberto Machado (RTP/2) na noite de fim de ano, aquando das suas deslocações a algumas empresas de laboração contínua.

Desta feita, mais uma vez, nos pareceu que o «Telejornal» deixou cair a máscara, denunciando ter sido «apanhado pelas costas» em todo este processo, mostrando abertamente toda a sua estupefacção e abrindo depois os microfones às reacções mais imediatas, à catadupa de negativas.

Se não, vejamos como tudo começou: três noites antes e jor-

nalista Pedro Cid no último jornal das 23 horas da «Antena/1» levantava o véu sobre os factos, referindo-se muito concretamente à hipotética demissão de Ramalho Eanes. Um dia depois é o correspondente da Rádio Nacional de Espanha que dá notícia semelhante no principal bloco de notícias da Rádio do país vizinho.

Segunda-feira à noite José Cândido de Sousa jornalista da RTP/1, militante político do partido mais responsável do Governo português, fazia as suas *démarches* junto dos partidos políticos e do PR, a fim de saber quais as respostas dadas às notícias vindas a público na Rádio Nacional de Espanha... De Belém, porém, não consegue resposta, limitando-se, pois, a fornecer elementos recolhidos na Imprensa da tarde. O arsenal estava já, contudo, voltado para a Presidência da República.

Terça-feira repete-se o que já tínhamos visto na véspera com as declarações sucessivas (com particular relevo para as da área do poder), todas elas radicalmente opostas às ideias dadas como oriundas de Belém. Para o final Raul Durão anunciava a leitura de um comunicado do PR, lido no próprio estúdio pelo seu portavoz.

A polémica institucional partidos/PR e a recepção dos mesmos partidos políticos em S. Bento, com vista à apresentação da viagem que Pinto Balsemão fará a algumas capitais europeias, foram os dois grandes blocos que obrigaram o «Telejornal» a prolongar-se indefinidamente ao longo de quase uma hora!

Não podemos dizer que nesta polémica estão os problemas deste país. Mas temos que constatar que o «Telejornal», pressionado pelo impacto da polémica, foi obrigado desta vez a recolher uma informação mais alargada... Resta saber quantas horas passará a ter o «Telejornal» um dia que Portugal passe a ser visto de uma forma polémica, ou, simplesmente, passe a ser visto... Estamos certos de que nesse dia o «Telejornal» não será apanhado pelas costas numa polémica deste nível.

TELECRÍTICA

Rui Cádima



Cinema em TV: 22/1/82 qualidade em primeiro lugar

ESTÁ neste momento em Portugal um especialista italiano em questões relacionadas com a interdependência entre cinema e televisão. Chama-se Giacomo Gambetti e é actualmente responsável pela produção e programação de longas-metragens na Radiotelevisão Italiana. Trata-se de uma personalidade profundamente conhecedora dos labirintos por onde cinema e televisão se perdem. Para comprová-lo bastaria dizer que é um crítico e historiador de cinema extremamente respeitado em Itália tendo sido, entre 1974 e 1977, director do Festival de Cinema da Bienal de Veneza.

Giacomo Gambetti chegou a Portugal há dias tendo já realizado duas conferências em Lisboa, para além de ter, também, visto cinema português, ter visitado a RTP e feito diversos contactos com gente de cinema e televisão. Queríamos, ainda, fazer aqui uma rápida referência à sua palestra realizada no auditório da RTP, subordinada ao tema «Televisão e Cinema», à complementaridade e diversidade entre ambos.

Diversidade que, aliás, tem tendência para diminuir... Na verdade os novos processos da microelectrónica, as imagens computadorizadas e o «renascimento» do vídeo, nomeadamente no que diz respeito à comercialização da «videocassete», com longas-metragens gravadas quase em simultâneo com a estreia das películas nos circuitos habituais, podem atestá-lo na perfeição.

Mas ainda em relação à presença de Gambetti no auditório da 5 de Outubro, não deixa de ser curioso («natural» ou «insólito», segundo as perspectivas) notar que numa empresa com mais de dois mil trabalhadores só uma dúzia deles (se tanto) se tenham interessado pela presença do especialista italiano. Este, de facto, o aspecto mais significativo da passagem de Gambetti pela RTP... O «desastre» seria total se pelo menos uma equipa de filmagem não tivesse aparecido no auditório para recolher alguns extractos do essencial. Com efeito a equipa de Matos Cristóvão,

realizador do magazine de cinema da RTP/2, soube responder às suas obrigações. Fê-lo sozinho, mas foi o suficiente.

Vem tudo isto a propósito da programação de cinema da RTP. A certa altura Gambetti discorreu sobre o que se torna prioritário em qualquer produção de filmes numa cadeia de televisão tendo chamado à atenção para a necessidade de ser levada a cabo, nos serviços públicos de televisão, uma política de programação de qualidade. E fazia-o com a autoridade que lhe dá o facto de ter já conquistado dois grandes prémios em Cannes com produções da RAI...

A qualidade a que Gambetti fez referência tem vindo a impor-se na RTP nestes últimos meses. Temo-lo aqui dito. É um caso raro, de facto, mas, neste momento, real. Temo-nos referido às alterações introduzidas sucessivamente nesta área, nomeadamente, desde Novembro. Chegámos, entretanto, a Janeiro e aquilo que desde já se nos ofereceu dizer é que essa qualidade se mantém. Uma prova disso foi a passagem na quarta-feira de um dos melhores filmes de John Ford: «My Darling Clementine» (A Paixão dos Fortes).

Mas se deixássemos este Ford iríamos descobrir a série de TV de Hitchcock que entretanto chegou ao fim, iríamos descobrir um Bogdanovich que embora não estivesse ao nível do seu melhor foi ainda assim uma excelente surpresa: poder rever Ryan e Tatum O'Neal. Dos «novos» americanos não faltariam ainda nomes exemplares como Cassavetes ou Paul Schrader. E dos «novos» alemães não faltarão nomes como Herzog ou Fassbinder agora com «O Mercador das Quatro Estações», inédito no circuito comercial, mas já exibido numa sessão especial do Instituto Alemão aqui há alguns anos. Foi bom, pois, ver uma personalidade como Gambetti referir-se positivamente à actual escolha de filmes de longa-metragem na RTP. Todos nós o reconhecemos ao fim e ao cabo. O que quer dizer, no fundo, que o grande público não está assim tão longe da «inteligentzia»...

TELECRÍTICA

Rui Cádima



Se eu mandasse no Telejornal

NENHUM português de boa fé poderá afirmar ingenuamente que «a vida não está assim tão difícil como isso...». Na verdade está. E está de tal modo cara — e sem perspectivas de melhorar — que as centrais sindicais portuguesas já se pronunciaram favoravelmente à greve geral nacional, o que acontece pela primeira vez desde o 25 de Abril.

O segundo Governo Balsemão já não se livra desta «mancha negra» no seu *curriculum*, assim como não se livrará por certo de outras «bofetadas» que a História indelevelmente arquivará nas suas páginas.

O sincronismo que ultimamente se tem verificado nas greves decretadas nas empresas públicas de transportes de Lisboa não pode ser visto separadamente desse amplo movimento crítico ou do profundo descontentamento que este Governo está a causar entre as camadas sociais mais pobres. Se por detrás destas greves estarão também objectivos políticos isso não será o mais grave certamente. Qual a greve que não obedece a uma orientação política ou partidária? Só as greves anarquistas... E mesmo essas... O que nos parece mais grave neste conflito de implicações sociais tão vastas é o facto do Governo português estar a mostrar uma irredutibilidade verdadeiramente histérica e irascível na resolução deste problema.

A televisão passa por ser, nestas circunstâncias, uma espécie de «pombo-correio» entre os «arguidos» do processo. O telespectador, o público em geral, são simultaneamente a testemunha e o juiz. A função da televisão é nada mais nada menos a de reunir quanto antes os elementos para que o «julgamento» decorra dentro do mais breve prazo de tempo. Mas o «pombo» é unilateral, a comunicação está viciada e apesar da disponibilidade de uma das partes a outra furta-se ao diálogo perante a «assembleia», recusa convites para estar presente em directo (Viana Baptista não aceitou o convite do «Aqui e Agora», naturalmente com medo que aparecesse algum dirigente sindical em emissão pirata...).

Mas o pombo transforma-se em ave de mau agouro, o cenário altera-se, a realidade de repente é uma fábula autoritária de que se extrai sempre a mesma moral: «Quem se lixa é o mexilhão»...

O cenário televisivo, respeitador da inilateralidade, compõe-se do seguinte modo: levam-se à Televisão vários ministros e secretários de Estado; preenchem-se os horários nobres, quanto baste, monologando democraticamente como se em família; mandam-se ler outros comunicados ministeriais; mostram-se painéis exemplificativos das «alternativas»; reclama-se ironicamente a solidariedade do eleitorado. Do resto encarrega-se Duarte Figueiredo...

Como cidadão deste País desaprovo obviamente a demagogia antipopular a que se tem assistido na RTP e é com uma profunda amargura que vejo a esperança de Abril a claudicar perante a soberba de um novo-riquismo político e económico.

Por isso se tivesse a responsabilidade de dirigir os últimos Telejornais seguramente que informaria os portugueses das consequências da história governamental (e televisiva): os portugueses teriam que ser informados de quanto custou ao País alugar mais de 300 autocarros (grande parte deles vindos do Norte: Porto, Viana do Castelo, Braga, Vila Nova de Gaia, Guimarães, Barcelos, Penafiel, Ílhavo, etc.) nos dois dias de greve. De quanto custou a publicidade na Imprensa, na Rádio e na Televisão (paga, não paga?). Em quanto importou o aluguer de táxis; a mobilização de cerca de 3000 polícias. De quanto custou ao Norte ficar sem muitos dos seus autocarros. De quanto custou moralmente a cada motorista furar a greve dos seus colegas. De quanto faltaria depois para responder às reivindicações dos trabalhadores em luta. Os portugueses deveriam saber o preço desta vergonha.

25/1/82

19

TELECRÍTICA

Rui Cádima



Por um «jovem telespectador activo»

CARO leitor: se tem por hábito ficar em casa, aos sábados, «pregado» ao televisor à espera dos bons programas que até aqui têm aparecido, comece já a programar de um outro modo o seu próximo fim-de-semana pois vão faltar certamente os motivos de interesse que o levaram a ficar alguns sábados preso ao televisor.

Começo por vos referir obviamente um dos grandes culpados desse «amor»... É, claro, o Dr. Carl Sagan, brilhante autor da série «Cosmos» que agora terminou, mas que nós não nos cansamos de ver repetidas vezes, bisando, trisando, etc. Trata-se sem dúvida de um dos programas mais fascinantes que já vimos. «Sabadabadu» entretanto desapareceu também, embora sem dar satisfações a ninguém, como se de um «rapto» à italiana se tratasse. Outro desaparecimento que tem passado certamente despercebido (inclusive à Direcção de Programas) é o do «Porque Hoje é Sábado».

Ora é precisamente sobre o vazio que este último programa deixou que queríamos falar hoje. O buraco em aberto — diga-se desde já — parece ter passado a ficar preenchido por um «jornal de economia» semanal, a dar já o tom do tipo de informação que um futuro canal de televisão (privado) fará em Portugal... Só um parêntesis: para além do já declarado «horror» às nacionalizações (que o grupo, aliás, manifesta militantemente) é por de mais notório o falhanço destes jovens «afilhados» da actual gestão da RTP perante a técnica televisiva, a técnica jornalística e, enfim, a «técnica» económico-social. Quando os vemos pensamos sempre que eles estão «à experiência» do futuro canal de televisão privada. Até lá vão-se treinando... Enquanto os outros ficam na prateleira. É que esses certamente não servirão aos futuros canais de televisão que devem estar a vir por aí...

Retomando o «vazio» deixado temos para já que reparar neste despautério demonstrado pela actual gestão: sem dizer água vai dá-se ao luxo de substituir um programa sobre os problemas dos jovens por um informativo

externo (o que dirão os jornalistas condenados às múltiplas prateleiras internas?) que é no fundo uma folheta incipiente de propaganda dos interesses da AD.

Para que a mudança não fosse tão notada vai de introduzir também o «Vivamúsica» para manter ocupado o pessoal da pesada, o mesmo no fundo que via o «Porque Hoje é Sábado» quando se discutiram questões tão importantes como o impasse a que se chegou no 12 ano, a gestão das escolas, o insucesso escolar, etc.

Agora, nada. Possivelmente estarão à espera da entrada na CEE para depois a Comunidade mandar para cá os filmes que já realizou sobre as questões relativas aos jovens...

Na verdade os problemas dos jovens, a sua atitude perante os mais variados problemas sociais e inclusive perante a Televisão estão desde há muito a ser tratados com uma atenção especial nos mais diversos países europeus. Hoje já se conhecem muitos dos efeitos sociais da *media*, e, portanto, nomeadamente em relação às camadas mais jovens há que ter o máximo cuidado no que é emitido. Em França, por exemplo, só nos últimos meses de 1981 diversos colóquios e seminários sobre este tema foram tendo lugar um pouco por todo o lado. No Conselho da Europa, idem. Na União Europeia de Radiodifusão o mesmo.

Em diversíssimas cadeias europeias, nomeadamente após 1979, após as comemorações do Ano Internacional da Criança, assistiu-se a uma verdadeira explosão na produção de infantis e juvenis, elaborados na maior parte das vezes por especialistas, pedagogos, professores. Nesses filmes teve-se sempre em atenção a formação do jovem e o descobrir das suas respostas e reacções ao que lhe era mostrado. Em França, mais recentemente tem-se abordado muito a problemática da passividade do receptor perante as emissões, tendo-se inclusive criado o sugestivo movimento do «jovem telespectador activo» que tem por objectivo fazer renascer, ou descobrir, em cada jovem, o seu espírito crítico. Em Portugal estamos cada vez mais necessitados de lutar por isso.

26/1/82

19

TELECRÍTICA

Rui Cádima



O Tony, o rato e as imagens parasitas

Muito há a dizer sobre o significado das imagens. No nosso caso não tanto da imagem pictórica (icónica), ou mesmo das imagens verbais, mas sobretudo das imagens icónico-verbais, audiovisuais, e ainda da mensagem televisiva.

Estamos portanto nos domínios da comunicação e da linguagem verbo-icónica e por aí nos vamos manter tentando levar a bom termo um trabalho de «sapa» nesta crítica diária que é, em última instância, uma espécie de «didáctica» do audiovisual.

Várias questões há a considerar, muito rapidamente antes de entrarmos em concreto na análise de uma determinada imagem de uma sequência de imagens ou inclusive de um programa. Elementar é reconhecer desde já que há várias experiências no ver. Cada telespectador possui os seus próprios códigos, a sua informação, os seus gostos, as suas opções.

Por exemplo, se há quem goste do Tony Silva por ele ser uma óptima caricatura de muitos «artistas de variedades da canção, rádio e TV» que por este País pululam, nomeadamente na raia estremenha (influências dos nuestros hermanos através das emissões da TVE...), há quem também lhe ache qualidades originais, o prefira inclusive ao Herman José e o peça insistentemente no programa «Quando o Telefone Toca», reconhecendo-lhe nomeadamente os seus dotes vocais e as suas qualidades de grande romântico...

Para além desta dicotomia já banal entre o aud tório de destinatários da mensagem televisiva há a considerar também as características do conteúdo da mensagem que lhes é destinada, a tipologia dos programas, a sua função e o seu tema. Equacionados estes parâmetros há então que nos colocarmos na difícil posição de resistentes à mensagem televisiva. Não podemos ser persuadidos por ela, os seus efeitos nefastos não nos podem tornar passivos, sob pena de perdemos a nossa própria personalidade. Há

pois que reagir activamente na recepção da mensagem.

Desde sempre que tem sido na publicidade que vamos encontrar as maiores facilidades para compreendermos o verdadeiro sentido da imagem e da mensagem. E é na publicidade pela simples razão de que a imagem publicitária é absolutamente «franca» e explícita naquilo que quer dizer... Roland Barthes na sua «Retórica da Imagem» já o havia dito: «(...) na publicidade a significação da imagem é seguramente intencional: são certos atributos do produto que formam *a priori* os significados da mensagem publicitária (...).

Há por outro lado imagens — e sons — que se anulam por si só quando em contacto com um destinatário algo exigente, ou minimamente «activo» ou ainda simplesmente «precavido»... Um mau anúncio de um produto (lembro-vos por exemplo aquele em que aparecem muitas pernas de muitas meninas e que anuncia uns *collants* quaisquer ao som do «can-can») não pode motivar obviamente esse tipo de consumidor (e se digo consumidor — masculino — é porque parece mais um anúncio para homens do que para mulheres...).

Se passarmos para uma outra sequência de imagens icónico-verbais, não publicitária, fixada pela memória num só fotograma, num plano que nos lembre a sequência, e que neste caso pode ser o *contre-plongé* que foca o Rui Guedes sentado ao piano a emitir os seus milhões de sons, se o plano fixado for aquele em que ele fica à frente das câmaras, de perna aberta, então teremos de concluir o pior, não só do «performer» como também do operador de câmara e do realizador. O Guedes foi tratado como um rato. Não se faz... No outro dia até lhe trocaram o programa de aniversário...

Estas as imagens que apesar de se anularem subsistem como parasitas... São portanto tão prejudiciais como as mais persuasivas em todo o fluxo televisivo.

28/1/82

19

TELECRÍTICA

Rui Cádima



Morra o «Taxas», morra... pim!

NUMA das últimas estatísticas feitas pela União Europeia de Radiodifusão referentes à percentagem de licenças de televisão pagas nos seus diversos países membros podemos ver que, relativamente a Portugal, em cada cem habitantes, com as suas cerca de 1 milhão e 200 mil licenças pagas em quase 10 milhões de habitantes, se verifica uma percentagem das mais baixas na Europa, na ordem dos 12 por cento.

Entre as licenças declaradas, cerca de 15 mil não estavam em dia e também cerca de 15 mil eram gratuitas. Não se pense, porém, que o «tiro ao bolso» disparado pelo «taxas» tem por alvo estes incautos subscritores...

Vejamos antes de mais que estes números nos levam forçosamente a tirar várias conclusões. Em primeiro lugar queríamos dar ao leitor mais alguns números relativos a outros países europeus. Vejamos pois por exemplo o caso da Bélgica. Com um número de habitantes quase rigorosamente igual ao da população portuguesa (segundo os recenseamentos oficiais), tem no entanto quase o triplo das licenças declaradas, entre televisores a preto e branco e televisores a cores.

Não consta entretanto, neste caso, que os belgas o tenham conseguido à custa de um qualquer «Ou Vai ou Taxa»... Ninguém, aliás, se arriscaria a um tal empreendimento. Televisão que o fizesse era televisão condenada. Os canais alternativos lá estão à mercê de qualquer um, pague ou não a taxa... Felizmente pois para os belgas não aparecem por lá os «taxas» deste mundo que parece terem escolhido Portugal como sua pátria. Nós aliás bem os podíamos exportar, quanto mais não fosse para as Berlengas...

A Bélgica apresenta então uma percentagem de licenças pagas na ordem do 30 por cento. Se fossemos para o caso da Alemanha Federal verificaríamos que esse número seria da ordem dos 34 por cento, na Dinamarca de 36 por cento, na Inglaterra de cerca

de 33 por cento, na Suécia de 38 por cento, no Mónaco de 52 por cento e assim sucessivamente, até chegarmos a Portugal com os seus 12 por cento, um pouco acima de Marrocos, com os seus 4,5 por cento...

Acreditem agora que nenhum dos milhões de europeus (que pagam as suas taxas sem tiros aos bolsos nem cabotinismos agudos) se lembra de alguma vez ter visto o Sr. Henrique Santana à sua frente!...

Suponho que o «Ou Vai ou Taxa» pretende ser uma espécie de tortura permanente que tem em vista, paradoxalmente, fazer com que a RTP atinja, pelo menos, um número percentual digno de apresentar ao dossier da CEE... Proença de Carvalho estará a pensar com certeza em ter percentagens na ordem dos 20, 25 por cento, quem sabe?... E disso o «eleito» Santana se encarregará... Isto é, quanto mais ele e os «taxas» todos nos aparecerem pela frente mais vontade nós teremos de pagar a licença para ver se ele se vai embora o mais depressa possível.

Nós pensamos que não seria necessária tanta tortura... Afinal só as rendas da publicidade não chegariam para cobrir todos os défices? Centenas de milhares de contos mensais não chegariam para evitar todos os «taxas»?

Não faz sentido de facto que este péssimo espectáculo (?) televisivo, sem dúvida ao nível do pior que a RTP nos tem dado nos últimos tempos, seja produzido na intenção de conquistar uns dinheirinhos provenientes das 15 mil licenças que estão por pagar... Se assim fosse, o «taxas» ao fim de algumas sessões ainda tinha que pedir emprestado para pagar os andares. O fto é de facto conseguir um número mais «redondo» para a entrada na CEE... E com um número mais bonito a RTP até poderá dizer que o conseguiu à custa da qualidade da sua programação...

Eu por mim falo: se pagasse a taxa era para me ver livre do «taxas»... Nem quero imaginar se este suplício fosse diário...

TELECRÍTICA

Rui Cádima



«A Televisão revelou-me um outro cinema...»

S AIMOS da Cadeia da Relação do Porto projectados infalivelmente pela memória do cinema no «fantasma» de Simão (essa reincarnação de Camilo no «Amor de Perdição»?) extremamente conseguida, aliás, no filme de Oliveira, e de uma forma muito diferente daquela utilizada por Dórdio de Guimarães (não tanto um «cinéasta» mas mais um «teleasta») na passagem de Natália Correia pelas mesmas grades que já haviam encerrado por mais de um ano Camilo Castelo Branco.

A realização de Dórdio Guimarães, algo adversa às linhas esquemáticas de um «plateau» encenado em prisão — linhas rectas, frontalidade, transparência —, remete-nos para isso mesmo, forçosamente, para essas outras imagens de Manoel de Oliveira que nos deixaram a impressão de ter sido esse um dos enquadramentos mais belos da sua adaptação da obra máxima de Camilo.

Dai termos lembrado agora Oliveira e encontrado no seu olhar a projecção de um quadro apaziguador por oposição a uma certa truculência de mais recente texto fílmico do «1+1=1». Lembramo-nos por isso que Oliveira deveria ter como que o exclusivo de todas as viagens pela «noite» da Cadeia da Relação do Porto. Através do seu olhar, Natália Correia ter-se-ia perdido nas mil e uma conjecturas visionárias e românticas que Camilo «fabricou» em mais de um ano de degredo.

Ainda por causa do cinema abandoná-mo-la referindo-se a essa outra figura também já cinematizada — a do José do Telhado — deitando um último olhar às ruínas da sua granítica casa do Norte do País.

Dai passámos para Genebra, para os primeiros planos do «Petit Soldat», numa deambulação «à procura do tempo perdido», entre o cinema e a televisão, seguros de que a força imaginária e «animica» da sétima das artes já nos tinha apaixonado instanta-

neamente, ficando assim para trás o discurso atravancado do «1+1=1». Para trás ficava-nos ainda uma outra memória — esta televisiva — de uma outra abordagem produzida no Centro de Produção do Porto, salvo erro por António Faria, sobre Camilo e Ana Plácido.

Continuámos com «O Soldado das Sombras» de Jean-Luc Godard. No original, «Le Petit Soldat», segunda longa-metragem deste «decompositor» das imagens, produzida quando ainda não se sabia bem o que iria acontecer com o seu primeiro filme — «A Bout de Souffle». Não tanto inesperadamente como se poderia julgar, o Governo francês proibiu desde logo, e durante cerca de três anos, o filme que agora vimos (e que ainda não foi exibido no circuito comercial em Portugal). Motivo: fazer alusões à guerra da Argélia...

Como em tantos outros casos, Godard foi aqui mais uma vez incompreendido por muitos, apesar do seu pressuposto ser por demais evidente na repetição constante que faz, de leste a oeste, da tortura, da guerra e da morte.

António-Pedro de Vasconcelos anunciava entretanto na apresentação do filme (o primeiro depois dos «telefilmes» de Hitchcock vistos ao longo de cerca de dois meses), que se iniciava então um pequeno ciclo dedicado a alguns autores franceses, de algum modo os pioneiros da «nouvelle vague», ao mesmo tempo que publicavam nos «Cahiers du Cinéma» a sua produção teórica. Veremos de seguida, integrados neste ciclo, filmes de Jacques Rivette, François Truffaut e Luc Moullet — todos eles antigos críticos da conhecida revista.

Assim como dizia Renoir — mestre de todos eles — a propósito do seu trabalho em televisão: «A Televisão revelou-me um outro cinema...», também o espectador da noite de terça-feira poderia repetir, ainda que por diferentes razões, a mesmíssima frase...

Porque não podemos esquecer da SIP, não hesitámos em revelar aos nossos leitores o que foi aquela monumental mistificação. Escrevemos, preto no

fizeram moça. Felizmente os senhores da SIP ainda não são censores, como na URSS e na Polónia.

29/1/82 19

TELECRÍTICA

Rui Cádima



Quarta houve Marquês!

DE segunda para terça, a RTP/1 anuncia através de uma das suas continuistas «mais um» programa da série «TV Repórter» para a noite seguinte... Acabámos depois por verificar que iríamos ter sim mais uma «Grande Reportagem» da dupla Barata-Feyo/Artur Albar-
ran...

De terça para quarta, na RTP/2, Fátima Medina anuncia para a noite seguinte mais um «Quarta Há Noite», desta vez dedicado ao «Internacional»... Tivemos sim um «Quarta Há Noite», de facto, só que dedicado a um tema bem português, à figura do Marquês de Pombal, na passagem do segundo centenário sobre a sua morte — data que este ano se comemora, tendo sido para isso constituída uma Comissão nacional que os leitores do «PH» bem conhecem.

Entretanto, em entrevista dada aos responsáveis pelo programa, Lucas Pires referenciou estar já criada uma outra comissão no âmbito do seu Ministério, embora não tenha dado mais nenhuma informação sobre o assunto, ficando assim o telespectador mais uma vez mergulhado no silêncio perante o grupo de pessoas que vão representar o Estado na organização das comemorações. Nem tão-pouco foi dito algo sobre quais as manifestações previstas desde já para este ano... Bom, por cá trabalha-se, normalmente, só após as coisas acontecerem — já assim reza o aditamento...

Este trabalho extremamente meritório que o «Quarta Há Noite» realizou na noite de quarta-feira passada, teve como ponto alto, sem dúvida, a entrevista que Joaquim Furtado conduziu na presença de Agustina Bessa Luís, tendo por pano de fundo o Tejo visto do lado do Castelo, estátua de D. José em baixo. E se dizemos «conduziu» é porque de facto este trabalho o foi na verdadeira acepção da palavra, como raras vezes temos visto nestes últimos anos na RTP.

Tratou-se, com efeito, de uma longa conversa na qual se pôde

assistir, de certa forma, à descrição sucinta de muito do que de importante a grande escritora escreveu no seu recente «Sebastião José» publicado pela Imprensa Nacional. Ao longo dessa conversa foi-nos grato ver um grande profissional da informação a questionar de forma incisiva Agustina, não hesitando sobre qualquer «deixa», não perdendo de vista a abordagem feita na obra agora publicada, não olhando para a «cábul», relembrando anteriores entrevistas, remetendo o diálogo, e muito bem — dado se tratar de Agustina —, para Camilo e para aquilo que ele já havia dito por altura das comemorações do primeiro centenário, enfim, brilhando apesar da neblina, afirmando-se apesar dos silêncios.

Curioso foi ainda o início do programa com aquela entrada pela sala de aula numa Escola Preparatória de Lisboa, assistindo a uma breve lição sobre o Marquês, bem como o final, com o actual Marquês, e o regresso de Mário Zambujal aos não-diários. Bom trabalho, ainda, nas entrevistas realizadas no exterior, nomeadamente a alguns representantes dos partidos políticos, entre os quais esteve Raul Rego que pertence, como sabem, à primeira Comissão formada, que este jornal desde a primeira hora apoiou.

No estúdio tivemos ainda um historiador — Borges de Macedo — que traçou um quadro ligeiro da conjuntura social, económica e política do período e ainda um arquiteto — Charters Monteiro — que nos introduziu no quadro das opções urbanísticas após o terramoto.

Um programa cheio de interesse portanto, a demonstrar de uma forma muito clara que mesmo perante dificuldades materiais e humanas tais como as que ainda se verificam na informação da RTP/2, quando há de facto vontade em realizar e produzir programas bem elaborados, por bons profissionais, e em cima do acontecimento, as apostas decididas acabam por se transformar em realidades.

local das Prostitutas, revelou a Imprensa francesa.

Essas medidas especiais, designadamente um reforço das patrulhas «permitirão que, pelo

de Joan Cr

DOENTE, desiludida e abandonada por Holly- re

Segunda-feira, 1 de Fevereiro de 1982

TELECRÍTICA

Rui Cádima



Mais páginas de desvergonha

JULGO que ninguém ficou indiferente no sábado passado à referência feita no «Telejornal» (integrado no «Aqui e Agora») sobre o comício que o Partido Socialista tinha realizado na véspera no Pavilhão dos Desportos.

Foi, de facto, simplesmente escandalosa a montagem feita sobre as filmagens captadas. Não falo sequer no possível «puzzle» construído em torno da intervenção de Mário Soares. Quero referir-me principalmente ao facto de nem uma só imagem ter sido dada da assistência que enchia por completo a sala do Parque Eduardo VII.

No mesmo dia em que iam para o ar essas imagens (que foram mais o retrato da deturpação e da manipulação das notícias do que a imagem do próprio comício) realizava-se no Porto uma reunião entre socialistas das empresas de comunicação social, tendo Jaime Gama feito uma análise serena e lúcida daquilo que é hoje a RTP. Mas disso nada ouvimos. Assim como nada soubemos de muitas outras coisas que se passam neste país, nomeadamente daquelas que dizem directamente respeito à RTP.

Lembro nomeadamente o requerimento apresentado por José Niza sobre a «eficiência» do júri que se reuniu duas noites para escolher entre oitocentas canções as melhor doze... Lembro ainda a impugnação que a Sociedade Portuguesa de Autores vai fazer do mesmo assunto. Mas o que é que se há-de fazer? A RTP desconhece a RTP...

Ainda na área da Informação: se Mário Soares não teve direito à «sua» assistência; se Jaime Gama não teve acesso às câmaras — Freitas do Amaral, pelo seu lado, teve acesso a tudo isso, inclusive a abrir o mesmo «Telejornal»... O tema era mais uma vez «revisão constitucional», já repetida por Margarida Marante na «1.ª Página» de quinta-feira, que foi uma repetição de um «Quarta Há Noite» anterior e, nessa me-

dida, foi mais um convite a dormir do que assistir...

O «Aqui e Agora», entretanto, começava com imagens de arquivo. Sem «água vai», aparecem-nos imagens do ministro dos Assuntos Sociais, passadas já uns dias antes a rebater posições da Ordem dos Médicos. Como sabem estas reposições de arquivo fazem sempre lembrar o pior, e nós até pensámos que tivesse acontecido qualquer coisa ao ministro... Mas não. Era só mais uma brincadeira... Nada de anormal se tinha passado à excepção de ir ser dada a palavra a uma voz discordante (Gentil Martins).

Esperemos, entretanto, que Proença de Carvalho não descubra nenhuns jovens peritos em problemas de saúde e firme contrato para um qualquer «Jornal de Saúde» que defenda as teses ministeriais, o programa da AD e que de vez em quando dê um «toquezinho» no 25 de Abril e pergunte aos entrevistados se até concordam com a democracia (o doutor, ou o menino, não sei como tratá-lo, que fez perguntas ao Sr. José de Melo no «Jornal de Economia» parecia estar receoso perante esta «difícil» questão...).

No respeito a... ao «Sabada-bad», por exemplo, que já não aparece sei lá há quanto tempo, dizem para aí as más línguas que o padre Pimentinha foi excomungado por Proença de Carvalho e pelos Indexes da 5 de Outubro, constando que há muito bailado gravado a ir para o ar em breve sem pimenta nem qualquer outro condimento q.b.

No respeito a... ao «Porque Hoje É Sábado», por exemplo, que já não aparece sei lá há quanto tempo, dizem para aí as más línguas... que (pelo menos desta vez) foi substituído por um programa sobre as corujas das torres (agora que o ensino está uma maravilha mandam-nos com os mochos para cima). Bem, estamos a começar pela Zoológica, já não é mau...

ional da I Divisão, foi antecipada para sábado, às 15 horas, no estádio do Bessa, sendo a única alteração ao calendário da Divisão principal.

Os encontros de hoje são: Benfica-Sacavenense, Amadora-Sporting e Belenenses-Estoril.

Juniores em treino

Souza Tavares e Cid/ Newscourt.

Sábado, 30 de Janeiro de 1982

TELECRÍTICA

Rui Cádima



Por motivos de ordem técnica, não nos é possível inserir nesta edição a habitual crítica do nosso colaborador Rui Cádima.

Quinta-feira, 4 de Fevereiro de 1982

TELECRÍTICA

Rui Cádima



«A Religiosa» em circuito interno

EXPERIMENTEI uma sensação diferente (frustrante) da habitual na passagem do filme de Rivette — «Suzanne Simonin, La Religieuse de Diderot». E isso aconteceu exactamente porque foi este um dos filmes que mais me fascinou no conjunto dos filmes que vi produzidos nas últimas décadas. Em mim, tenho sempre a presença constante daquelas imagens em que Anna Karina — a religiosa Suzanne — se transfigura e se excede numa ambiguidade constante entre o amor e a loucura, julgando-se por momentos que a actriz modela o personagem na totalidade — e com isso faz o realizador acreditar (Rivette assim o desejava) que tinha finalmente conseguido encontrar, longe de Diderot, a «sua» religiosa, a verdadeira Suzanne Simonin.

«A Religiosa» que vimos no «Cineclub» de terça-feira passada é a única obra de Jacques Rivette que «furou» as teias da distribuição comercial de filmes em Portugal. Conseguiu-o há poucos anos atrás, já depois de Abril, dadas as características do filme, e também dado o facto de ter sido proibido em França ao longo de todo um ano, logo após a conclusão das filmagens. Curiosamente, esta obra da «maturidade», que Rivette levou cerca de 5 anos a realizar, só viria a ser estreada em França em 1967, e mesmo assim foi preciso que Rivette anuisse a colocar no genérico o texto que vimos.

Pelo que dissemos de início, pelas suas metamorfoses, é um filme labiríntico, da mesma forma que os outros mais recentes o são. Alguém falou da presença de Borges no universo rivettiano. Em «A Religiosa» esse secretismo não se verifica no sentido da progressão da narrativa, mas antes ao nível da cumplicidade entre realizador e actriz, ensaiando a perversidade maior — ou seja, a comunhão absoluta, na decomposição da personagem, sub-

Diderot.

Mas relembremos as palavras de Rivette: «Levei 5 anos a fazer «A Religiosa». Filmei com muito mais distância e frieza do que se o tivesse feito num instante. O princípio seguido era não: fazer uma adaptação, era pura e simplesmente decidir que não havia autor. (...) Num ápice «A Religiosa» deixava de ser em absoluto uma adaptação de Diderot: eu tinha a sensação de ter assimilado o livro de tal maneira que ele já não existia como obra literária: eu queria realmente encontrar Suzanne Simonin.» (*Cahiers du Cinéma*, Setembro de 1968).

Este enovelado tão sedutor e raro no cinema, este mergulho brutal no espaço cénico e filmico, à procura de uma personagem e de uma «alma» (no sentido arqueológico do termo) para o filme, levou-o ao rigor quase «enciclopédico» de encenar a morte numa progressão milimétrica evoluindo sempre na dualidade (obsessiva no filme) entre corpo (desejado) e espírito (recusado). No fundo, a saída do labirinto, o encontro com a morte — inevitável — enfim, a recusa do corpo é também o encontro, a Suzanne que Rivette tanto desejava alcançar. Essa a aposta (apaixonante) claramente ganha pelo realizador. Nela, o fascínio mais absorvente desta obra, exercido, diria, «cartesianamente»...

No final quase que somos levados a crer que a projecção de «A Religiosa» num écran de 51 cm de diâmetro não é mais senão uma violação sobre o *corpus* desta obra, idêntica àquela de que Suzanne era vítima no exterior e no interior do convento. A câmara da Rivette é aqui, de uma forma privilegiada, como raramente se viu no cinema, o olhar do espectador. Os 51 cm são neste caso o circuito interno de TV do próprio convento. E o telespectador uma espécie de terceiro convidado do espectador por excelência: Rivette. Daí a minha frustração. «A Religiosa» só em

Quarta-feira, 3 de Fevereiro de 1982

TELECRÍTICA

Rui Cádima



Deixem o Festival da OTI ser o Festival da OTI

OS Hermanos Diablo representaram o Equador, neste recente Festival da OTI, e cantaram «América» no melhor som «yanque». Um «paco» endiabrado, «torero», representou a Guatemala e gritou ameaçadoramente: «Soy Loco»!... Cid ficou-se por uma lágrima, longe do seu cantinho, onde é cavaleiro, compositor e, pelo que parece, funcionário da RTP junto da OTI...

O Festival da OTI é hoje, de facto, tanto pior quanto mais se quer inscrever nos rituais standardizados do «music hall» norte-americano e anglo-saxónico. É nesta cópia desequilibrada que denuncia o seu maior subdesenvolvimento, chegando a Portugal já com o rosto marcado, ou, melhor, com a imagem de uma lata de Coca-Cola já amolgada, ferrugenta e com água suja de «cola» lá dentro.

Se nós não conhecêssemos a América do Sul pelas notícias dos jornais, pelas Repúblicas de Bananas que a habitam, ou pela Geografia económica e física que estudámos, ou ainda pelos seus valores culturais e pelas suas tradições e costumes, ficaríamos exactamente como o burro a olhar para o palácio, em plena ignorância, a «mirar» enternecidos aquilo que poderia ser a festa de homenagem ao Nelson Ned e aos «gorilas» sul-americanos.

Não acredito pois que esta festarola tenha dito o que quer que fosse aos telespectadores portugueses. Eu por mim dispensava-a. Dispensava também o Cid. Dispensava também a RTP.

Mesmo assim, apesar do nosso descontentamento, e quase dois meses passados sobre a realização deste Festival da Canção Ibero-Americana (e sobre a data prevista para a sua emissão — 7/12/81), a RTP ainda arranhou «lata» para nos despachar aquela aberração dita latino-americana.

Se há quem diga que este Festival tem alguma coisa a ver com o Festival da Eurovisão (que se realiza todos os anos num país europeu, quando não é em Israel...), isso não admira... Estabelecidas as necessárias distân-

cias, somos forçados a concluir pela semelhança de intenções, embora na velha Europa os «latínismos» e os seus impulsos mais imediatos, mesmo as suas paixões violentas, não se comparem com o que agora vimos, pois são um tanto atenuados pela presença eslava, ãe, enfim, pelo peso dos anos da velha senhora...

De facto, já se disse que o certame anual da Organização da Televisão Ibero-Americana «nasceu num momento em que na Europa se encontrava em decadência o prestigioso concurso de «canções»... Não sei exactamente quais foram os «hermanos» que o disseram, mas se foram os nossos vizinhos, que organizaram o primeiro desses festivais OTI, só poderiam ter sido os nossos «hermanos» do «Hermano Lobo», os mais satíricos da Península, nos idos anos 70...

Longe vão os tempos em que Baden Powell também participava nesta cegarraga. Mais tarde apareceu também algo extemporaneamente Maria Ostiz, voz inconfundível da boa música de Espanha. 1977 salvo erro, teve em Paulo de Carvalho um, apesar de tudo, digno representante de Portugal.

No ano seguinte o Festival da OTI realizou-se no Chile, exactamente cinco anos após o general fascista Augusto Pinochet ter deposto o regime democrático chileno presidido pelo saudoso Salvador Allende. O ano passado foi em Buenos Aires, na Argentina de Videla...

Foi pena que nessa altura ainda ninguém tivesse pensado que poderia demonstrar a sua solidariedade com o povo chileno, o povo argentino e todos os povos oprimidos da América do Sul e Central, realizando um programa de Televisão transmitido por satélite para todos os países do Mundo. Se assim fosse os Estados Unidos certamente teriam assumido a liderança do amplo movimento, nomeadamente organizando um grande Festival paralelo onde participariam certamente os Intilimani, o irmão de Che Guevara, a irmã de Allende, Mercedes Sosa, Atahualpa Yupanqui e Régis Debray.

TELECRÍTICA

Rui Cádima



Informação escrita e falada cala o «Telejornal»

LIMITEI-ME ontem a discutir sobre o fascínio exercido pelo filme de Rivette, convencido de que tinha uma oportunidade rara à mão, a não perder sob pretexto algum, mesmo que o ecrã não tivesse mais de 51 cm de diâmetro...

Entretanto o fascínio perdeu-se e voltei à minha condição de telespectador tristonho à espera de um outro programa que pudesse justificar esta entrega diária, que aqui contabiliza diariamente os insucessos da programação e os devaneios da informação.

Neste diálogo de surdos que constantemente vamos travando com um interlocutor insensível, ditatorial — e eu sei lá que mais — às duas por três vemo-nos a lamentar o facto de não existir já um terceiro, um quarto, um sétimo, um vigésimo canal de Televisão que remediasse de uma vez por todas o auditório mais exigente, fazendo com que em casa passássemos a ter todas as noites a «aldeia global», nua e crua, perscrutada dos mais diferentes ângulos.

Vem isto um pouco a propósito deste recente debate em torno das possibilidades que entretanto foram criadas à Igreja Católica de vir a ter o seu próprio canal de Televisão, com a aprovação na terça-feira da entrada do respectivo requerimento na Assembleia da República e consequente «chumbo» da pretendida impugnação por parte da oposição.

Também por uma rara coincidência, no dia em que uma tal discussão se verificava no Parlamento, um semanário com o nome de «Diabo» perguntava-se em Manche: «Quem tem medo da Igreja?». Simultaneamente, no segundo canal da RTP, passava «A Religiosa» (que seria seguramente um dos primeiros filmes a figurar numa eventual «lista negra» de longas metragens a evitar pelo futuro canal da Igreja).

Ainda nesse dia o «Telejornal» apresentava-nos aquilo que nos pareceu ser uma primeira (e única, com certeza...) abordagem

do tema, tendo para isso realizado algumas pequenas entrevistas junto de alguns deputados, em S. Bento.

O que então vimos e ouvimos não foi mais se não o que há algumas semanas atrás quase todos os jornais já haviam noticiado aquando das interpelações de Arons de Carvalho e José Luis-Nunes. Nessa altura, porém, nada mais foi adiantado pela RTP.

Desta vez, apesar do relevo dado ao assunto (primeira página do «Telejornal») não se chegou a ir mais além do que há muito se sabia. Aproveitei inclusive para referenciar alguns trabalhos já aparecidos na Imprensa de Lisboa sobre a complexa questão, nomeadamente os trabalhos apresentados pelo semanário «Expresso» e pelo semanário «O Jornal» (com tratamento diferente, mas qualquer dos dois, trabalhos extremamente curiosos e amplamente informativos), bem como o excelente trabalho que ao longo de duas emissões pudemos ouvir no «magazine» da «Antena 1» coordenado por Emídio Rangel — «Praça Pública». Ao pé disto o «Telejornal» não passou de uma folheta tonta e amnésica que não sabe o que faz (ou que fez) e que ao tratar de um assunto tão delicado como este procede como se os portugueses fossem informados diariamente por si sobre o andamento de todo o processo limitando-se a referir secamente o facto da oposição pretender impugnar a entrada do requerimento no parlamento por alegada inconstitucionalidade.

Com isto só podemos chegar a uma lição: daqui a vinte anos quem quiser optar por escrever a história deste país baseando-se só na informação televisiva do primeiro canal chegará à triste conclusão de que quanto mais um assunto disser respeito a todos os portugueses e quanto mais polémico ele for, mais o Telejornal se afastará dele. Desde já um conselho: quem estiver a pensar fazê-lo o melhor é começar já a coleccionar os recortes dos jornais...

TELECRÍTICA

Rui Cádima



Anedotas nada económicas

O regresso do «Sabadabadu» (refeito da «quarentena», com Camilo e Ivone mais «em forma» do que nunca) e a passagem em simultâneo do fascinante «Alice nas Cidades» de Wim Wenders (integrado no ciclo «Moderno cinema alemão» que agora terminou na RTP/2), trouxeram à noite de sábado passado excelentes motivos para que desta vez o telespectador não necessitasse de sair de casa para encontrar o pretexto de bem passar uma noite de sábado...

Quem ficou, porventura só se arrependeu se vinha já a acompanhar a programação da tarde, nomeadamente se tinha conseguido resistir ao «Hoje Há Visitas», ao «Magazine de Cinema», e, claro, à anedota do ano (uma delas, pelo menos até agora) que é o malfadado «Jornal da Economia».

Da restante programação não vimos maravilhas mas de qualquer modo foi bom registar a sempre cativante presepça de Carlos Botelho — o convidado da semana no programa apresentado por Isabel Baía à hora de almoço espaço que está a fechar-se já sobre uma série de chavões costumeiros, o que importa portanto modificar.

A atenção foi toda mais uma vez para esse espaço venenoso que dá pelo nome de «Jornal de Economia» — o tal que é feito por um grupo de eméncias pardas do discurso ideológico que está inclusive à direita do próprio poder, os quais por sua vez trabalham para a tal «Edipim» que se desmultiplica assustadoramente em «anexa» da RTP, e que por sinal até teve agora uns milhares de contos para a telenovela que já anda por aí nas ruas de Lisboa e que por sua vez está a construir um estúdio por aí, empresa que por sinal — diz-se — tem ou tinha como sócio um administrador da RTP que dizem ser uma espécie de adjunto — a — todo — o — serviço de Proença de Carvalho...

Bom, deixemo-nos de desgraças. Sócio ou não, o que é facto é

que a empresa lá continua a marcar pontos. Algum espertalhão «topou» que os cento e tal jornalistas da RTP não chegavam para cobrir(...) os acontecimentos (ou serão os suplentes «privados» para os dias de greves?) e vai de encaixar na programação um espaço informativo cuja responsabilidade recai inclusive fora da estrutura da empresa pública da radiodifusão — RTP, EP! Pimos já que se trata de um programa absolutamente demagógico, politicamente duvidoso, cujos apresentadores e «colunistas» vomitam tudo o que está na sua real gana como nenhum outro profissional da RTP o pode fazer, isto é, sem ter por detrás o espectro sinistro dos delegados para a propaganda e a contra-informação do Governo.

Em última instância poder-se-ia prever que opções políticas e económicas limitadas e partidárias viessem de igual modo a estar presentes na RTP defendendo pontos de vista idênticos, do mesmo modo falhos de perspectivas sociais alargadas, como seria o caso das associações patronais apostadas no investimento desenfreado ou dos grandes grupos económicos que suportam um certo «marketing» político.

Enfim, acabaríamos na mesma por ter não a «Informação» que qualquer serviço público de televisão deve prestar da forma menos comprometida possível, mas teríamos isso sim a propaganda literal de cada um dos interessados, recebendo por isso milhares de escudos, entregando um produto final em nada diferente dos habituais «tempos de antena»!

Curioso desta vez foi saber que quase 50 por cento dos empresários portugueses prevêm para 83/84 a entrada de Portugal na CEE e também que em dois mil portugueses cerca de metade não tem posição acerca da adesão. Sobre isto o articulista concluía que os portugueses estão ainda «mal informados»... Pois, pudera! Os rapazes «informam» da mesma maneira que fazem sondagens!

TELECRÍTICA

Rui Cádima



RTP: 25 anos de ditadura

PRATICAMENTE a um mês das comemorações nacionais das «bodas de prata» da Televisão fomos agora revisitados com as imagens da histórica estreia, integradas numa série de 5 programas que irão continuar a emitir aos domingos à noite, depois do Telegiornal e até 7 de Março, usive, dia do aniversário da RTP.

Trata-se de uma repescagem de arquivos adicionados de algumas entrevistas a profissionais e colaboradores de destaque ao longo de todos estes anos. O traço é dirigido por Helder Duarte, o mesmo nome que realizou recentemente a «biografia» de Francisco Sá Carneiro. Como facilmente se verá Proença de Carvalho não entrega a «amadores» esta tarefa de documentar 25 anos de Televisão...

«25 anos de amor»: era assim que Rui de Carvalho encerrava a primeira das cinco partes do programa transmitido domingo passado. Apesar das suas impressões nostálgicas sobre uma «arte» que exigiu de todos os que nela m uma entrega absoluta e a criatividade a cada momento, foi ele, também, grande senhor do teatro português nestes últimos 25 anos, o único a reconhecer nesta «introdução» que não era verdade se ali se fosse dizer que «tinha sido tudo muito bom»...

Apesar de tê-lo dito, foi contudo a impressão que ficou da globalidade do programa, marcado, no fundo, pelos resumos das grandiosas reportagens sobre a visita de Isabel II e Paulo VI. De todo o trabalho fica, pois, a ideia de que os seus autores desconhecem ainda hoje que já não existe Censura (seremos nós a desconhecer o contrário?) e desconheiem também que entretanto de «ontem» para «hoje» há um «25» pelo meio...

Não queremos com isto dizer, obviamente, que as vozes que ouvimos, de Gina Esteves (a recordar a «gaffe» do sorriso — «ali não era como na Rádio...») a Gomes Ferreira (encafuado no primeiro «estúdio-caverna»), de-

vessem, por uma questão meramente ética e política, referir-se-lhes, mais para além da «petite histoire» em torno da actividade de «papagaio»...

Não. Referiamo-nos principalmente aos responsáveis pelo texto e pela realização desta primeira parte. De facto, não acoorder a questão social e ideológica do meio de comunicação de massa numa sociedade ditatorial; não querer ver quais as repercussões do *media*, por exemplo, na campanha de Humberto Delgado e qual o tratamento então dado, por oposição à visita de Isabel II e de Paulo VI; não querer ver qual a verdadeira *função* do mais poderoso meio de persuasão do regime fascista; não querer tocar nem tão-pouco superficialmente na inserção do novo *poder* na sociedade portuguesa de então, é, no fundo, não estar na posse dos rudimentos básicos da metodologia, do saber e do sentido crítico para assumir a responsabilidade dum trabalho deste género.

Com efeito não basta passar dezenas de horas a olhar para o arquivo se não se sabe de antemão o que é que lá deve estar e como «lê-lo». Não faz sentido por exemplo pedir a um analfabeto para escolher entre todas as palavras da língua portuguesa aquelas que podem querer dizer «Liberdade». Assim como não faz sentido encarregar de um trabalho destes aqueles que parece não poderem ver, ou não querem ver, um palmo de liberdade à frente dos olhos.

Foi pena que se começasse tão mal. Os «pioneiros» da RTP não mereciam que os seus colegas, 25 anos depois, os lhassem assim com tanto cheiro a sardinha assada e a faturas.

Mas a questão fundamental ainda não é esta. Nos próximos programas veremos como serão abordados os restantes anos deste *poder* temerário que não deveremos ter dúvidas em apontar como «totalitário». «25 anos de amor»? Do lado de cá será melhor dizer: 25 anos de «ditadura»!

TELECRÍTICA

Rui Cádima



O teatro na TV: comédias de «penduras»

PENDURADOS ao sabor da banalidade ficámos nós na noite de segunda-feira — a tal que deveria ser consagrada privilegiadamente ao teatro mas que na maior parte das vezes nos serve com cada «peça» de se lhe tirar o chapéu...

Nem o magnífico José Viana chegou para salvar aquele «carrossel» italianizado do naufrágio. «Pendura» é o telespectador. «Pendura» no sentido de «liso», marginal, abandonado ao despotismo do *media*, abandonado à comédia dependurada um pouco a medo no vazio da produção teatral da RTP.

Em tempos que já lá vão — nos «bons velhos tempos» em que chovem as promessas — Maria Elisa prometeu-nos teatro português como até então ninguém teria tido a coragem de dar. Falou-se inclusive em transmitir pelo menos uma peça de teatro por mês, em que a RTP ou seria produtora ou participaria só com as suas equipas técnicas na gravação de espectáculos que entretanto tivessem êxito junto do público.

Talvez tudo não passasse então da melhor das boas vontades, ou da melhor das intenções. Talvez que pelo meio tivessem acontecido os tais «acidentes de percurso»... Mas o facto é que, como aliás alguém disse na altura, uma peça de teatro por mês ou era fatura a mais ou teatro a menos... E em parte até acertou, embora não fosse nem uma coisa nem outra...

Teatro a menos, porque, como se tem visto, o bom teatro em Portugal, o teatro de qualidade dos grupos independentes, nomeadamente esse, dificilmente penetraria na teia algo decadente, anquilosada, que se instalou neste tipo de programação da televisão e que nos trouxe algumas «peças» de antologia do pior teatro que se «fabrica» nos palcos de Lisboa. Temos visto, pois, como os grupos independentes

com maior prestígio do País e no estrangeiro respondem, nas piores alturas, à política seguida neste âmbito pela RTP.

Desde a última vez que passou teatro português na RTP decorreu já uma eternidade... Nem sequer me lembro já de qual foi a última barbaridade a ser cometida... Desta vez com «Sua Excelência, o Pendura» não descemos ao mais baixo nível teatral mas também não se pode dizer que foi uma noite em cheio, porque não foi.

Realizada a partir de um original italiano por Helder Duarte, ficámos desta vez com uma comédia italiana representada por um «cast» quase bem escolhido (não fossem as «estreias» desastrosas e a «ferrugem» evidenciada nesta deambulação televisiva por quase todos os actores).

Quanto aspecto negativo foi a deficiente sincronização entre o trabalho dos actores, o texto e a realização televisiva. Muito melhor poderia ter sido feito neste caso se a realização tivesse preparado minimamente a captação dos momentos mais jocosos, no diálogo constante entre a expressividade e a corrosão do texto. Para além disso foi uma mise-en-scene que apesar do sofrível espaço cénico que parecia ter, e da posição das câmaras a desfrutar desse mesmo espaço, não deixou de ser maltratada, tendo o telespectador acabado por ver uma comédia à italiana «pincelada» com a habitual seriedade institucional do *media* pouco dado a comédias (antes ele próprio a grande comédia). José Viana, um «pendura» a preceito, deveria, sem dúvida, ser uma presença constante neste esvaziado écran tão falho de imaginação. De qualquer modo continua ainda a não ser dada uma resposta aos nossos autores. Que diabo! Tanta viabilidade económica e nenhuma produção! Já é caso para desconfiar... Não cremos que tudo isto seja uma comédia de «penduras»...

ROMOTORES — Tel. 637180 (Lisboa) — Sessões às 15.15 e 21.30. Aos sábados, domingos e feriados às 15.15 e 21.30.

TO... — Variedades — Tel. 326037 — De segunda a quinta às 21.30. Sextas e sábados às 20.45 e

6/2/82

TELECRÍTICA

Rui Cádima



Semiotologia da televisão

A semiologia é a ciência das significações, ou das grandes unidades significantes do discurso, segundo Barthes. Hoje em dia a análise de qualquer objecto estético já não faz sentido se não tiver em conta os pressupostos elementares da nova ciência. O texto de hoje não incide particularmente sobre nenhum programa televisivo, é antes uma introdução algo rudimentar ao âmbito desta matéria.

Cada uma das linguagens incluídas nas emissões de Televisão conserva os seus próprios códigos, as suas próprias leis de funcionamento e só esporadicamente se submete aos códigos especificamente televisivos. A telenovela brasileira é por excelência um exemplo de submissão quase total àquilo que se poderá considerar o discurso da narrativa televisiva.

Em oposição declarada a esse tipo de discurso estão os textos filmicos — os filmes — que vemos nas noites de cinema da televisão. Estes, particularmente aqueles cujo «estilo» nos sugere uma escola ou um autor, entregam-se regra geral aos códigos especificamente cinematográficos tornando-se a sua passagem em TV uma autêntica *redução* (podendo ser acompanhada também de uma alteração do *sentido*) sendo assim escamoteados não só as dimensões do enquadramento (mesmo que o «écran» seja respeitado) como também o próprio destinatário — que passa da sala escura e do silêncio para a roda familiar e as solicitações exteriores. Isto, obviamente, para além de muitas outras consequências, ao nível do discurso. Quem pôde ver, por exemplo, «Amor de Perdição», de Oliveira, no cinema, quatro horas e meia de projecção seguidas, e viu-o depois na televisão (RTP/2), a preto e branco, dividido em quatro partes, por vezes em deficientes condições técnicas, apercebeu-se desde logo que estava perante objectos diferentes senão mesmo opostos.

Falar, pois, numa semiologia

da Televisão leva-nos desde logo a reconhecer estarmos perante uma *rede códica* que comporta uma rede de linguagens diversíssimas, quer separadas quer sobrepostas. Nesta segunda «rede» vamos descobrir nada mais nada menos do que uma vasta pluralidade de códigos e linguagens. Falámos já nos códigos específicos da telenovela e do cinema. Poderíamos falar nos códigos da informação, da reportagem (uma partida de futebol, o casamento de lady Di, a chegada do Honfém à Lua), poderíamos falar dos «docu-dramas», da animação, da publicidade, dos magazines, etc.

Poderíamos concluir à semelhança do que um eminente semiólogo espanhol — Jorge Urrutia — já havia dito em relação ao Cinema que a estrutura da «linguagem» televisiva, composta de um certo número de códigos, possui um novo código que ordena as relações de todos os componentes e o funcionamento geral (no cinema é este o código específico). Mas em TV, para além deste código que não é especificamente televisivo, mas antes incaracterístico, estereotipado, existe um outro código — este sim — especificamente televisivo.

Este outro pode ser observado e analisado fundamentalmente naquilo que vamos considerar ser a «reportagem-informação» e também a «reportagem-ficção», com um carácter dramaturgico, produzidas única e exclusivamente para Televisão e segundo a sua linguagem elementar. É por conseguinte a partir do específico que vamos encontrar as linguagens não específicas, por comparação, se assim se quiser.

Mais ainda do que o cinema a televisão acaba obviamente por ter uma pluralidade mais vasta de códigos e linguagens embora nalguns objectos concretos Cinema e Televisão possam coincidir, nomeadamente quando é o Cinema a tratar a Televisão («Network») ou quando é a Televisão a emprestar ao Cinema os seus «meios»: «China Syndrome».

TELECRÍTICA

Rui Cádima



Primeira semana do ano: os males vieram todos ao de cima

«A Catedral» é a mais recente série estreada na RTP. O primeiro episódio — «Revolta e Incêndio», foi para o ar na passada quinta-feira no «Tempo dos Mais Novos». Para miúdos e graúdos, trata-se de um mergulho no século XII, quando a Igreja, na Alemanha, ainda vivia sob a tutela do poder político e a Catedral era a esperança depositada em Deus. O leitor poderá perguntar se alguma promoção foi feita, se a série (de 13 episódios, produzida pela SWF de Baden Baden) foi aconselhada pelo seu didactismo, etc., etc....

Apesar de se tratar de um programa de interesse a verdade é que nem sequer por isso foi mais protegido, em termos de promoção. Promoção vimos e com fartura das séries inglesas e americanas que abundam cada vez mais na RTP. Há dias aliás em que se ouve falar mais em inglês do que em português contando com a telenovela e tudo... Boa altura pois para se perguntar pelo que é feito dos 60 por cento de produção nacional anunciada para o mapa-tipo em vigor desde Outubro passado. De qualquer forma a promoção dos programas tem ido toda para as séries sendo muito raro ver um programa infantil, ou mais raro ainda um programa de produção nacional a ser promovido na RTP! (A excepção, claro, do famigerado «taxas»...). Habitados ao fenómeno, contentamo-nos com as cenas dos próximos capítulos da telenovela e com as promoções de «Um Homem entre Mulheres», de «Segunda Oportunidade» e da «Balada de Hill Street»...

Contentamo-nos também com outro dos hábitos consagrados; habituados que estmos a nos fazerem surpresas a todo o momento sobre a programação que está para vir... Quinta-feira o «para-quedista» foi Gérard Depardieu, que num muito especial «Número Um» veio substituir uma rubrica desportiva... Talvez

pelo seu físico... Não vemos outra relação. Os adeptos do desporto tiveram assim que contentar-se com aquela espécie de decatlo do «music hall» a que só colossos como o Depardieu se podem submeter.

Dois dias após a Ordem dos Médicos ter anunciado em conferência de Imprensa qual a sua posição perante as medidas recentemente anunciadas pelo ministro dos Assuntos Sociais, após também nós termos feito referência ao alheamento do Telejornal em relação ao assunto, quinta-feira o «pau - para - toda a - obra» que agora compõe a redacção do primeiro canal lá conseguiu *a posteriori* entrevistar Gentil Martins. De tal modo o fez, contudo, que para quem não estivesse já informado dessa posição através de outros órgãos de Comunicação Social, difícil seria perceber exactamente da importância e do significado de uma tal intervenção.

Como se não bastasse já o tempo ultimamente utilizado por Luis Barbosa na RTP para esclarecer a população das medidas tomadas pelo seu Ministério, logo a seguir à intervenção de Gentil Martins o ministro voltaria de novo para rebater a posição da Ordem. A impressão que nos ficou foi a de que houve uma grande vontade na elaboração deste trabalho desde a altura tardia em que foi realizado à própria montagem, não esquecendo a pressa em obter a resposta ministerial mal ainda se tinha começado a ouvir Gentil Martins...

Entretanto, as questões fulcrais relativas ao quotidiano dos portugueses, nomeadamente no que se refere ao agravamento da condição de vida, da chamada «qualidade de vida» dos portugueses, nada se diz. Como se Duarte Figueiredo e *sus muchacos* vivam noutro mundo que não o do cantinho à beira-mar sitiado. Se calhar pelo grande esforço que têm feito em esquecê-lo até são pagos por uma tabela «extra» à imagem do país que proclamam...

5/1/82

17

TELECRÍTICA

Rui Cádima



Argumentos para a eliminação da Televisão

Neste princípio de ano gostaríamos de vos falar em alguns argumentos para a eliminação da Televisão!...

Não pensem que vos vamos propor algo de novo, muito menos algo nosso, apesar de nas piores alturas nós mesmo termos aconselhado a esquecer aquela «janela» para o abismo... A nossa Televisão continua a atravessar uma fase depressiva um tanto maniaca, mas nós somos optimistas e dizemos agora não ser caso para tanto, não vamos ser radicais e eliminar a «doença» assim do pé para a mão... Há que saber esperar por melhores dias. Temos esperança no satélite europeu e no programa da UER. Aliás, as alternativas estão por aí a aparecer não tarda nada.

Quanto a nós, os analfabetos do nosso audiovisual, isto é, os Rui Guedes e todos os comparsas que cabem no manifesto anti-Dantas vão entretanto sendo compensados pelo grande Tony Silva. Não fosse ele e não eram também os Gervásios de trazer por casa que nos iriam alegrar os domingos, muito menos ainda seriam os ratos mal perfilhados.

Não fosse ele e fariamos aqui coro com o ex-publicitário Jerry Mander — autor de uma obra a que fizemos referência indirecta de início: «Four Arguments for the Elimination of Television». Por vezes dá vontade de citá-lo... Para ele a Televisão é um dos maiores flagelos contemporâneos, o primeiro aliás a extirpar desta sociedade decadente... A Televisão é um perigo intelectual, fisiológico, ecológico, económico e político... Encoraja a passividade, inibe o pensamento, alheia o telespectador do sentido do tempo, restringe o saber humano, enfim, transforma o *homo sapiens* nesse monstrozinho doméstico, alienado, louco, que dá pelo nome de *homo telespectator*... O nosso Jerry Mander não teve mesmo dúvidas em lhe chamar «cancerígena»...

Bom, por enquanto cá pelo burgo ainda não se chegou a esse ponto, embora já tivéssemos perto disso. Será curioso assinalar de qualquer modo que o autor da obra citada se referia à Televisão americana...

Bem ou mal escolhidos os «Alegres do Ano», eleitos pelo «Passeio» dos ditos, acabaram por constituir uma iniciativa meritória. Tanto mais que, pelo menos até agora, nem os magazines culturais nem a informação — muito menos os blocos não-diários — realizaram qualquer trabalho nesse sentido.

É curioso ver que são os colaboradores externos à RTP os primeiros a se interessarem por fazer estes balanços «instantâneos». Primeiro foi a Maria João Aguiar que convidou uma jornalista profissional da Anop — Maria Helena Mensurado — para um rápido balanço do ano, depois o Júlio Isidro que ofereceu diplomas a muitos «mais» da Rádio, Televisão, Imprensa, Cinema e Moda.

Esperemos entretanto que o ano transacto surja em revista, à semelhança do que já se fez em anos anteriores, embora alguns dos jornalistas que então participaram nesses trabalhos já não estejam na RTP...

Seria bom também que a RTP fizesse o seu autobalanço. Inevitavelmente o dr. Proença de Carvalho teria que surgir nos ecrãs mostrando os frutos do seu regime de poupança, mas de igual modo seria desejável que os directores de programas e de informação nos fizessem também o balanço da sua actividade, das promessas não cumpridas, da programação nacional que ficou por produzir, da informação que ficou por sê-lo, dos elogios feitos, das críticas que se fizeram ouvir, etc. Para comentar um balanço de tal interesse ninguém melhor, obviamente, que Jerry Mander.

to mais para realçar já que, nas sendo de um motor el de série com uma potência erior aos 90 cavalos din, mui-abaixo dos 150 e 200 CV que carros de fábrica quase todos itam, surgem como sérios nditados à vitória entre as máquinas

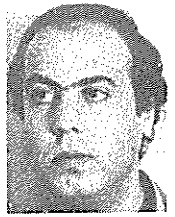
missão de apoio, outros», integrados na caravana que vai disputar o II Troféu Citroen Visa de Ralis/82. Isto é: pilotos, «penduras» e pessoal da assistência.

Novo Ferrari quase recordista

20

TELECRÍTICA

Rui Cádima



Cem grandes quadros para educar o olhar

Poder-vos-ia falar de depurações. Ou de demissões... E vimo-las no sábado. Poder-vos-ia analisar friamente aquilo que de pior vamos vendo todos os dias... E isso tem acontecido sempre aqui, umas vezes mais a «frio» do que outras, que isto de meios frios e quentes é confusão melhuaniana por excelência... Poderia... Bom, prefiro, porém, hoje, falar-vos apaixonadamente dessa série que vocês não vão perder — porque isso seria uma perda irreparável em termos dos vossos próximos anos televisivos — que tem por título genérico «Cem Grandes Quadros» e é uma co-produção da BBC. Pois se o leitor não tem comprado os fascículos sobre pintores da «Abril» veja esta série que só tem a ganhar...

Pena irreparável porque não há memória de nenhuma outra série idêntica, nem os próximos anos nos trarão certamente nenhuma outra que possa abordar de uma forma tão ampla toda a história da pintura, analisando no decorrer dos episódios nada mais nada menos do que cem quadros de cem pintores diferentes — dos primitivos italianos aos vanguardistas contemporâneos.

Uma ampla panorâmica portanto para a qual queremos desde já chamar a vossa atenção e a vossa absoluta disponibilidade. Decorridos apenas dois episódios (o horário é aos sábados às 14 horas) é já claro o carácter extremamente didáctico, aberto ao grande auditório, imprimido à série pelos seus autores.

É Edwin Mullins, escritor e crítico de arte, responsável pela selecção das telas, quem nestas palavras deu um «quadro» geral dos objectivos deste longo programa: «Quando lemos um livro ou vemos um filme, ou ouvimos um trecho musical, temos que lhes dar todo o tempo de que necessitam. Mas, numa galeria de arte, as pessoas tendem a vaguear e apenas tomam conhecimento dos quadros. O que nós queremos nesta série, mais do que tudo, é tentar que as pessoas percarn tanto tempo num quadro, comparativamente, como em qualquer outra forma de arte. Nós oferecemos uma maneira de *olhar*».

É portanto essa «maneira de olhar», ou esse «modo de ver» levado ao pequeno ecran por John Berger, ou ainda as viagens imaginárias de André Malraux pela história de arte que poderão ir educando progressivamente os *olhares* mais distantes e mais distraídos.

Mais do que as séries já referidas, ou ainda mais do que a série que vimos no ano passado intitulada «Tendência da Arte no Século XX» (onde pudemos tomar contacto com as correntes mais significativas deste século), a série de Edwin Mullins ao ter como objectivo principal esse contacto permanente com a obra de arte, ao ser uma espécie de viagem guiada aos confins da tela (conduzidas, diga-se desde já, por críticos de renome internacional e ainda por alguns pintores), ajudará de uma forma invulgar a uma aproximação do grande público com a pintura, procederá como que a uma alfabetização do olhar, quer dos telespectadores ainda pouco disponíveis para a pintura quer daqueles que apesar de se enquadrarem nos níveis culturais médios têm sempre muito a aprender com este género de trabalhos.

A abordagem do quadro do Tintoretto «Ariana Coroada por Vénus», para além de ter sido um grande espectáculo, foi exemplar sob o ponto de vista da didáctica visual e histórica. Em Ariana, mais do que o poder de Veneza, está propagandeado o poder do amor (Baco sucumbe perante Ariana), numa das mais belas imagens que o *cinquecento* italiano nos deu.

Humberto e Shéu parecem estar

Quinta-feira, 11 de Fevereiro de 1982

TELECRÍTICA

Rui Cádima



«Quadros» do jovem Garrett vistos por Manuel Alegre

DEPOIS de Camões, Bernardim Ribeiro, Sá de Miranda, Bocage, entre outros, foi agora a hora e a vez de Almeida Garrett ser reencontrado nestas «Trovas do Vento que Passa» declamadas por aquele que se assina... o poeta Manuel Alegre.

O poeta, mas também o político — é bom não esquecer. Manuel Alegre tem experimentado ao longo de toda esta série de «trovas» integradas no «1+1=1» (agora sem genérico: é caso para perguntar se ainda faz algum sentido apresentar este «mosaico» sob um título que não existe) uma diversidade de abordagens, que nós diríamos quase perfeitamente conseguidas, sobre alguns dos poetas portugueses que inscreveram nas páginas da história e da poesia o seu grito de liberdade.

E dizemos «quase conseguidas» porque, em primeiro lugar, sob o ponto de vista da narrativa, da fluência do discurso televisivo, o programa repete sucessivos chavões, «antifiguras», de estilo sem significado, que não se compadece de facto com os pontos de vista estéticos, poéticos e políticos expostos pela voz bem timbrada e pelo rosto expressivo do poeta Manuel Alegre.

Por exemplo, na passagem de uma qualquer sequência para outra, onde se verifica quase sempre uma economia do tempo cronológico por oposição ao tempo fílmico, isto é, quando se dá uma mudança de local de filmagem e o apresentador nos surge a dar continuidade ao seu texto literário, a câmara raras vezes coloca as «vírgulas» no seu lugar, raras vezes consegue sugerir-lo através dos seus próprios códigos, das possíveis elipses, parábolas, encadeados, fundidos, etc.

Aquilo que, por exemplo, itorino de Almeida habitualmente consegue exclusivamente com a sua deambulação ou os seus *travellings* frente à própria câmara, ou mesmo com os enquadramentos de simbólica significante,

Manuel Alegre não pode conseguir na maioria das vezes quando se queda estático, oferecendo assim à câmara o poder (inaproveitado) de evidenciar o «final da frase», a mudança de plano.

As movimentações panorâmicas que o operador provoca, algo embaraçado, para a esquerda e para a direita, as desfocagens constantes, os recursos às panorâmicas verticais do céu para o rio, do poeta para a estante, dos interiores para os exteriores, não são mais senão a denúncia da dificuldade discursiva. Estão, portanto, a tornar-se de certo modo enfadonhas para o telespectador que, como nós, não se limita a aprovar sem hesitações a sobriedade do discurso do apresentador, os seus temas em análise, o carácter didáctico que imprime aos seus programas, o sentido profundo de liberdade que faz transpirar insistentemente nestas «trovas» sempre bem recebidas pela generalidade do auditório.

Manuel Alegre pode melhorar substancialmente a sua «imagem» televisiva, formalmente, digamos assim, se tiver em conta que a sua presença deve ser explorada em termos «cinéticos» que deve ser ele o verdadeiro eixo, o pólo centripeto do programa, assumindo-se mais para além do próprio texto literário, esboçando um prolongamento inclusivamente ao *raccord*, definindo a mudança de plano, sem deixar que esta se torne permanentemente improdutiva e/ou estática, «oca» em termos narrativos, sem significar nada mais a não ser que o realizador «avisa» da entrada de outro plano. O facto de se tratar de um aviso deslocado de sequência em si e ntrecorta a narrativa, tornando-se a repetição constante desta prática uma interrupção do discurso estético e não um contraponto harmonioso.

De tudo o que dissemos obviamente não concluímos pela negação deste Garrett epicamente narrado. E aproveitamos para alertar o leitor da sua próxima continuação — por agora ficamos com o «jovem» Garrett.

FANTASIAS NOCTURNAS —
Satélite — Tel. 562682 — 14.00.
16.30, 19.00 e 21.30. Xonon.

GALILEU, LEONARDO E EU
e O PALÁCIO DAS ILUSÕES DE UMA NEGRA —
São Luís — Tel. 327172 — Terças,
quartas e sextas às 18.30 e domingos às
16 horas. Originais de Almada Negreiros
e a Adrienne Kennedy, em coprodução.

Sábado, 13 de Fevereiro de 1982

TELECRÍTICA

Rui Cádima



Perdemos a língua perdemos a fala

MAIS um «Residência» assinado pela redacção do Centro de Produção do Porto, mais uma «monografia» regional com a qualidade a que já estamos habituados. Desta vez assinada por Manuela Melo.

Região ouvida: a raia do Nordeste, nomeadamente a zona de Almeida, Vilar Formoso, etc. A certa altura falava-se de televisão e o presidente da Junta de Freguesia de Vilar Formoso, com uma naturalidade de abismar as gentes aqui da cidade, confessa que muitas vezes a RTP não chega àquelas paragens, e mesmo quando chega, ou chega tecnicamente mal, ou chega mal porque a programação pura e simplesmente «não presta», como se costuma dizer...

Partindo dessa constatação o presidente da Junta acabava por concluir que na maior parte das vezes aquelas populações são obrigadas a seguir a televisão espanhola em vez da portuguesa. Por várias razões, segundo ele: a principal das quais residia de facto na diferença de qualidade da programação, quer à noite, quer nomeadamente à tarde, com as emissões para os mais novos. Ai tudo se complicava...

Disse-se abertamente — e podemos depois comprová-lo com as imagens captadas pela reportagem — que as crianças de idade escolar (da primária ao preparatório, principalmente) passam diariamente bastante tempo diante dos ecrãs que transmitem programação espanhola, tendo isto, como consequência imediata, uma habituação ao espanhol que é de facto trágico naquela idade escolar. Como podemos

sábados e domingos, às 15.15, 18.15 e 21.30 A Balada de Django. Int. men. 18.

RESTELO — Tel. 610375 (Lisboa) —
Sessões às 15.30 e 21.30. Aos sábados e
domingos, às 15.00, 18.15 e 21.30.
A Banqueira. Int. men. 13.

mais o Governo se atola, mais grita por Proença. Com a sua ajuda foi encontrado o primeiro «bode expiatório». Em termos de propaganda televisiva — governamental o PCP levou agora a machadada final. Depois de Cunhal ter aparecido no «tempo de antena» do PCP, a AD reuniu os seus ministros, os seus partidos e os seus jornalistas, criou os «factos políticos» necessários, aproveitou-se da «Greve geral» e apareceu como o «gigante» da propaganda audiovisual. Chegou inclusive ao ponto de convidar o PCP para discutir as acusações a Mário Soares vindas de Moscovo via Kalinine... Qual será o próximo «bode expiatório» do fracasso da AD?

Já censuram os filmes que compram?

«Les Trottoirs de Manille», anunciado num pequeno filme-anúncio na noite de segunda-feira, na RTP-1, para ser transmitido na noite seguinte, integrado na «Grande Reportagem», foi à última da hora suspenso pela Direcção de Informação da RTP, tendo dado lugar à emissão de um programa de variedades francês «estrelado» por Marie-Paulo Belle. «Prostituição de Crianças», assim seria chamado o programa, inexplicavelmente retirado da programação um dia depois de ter sido confirmado pela própria «promoção», vista na véspera. Por diversos motivos, alguns dos quais referiremos mais à frente, a reportagem em causa, realizada por uma equipa francesa da TFI em Manila (Filipinas), havia já causado, em França, uma larga polémica no

10... — Variedades — Tel. 326037 — De segunda a quinta às 21.30. Sextas e sábados às 20.45 e 23.00. Aos domingos às 16.00 e 21.30. Folga à quarta-feira. Original de Ray Cooney e John Chapman, com Camilo de Oliveira, Clarisse Belo e Benjamin Falcão. Comédia. Não aconselhável.

TELECRÍTICA

Rui Cádima



Subserviência arrogância direitista e provocação na RTP

PELA segunda vez num curto espaço de tempo decorrido em período particularmente conflituoso na área social e do trabalho, o «Aqui e Agora» não foi emitido de novo por o(s) ministro(s) convidado(s) se ter(em) recusado à última hora a comparecer no programa a que havi(am) previamente acedido.

É de facto curioso notar que perante as recusas ministeriais (primeiro foi Viana Baptista, aquando das greves nos transportes e agora foi a vez de Luis Barbosa, que deveria ter pela frente, sábado passado, Gentil Martins e António Arnaud) a direcção de informação da RP/1 voltou uma vez mais a suspender o programa previsto, com o pretexto de que sem a presença dos governantes nada a fazer... Para nós não é novidade que assim seja... Notamos só o deslante com que estas coisas são ditas perante quatro milhões de portugueses — como se procedimento dos responsáveis da RTP é que fosse correcto. Na verdade a comunicação de massa não se pode compadecer com os contratempos, os «desajustes» ou os maus humores deste ou daquele convidado. Aliás Luis Barbosa já teve tempo de antena suficiente para tentar explicar aos portugueses que as suas medidas não eram antipopulares. Já todos sabemos quais são as suas razões. As da oposição é que não tanto...

É portanto um processo extremamente comprometedor este a que assistimos. Duvidamos que o mesmo acontecesse se as desistências viessem dos convidados «não-oficiais»... Mas, enfim, é esta a «lei» que impera na casa e nós nesta coluna só temos poder para a denunciar frontalmente. Resta-nos a consolação de que a História se encarregará de julgar a sinistra subserviência da RTP ao poder político actual. Sublinhe-se, neste caso particular, o raro pormenor de estarem convidados dois opositores à política social do Governo, caso quase inédito em dois anos de gestão AD na RTP.

Caso inédito é também o chamado «Jornal de Economia», um programa externo apadrinhado *excepcionalmente* (dado se tratar de um programa de infor-

mação) por Proença de Carvalho.

Inédito porque é ridículo como raras vezes se tem visto na televisão portuguesa. Inédito porque é provocatório em relação ao regime e à sociedade democrática. Inédito porque é infantil e medíocre sob o ponto de vista da deontologia e da codificação *profissional*. Inédito porque é o único programa, paradoxalmente, que se «passa» à censura e ao dirigismo impostos pela direcção de informação aos programas diários e não diários da RTP. Inédito porque para além de tudo isto, e por já ter mostrado o que (não) tinha a dar, foi-lhe oferecido o nobríssimo horário das 19.00 horas, aos sábados, semanalmente. Inédito, ainda, entre outras coisas mais, pelo que veremos se seguida.

A publicidade nos jornais já havia anunciado o tema do «Jornal de Economia»: «revisão da lei da greve!»... Convidados eram António Cabecinha pela UGT e um dirigente da CIP (João Montóia).

De tal modo foi avançado o tema pelo entrevistador que o dirigente social-democrata foi obrigado a discordar desde logo do «tom» da coisa, lembrando, nomeadamente, que antes do 25 de Abril não haviam greves, e não era por isso que a situação económica era melhor... Pareciam já os textos do César de Oliveira no «Sabadabadu»... Mas não. «Aquilo» era mesmo a sério... Depois viria o «comentador» (que mais parece andar a treinar-se para o concurso de locutores da RTP). Falaria da «inexistência de um diálogo existente» (sic) entre os parceiros sociais e concluiria que a «solução» estava na alteração da lei da greve! Mas a «inexistência de diálogo» acabava de partir dos próprios responsáveis pelo programa, ao se identificarem ideologicamente com o patronato (também representado), nomeadamente por se terem alheado de uma realidade essencial na discussão sindical (a CGTP). A CIP acabaria por encerrar a emissão dizendo que há por aí uma «maioria silenciosa» que «está contra as greves»... (Sem comentários).

TELECRÍTICA

Rui Cádima



Hoje não há «Cineclube»!

APESAR de «Terra Trema» ser uma das obras fulcrais do neo-realismo italiano, o «Cineclube» de hoje, na RTP/2, não passa de uma noite de cinema do género «toma lá filme»...

Passados cerca de três anos sobre o primeiro «Cineclube» da responsabilidade de António Pedro de Vasconcelos eis que, após a passagem do último filme por si escolhido («O Menino Selvagem» de François Truffaut, emitido já sem comentário, faz hoje oito dias), o cineasta e excelente seleccionador e apresentador dos filmes, pede, de súbito, a sua demissão das funções de coordenador do programa.

Não vamos aqui dizer que as pessoas são insubstituíveis. Longe disso. Temos aqui inclusive pugnado pela substituição cíclica, ou melhor, pela necessidade de serem extintos definitivamente todos os cargos «vitalícios» que porventura ainda subsistam na RTP, muitas das vezes sinónimos de linguagens decadentes, de monotonia, de morte.

A RTP tem tido ao longo da sua história vários exemplos destes mas de facto o mais visível, e ainda existente, é o «Tv Rural» de Sousa Veloso, espécie de móvel da casa, móvel carunchoso, entenda-se, mas ainda assim no mostruário da empresa. Eu não sei exactamente o que é que se quer provar com o programa do engenheiro mas certamente que será qualquer coisa como: Portugal não é, em definitivo, um País agrícola...

Mudemos de assunto. António Pedro de Vasconcelos teve o seu tempo, é certo, mas em relação a ele o problema que se põe é outro. Não duvidamos inclusive que a direcção de programas descubra entretanto um qualquer geniozinho cinéfilo para compensar esta perda. Não tem sido difícil à Maria Elisa descobrir «novos valores», mesmo quando não passam de ratos, velhos ou novos, bem falantes, simpáticos, dóceis, fáceis de manipular em fundo negro. No fundo, neste

fundo, é tudo uma questão de manipulação.

Em relação ao «Cineclube» de A.P.V., portanto, o problema que se põe é de facto o mesmo que em tempo já se pôs em relação ao segundo canal após a eliminação progressiva da política de programação e informação que tinha presidido à formação do conhecido «Canal Lopes», implementado pela administração de Soares Louro.

Do que se trata aqui é de pôr a descoberto todo um trabalho de sapa que acabou por descaracterizar completamente a RTP/2. Desse período extraordinário, que se inscreverá na história da televisão portuguesa como o seu melhor período, muito provavelmente já nada resta. Para além do mais, no segundo canal, salvo alguns enlatados de qualidade, não se faz o mínimo que seja por reaproximá-lo do nível anteriormente atingido. Os sucessivos boicotes à Informação/2 são uma prova disso. Os sucessivos boicotes ao «Cineclube» também o são.

Numa sua carta publicada sábado passado pelo semanário «Expresso» António Pedro de Vasconcelos afirmava que tinha tomado a decisão de se demitir porque continuavam a ser-lhe negadas as condições mínimas de trabalho que há mais de quatro meses vinha exigindo para continuar e que, de tão simples, se resumiam no seguinte: que não continuassem a ser roubados filmes ao «Cineclube» para os r depois noutras noites de cinema e que (lhe) fossem dadas de novo condições de acesso a outros filmes em igualdade de circunstâncias com as restantes noites de cinema. E terminava: «(...) se nos próximos tempos ainda vierem uns filmezitos de Orson Welles e Renoir, Ozu e Mizoguchi, Ruiz e Wim Wenders, Fassbinder e Zannussi, «A Condessa Descalça» ou «A Bout de Souffle» fiquem sabendo que são restos do meu trabalho...»

OK!, aqui fica o recado. E obrigado, António Pedro!

Quarta-feira, 17 de Fevereiro de 1982

TELECRÍTICA

Rui Cádima



O nacional-travesti

ESTOU com os travestis portugueses, sim senhor. A «sua» Dança das Bruxas não merecia ser censurada. E foi-o, paradoxalmente, em mais um espectáculo de travesti nacional, onde a «nova gente» vinha mascarada, muitas rugas na pele, todos unidos no grande espectáculo da nacional-saudade. Ao Tony Silva ainda lhe desculparamos que ele não canta até que a voz lhe doa... A primeira fífia solta um grito de Tarzan, sai pela direita baixa e assim se vai mantendo vivo... Agora os outros... a levarem aquilo a sério, com cortina de veludo e laço alugado, na pior tradição travesti... Estes, os piores travestis, não foram censurados. Mas censurado parece ter sido ainda o Carlos Paulo que lá foi dizer de sua justiça.

Censurados foram ainda os museus portugueses — de que o Telegiornal não deve ter imagens — e para noticiar as medidas de protecção do Ministério da Cultura foi buscar imagens de museus estrangeiros (se calhar por estes já estarem no «seguro»...).

Mas censurados não foram nem nunca são os meninos que brincam diariamente ao Telegiornal e que ou gaguejam como crianças ou reproduzem estoicamente a voz do dono (veja-se o Raul Durrão a reproduzir domingo à noite as palavras da véspera de Ângelo Correia).

Sonho: De repente ia acreditando, assim, sem mais, que o canal da Igreja já estava no ar. Assustei-me, confesso. E explico: nos últimos dias não tinha praticamente lido os jornais. Reparei num rápido esgar que se falava por aí de nova telenovela, mas na altura não liguei. A televisão, por seu lado, praticamente nada dizia... Ouviram-se uns sussurros e não mais que isso. Na segunda-feira, porém, faltavam dez para o meio-dia quando ouço o genérico da abertura ir para o ar. Ai desconfieei... «Não me digas que é já o canal da Igreja», diziam de mim para mim as profundezas do iceberg... (Aliás, se-

rá curioso notar que assunto tão urgente aqui há dias deixou entretanto de sê-lo, tão depressa quanto se tinha tornado). Voltei a mim quando apareceu no ecrã o rosto tímido da Isabel Aires a anunciar, baixinho, que aquele era o novo período da RTP. Ai descansei... Não era de facto o canal da Igreja.

Mas... (há sempre um mas nestas coisas), não tardou muito que não ficasse de novo sobressaltado com as conotações das mensagens que nos iam aparecendo. Primeiro foi a nova telenovela (pensei logo que fosse «uma» das novelas do hipotético terceiro canal: disseram-me há tempo que alguns dos técnicos que haviam feito o estudo pedido por D. António Ribeiro lhe asseguraram que só com três telenovelas brasileiras por dia é que o futuro canal da Igreja poderia estar à vontade com a «5 de Outubro», pois a acontecer assim ela em breve fecharia as portas. Mas não, esta não era uma dessas).

Novo susto: o Carlos Noivo após abrir o «Primeiro Jornal» da hora de almoço com uma promoçãozinha à Tabaqueira confessou depois ter estado a ouvir a Rádio Renascença, no serviço de escuta às declarações de Torres Couto. Mas, ainda aqui, nada havia a confirmar que se tratasse do terceiro canal...

Entretanto ainda no «Primeiro Jornal» Nuno Teixeira, premiando também à noite (entre a nova e velha gente) dava os seus parabéns aos responsáveis do «Jornal» pelo seu «ritmo». Espere-mos que outro seja o ritmo da «Vila Faia» — acreditamos que sim — pois o outro parecia saído do Centro de Formação, em dia de greve.

Bom, entregues os troféus pela «Nova Gente», aqui ficam os nossos: os piores do ano para esta «salgalihada», para o «Ou Vai ou Taxa» e para a festa de homenagem a Maria Leonor (qualquer dos três programas são de facto «coisas» que não se fazem a ninguém).

TELECRÍTICA

Rui Cádima



Televisões piratas? A única coisa que temos...

NO verdadeiro sentido da expressão não se pode dizer que em Portugal haja televisão pirata... Se contudo lhe atribuirmos uma conotação pejorativa podemos então dizer que em Portugal a RTP é um verdadeiro «bunker» pirata, um centro emissor que existe mas quase se não vê..., que surge do interior das trevas... O facto de lançar para o ar, nomeadamente aquilo a que chama «informação», à revelia da própria legalidade, seria mais do que suficiente para lhe apontar essa característica «violadora» das regras constituídas, essa espécie de «renar» desastinado contra o consenso.

Mas, infelizmente, em Portugal não existem ainda as chamadas televisões piratas. Nem rádios piratas, ou «livres», sequer — embora por essa Europa sejam mais comuns estes últimos.

De facto pela Europa fora já de há muito que existem os chamados Rádios Livres. Mormente em França (onde talvez haja um maior número de casos) a proliferação destes emissores clandestinos veio a «explodir» já na fase final do mandato de Giscard d'Estaing tendo-se completado o processo — o seu «estabelecimento» oficial, já na França de François Mitterrand, ainda que de uma forma não completamente satisfatória para os seus produtores (por motivos essencialmente ligados ao aproveitamento publicitário).

Já no que diz respeito às televisões piratas são de facto em menor número, mas, como se viu, não são completamente «novas». Se saíssemos do caso holandês e vissemos o caso italiano, por exemplo, encontraríamos mais cadeias de televisões piratas do que em França encontraríamos Rádios Livres (umas boas centenas sem dúvida, muitas delas com um cariz mente pornográfico).

A Holanda, como vimos através desta «Grande Reportagem» assinada por Jorge Simões, tem também os seus casos. A própria França também já teve os seus canais «piratas». Muito recentemente, no início do processo judicial aplicado aos responsáveis pela emissão pirata do «Canal 35» (De Paris), cujo equipamento avaliado nalguns milhares de

contos foi apreendido, um dos seus responsáveis levantava esta questão — perfeitamente legítima aliás: «Porque é que a liberdade muda segundo o suporte?» — e continuava: «Como existe uma liberdade de imprimir, nós reclamamos a liberdade de expressão por via hertziana...»

É evidente que esta argumentação jurídica e moral, sob um ponto de vista de liberdade e de democracia, é irretorquível. Escondê-lo é contribuir ainda mais uma vez para que se criem novos «cancros» na sociedade democrática. Claro que não estamos aqui a fazer a apologia da televisão «à italiana», mas há que aceitar, sob determinadas condições, que a emissão de programas de televisão pode e deve ser feita por entidades quer públicas quer privadas. Quem defende os Rádios Livres tem que obrigatoriamente defender esta concepção.

Eu pergunto: se a AD tem neste momento o seu canal (os seus canais de TV), se o serviço público de televisão está neste momento ao serviço (despudorado serviço) de um poder que não representa sequer metade dos portugueses, porque razão impedir que muitos outros portugueses que não se identificam de modo nenhum com o que lhes é dado diariamente tenham a oportunidade de se fazer ouvir (e ver)?

Penso que o impedimento legal é uma aberração. No fundo há só que defender os supremos interesses do País, os seus valores, como a liberdade e a democracia, a educação e a cultura. Essa é de facto uma das aberrações do actual regime — a outra é por exemplo a do Conselho de Revolução, sem dúvida — estão as duas ao mesmo nível.

Enfim, com o tempo tudo se conseguirá. Chegará o tempo em que os portugueses já estarão «preparados» para a televisão privada. Até lá contentamo-nos com a televisão «pirata», pois claro! E enquanto não surgem por cá outras televisões «piratas» vamos vendo o que já se faz na CEE. Por lá já existem. E se nós queremos realmente entrar, antecipemo-nos desde já, confessemos que *disso* já por aí há qualquer coisa...

Sexta-feira, 19 de Fevereiro de 1982

TELECRÍTICA

Rui Cádima



Para acabar de vez com a televisão pirata

QUE me desculpe o leitor, mas na verdade sinto-me de novo constringido a bater na mesma tecla de ontem: na «pirataria» televisiva.

Se o leitor seguiu o nosso texto de ontem, terá ficado eventualmente na dúvida sobre o que ficava implícito nas nossas reticências, sobre aquilo que na verdade queríamos deixar transparecer ainda que o fizéssemos por vezes num tom jocoso.

A questão era simples: a RTP, por muitas e boas razões, poderia perfeitamente situar-se, sob um ponto de vista técnico e também ao nível da qualidade de alguma programação e da informação de um modo geral, abaixo daquilo que se produz na Europa nas televisões piratas, num sistema, como se sabe, absolutamente «fora-da-lei».

No fundo não é uma questão nova. A manipulação política da informação, por exemplo, colocada de imediato nos anais da mais pura propaganda. O seu nível técnico, extremamente mediocre, é constantemente agravado pelo aparecimento de «espontâneos» que mais parecem estagiários das «folhas informativas» dos partidos da maioria, seguindo assim o exemplo dos seus superiores, «ministros» e «comissários» para a propaganda...

No âmbito da programação — e apesar da RTP estar neste momento a facturar, só em publicidade, médias superiores a 200 mil contos mensais (!), o que podemos dizer é que se fala mais em programas suspensos do que em produção nacional em vias de concretização. Recordo nomeadamente uma peça de José Cardoso Pires que parece ter sido em tempos «vendida» antecipadamente por Fernando Lopes para uma série de cadeias televisivas estrangeiras — na qual Jorge Lis-topad vinha já a trabalhar há muito. Outro caso semelhante foi a tão noticiada paragem dos trabalhos relativamente à produção de «A Tragédia da Rua das Flores» que estava a ser preparada por Ferrão Katzenstein.

Infelizmente, os exemplos não ficam por aqui. Se há programas que páram pelas mais diversas razões, outros há que são comprados lá fora, que depois vêm a

ganhar prémios em festivais internacionais de grande prestígio (como é o de Monte Carlo) e que, mesmo assim, depois do dinheiro gasto, são arrumados na prateleira «para não ferir susceptibilidades». Esta de facto tem imensa piada e é mesmo «rara»: primeiro compraram o programa e depois é que o foram visionar para ver se o iriam passar...

Depois há casos extremamente curiosos também, como, por exemplo, aquele que acontece com «O Passeio dos Alegres». Todos sabemos que se trata do programa com maior audiência na RTP. Muitas vezes não nos apercebemos disso, mas as sequências vão-se sucedendo por um quase milagre que todos os domingos se repete nos estúdios e bastidores do Lumiar. Os que conhecem a televisão por dentro sabem-no bem. Sabem ver de imediato quando é que existe um apoio firme aos programas e quando eles estão um pouco à mercê da sua própria sorte. A grande maioria da produção nacional (da de maior audiência, note-se) sobrevive debaixo desta «tensão» constante. Do «Passeio» poderia passar para o «Bom Dia Domingo»; deste poderia dar um salto à «Árvore das Patacas» (simplesmente conflagrado este programa, «preso por fios», como se costuma dizer — embora os seus apresentadores se salvem sempre daquele «naufrágio» colectivo), e da «Árvore» poderia passar à produção externa, também, obviamente, da responsabilidade da direcção de programas. Habitualmente diz-se entre os produtores independentes que trabalhar para a RTP é correr um grande risco. E é verdade. Nós próprios já o experimentámos (e se não continuamos a corrê-lo é porque a actual direcção de programas não dá resposta a projectos nossos, entregues há mais de um ano na RTP... Perdoem-me o aparte).

Há de facto na chamada «produção externa» exemplos lamentáveis de programas de televisão, se assim lhes podemos chamar. Mas ainda aí a culpa não é dos seus produtores.

Impõe-se acabar com este estado de coisas (se a RTP, claro, quiser deixar de ser uma televisão «pirata» das piores da Europa).

15.30, hings caliza-Burry acon- streia:

ES — Sala 2 — 23.30. na. Não ins. Bi-

tista pro- rialização le, se em do ho-

Calei- — 14.00, ização de Andrews, man. Co- e 13 anos. um dia, a também, Julie An- arry Hag- monstra e da. Ainda o último a, nesta sá- wood e aos

MACA- 806496 — e 24.00. 3 — 14.00, alização de Harris, Bo Aventuras. 10s.



da selva

Y STORY 1595 — 14.00, lização de Ste- Busey e Don aconselhável a cia: 12-2-82

Sábado, 20 de Fevereiro de 1982

TELECRÍTICA

Rui Cádima



Arquivos de programas: RTP a caminho da extinção

ESTAMOS a ser consecutivamente alertados para algo de muito grave que se passa no interior da RTP desde que a 7 de Março de 1957 começou as suas emissões regulares.

Falamos de Património Nacional. Com efeito ninguém poderá em boa consciência defender que a pretexto da crise económica ou do que quer que seja se destruam documentos filmados, ou gravados, que poderão vir a tornar-se fontes de inestimável riqueza e curiosidade. Seria o mesmo que a pretexto da crise da habitação se destruíssem as moradias de valor arquitectónico só porque não eram rentáveis sob o ponto de vista dos construtores...

Vem isto a propósito do que temos ouvido ultimamente, de forma insistente, sobre a política de abandono a que sempre estiveram sujeitos os arquivos da RTP.

Mais concretamente: há algum tempo liamos que, por exemplo, o programa da série «Zip-Zip» em que tinha participado essa figura ímpar da cultura portuguesa deste século (que se chama Almada Negreiros) foi pura e simplesmente «apagado».

Mais recentemente, Júlio Isidro, em declarações ao semanário «Sete», queixava-se de não ter podido inserir imagens dos seus «Passeios» no programa do passado domingo (14 de Fevereiro), data comemorativa do primeiro aniversário do programa. O protesto de Júlio Isidro — eu assim o entendi — é extremamente importante.

Com ele ficámos a saber que das 44 emissões do «Passeio dos Alegres» nem uma única foi conservada. Isto quer dizer, nomeadamente, que daqui a vinte anos quando se quiser fazer uma história dos grandes programas da RTP, dos programas destinados directamente ao grande auditório — deparar-se-á certamente com a falta do «Passeio» (e não nos esqueçamos que se trata de uma emissão «rara», ou não tivesse o programa um índice de audiência superior ao da série «Dallas» que parece ser já uma verdadeira «doença» nacional — os japoneses é que tiveram razão não lhe ligaram nenhuma).

Ora se o «Passeio dos Alegres»

desapareceu do «mapa», o que terá acontecido à maioria das emissões gravadas pela RTP nos últimos anos? Que é feito do Património Nacional constituído pelos registos magnéticos dos programas e das gravações que foram sendo produzidos nestes últimos anos, e, enfim, ao longo de toda a história da RTP?

Que acontecerá ao material que virá a ser gravado daqui para a frente?

O mesmo que já aconteceu ao «Passeio dos Alegres»? Graves são as questões que se levantam. Impõe-se desde já que a administração de Proença de Carvalho assumia uma posição em relação a este assunto. Sabemos que vem aí uma primeira telenovela portuguesa. Sabemos que se está já a preparar o primeiro sistema de sondagens periódicas organizados pela RTP. Sabemos que se trata de questões relacionadas com as comemorações do 25.º aniversário da RTP que se realiza no próximo dia 7 de Março.

Importa agora dar atenção a esta questão de grande importância para a memória audiovisual dos portugueses. Sem essa memória não faz sentido produzir televisão. A existência futura dos programas e a sua conservação não podem estar dissociados da sua produção. Sem essa memória não faz sentido produzir televisão.

Pensamos que não será necessário pôr-mos aqui a citar documentos aprovados pelas mais diversas instâncias internacionais que apontam para a protecção de todo o material de arquivo que guarda as emissões de televisão. De qualquer modo só para que se faça uma pequena ideia como «lá fora» se encara este problema veja-se só este parágrafo de um documento da Federação Internacional dos Arquivos de Televisão: «Os arquivos de televisão são parte integrante do património nacional. Se uma cadeia de televisão julgar que certos documentos não têm já valor que justifique a sua conservação, a sua eventual eliminação não deve verificar-se senão após uma consulta dos organismos nacionais competentes no domínio da preservação do património.»

Tal e qual, como se vê...

Segunda-feira, 22 de Fevereiro de 1982

TELECRÍTICA

Rui Cádima



Programação infantil: também à espera da Edipim?

EM época de abundância, afastado que foi o estorador, eis-nos (ainda) depa-rados com o absoluto esquecimento das áreas infantis. Se novela há mais uma, se o Telejornal agora também é apagoado à hora de almoço, se se fala já em 12 horas de programação diária, o que é certo é que a verba astronómica que está constantemente a ser «desviada» para a Edipim (ex-Rui Ressurreição, que ao que parece deixou de ser sócio desta produtora para firmar contrato na qualidade de administrador da RTP), verba essa que como sabem se destina à primeira telenovela portuguesa («Vila Faia»), parece estar a obrigar a que páre muita da produção interna, nomeadamente a programação infantil que já não dá sinais de si há muito.

De facto, soubemos há algum tempo que a responsável pelos programas infantis da RTP, Maria Alberta Menêres, cuja competência foi reconhecida por vários directores de programas e gestões (tendo sido, nomeadamente, a responsável por algumas das melhores produções infantis que se viram na RTP nestes últimos anos), havia pedido, entretanto, a demissão do seu cargo, mantendo-se na empresa embora afastada da chefia da produção dos programas infantis. Os jornais na altura noticiaram *mais esta* saída, e alguém aventava a hipótese desta área (aquela que deve merecer a maior atenção em qualquer política de programação televisiva, pública ou privada, desde que haja um mínimo de escrúpulos) vir a ficar praticamente «esquecida».

Hoje, a alguns meses de distância, à semelhança do que já se verificava na fase final da colaboração de Maria Alberta Menêres, o panorama da programação infantil é simplesmente confrangido. Isto, obviamente, quanto ao que vemos dia-a-dia nos pequenos ecrãs: quase nenhuma produção nacional, em suma. Mas, como é sabido, um canal de televisão, seja na pro-

gramação para os mais novos seja noutra qualquer, não se pode limitar às tarefas decorrentes da importação/emissão de programas.

Prioritário é — sempre — mais nos «infantis» do que na outra programação, planificar a produção a médio e longo prazo. Mas apesar do «desafogo» financeiro da empresa nada se vê nesta área.

Hoje, se quisermos falar de programas portugueses para crianças teremos uma só alternativa, já com alguma popularidade entre os mais miúdos, aliás, na dupla de palhaços Croquete e Batatinha que nos aparece aos sábados de manhã no «Tempo dos Mais Novos». As tardes do «Porque hoje é sábado» desapareceram como que por encanto; as manhãs de domingo, por outro lado, que eram no passado recente dedicadas exclusivamente aos mais novos são agora um misto zoo-dietético, ciclo-vicioso que remete os mais miúdos para o sofá, com juízo para não pisarem os fios, à espera do «Barbar», do Micha, do Pateta e de todos os outros «enlatados» que possam aparecer. E, à noite, se não comerem a sopa, os papás levam-nos ao Rui Guedes, ao «show» do rato.

A semana a grande novidade é ainda — e mais uma vez... — o «enlatado». De vez em quando lá surgem algumas produções relativamente interessantes, mas raramente dobradas. Foi o caso do «Pinóquio», do «D. Quixote de la Mancha», da série alemã «A Catedral», etc. Bom, claro que não nos esqueçamos da «Animação» do Vasco Granja, embora não seja um programa que tenha as características específicas das produções «internas» ou «externas». O panorama é, portanto, confrangido. Não vemos também nenhuma luz no horizonte que aponte para a mudança deste estado de coisas. Estarão à espera que a Edipim apresente alguma proposta para «as grandes séries infantis» produzidas em Portugal?

23/2/82

TELECRÍTICA

Rui Cádima



Os carnavais do Lumiar

LA que não tem faltado «carnaval» na televisão, não tem, é uma verdade. Quando menos esperamos os palhaços saltam para a arena, montam o espectáculo e, à ordem do chefe, como bons «faz-tudo», repetem mecanicamente os gestos telecomandados, televis-ionados.

Não se pode dizer portanto que não tenha havido Carnaval na RTP. Temo-lo todo o ano: o forrobodó é coisa que nunca falta. Diariamente, um programa ou uma «petite histoire» alegam-nos o quotidiano, dando-nos conta com realismo do ridículo que o Lumiar produz, nomeadamente *informa*.

A quadra que atravessamos é portanto absolutamente compatível com o tom de improvisada mediocridade que tem prevalecido, ou melhor, que «jaz» no tumulto televisivo, depositário de monstros audiovisuais.

O Carnaval é pois a melhor altura para que todos aqueles que brincam à televisão possam utilizar despididamente o efeito de distanciamento brechtiano e venham piscar o olho amigavelmente ao telespectador, como que a dizer-lhe que isto tudo não passou de um insuportável pesadelo e que, a prová-lo, aí estava o Entrudo, a desfiguração do disfarce, a momice a nu, descaracterizada.

Era bom, era... Do lado de cá vamos sentindo cada vez mais que pela frente temos uma televisão mais pobre — pobre em pessoas, entende-se — e rica em asneiras. Processo viciado? Hábito instalado? O que é certo é que as palavras são sempre animadoras... Há dois anos que nos anda a ser prometida alguma coisa de novo. Tudo velho por enquanto...

Uma semana antes do Carnaval começava uma nova fase de emissões à hora do almoço. No decurso da mesma semana Proença de Carvalho anunciava a possibilidade de dentro em breve passarmos a ter doze horas de emissões diárias (12-24). Isto faz-me lembrar sempre naquelas exó-

ticas espécies do novo-riquismo abastado que trata em primeiro lugar do que os olhos da barriga vêem.

Sem uma informação digna; sem uma programação nacional que se veja (nesta área há de facto uma grande distância entre os fins-de-semana e os outros dias); sem uma produção de programas infantis; sem arquivos; sem emissores que cheguem às regiões mais interiores; sem tudo isto e o mais que mal se vê não faz muito sentido estar a sobrecarregar ainda mais os mapas-tipo de «enlatados» em barda.

Estes sintomas de abundância a que teremos inevitavelmente que adicionar o apoio que está entretanto a ser dado à empresa Edipim para a produção da telenovela (apoio que é susseito exactamente porque se se diz que a RTP «mal podia» fazer avançar esta produção nunca seria uma Edipim a consegui-lo mais facilmente — nem tão-pouco uma Telecine...) só poderão ser compreendidos como atitudes de benemerência com a iniciativa privada, fazendo-a provar à viva força as suas maiores capacidades frente ao monopólio estatal...

Nesse aspecto a administração Proença de Carvalho tem sido exemplar: para a telenovela (leia-se: para a Edipim) está a ser construído um estúdio ali para os lados de Mem Martins orçado numas mãos-cheias de milhares de contos. Da Alemanha veio um carro de exteriores para a RTP que, diz-se, vai direitinho para a produção da telenovela (falaram-me em 50 mil contos...). De facto só falta levar a 5 de Outubro e o Lumiar para Algés...

Talvez por tudo isto o Carnaval na RTP, nesta quadra, não se tenha visto. Ao Luís Pereira de Sousa deram-lhe umas serpentina para ele enfeitar o «living» e ao Júlio Isidro deram-lhe uns saquitos de «confetti» e quanto ao resto... «alegria» é o que lá não falta. Vejam lá agora se fosse a Edipim a produzir os seus programas, o Carnaval que a gente não tinha tido...

Quinta-feira, 25 de Fevereiro de 1982

TELECRÍTICA

Rui Cádima

Que-ro-ve-er-uuuu
«Taxas» na C-E-E

NEM de propósito: Segunda-feira de Carnaval, suprema surpresa na RTP. Enquanto à noite a folia atinge o seu auge nas casas de espectáculos, nos grandes pavilhões e nas colectividades que por esse país fora existem, na RTP — abençoada seja! — mandavam cá para fora mais um «Ou Vai ou Taxa» — aborto magnânime da produção nacional, o concurso que mais rapidamente motiva o contribuinte, não sem paradoxo (uma vez que seria essa a função do programa), a fugir ao fisco...

Olhar para aquilo e pensar: o que significaria hoje encher o ginásio do Liceu Camões de cadeiras de pau, colocar umas flores da Câmara, já murchas, à beira do palco, «meter» para lá a Televisão, atar um distico a dizer qualquer coisa como «alegria no trabalho», organizar, enfim, na segunda-feira gorda, uma espécie de «serão para trabalhadores» e... esperar pelos convivas.

Imaginar uma tal plateia cheia, a abarrotar. Cor dominante: o negro. Uma maioria nítida com a saudade a brilhar nos olhos, a terceira idade. Estranha mescla de estratos sociais: de reformado insatisfeito ao «expropriado» de Abril, a evidenciar-se pelas «peles» de nevé, a quem foram previamente oferecidos os bilhetes das primeiras filas...

Sentir o verdadeiro nacional-negrume, o cinzento cerrado, tornado tristeza, cabisbaixo. E, durante largos minutos, num silêncio cortado de tímidos sussurros, tal e qual como nas cerimónias religiosas, o reencontro conosco próprios, os olhos de novo fixos na crueza do real, subtraídos ao sonho, isto é... de novo com o «Taxas» pela frente...

E mais uma vez o negro, e de

novo o «Taxas». E o negro, e o «Taxas». E o negro e o «Taxas»... E o negro... Fundido: desligo o receptor. Suspendo o trabalho.

Entro em greve. Perante o insuportável ridículo opto pela última arma dos trabalhadores...

Penso: mesmo com o receptor desligado, nesta fadiga insana de descrever pacientemente os traumas que o antiespectáculo denuncia, o crítico acaba por não suspender em definitivo a sua qualidade de receptor activo da mensagem emitida.

Volto a ligar o aparelho. Primeiro sem som. Deixo falar o Henrique Santana. Volto ao segundo canal. Está o Richelieu: espanhola...

Volto ao primeiro: o António Sala! Ó Deus! Apago.

Vou tomar café. Subo a rua, olho para a calçada, olhos baixos (penso para mim: «Mas o que é que eu vou dizer desta merda?»...) Há dias em que as palavras estão dispersas num vácuo ininteligível, agredidas que foram as ideias.

Que vou dizer eu? Que tudo isto é obra do Adolph Pureza? Que, no fundo, no fundo, este «Taxas» organizou um Carnaval em nome do Tony Silva, levando-o a sério?

Que o que eu gostaria de ver era o Toni de Matos na CEE?

Que quem deveria ir para a CEE era a Zélia Lopes e não o Toni de Matos?

Que a melhor proposta seriam as T-Shirts?

Ou o Shengundo Galarza?

Talvez o Henrique Santana?

Ou o «Taxas»? Talvez ele...

Quero vê-lo na CEE!

Isto é: não voltem a levá-lo à Televisão, p.f.!

Eu vou já pagar a taxa!

mões, Ford Escort, 33; Rui Sou-
to, Ford Escort, 36; André Mar-
tinho, Porsche 911 SC, 39; Ra-

Sexta-feira, 26 de Fevereiro de 1982

TELECRÍTICA

Rui Cádima



A televisão do futuro

CABO interactivo, satélites de radiodifusão directa, «televisão paga», telemática, videotexto, tudo isto já faz parte daquilo a que a «Grande Reportagem» de terça-feira gorda chamou a «televisão do futuro», mas que na realidade é ainda mais do que isso.

A sociedade de comunicação que nascerá nesta década, com o início da utilização dos satélites de televisão directa, prepara nada mais nada menos do que uma nova revolução técnica humana, ainda mais «violenta» que a da Imprensa e de repercussões mais incalculáveis do que a da radiodifusão.

Aludindo certamente a algumas críticas feitas à prioridade dada pelos autores do programa aos assuntos específicos da televisão ao longo de três emissões, Barata-Feyo dizia, de entrada, que não se tratava de uma «Grande Reportagem» «a quente», sobre El Salvador ou sobre a Polónia, mas, antes, de um trabalho que não tinha as características dos programas de grande audiência, embora fosse na verdade de grande actualidade.

Perante o que era dito duas questões se levantavam: uma, a de saber se a questão do futuro da televisão (o mesmo é dizer: o futuro da «aldeia global» macilhuaniana, da sociedade da comunicação) é ou não uma questão de somenos importância relativamente às grandes questões políticas internacionais. E à partida eu diria que não...

A segunda questão é decorrente desta primeira e deve analisar o que está por detrás de uma afirmação como, por exemplo, «o futuro da televisão não terá tanto interesse para o grande auditório como o tem a Polónia»... A verdade é esta: se formos a ver segundo os níveis culturais do auditório os resultados serão largamente repartidos. E nos vários níveis culturais haverá por certo quem prefira um e que prefira o outro. E se à partida se soubesse da manipulação que os censores da RTP nunca enjeitam sobre política nacional e internacional, então penso mesmo que todos preferiríamos algo de mais «transparente»...

Compreendemos de qualquer modo as dúvidas dos responsáveis do programa. Agora o que não podemos aceitar é que se reaja passivamente perante este tipo de questões. No fundo aquilo

que está em causa é, não tanto o desinteresse do auditório por um tal assunto, mas, nomeadamente, o desconhecimento (quando *conhecer* significa aprendizagem audiovisual, ver através da televisão) do que vai pelo mundo, seja na área da política, na da cultura ou no campo dos novos *media*. De facto, no que concerne a matérias tão importantes como a das novas tecnologias na área da comunicação e da informação, que me lembre, de há dois anos para cá, só vi algumas breves referências, esparsas, e uma abordagem passageira no recente programa sobre Informática. Não admira pois que alguém fique de boca aberta quando uma questão tão importante surge nos ecrãs. Se é uma questão menos importante do que a Polónia? Não é. Se o fosse o «Solidariedade» nunca tinha pedido para si um canal de televisão...

Viram por aí
o Carnaval?

Tudo isto estaria muito bem se a «Grande Reportagem» não tivesse sido transmitida em terça-feira gorda e se a RTP nos tivesse dado uma programação de Carnaval de acordo com os interesses do auditório... Mas não deu. O que vimos depois da «Grande Reportagem» foi uma vergonha. A RTP bem pode mandar fechar a sua delegação no Brasil porque melhor do que aquele «Carnaval Brasileiro» é uma «Manchete» a cores. Com a agravante de, na véspera, nos ter dado um ridículo «Ou Vai ou Taxa» (antecipação do enterro do Entrudo). Não fosse o Júlio Isidro e o Luís Pereira de Sousa, no domingo, e nem sequer tínhamos dado pelo Carnaval.

No fundo era por isto que Barata-Feyo se lamentava antes de começar a emissão. Mas, ele, ou não soube ou não quis explicá-lo. De qualquer modo, pela série de três programas sobre «Televisão» aqui deixamos os nossos parabéns à «Grande Reportagem», aguardando desde já que o programa da próxima terça-feira, em que se vai discutir a atribuição de um canal à Igreja Católica, levante sim a verdadeira questão que é a da liberalização da Lei da Televisão e também da Constituição, neste domínio, na certeza de que os monopólios estatais estão já condenados.

Sábado, 27 de Fevereiro de 1982

TELECRÍTICA

Rui Cádima



Quando o convite aos agentes culturais é motivo de regozijo...

COMO raramente temos visto desta vez a televisão falou de si própria... De facto, regra geral, a informação não diz água vai sobre o que se passa dentro da própria casa... Aquilo é um mundo só para entendidos, gentes de filosofia obscura, clãs esotéricos, e então devem pensar que tudo o que transpareça cá para fora soa a falso. Eles lá sabem porquê...

Desta vez, porém, abriu-se uma excepção. O «Primeiro Jornal» aliás já havia feito referência à hora do almoço ao que se havia passado na Assembleia da República, da parte da manhã, relativamente a uma interpelação por parte de um deputado comunista exactamente sobre a programação da televisão, nomeadamente sobre o «Jornal da Economia» e sobre o «Topo Gígio». Foi-nos revelado então por José Teles, sucintamente, algo do que se havia passado. Registámos. Ficámos mesmo a crer que este facto comportará em si mesmo uma espécie de «abertura» aquilo que de fora muitas vezes se diz desassombradamente e que, com ou sem razão, costuma ser pura e simplesmente esquecido pelos blocos informativos.

Ainda na área da informação é da mais elementar justiça referir, ainda no primeiro canal, curiosamente, algumas novidades que o «Primeiro Jornal» tem vindo a apresentar nos últimos dias. Já aqui referimos o que está mal, nomeadamente a eterna cortina a fazer lembrar a leitura das notas oficiais e as presenças governamentais, mas, mais para além da própria técnica jornalística, e do espectáculo da própria realização televisiva específica dos programas de informação, gostaríamos de fazer uma referência ao que nos pareceu ser nota positiva neste novo bloco.

O espaço informativo da hora do almoço — o «Primeiro Jornal» tem vindo a convidar algumas personalidades do mundo cultural a estarem presentes no estúdio e darem conta aos telespectadores de algumas das suas iniciativas, de espectáculos a rea-

lizar, etc. Quarta e quinta-feira tivemos, respectivamente, João Lopes, da Cinemateca Nacional e Luna Andermatt, pela Companhia Nacional de Bailado, que ocuparam naquele bloco uma posição privilegiada ainda que sob o ponto de vista do espectáculo televisivo, como dissemos, tudo não passasse de uma mera e formal entrevista de estúdio, sem a complementaridade da imagem a ilustrar o que era dito, com montagem previamente organizada. Isso nunca se fez na televisão, de há dois anos para cá, não era agora que se ia fazer... De qualquer modo se estes indícios vierem a ser seguidos pelo bloco da noite, teremos, só por aí, motivos para nos regozijarmos.

Motivo de grande regozijo foi obviamente o regresso de «Rai-ze», agora na sua segunda fase de produção, após o êxito mundial que constituiu a passagem da primeira série produzida há quase cinco anos.

Curiosa a resposta de um editorial de Roger Wilkins do New York Times aos reflexos desta série nos Estados Unidos: «Algo de memorável ocorreu neste país. Talvez seja a primeira vez que milhões de brancos, realmente, identificaram os negros como seres humanos...»

Uma estreia de peso portanto a partir de agora nas noites de quinta-feira. Se há alguma coisa a merecer a nossa atenção nas noites de semana é esta série de facto. Aliás este programa introdutório que vimos antealemente foi com efeito um grande momento de televisão introduzindo-nos de uma forma absolutamente invulgar no clima da série, nos seus bastidores, nas suas implicações sociais que foram na verdade muitas, etc.

Ainda às quintas-feiras há que ter atenção (a minoria que pode ver televisão à hora do almoço) para a segunda passagem da série «Binário» — às 11.52h. Tanto da primeira como da segunda vez esta série «musical» foi sempre relegada para horários menos correctos. De qualquer modo, para quem possa, a não perder.

Donu-
15.15,
821933
Realiza-
ne Nili,
w. Sus-
tores de

ES —

Sala 2
23.30.
ia. Não
tos. Bi-

za pro-
dução
se en-
do ho-

TRA

9.00 e
15.30.
Jean-
acon-

A —

Sala A
24.00.
m Va-
fman.
enores

DO

lo —
21.30.

alei-

14.00.
ão de
gman,
s, Ro-
Marisa
meno-

um ex-
amisti-
agens.
erfeito
rupção
us mi-
e uma
le An-

Star

21.30.
com
plin e
Não
is. Bi-
uatro
elncro
erra e

TELECRÍTICA

Rui Cádima



Propostas culturais desordenadas e descoordenadas

CRITICA-SE muitas vezes o facto de a RTP não ter uma política cultural definida, exactamente à imagem do que acontece no próprio País (salvo evidentemente as excepções de circunstância, nomeadamente no actual ministério de Lucas Pires).

Na RTP todos nos lembramos que, de princípio, após a saída de Carlos Cruz da direcção de programas, o índice de programas culturais se então já era baixo veio a estar algum tempo depois reduzido a zero. Uma concepção um tanto maniqueista do que na verdade é uma boa gestão da produção de programas a tanto tinha conduzido.

Esse facto foi de tal modo aberrante que levantou desde logo inúmeras críticas, quer dos críticos de Televisão em geral, quer inclusive dos agentes culturais, dos autores, dos partidos políticos, etc.

De então para cá — e já lá vão quase dois anos — algo mudou, embora hajam poucas razões para nos darmos por satisfeitos. Somos exigentes e continuaremos a sê-lo. É esse, aliás, um dos requisitos elementares para uma criteriosa e honesta função da crítica — daquela crítica, enfim, que se consegue manter independente das pressões dos vários poderes existentes, quer nas empresas nacionalizadas, quer ainda nos órgãos de informação privados que muitas das vezes são indirectamente alvo de pressões que a RTP impõe por diversas vias, mais ou menos sinuosas, como recentemente todos passámos a poder constatar.

Hoje, dois anos depois, como dizíamos, é de facto estranho que essa estratégia da programação cultural não esteja ainda delineada de uma forma transparente. Neste domínio continuamos de facto à mercê de uma mistura de programas, magazines e séries que, exposta e emitida semana a semana, nos deixa suspirar de repente do pior: por exemplo, situações absurdas de repetição de temas em dois programas passados no mesmo dia, se ainda não aconteceu foi por puro milagre.

Neste aspecto poderíamos por exemplo pegar na programação de sábado passado para analisarmos mais em detalhe aquilo que nos leva a falar de um tal «milagre». Começaríamos pelo programa «Muito, Pouco, Tudo, ou Nada», apresentado por João Abel (programa que é apresentado alternadamente por Isabel Ba-

ia, melhor do que por João Abel, aliás). Columbano e as edições da Imprensa Nacional estiveram em destaque nesta emissão. Divulgação de publicações voltaria a ser feita no programa de Maria João Aguiar, sem que contudo se falasse nas mesmas obras... Mas isso não teria acontecido «por acaso»? Haverá alguém que esteja a par do que é que está a ser filmado para os diversos programas dos diversos departamentos da RTP, que, apesar de serem produzidos por departamentos diferentes acabam por falar nas mesmas coisas?...

Mas se já tínhamos tido pintura com Columbano, voltaríamos a tê-la, claro, nos «Cem Grandes Quadros». Desta vez tínhamos para ver «O Império da Luz» de Magritte, na tradição dos grandes mestres flamengos, numa emissão que apesar de não ter sido das melhores (um apresentador com as mãos atrás das costas, na melhor pose policial, retirou credibilidade imediata à própria argumentação), nem por isso deixou de nos fascinar. Trata-se, aliás, de uma série que bem poderá prosseguir ao longo dos anos que nunca cansará ninguém, estamos certos. Faremos força por isso.

Mais «Cultura» com o «Inventário Musical» com um programa sobre o cravo, e depois no «Vivamusica» com Júlio Pereira e o cavaquinho...

Como facilmente se pode ver, tratou-se de uma tarde cheia de propostas culturais, demasiado sobrecarregada, portanto, com este tipo de programação, desequilibrando, assim, o sábado e os outros dias da semana em que não nos aparece quase nada de «cultural». Só por si, tudo isto denota uma certa anarquia no escalonamento de temas e de programas. Outro aspecto a ver seria o do tratamento dado aos vários discursos dos vários programas, bem como o seu carácter pouco didáctico, mas isso fica para outra vez.

Se você tem uma iniciativa vá à RTP!

«Baralha, Parte e Paga» deu desta vez meia-hora de tempo de antena ao semanário «Tempo» por causa de uma iniciativa. Outro dia foi à «Nova Gente» também por causa de uma iniciativa. É ótima esta nova política da RTP. Leitor: tenha iniciativa, vá à RTP. Não é preciso muito, como se vê...

NÃO HA NADA PRA NINGUÉM — Maria Vitória —

Tel. 361740 — De terça a sábado às 20.30 e 22.45. Aos domingos e feriados às 16.00. Folga à segunda-feira. Original de Henrique Santana, César de Oliveira.

Terça-feira, 2 de Março de 1982

TELECRÍTICA

Rui Cádima

Os «recreativos» ao Deus dará...

MAU período para os recreativos de fim-de-semana (os únicos que temos, aliás); primeiro foi o «Sabadabadu» a arrumar as malas em final de contrato (porque é que não foi renovado???); depois foram os sinistros ataques desferidos contra «O Passeio dos Alegres» pelos Adolfos Ppurezas da nossa praça — e que já indignaram e com razão muita gente; mas pior que tudo isto é a constante marginalização a que estes blocos — juntamente com o «Bom Dia Domingo» — estão submetidos dentro da própria RTP, por culpa da Administração e da própria Direcção de Programas.

Se falamos em marginalização não é por acaso. Aliás os próprios autores e apresentadores inúmeras vezes têm feito referências veladas a esta situação. Para além da estreiteza de verba dada aos grandes blocos de domingo, o que dá origem sem dúvida nenhuma a muitos dos amadorismos que por lá se praticam, uma das questões mais visíveis na ponta do iceberg é mesmo a do exíguo espaço em que os programas se movimentam, nomeadamente o «Bom Dia Domingo».

Tudo isto se pensaria ser natural se a RTP fosse probrezinha, se não contabilizasse mensalmente em publicidade verbas astronómicas (na ordem das centenas de milhares de contos!), se, enfim, não movimentasse milhares e milhares de contos para produções que o não justificam, pelo menos comparativamente a esses blocos semanais.

Isto é: se foram dados milhares e milhares de contos para que uma empresa privada — a Edipim — construísse um estúdio de razoáveis dimensões visando «exclusivamente» (...) a realização dos interiores da primeira telenovela portuguesa (permitindo assim pensar-se o pior deste negócio escuro — a propósito: porque é que a RTP com esse dinheiro não construiu o estúdio para si? Será pelas ligações afectivas do actual administrador da RTP — Rui Ressureição — à empresa

de que foi sócio?...); se são despendidos milhares e milhares de contos num programa como os «Jogos Sem Fronteiras» (o que só por si não seria condenável...); se são gastos milhares e milhares de contos para a transmissão dos jogos de futebol do campeonato da primeira divisão (a propósito: que é feito deles?); enfim, se este dinheiro é gasto neste tipo de produções por que razão é que o mesmo se não pode dizer da restante produção nacional, inclusive dos programas de informação? A resposta sabemos-la todos. O nosso espanto é que este estado de coisas ainda se verifique; é, enfim, ver a prepotência e a incompetência reinar na RTP de Proença de Carvalho.

Isto, o fundamental. Daqui derivam muitas outras questões que necessitam de ser revistas. Por exemplo, sempre nos opusemos ao sistema do apresentador — ou dos apresentadores — únicos para programas com três horas de duração. É certo que tanto Júlio Isidro como Maria João Metelo e Luis Pereira de Sousa lá vão safando os programas, mas o que muitas vezes se verifica, quer na apresentação quer ainda na realização, é o espreitar constante do improviso, é essa tradicional e televisiva arte do «desenrasca». Isto compreende-se no princípio de produção de um programa mas não se deve deixar estabelecer como regra. Depois os esquemas esgotam-se depressa. Não são as múltiplas e variadas rubricas do «Passeio» ou as constantes surpresas do «Bom Dia Domingo» que vêm dar novo fôlego aos programas. Não tem havido portanto essa evolução necessária nestes programas. Estagnação é o termo. Esse perigo está já a correr o próprio Tony Silva (recordo ao Herman José as várias «charges» as múltiplas figuras que Raul Solnado encarnava no «Zip» — sempre com bons adversários pela frente, é certo...). Mas o grande perigo está de facto na Administração e na Direcção de Programas que pouco ou nada fazem por essa evolução.

21

TELECRÍTICA

Rui Cádima



«Terror nazi» nas mensagens publicitárias

DIZIAM Jean-Michel Agostini e Michel Hughes na sua obra «Os Efeitos da Publicidade na Imprensa e na Televisão» (Laffont, 1972): «É necessário ter memorizado a mensagem, mas podemos ter memorizado a publicidade e não ter assimilado a mensagem.»

Se passarmos dos efeitos da mensagem aos códigos (e aos significados dos signos da mensagem) podemos reparar, entre outras coisas, que, se a mensagem televisiva publicitária é já em si própria um aproveitamento perigoso dos momentos psicológicos de atenção máxima do telespectador, mais perigosa se torna quando se verifica exactamente o que acabamos de descrever no primeiro parágrafo (o que, aliás, acontece na maior parte das vezes).

A mensagem é pois tanto mais perigosa quanto for memorizada. Se, pelo contrário, se verificar a sua assimilação através de um processo lógico-dedutivo, discorrido de um discurso inteligente e claro já esse perigo não é tão evidente. Mas, como sabem, a mensagem publicitária, a publicidade de um modo geral, foge sempre à inteligência, ao entendimento racional, digamos assim, para mergulhar única e exclusivamente nos domínios do afectivo, no «imediatismo» visual, etc.

Vamos ver o que acabamos de referir com um exemplo. Aliás, vamos-nos auxiliar de um «spot» recentíssimo e que poderão ver passar ainda neste momento na publicidade transmitida diariamente pela RTP/1. Nele é anunciada a publicação de uma obra dos «Amigos do Livro» sobre o «Terror Nazi». Sobre rápidos comentários passamos quase instantâneas imagens da obra, obrigando assim de uma forma enfadadora, a que, tanto ao nível da recepção da mensagem como ao nível da sua memorização, o funcionamento, o impacto da mensagem, fique por momentos num «suspense». A sequência seguinte tra-

ta da forma sob a qual o produto é vendido (sistema de venda porta-a-porta). Aparece então uma consumidora (de costas) abrir a porta de sua casa, e, do lado de fora, o vendedor, de sorriso bem rasgado e convincente, seguro do produto que traz consigo. Na mão, apresentando-o eventual cliente, um verbete, o qual a única coisa que se distingue é a cruz suástica hitleriana.

Neste último plano é óbvio que, visto isoladamente, fora do contexto da mensagem, o significado que fica ao telespectador de que alguém anda a distribuir com a maior descontração e máxima simpatia um folheto hitleriano sabe-se lá a dizer o quê.

Esta, na verdade, a «mensagem» óbvia que fica para quem só memoriza o anúncio, para todos os que podendo estar a olhar para o «spot» não o lêem (em múltiplas circunstâncias este grupo constitui uma ampla maioria do auditório).

Para outros, o que fica, ou é indignação, ou a leitura confusa de uma mensagem ambígua, ou numa minoria de casos, o aplauso.

Outro caso absolutamente deprimente, carregado de *thanatos*, de morte, é por exemplo aquele tipo de anúncios, frequentes, aliás, que dizem que os saldos de fulano ou a promoção de beltrano vai ser uma bomba, a explosão geral ou o cogumelo atómico (e lá aparecem as destruidoras imagens de Hiroshima...).

Isto tudo — e mais — é possível ver na nossa *arretêpe* (como lhe chamou um prestigiado e metódico crítico da nossa praça). Por enquanto ainda não há ninguém que nos valha. Continuamos à espera. Ninguém nos ouve... Neste país continua a sofrer-se da mesma doença de sempre — da terrível incompetência e do terrível compadrio.

Pergunta-se mais uma vez: *Para quando a aplicação de normas sobre o conteúdo das mensagens publicitárias?*

que a programação nos seja enviada)

OTIO VANIA — Teatro da Caixa — Quintas, sextas e sábados às

Quinta-feira, 4 de Março de 1982

TELECRÍTICA

Rui Cádima



«Aborto»: pequena ruptura no discurso informativo

INFORMAÇÃO: pedra básica em qualquer canal televisivo. Informação: rosto nem sempre descoberto, jogo plural nem sempre aceite. Informação: nós e o mundo, o facto oculto, a verdade por descobrir, a criação dos «factos».

Em Televisão a informação funciona obviamente como o contraponto de outros parâmetros que completam a famosa trilogia: com «educar» e «distrair».

«Informar» é essa outra função quantas e quantas vezes atraído e quantas ainda utilizadas exclusivamente para defender pontos de vista pessoais, o interesse do grupo, do partido, da casta ou da seita.

Informação: obviamente, por descobrir...

Na verdade, na Informação televisiva em Portugal bem se pode dizer que na maior parte das vezes nos encontramos perante um serviço público deficitário de verdade e de inteligência, de rigor e de Informação. Por isto ou por aquilo, por causa do partido do Poder ou do comissário da Informação, a mediocridade, o nacional-maniqueísmo defendem-se por detrás dos pactos de silêncio, na sombra da imbecilidade, quando não mesmo debaixo do manto da censura e da autocensura.

Na RTP tem sido assim, todos o sabemos. Todos o criticamos também, à excepção talvez do Dr. António Alçada Baptista, como pudemos constatar domingo passado, no terceiro programa da série sobre os 25 anos da RTP, onde este conhecido intelectual dizia que na RTP tudo é «normal», tudo está bem, que o problema é os críticos quererem ver em tudo «obras-primas»... A António Alçada Baptista, como homem de cultura, estes argumentos só lhe ficam mal. Trata-se, na verdade, de uma afirmação totalmente cúmplice com o estado de coisas que tem predominado na RTP, nomeadamente, com a manipulação informativa, a incompetência e os atentados à língua e à cultura.

Mas se hoje aqui estamos de

novo a falar-vos de Informação é porque algo mudou. Não dizemos, infelizmente, na política de Informação de um modo geral, nem muito menos na sua filosofia, mas, em particular, num ou noutro caso, como veremos.

Curiosamente, um desses casos a que nos referimos é, acreditem, o do aborto. Se há coisas que neste País ainda mobilizem as minorias e as vontades silenciosas (e silenciadas), a questão da despenalização do aborto é uma delas. Vimos o que aconteceu recentemente em Braga, com aquela espécie de «cruzada» funebre — autenticamente — pela vida...

Vimos, anteontem, como o Mercedes Balsemão, em entrevista à «Antena-1» (brevemente filmada e noticiada pela Informação/2), optou pela oposição declarada em relação à liberalização da lei (que data como sabem de 1876...), à semelhança do que já a secretária de Estado da Família havia feito em Braga.

Mas a maior parte de nós, obviamente, que acompanhou o serviço informativo da RTP/1, que na altura era apresentado por um Raul Durrão mais sonolento que nunca (ele qualquer dia adormece em cima do balcão...). Pudemos então ver um trabalho «apresentável», um texto claro, elaborado por José Teles a partir do que durante o dia se havia passado em S. Bento, com a apresentação do documento de Zita Seabra sobre a despenalização do aborto em Portugal. Ouvimos as suas palavras mais importantes. Ouvimos, depois, do exterior, três Marias, «pioneiras», nomeadamente M. Antónia Palla, dizerem de sua justiça perante esta questão que só em Portugal, Espanha e Irlanda é que ainda permanece um tabu novecentista... Uma reportagem séria, sem dúvida, por muito que custe a alguns portugueses enfeudados ao conservadorismo clerical. Em suma, uma reportagem claramente *nova* no discurso informativo da RTP/1 (e contra *factos* não há argumentos, por muitos telefonemas que chovessem na RTP).

Sexta-feira, 5 de Março de 1982

TELECRÍTICA

Rui Cádima



O poder de síntese do Telejornal: 51 folhas numa frase

ONTEM falávamos da qualidade do trabalho realizado por José Teles, em S. Bento, sobre a apresentação da proposta do Partido Comunista com o objectivo de dinamizar um debate público em torno da despenalização do aborto. Dizia, então, que se havia verificado naquela simples abordagem um evidente ponto de ruptura com o discurso informativo habitual da RTP/1. Disse-o e não me arrependo de o voltar a dizer, por muito que isso custe, tal o estado de coisas absolutamente lamentável em que aquela informação tem permanecido. De há dois anos para cá temos aguardado pelas «melhoras», embora as expectativas se tenham gorado...

Quando elogiámos o trabalho de José Teles e de toda a equipa presente em S. Bento não chegámos a dizer, por exemplo, que o Telejornal tem vindo ultimamente a utilizar, de uma forma abusiva, boa parte do material que passa à hora de almoço no (Primeiro Jornal) como, por exemplo, matéria oficiosa, trabalho sobre a «maioria», imagens da Casa Branca (e só).

Mas no dia do Standard de Lige-Porto, em que o Telejornal só apareceria por volta das 21 horas, o mais curioso foi ver que o tratamento dado à intervenção de Mário Soares «encolheu» da hora do almoço (não esqueçamos que não há comparação possível em termos de audiência entre um e outro bloco) para a hora de jantar. Ao ponto do Raul Durrão ter iniciado o Telejornal dizendo, com o máximo deslize, que a crítica de Mário Soares tinha sido à política económica do Governo (e mais não disse...). Nós, que tínhamos passado pela banca dos jornais e tínhamos lido num deles que a intervenção de Mário Soares tinha cerca de 51 páginas dactilografadas, ficámos pasmados de facto com o poder de síntese dos rapazes do Telejornal... Um espanto.

Deram a maçã a «Eva»...

Não vai longe o tempo em que se podia ler nos jornais notas oficiais do Ministério da tutela relativamente aos gastos de energia e, nomeadamente, ao prolongamento das emissões televisivas para além das 23 horas. Recordo, inclusive, afirmações de um secretário de Estado que, sem papas na língua, dizia que se não fosse a RTP a programar as suas emissões para acabarem a essa hora, seria ele mesmo a mandar suspender as emissões sob que forma fosse...

Lembrei-me disto obviamente a propósito da transmissão de «All About Eve» («Eva» em português), de Joseph L. Mankiewicz. Estávamos em cima das 23 horas quando se deu início à transmissão do filme após ter já sido transmitido o Standard de Lige-Porto para a Taça das Taças, o Telejornal e a telenovela...

Há uns meses atrás «Eva» teria sem dúvida sido suspensa pelo secretário de Estado a que nos referimos... Certamente que ele não iria desculpar o facto de quase em cima do horário habitual do fecho, houvesse ainda uma longa-metragem para transmitir com nada mais nada menos do que 135 minutos!

E se isso acontecesse nós obviamente que apoiávamos. Não nos passa pela cabeça, que alguém no seu perfeito estado de clarividência desejasse, a uma quarta-feira à noite, perto do habitual «fecho», iniciar o visionamento de um filme com 135 minutos...

Poucos foram certamente os maratonistas. Uma tal decisão teria significado para uma noite de sábado, para um início de serão, mas nunca par uma quarta-feira — ainda por cima sabendo-se que ia terminar quase à uma da manhã.

O facto é tanto mais grave quanto sabemos se tratar de uma das mais importantes obras do Cinema americano dos anos 50!

50 perguntas nos 25 anos da RTP

6.382

- Para quando a defesa da Língua Portuguesa na RTP?
- Quando é que a RTP deixa de ser um aparelho ideológico do Estado?
- Quando é que o «serviço público de Televisão» deixa de ser, em Portugal, um monopólio de Estado?
- Quando é que a Administração da RTP deixa de ser nomeada pelo poder político?
- Que é feito do Conselho de Programas?
- Para quando uma Informação isenta, não oficiosa e competente?
- Para quando um jornalismo televisivo-espectáculo enquadrado pelos códigos da deontologia e da ética profissional?
- Para quando a admissão dos jornalistas afastados e marginalizados?
- Para quando o fim da manipulação e da censura na Informação?
- Para quando o enterro dos comissários políticos e dos ministros da propaganda na Informação televisiva?
- Para quando o lançamento de uma verdadeira política de produção nacional de qualidade?
- Para quando a produção de novas séries filmadas portuguesas?
- Para quando a produção é a gravação de peças de teatro com uma periodicidade certa e estreita?
- Para quando um apoio explícito aos programas culturais?
- Para quando uma política cultural clara, definida a médio e longo prazo?
- Para quando a correcção das mensagens culturais veiculadas por agentes que não têm uma percepção clara do «seu» auditório?
- Para quando a promoção generalizada dos valores da cultura portuguesa?
- Para quando a promoção dos poucos programas nacionais de qualidade que existem?
- Para quando um apoio financeiro explícito aos programas com uma função recreativa?
- Quando é que se deixa de dar o dinheiro que se tem dado para a telenovela portuguesa, os «Jogos Sem Fronteiras» e o futebol e se passa pelo menos a investir em igualdade de circunstâncias na informação, nos culturais e nos recreativos?
- Para quando o fim da restrição imposta a uma ampla maioria de autores, intérpretes e executantes nacionais?
- Para quando a verdadeira qualidade e o profissionalismo nos recreativos?
- Quando é que se deixa de verificar uma ausência quase total da produção de programas infantis?
- Para quando uma maior utilização do processo de dobragem nestes programas?
- Para quando a Informação infantil e juvenil?
- Para quando o fim dos comerciantes de «infantis»?
- Para quando o fim da publicidade subliminar?
- Para quando o fim da publicidade gratuita?
- Para quando a redução do tempo dos «comerciais»?
- Para quando a aprovação de normas reguladoras do conteúdo da mensagem publicitária?
- Para quando uma verdadeira articulação entre os mapas-tipo da RTP/1 e 2?
- Para quando o fim da simultaneidade dos dois blocos informativos das 20h?
- Para quando uma política acertada para os «não-diários»?
- Para quando o «sinal de vida» dos Conselhos de Redacção?
- Para quando a regionalização da Informação?
- Para quando as conclusões dos sucessivos inquéritos levantados à RTP?
- Para quando uma correcta aplicação do direito de antena?
- Para quando o acesso às regiões e às minorias?
- Para quando uma maior seriedade na transmissão do que acontece no Parlamento?
- Para quando uma verdadeira presença junto das populações do interior — em termos de sinal e de qualidade da programação?
- Para quando o verdadeiro arquivo dos programas emitidos?
- Para quando uma programação desportiva de qualidade?
- Para quando a verdadeira comemoração dos 25 anos da RTP?
- Para quando o fim do «Carnaval» na delegação da RTP no Brasil?
- Para quando a não interferência do sinal da RTVE em amplas zonas do País?
- Para quando o fim de fantochadas como a do Festival da RTP/82?
- Para quando o próximo «mapa-tipo»?
- Para quando a moralização deste serviço público de Televisão?
- Para quando a resposta a estas perguntas?
- Para quando a criação de associações de telespectadores?

Segunda-feira, 8 de Março de 1982

TELECRÍTICA

Rui Cádima



Festival da Canção: bebedeira a resvalar para «Grande Bouffe»

O vinho era na Antiguidade a bebida dos deuses. As suas primeiras conotações remetiam para as crenças messiánicas, embora não deixando nunca de ter uma significação eminentemente positiva.

Mais tarde, a vinha — *terra de Deus* — é comparada simbolicamente ao próprio Cristo.

Na Grécia antiga os mistérios da morte e os cultos dionisiacos introduzem uma significação funerária associando sangue e vinho. Com os hebreus torna-se, inclusive, num elemento de sacrifício. Vinho, vida, sangue e morte estão assim ligados pelas mitologias deste mundo.

Mas, para além das conotações de vida e de morte (e de outras tão faladas no tempo da «outra senhora»...), o vinho é ainda sinal de *conhecimento*. Por seu lado, a bebedeira está muitas vezes ligada à fecundidade, às colheitas e à festa; poderá ser ainda uma forma de entrar em contacto com os deuses, de «dar de beber à dor», etc...

É essa característica simbólica que remete, em última análise, para esse saber fértil e perspicaz que vai, por exemplo, originar a transposição das crenças antigas para as narrativas orais e, mais tarde, para os escritos antigos em que se pode encontrar já o bêbado (bem como o «louco») assumindo-se como fontes de um saber crítico e satírico cuja verdadeira função é subverter o discurso dominante, dizendo as verdades não permitidas aos «sãos» de espírito (no fundo é um pouco isso que tem acontecido na RTP).

Se quiséssemos interpretar qual a verdadeira significação dos «Agostinhos» no «Sabadabadu», teríamos que ir por esse lado, teríamos obviamente que interpretá-los à luz desse «saber» que eles transmitiam. Se era humor fácil? Era, sem dúvida, mas nunca roçou o ridículo, bem pelo contrário. Sátira, ainda que através da bebedeira, se já é velha, resulta sempre desde que tenha grandes actores à desgarrada, desde que venha na tradição da revista «à» portuguesa e desde que tenha um bom texto (mas, claro, nunca deve ser explorada em demasia).

Entretanto, tudo o que havia sido feito em termos de criação oportuna de novas «figuras» de TV com elevados índices de popularidade foi por água abaixo. Ao aceitarem o anúncio do «Pagapouco», Ivone e Camilo romperam e banalizaram não só os «Agostinhos» como também a sua própria imagem de actores de revista consagrados.

Não contentes com essa primeira morte (e aqui já nenhuma conotação positiva poderia vir em favor do vinho...), optaram por obituário em definitivo a famosa dupla de bêbados do «Sabadabadu», com a sua autodestrutiva participação como «apresentadores» das doze canções do Festival RTP da Canção 1982. Melhor forma para serem rapidamente esquecidos não podiam arranjar: Se no «Sabadabadu» eles eram recebidos com um sorriso nos lábios, no Festival a única coisa que lhes valeu foi estarem a participar numa «grossura» generalizada, que havia começado exactamente na noite em que foram escolhidas, entra as tais 800, as 12 finalistas...

Mas se o rega-bofe já havia começado, se prosseguiria inclusive nas vésperas do Festival com o indeferimento do pedido de suspensão da escandalosa «apreciação», as coisas não iriam ficar assim... Paralelamente ao charco de vinho em que tudo já se estava a tornar eis que a «fuga aos modelos clássicos de apresentação dos espectáculos» se vem a tornar na maior borrasca mental, espécie de «grande bouffe» dos responsáveis por todo este Festival de arbitrariedades e de escândalos. Será difícil encontrar palavras para classificar o que se viu.

Da qualidade das canções não vale a pena falar: O júri de selecção já havia dito tudo. A reportagem, se bem que dirigida pelo Luís Andrade com alguma segurança durante as actuações, foi, no seu todo, pelo que apontamos, uma vergonha. Lamentável foi ainda aquela intervenção em directo durante o Telejornal — um dos momentos mais ridículos que temos visto desde sempre na RTP.

Terça-feira, 9 de Março de 1982

TELECRÍTICA

Rui Cádima



Eu quero aplaudir os números de Proença!

VOLTAMOS a estas «bodas de prata» para tecermos mais algumas considerações inadiáveis sobre algo do que se passou exactamente no dia de aniversário — domingo, 7 de Março, como estão lembrados —, já que de comemorações o que se viu foi para lamentar, à excepção de uma ou outra intervenção meramente técnica (como sabem, o único programa comemorativo da data foi aquele vergonhoso «RTP — 25 Anos» dirigido por Helder Duarte — e aqui rectificamos um nosso engano quando confundimos este realizador com um outro Helder, este Mendes, o tal da biografia de Sá Carneiro... Mas do programa de aniversário o melhor é inscrevê-lo desde já nos anais do absurdo da RTP de Proença de Carvalho, tal a forma como muitas coisas foram tratadas, nomeadamente, claro, o regime fascista e a guerra colonial na RTP).

A noite escutámos Proença de Carvalho na intervenção final do referido programa. Como já vem sendo hábito em todas as comunicações do presidente do Conselho de Gestão da RTP aos telespectadores, uma vez mais os números foram o «negócio» do polémico advogado.

Assim: em Junho de 81, segundo sondagens estabelecidas já pela própria RTP, como foi afirmado, a audiência regular da televisão subia em cerca de 10 por cento em relação ao ano anterior e em Dezembro — ainda segundo as palavras de Proença de Carvalho — voltava a subir em cerca de 4 por cento atingindo assim cerca de 5 milhões de telespectadores com mais de 15 anos de idade que viam televisão mais de 3 dias por semana (...).

Nós o que podemos dizer é que as nossas sondagens de opinião — aquelas a que temos acesso — e que são as ultimamente publicadas na Imprensa, as que escutam diariamente no nosso dia-a-dia e ainda aquelas que sabemos que a RTP recebe através de telefonemas e cartas, levam-nos, porém, a tirar outras conclusões;

isto, evidentemente, sabendo-se à partida que estamos a jogar um jogo viciado.

O dr. Proença de Carvalho falou em números de 81, relativos a Junho. Adiantou depois que segundo sondagens mais recentes cerca de 70 por cento do auditório (que entretanto já tinha crescido), em média, «manifesta agrado pela programação e 80 por cento mesmo manifestam esse agrado relativamente aos 10 programas mais vistos»... Ora o que se nos oferece dizer quanto a estes números absolutamente inéditos na história da televisão mundial (não esqueçamos, por exemplo, que nos Estados Unidos o programa que bateu todos os recordes de audiência foi o episódio de «Dallas» em que se dá a tentativa de assassinato de J.R., não tendo ultrapassado os 70 por cento do auditório nacional...) é que eles não passam de uma grande mistificação, deixando-nos uma ampliada interrogação sobre a seriedade com que estão a ser feitas estas sondagens que agora foram anunciadas. Basta-nos, para isso, aliás, comparar esses números com aqueles de uma outra sondagem encomendada pelo semanário «Expresso» em Junho de 81, curiosamente o mesmo mês referido por Proença de Carvalho. A sondagem era Expresso/Norma e titulava: «Maioria dos portugueses mostra-se indiferente à programação da RTP.» E em *lead*: «A RTP goza actualmente de muito pouco prestígio entre a população portuguesa: 33 por cento manifestam-se pela negativa, 18 por cento emitem uma opinião favorável e 44,2 por cento remetem-se para uma atitude de indiferença.»

A gargalhada viria com os números dados para a Informação, nomeadamente os 76 por cento de telespectadores que segundo as sondagens da RTP «mostram agrado» pelo bloco das 20 h da RTP/1! Essa é boa! Ainda por cima uma palavra de apreço para o «fiel serventário» Duarte Figueiredo, e sua equipa! Eu quero aplaudir!!!

TELECRÍTICA

Rui Cádima



Novo folhetim nova vergonha

EMBORA com algum atraso, vamos hoje retomar numa breve análise o que nos foi dado observar ainda no fim-de-semana em dois programas de características extremamente distintas e alinhados um a seguir ao outro, sábado passado: precisamente o «Magazine de Cinema» (ex-José Vieira Marques, entretanto elaborado por autor ou autores anónimos) e o famigeradíssimo «Jornal de Economia» — dois programas que, para além do resto, tiveram sempre em comum, embora de diferentes maneiras, uma coisa: a sua reduzida qualidade.

Mas comecemos pelo «Magazine de Cinema», cuja última emissão já não chegou a ser apresentada por José Vieira Marques... Razão: «censura», falta de apoio, má vontade, perseguição obscura por parte da RTP, etc. Isto mesmo denunciava o semanário «Tal e Qual» no seu número de sábado.

As breves palavras que aqui dirigimos ao programa e ao seu responsável não significavam de todo, nós sabiamos-lo, que José Vieira Marques não fosse capaz de realizar um magazine de qualidade. O problema era outro, como agora se acabou de ver no trabalho de reportagem do «Tal e Qual». De qualquer modo, por mediocres que tivessem sido esses programas, nunca chegaram a atingir o nível registado sábado passado com este «novo» magazine assinado sabe-se lá por quem — nem sequer houve a humildade de retirar do anonimato uma tal asneira... Venha-me agora o Dr. Proença de Carvalho dizer que «aquilo» foi visto com «agrado» por 80 por cento do auditório que eu lhe conto uma história...

Conto-lhe por exemplo esta: um ensaísta italiano, há cerca de dois anos, numa abordagem sociológica sobre os múltiplos canais de televisão privada em Itália, afirmava que no princípio da madrugada, em Itália, a audiência das pequenas emissoras (com uma programação «erótica» quando não pornográfica), calculava-se, por vezes, ser superior à da programação da própria RAI...

Para aqueles cujo negócio é o «número», encontrar-se-ia aí imediatamente a razão da sua ex-

istência, a sua «moralidade» e a da sua profissão.

Se o hábito — ou a moral — faz o monge, a sondagem não pode fazer a programação. Está mais que provado. Não podemos cair nas «ditaduras» do IBOPE, do IPOPE, da NORMA ou das sondagens encomendadas pelo Dr. Proença de Carvalho.

Ora se o sexo é banido da TV, o crime é-o de igual modo. Quem deu o exemplo foram os americanos. E chegamos ao paradoxo: em Portugal parece que seguimos mais os italianos do que os americanos. Isto é: debaixo dos animatos vêm à superfície os traumas de um certo constrangimento provocado não se sabe ainda bem porquê nem por quem... O Magazine de cinema de sábado passado fez o que não se faz há muito em televisão — passar filmes-anúncio a granel, sem qualquer critério estético, moral ou étário, constituindo sobretudo escandalosa promoção da produção norte-americana em desfavor por exemplo das produções de qualidade ou ainda do próprio cinema português, que, pelos vistos, não está nem em exibição, nem em fase de produção...

Qualquer sociólogo, qualquer telespectador atento, condenaria o programa pelo apego que fez à violência desabrida, à promoção de «kung fu's» com embalagem de luxo, os quais inundam como sabemos os ecrãs dos grandes centros. Esta é a Kultura da RTP!

Reparem já agora nos títulos da maior parte dos filmes cujos «trailers» foram para o ar: «Os buracos estão na moda»; «As belas são assassinas»; «Caçada implacável»; «O meu guarda-costas» (péssima abordagem da criminalidade infantil pelo que pudemos ver); «Crime num campo de cebolas», etc.

Por seu lado o «Jornal de Economia» trouxe-nos um outro «filme»: chamava-se «O futuro armadilhado»: associou revisão constitucional à «marcha do MFA», disse mal dos políticos, olhou unilateralmente o assunto — revisão — e promoveu a desnormalização geral. Um projecto político a que Proença de Carvalho dá o «subsídio» semanal de 220 contos!

Nada mau para os estagiários dos delfins de segunda.

TELECRÍTICA

Rui Cádima



Imagens de guerra como no tempo do «24»

«RTP — 25 Anos»: de novo as imagens que tanto indignaram uma boa parte dos portugueses tantas e tantas vezes obrigados a participar numa guerra com a qual nada queriam. De novo as imagens e as palavras distorcidas de uma realidade que trouxe a tristeza e a morte a muitos lares, a muitas mães e a muitas mulheres portuguesas —, as imagens da guerra colonial, no já referido programa que, paradoxalmente, foi elaborado com o fim de comemorar os 25 anos da RTP, quase oito anos depois do fim da ditadura e da descolonização!

Este é, sem dúvida, um dos grandes «crimes» da Televisão portuguesa do pós-25 de Abril. Numa retrospectiva como aquela, não ser, praticamente, nunca referenciado o clima de censura, o regime ditatorial e a função da Televisão durante o salazarismo e, depois, no marcelismo, é, de facto, fazer tábua rasa das liberdades, é ter o despudor e o desplante de vir à praça pública soletrar com todas as letras e nostalgia dos carrascos da liberdade. Ainda por cima a propósito de uma data tão significativa como o são os 25 anos da RTP!

Desta vez, o programa — o terceiro da série «RTP-25 Anos» — passou na RTP/2. Mais uma vez, portanto, as imagens dos soldados em plena mata, e, em off, um comentário em que se diz que a RTP nunca se recusou à sua obrigação de apoiar na retaguarda a acção do exército português nos «nossos territórios de além-mar»...

O autor do texto, um tal Horácio Caio, um dos saneados do 25 de Abril já reintegrados (ao contrário do que aconteceu com os do 25 de Novembro), continuava assim a descrever a acção da RTP «nos territórios d'além-mar»:

«O apoio na retaguarda àquela juventude que no teatro das operações se conduziu com tão grande empenho, muita coragem, valentia e distinção. O apoio na retaguarda àqueles que partiam e que nas terras distantes e hostis se cobriram de mérito, cumprindo o sacrifício que lhes foi pedido e quase todos ainda carecidos de homenagem que lhes é devida...»

Na «2»: o PPM contra a RTP

Por estas e por outras é que não espanta uma intervenção como aquela a que pudemos assistir no bloco das 20 horas da Informação/2, segundo grande tema no alinhamento principal. O entrevistado era o dirigente do PPM, Portugal da Silveira, o qual dava conta ao jornalista da intenção do seu partido de propor à Assembleia da República uma alteração à Lei da Televisão, com vista a estabelecer futuramente que o presidente do Conselho de Administração da RTP passe a ser eleito no Parlamento, devendo haver, ainda, no entender dos monárquicos, um vice-presidente próximo da oposição.

Em causa está obviamente, e mais uma vez, a política global da RTP que o dr. Proença de Carvalho continua a achar ser a mais correcta possível, mas que amplos sectores da sociedade portuguesa vêm de há muito a condenar.

O problema está aí, de facto. Não concordamos com as propostas que ouvimos a Portugal da Silveira na Informação/2 de terça-feira. Mais plausível parecer-nos-ia ser a eleição dos gestores desta Empresa Pública por um Conselho de Programas, composto por personalidades de grande prestígio na vida cultural, económica e social, e que seria um corpo consultivo permanente do serviço público de Televisão. Mais cedo ou mais tarde dever-se-á caminhar para esta modalidade, tal a importância que cada vez mais se atribui à radiodifusão de emissões televisivas.

Um épico Manuel Alegre

Na RTP/1, entretanto, Manuel Alegre encerrava de forma excelente esta sua curta viagem ao universo garrettiano. De há um mês para cá, os progressos são evidentes. Esta foi talvez, inclusive, a sua melhor emissão. A realização também melhorou substancialmente, recorrendo mesmo a processos de montagem quase perfeitos. Para além disso, Alegre está a tornar-se neste deserto cultural televisivo um caso sério de popularidade e comunicabilidade. Um épico, este Alegre!

TELECRÍTICA

Rui Cádima



Analfabetismo e B-A-BÁ televisivo

HA quem diga que as emissões de Televisão devem ser produzidas, sobretudo, na intenção de agradar ao país real, suocentendendo-se por «país real» a população com reouzoia possioilidade de acesso ao divertimento e à cultura uroana, ao mundo do espectáculo, às noites das grandes cioades.

Os mesmos que assim pensam agarram-se muitas vezes a este pressuposto para justificarem a produção e a emissão de programas sem qualidade, argumentando, na maior parte das vezes, se tratar essa velha questão de descer ao nível dos telespectadores de índice cultural mais baixo de um «mal necessário».

É evidente que tudo isto é jogo viciado. O pressuposto, e todas as premissas que o circundam, estão à partida mal formulados. Digamos, em última análise, que nos são assim apresentados não para justificar uma política de programação, mas, antes, para justificar a produção das piores emissões da RTP (algumas das quais poderão ter em determinadas extractos sociais uma receptividade que, por vezes, se tornará mesmo surpreendente aos olhos dos que melhor conhecem estes problemas. Estamos a pensar, nomeadamente, no «Ou Vai ou Taxa». De qualquer modo, e ainda neste parêntesis, há estudos feitos em França junto de comunidades rurais que concluem pela exigência de qualidade dessas populações perante a programação dos três canais...).

Mas a apresentação do problema nos termos iniciais enferma de uma outra incorrecção: pessoalmente, julgo que não se pode defender de ânimo leve que um serviço público de Televisão, seja ele um monopólio do Estado ou não, se dê ao luxo de dizer displicentemente que devem haver programas que desçam ao nível cultural dos estratos menos desenvolvidos da população portuguesa.

Isto porque, se assim fosse, hoje a nossa Televisão era analfabeta. E ela, por enquanto, ainda não o é totalmente...

Não o é..., é certo. Mas quantas vezes o tem, de facto, sido? Quantas e quantas vezes temos aqui feito reparos sobre os atropelos à língua, os erros diários e

a incapacidade de expor, com clareza, através da especificidade da linguagem televisiva, o desconhecimento dos factos, da História, etc.

Quando assim acontece não temos dúvida nenhuma em tratar a RTP de analfabeta!

Ora, diria, por certo, Monsieur La Palisse, que por haver uma grande percentagem de portugueses analfabetos isso não quer dizer que se vá fazer programas «analfabetos»... Pelo contrário: devem produzir-se programas de tal forma didácticos, claramente expostos e com a qualidade e a sugestibilidade suficientes para atrair esses telespectadores e, por conseguinte, cativá-los, para uma área de conhecimento mais avançada do que a primitiva.

Esta é a questão. A RTP parece desconhecer-la, por exemplo, quando esquece a produção de «Culturais» com essa qualidade, quando não produz infantis, quando não se mobiliza sem hesitações no apoio claro aos recreativos que têm tido alguma qualidade, quando contrata os mediocres e deixa os bons profissionais na prateleira.

A RTP já não o esquece — é bem verdade — quando aposta em Herman José, em Ivone ou Camilo — mas nestes para sempre como possível a hipótese da «facada nas costas»...

A RTP não o esquece ainda quando apresenta uma criteriosa escolha de filmes para este mês de Março, por exemplo. O que está, aliás, em perfeita concordância com o resto da programação. Para haver essa concordância seguramente que a Maria Elisa teria que, por vezes, programar o Alfredo Landa e o «Delicadinho do 5.º» para as Noites de Cinema das quartas-feiras (como já o fez com algumas peças horrosoras para as noites de segunda — «O Gato», por exemplo).

Mas, por outro lado, a RTP esquece-lo quando promove, através das palavras do seu presidente, o responsável máximo pela Informação — essa sim, exemplo lido do «analfabetismo» da Televisão Portuguesa.

Importa pois evoluir.

Comecemos pelo b-a-bá.

TELECRÍTICA

Rui Cádima



Tabu e TV

A discussão em torno da despenalização do aborto em Portugal voltou à RTP. Recentemente referíamos-nos também aqui, nesta coluna, a um apontamento muito curioso de José Teles elaborado em S. Bento precisamente no dia em que a deputada do PC, Zita Seabra, apresentava na Assembleia da República o já conhecido projecto do seu partido.

Agora, de novo, e de certa forma contra a corrente de há muito estabelecida na informação televisiva, o programa «Primeira Página» da passada quinta-feira voltou ao assunto. Era moderadora Margarida Marante, tendo como convidados a referida deputada comunista, a deputada socialista Teresa Ambrósio, Meneres Pimentel, na sua qualidade de ministro da Justiça, o padre Serrazina e o dr. Albino Aroso.

No final do programa se havia alguma ideia bem definida a extrair do decorrer do debate ela era, no nosso entender, relativa a um facto marginal em relação ao tema do debate: ficámos de repente com a impressão de que os portugueses falam ainda pouco entre si, que habitualmente não diligenciam no sentido de se encontrarem nos pontos que lhes são comuns, que, enfim, o afastamento a que se remetem deriva em grande escala de uma tradição do nosso passado recente, quando essa liberdade nos estava retirada pela ditadura. Mas deriva ainda, numa boa parte, da falta de atenção que a RTP tem tido em relação a inúmeros problemas que afectam a sociedade portuguesa — e os indivíduos — sempre preterido perante a polémica entre políticos ou as pressões do poder neste ou naquele sentido bem menos melindroso...

Assim, não foi sem espanto que se nos deparou a presença de um ministro da Justiça, extremamente traído, a balbuciar por entre as intervenções nomeadamente das deputadas da oposição, deixando com essa atitude entender que, ou estava envergonhado moralmente com um tal debate, ou se sentia batido perante os argumentos transparentes das suas adversárias, ou, ain-

da, não estava bem preparado para participar numa tal discussão.

Que se trata de um tema polémico ninguém o duvida. Que está a chegar muito tarde à televisão, também ninguém o pode, em boa fé, contradizer. Que não é natural que um grande partido como o PSD fosse sussurrar baixinho perante milhões de telespectadores, não deixando perceber quase nada das suas verdadeiras intenções nesta matéria, também se tem de reconhecer.

A questão fundamental é realmente esta: a televisão está só agora pelo menos de há dois anos para cá a passar por ser o grande elo de ligação entre os portugueses, ajudando a lançar os dados na mesa, assumindo-se como *meio* para o diálogo. De facto, se está agora a passar o 25.º aniversário sobre a data de início das emissões regulares, a verdade é que a televisão não tem ainda sequer oito anos de vida «democrática» — grande parte deles vividos sobre tensões, falta de isenção e de profissionalismo e despuddorada manipulação. Nesses oito anos o silêncio estabeleceu-se muitas das vezes em torno dos grandes temas nacionais. O mesmo não aconteceu agora. Apesar da falta de preparação, da forma algo primária como a «Primeira Página» foi conduzida (Margarida Marante continua a não ser detentora de *informação* sobre os temas, continua a não possuir os seus próprios *dossiers* não podendo portanto *actuar* como moderadora), apesar ainda da forma pouco participativa com que principalmente Meneres Pimentel se apresentou perante as câmaras, apesar disso tudo este debate era necessário. Portugal vive ainda na sombra dessa nuvem espessa que durante 48 anos acobrou os portugueses e deve portanto libertar-se dela o mais rapidamente possível por forma a que temas que na prática não são tabu o deixem de ser também ao nível da discussão aberta e pública entre todos.

Basta de «guerras santas». Deixemo-nos de apostar em batalhas perdidas. Olhem para a Europa.

15/3/82

21

TELECRÍTICA

Rui Cádima



Como colocar um «elefante» no 10.º andar do 187 da 5 de Outubro

O PPM voltou ao ataque. Embora de uma forma infeliz, ao ponto de ter feito rir, e com razão, o próprio Proença de Carvalho, os monárquicos mais uma vez vieram mostrar a sua discordância perante um «estado de coisas» que ainda se verifica na RTP. Depois das acusações de Luís Coimbra ao semanário «O País» (em que este dirigente afirmava, por exemplo, que a RTP dava mais cobertura a Freitas do Amaral do que a Pinto Balsemão), soubemos pela Imprensa, e também pela televisão, que o mais pequeno partido da AD se preparava para apresentar na AR um projecto de lei (cujo autor é curiosamente o ex-ministro da Qualidade de Vida, Ferreira do Amaral, que resignou ao cargo por discordar da orientação dada à RTP) e que propõe uma nova forma de escolha e constituição do Conselho de Gerência da RTP (presidente eleito pelo Governo; vice-presidente da confiança da oposição; 2 vogais da confiança do primeiro-ministro e um outro representando os trabalhadores). Por fim, era o próprio Ribeiro Teles quem voltava a falar nas deglutições de elefantes vivos...

A questão põe-se, pois, quase no domínio da «anedota do elefante»: «Como colocar um elefante — exactamente — no 10.º andar do n.º 187 da Av. 5 de Outubro?». A resposta poderia ser bem simples: — fazendo-o subir pelo monta-cargas...

Indo agora ao cerne da questão... Veremos que o problema da eleição de um presidente do Conselho de Gerência da RTP não é coisa simples. De qualquer modo, por muito difícil que seja criar um consenso nacional neste âmbito, de uma coisa não pode haver dúvidas: é necessário que o serviço público de Televisão, em Portugal, não possa estar tão dependente do poder político como tem acontecido ao longo destes 25 anos, nem tão pouco possa dispor de uma tal autonomia que acabe por se afirmar como um verdadeiro (e alternativo...) *quarto poder*.

Nesse aspecto podemos começar desde já por resolver o *nosso* problema (e é aqui que o docu-

mento do PPM é extremamente válido).

Importa, pois, moralizar o serviço público de Televisão, dando-lhe um prestígio nacional que se pretende efectivamente intocável — havendo para isso que estudar desde já a forma que o irá permitir — num futuro que todos desejamos próximo. É um facto que o problema não é só português. Espanha e França, por exemplo, têm andado em bolandas numa guerra de acusações, porventura justa, mas que não se coaduna com a ética e «compustura» de um serviço público de Televisão.

Que fazer, então?

Em primeiro lugar há que retirar parcialmente ao poder político a possibilidade de ser ele a nomear, quando bem lhe aprouver, as administrações da Televisão.

Em segundo lugar há que deixar de alimentar ilusões: não é a forma de eleição de um conselho de gestão que irá ou não moralizar o serviço público de Televisão...

Em consequência disso, e em terceiro lugar, deve ser criado, *antes de tudo o mais*, um Conselho Nacional para a Televisão e o Cinema — entidade naturalmente competente para salvaguardar a identidade da nação e dos indivíduos, diria *ameaçada* diariamente através do «audiovisual» — e que terá uma palavra importante na definição do modo de eleição do Conselho de Gestão da RTP, quer da Comissão Administrativa do Instituto Português de Cinema (e, por que não, do próprio Instituto de Tecnologia Educativa), organismos que deveriam actuar em conjunto, o que nunca foi feito até agora.

Em quarto lugar há que ver que este «Conselho Nacional» não pode ser obviamente formado por aovogados que não gostam de Televisão, ou por economistas que não têm tempo para ir ao cinema... Deverá ser formado por indivíduos que os portugueses respeitem pelas suas qualidades profissionais e humanas na área em questão.

Está tudo por fazer, pois.

do

C

Ba

Terça-feira, 16 de Março de 1982

TELECRÍTICA

Rui Cádima



Agora aumentam-nos as taxas!

POIS é: as taxas lá vão subir mais 20 por cento... Com o objectivo de «poder continuar a dispor de meios que lhe permitam desenvolver a sua actividade numa perspectiva de equilíbrio», a Presidência do Conselho de Ministros optou por mais um aumentozito, desta vez nas taxas da televisão (não se sabe ainda se para pagar a Edipim a telenovela que a RTP não pôde produzir... mas a Edipim pôde...).

Não sei se foi por ter lido a notícia nos jornais (eu ainda não sabia de nada), no domingo, uma vizinha minha que até gosta do «Ou Vai ou Taxa», vinha-me dizer que assim é que não podia ser, que ia telefonar para a Televisão, que ia escrever uma carta, que fazia trinta por uma linha e ia mesmo deixar de pagar a taxa...

Eu que ainda não tinha percebido bem de onde é que vinha todo aquele «espevitango» repentinamente acabei por perceber que a «conspiração» tinha como origem não o aumento das taxas mas sim o facto de não haver programas portugueses na RTP (sic).

Disse-lhe que ela estava a exagerar, que não era bem assim, que se animasse que dentro de pouco tempo aí estaria a telenovela portuguesa para lhe resolver o problema. Aí ela perguntou se o aumento era uma espécie de taxa sobre a telenovela... Eu, claro, a uma coisa destas, já não podia responder... Ela, desiludida e chateada lá se foi embora, resmungona, a repetir teimosamente que nunca mais pagava a taxa...

Bom..., se este sinal dado pela minha vizinha começa a generalizar-se muito desconfiado que não tarda muito que o Dr. Proença de Carvalho esteja a programar «Ou Vai ou Taxa's» todas as semanas...

A verdade é que a minha vizinha estava cheia de razão. Se dizer que «não há programas portugueses» é forçar um bocadinho a coisa, o certo é que quem viu as últimas emissões do «Cartaz TV» reparou com certeza que raramente, ou nunca, aparecem fil-

mes de apresentação de programas portugueses. Uma ou outra vez lá aparecia o genérico do «Sabadabadu» (que voltou a aparecer no programa de domingo passado, uma vez que vai haver no próximo sábado um «Sabadabadu» especial com uma montagem dos melhores momentos), mas nada mais do que isso...

Por outro lado, referências meramente verbais aos programas de produção nacional só temos ouvido em relação ao «1 + 1 = 1» (esta semana por exemplo Isabel Bahia referiu-se à «Nota Sensível» de Vitorino de Almeida — mas mesmo assim nem um pequeno «trailer» do programa souberam arranjar...) e, depois desta referência habitualmente feita às terças-feiras da «1», só quando chegam ao fim-de-semana é que as continuistas se dignam a falar de «produção nacional» quando se referem ao «Bom Dia Domingo» e ao «Passeio dos Alegres». Bom, se elas não falam noutros a culpa não é delas... é que não há mais nada para dizer...

Com efeito, segunda, terça, quarta, quinta e sexta-feira estão inundadas, quer na «1» quer na «2», de produção estrangeira, nomeadamente de séries filmadas (que por aqui parece que se deixaram de produzir...).

Não nos admirámos, pois, quando no sábado o semanário «Expresso» noticiava em primeira mão existir um documento interno na RTP que confirma a quebra da produção nacional na gestão de Proença de Carvalho, desmentindo assim, claramente, muitos dos números entretanto vindos a público.

Seria por isso que nas suas últimas intervenções públicas Proença de Carvalho não se referiu aos «números» da produção nacional? Seria por isso que quando, no «Domingueiro», Proença de Carvalho deu números sobre a audiência de vários programas só se referiu, nos «nacionais», ao «transnacional» «TOPO Gígio» com os seus 4,5 milhões, para depois dar os números do «Dallas» (5,0) do «Pirata» (5,0) e de várias outras séries estrangeiras de menor audiência?

Quarta-feira, 17 de Março de 1982

TELECRÍTICA

Rui Cádima



Galileu, Brecht e Losey salvos da fogueira

A mesma hora em que habitualmente temos a infelicidade de levar com o «Ou Vai ou Taxa» na cara (exactamente na última segunda-feira de cada mês, como já é sabido), tivemos desta vez, a meio do mês, o excelente *Galileo* de Joseph Losey baseado na peça de Brecht.

Curiosa escolha esta, se comparada com o maléfico «Taxas» encarnado pelo pior dos comediantes. Curiosa escolha, se pelo menos descoberta a partir da sombra projectada de anos-luz de distância sobre todos aqueles que ainda hoje não acreditam que é a Terra que anda à volta dos Sol...

Galileu era como Topor. Claro: a contrária também é verdadeira. E dos inocentes — a esses, senhor, perdoai-lhes que não sabem o que dizem. Desta vez estivemos entre grandes comediantes, superiormente dirigidos, mesmo quando estavam ali só para contradizer o eterno «E por se muove...».

O problema é que muitas vezes o poder não está do lado de Deus... Isso acontecia certamente — ninguém o poderá recusar, nos tempos dos indexes inquisitoriais — enfim, nestes e nos tempos de Galileu, ao ponto, por exemplo, do próprio Papa Urbano VIII não ter evitado que Galileu acabasse por cair nas mãos do Santo Ofício...

Também Deus não nos livra de cairmos muitas vezes nas mãos do «Taxas»... E cá vamos escrevendo e fazendo por rir das inquisições diabólicas que ainda hoje germinam por aí.

Foi aliás umas das causas que levou Losey desde muito cedo a interessar-se pela figura de Galileu, tal e qual como já havia acontecido anos antes com Bertold Brecht. Curiosamente, Joseph Losey, ainda antes dos quarenta anos de idade, antes portanto de ter realizado a sua primeira longa metragem, monta na *broadway* uma série de espectáculos com base no referido texto de Brecht.

Vejam como ele já havia contado a Tom Milne a forma

como conseguia montar o *Galileo* de Brecht: «Brecht é, desde logo, um tema difícil e Galileu é-o ainda mais. Mas ao mesmo tempo são fáceis para mim porque Galileu teve um papel muito importante na minha vida antes de ter rodado qualquer filme (...). Já antes da famosa crítica da minha montagem, na *Variety*, Mike Todd tinha comprado os direitos porque Orson Welles queria dirigi-la e Charles Laughton interpretá-la, mas não lhe agradava nem sequer tinha uma ideia clara de que é que se tratava. Se se chegou à cena foi porque um amigo meu, Edward Hambleton, que tinha um pequeno teatro em Nova Iorque, cobriu a metade dos gastos na montagem e porque Laughton, Brecht e eu próprio trabalhámos sem cobrar um tostão.»

De facto a experiência agora levada à televisão já vinha muito de trás como nos conta o próprio Losey. Curiosa é não só esta primeira relação com a montagem da peça como inclusive com o próprio autor. Esses contactos prosseguiram e depois da morte de Brecht foram os seus filhos que em contacto com Losey puderam acompanhar alguns outros dos seus trabalhos sobre esta peça, quer para o teatro, quer inclusive em planificações algo ambiciosas sobre esta figura que desde sempre fascinou este cineasta britânico.

Essas primeiras peças levadas à cena foram na altura muito mal recebidas por uma boa parte da crítica. Se tivémos em consideração que Losey nada ganhou com elas poderemos ver facilmente como ele estava ligado a ela.

Por outro lado trata-se de uma temática que tem sempre fascinado de uma ou outra maneira o autor de «O Criado»: hipocrisia e traição são quase sempre constantes na sua obra. Resta-nos a consolação pelo respeito que acabou por vingar sobre os apontamentos do próprio Becht, mantidos por Charles Laughton desde a primeira colaboração em Nova Iorque. Enfim, um *Galileo* que se salvou à fogueira televisiva.

fraca, até ao momento. Primei- mos um exame de consciência

Quinta-feira, 18 de Março de 1982

TELECRÍTICA

Rui Cádima



O maestro, a aventura e a rotina

Arte do dizer, o fascínio no contar, tiveram momentos altos na noite de terça-feira, com António Vitorino de Almeida e João Villaret respectivamente na «1» e na «2» (o segundo a propósito dos 25 anos da RTP, numa pequena sequência que já tínhamos visto no primeiro canal).

Tanto um como o outro são inconfundíveis: um na sua maneira peculiar de entrelaçar a palavra e a música com a imagem, o outro na sua mestria de narrador e de «diseur». Duas personalidades que eu quase diria «entertainers», de um nível invulgar que muita saudade nos deixam sempre que não estão presentes...

É costume dizer-se que os portugueses são no estrangeiro trabalhadores de extraordinário valor, aplicados nas suas profissões como nenhuns outros, homens que deixam marcados nas suas obras traços do suor do seu rosto, amálgamas de dedicação absoluta. De regresso à sua terra natal é rara a vez que se reconhece que o empenho no trabalho volta a ser o mesmo. O regresso é habitualmente relacionando com um certo ócio, com uma espécie de descanso do herói, enfim, como diria um conhecido ecólogo brasileiro muito querido dos portugueses, depois da *aventura* viria a *rotina* — depois da emigração o reencontro com as raízes da terra, quando não com a própria morte.

António Vitorino de Almeida não foi propriamente um emigrante. Foi antes um divulgador da cultura portuguesa, a responsável por muito do que se fez nestes últimos anos em prol dos nossos autores, em Viena de Áustria. Ele esteve como se sabe em representação diplomática do nosso país na qualidade de adido cultural da nossa Embaixada.

De regresso a Portugal, após não ter sido reconduzido no seu cargo pelos governos AD, Vitorino de Almeida, entre outras coisas, tentou recuperar o espaço que vinha a ter nos últimos anos junto do auditório RTP, espaço esse que, como se sabe, se cha-

mava então «A Música e o Silêncio». Depois de alguns contratempos eis que Vitorino de Almeida nos ressurgiu, já no consulado de Maria Elisa, com o programa «A Nota Sensível», integrado no «1 + 1 = 1», como que em substituição de David Mourão-Ferreira, após a desistência deste por incompatibilidades surgidas com a mesma directora de programas. Por esse regresso demos na altura obviamente as boas vindas ao maestro.

Esperámos de certo modo em vão que a qualidade da «Nota» se aproximasse claramente do programa que ele nos ia mandando periodicamente de Viena de Áustria, elaborado de uma forma absolutamente invulgar, extremamente fascinante na sua narrativa e no sentido imprimido aos textos, não só à sua expressão como à sua musicalidade, digamos assim.

Não sabemos exactamente porque, a qualidade dos programas sob o título genérico «A Música e o Silêncio» não se está agora a repetir na série de «A Nota Sensível».

Longe de nós dizer que o regresso do maestro se pode pôr nos mesmos termos em que acima pudemos falar do regresso dos nossos emigrantes. Mas apesar de se não poderem estabelecer paralelos não deixa de ser curioso analisar a questão também por esse lado. É certo que os técnicos austríacos eram de facto de grande nível; sabiam inclusive iluminar muito melhor do que os portugueses; tinham inclusive uma percepção porventura mais nítida do que é a *montagem*; o próprio Vitorino de Almeida parecia inclusive estar mais «iluminado» em Viena, não se sabe se por influência dessa «Meca» da música ou não... Por cá as contingências são outras, todos sabemos. Isso reflecte-se obviamente na produção, na planificação, etc. Apesar de tudo a interpretação das três peças musicais foi de facto um momento de grande nível, com Vitorino de Almeida no seu melhor. O que contradiz claramente que o maestro tenha voltado ao encontro da rotina...

Sexta-feira, 19 de Março de 1982

TELECRÍTICA

Rui Cádima



Quem dera que chegássemos aos calcanhares da «Condessa»

PARA descansar a pena, vai uma de elogio (mas não pensem que já aí chegou a bonança...). Trata-se tão-só de reconhecer a qualidade (e o mérito da directora-coordenadora-acumuladora de programas, que agora detém a «pasta» para o cinema) da actual programação de longas-metragens na RTP.

Luis de Pina, que há algum tempo deixou de ter responsabilidades na programação dos filmes da RTP-1, dizia ao último «Jornal de Letras» que, por um lado, «o cinema que passa na televisão já representa uma escolha relativamente rigorosa do que está disponível. Por isso se pode dizer que a qualidade, ao longo destes 25 anos, foi razoável e, em alguns momentos, ótima». Por outro lado, acrescentava que «não obstante o trabalho desenvolvido, por exemplo, por António Pedro de Vasconcelos, à frente do «Cineclube», a atenção dada às cinematografias menos conhecidas não foi suficiente», e que a RTP falhou no que se refere aos programas de divulgação cinematográfica.

De um modo geral estamos de acordo com Luis de Pina. De facto, a apresentação de filmes não tem sido levada a cabo da melhor forma. O texto crítico habitualmente lido no princípio de cada sessão, ou mesmo os dados bio-filmográficos, só por si de pouco valem numa emissão audiovisual. Não foi portanto ainda encontrada uma alternativa válida a esse «método», digamos assim, de apresentação. Luis de Pina tentou em tempos trazer convidados às noites de cinema fazendo como que um pequeno intróito, uma espécie de mini-programa dentro do próprio serão cinéfilo, mas não teve grande sucesso.

Quanto aos magazines, como temos visto, está generalizado o pandemónio — ao ponto de ter acontecido o que aconteceu com este último da responsabilidade de José Vieira Marques — que

fez com efeito graves acusações a propósito da sua demissão.

Por outro lado, tem-se verificado existir um certo monopólio da cinematografia norte-americana nestas noites de cinema, muitas das vezes em injustificado desfavor da cinematografia nacional. Não há dúvida de que esse é o melhor cinema, mas há que saber dosar as coisas, pelo menos nessa perspectiva de defesa dos interesses dos valores culturais (e recreativos...) dos portugueses, tão abandonados que têm estado.

Não há dúvida também que a RTP entretanto encontrou o «seu» caminho, por assim dizer, na programação de longas-metragens.

O exemplo da semana que decorre é absolutamente fora-de-série. Segunda-feira tivemos uma peça (que em nada desmerecia a qualificação de filme) assinada por Joseph Losey, segundo o texto «Galileo Galilei» de Brecht, onde ainda colaborava Charles Laughton; na terça-feira teríamos uma outra obra-prima: «McBeth» de Orson Welles, verdadeiro «gigante», a todos os títulos, do cinema norte-americano, quarta-feira voltávamos a outra grande obra, desta vez dos anos 50: «A Condessa Descalça», realizada por um dos cineastas mais geniais que os americanos já deram ao cinema — Joseph L. Mankiewicz.

Anuncia-se entretanto uma programação «extraordinária» para as tardes de semana nas férias escolares da Páscoa, certamente pensado na intenção de preencher os tempos livres dos alunos em férias (o que é possível pela suspensão temporária da programação da Telescola). A escolha não é das melhores, mas, enfim, não é esta série também que vem abalar a qualidade da programação de filmes que a RTP está agora a ter. Parabéns, portanto, Maria Elisa! (só falta agora fazer o mesmo para a produção nacional).

20/3/82

17

TELECRÍTICA

Rui Cádima



Em cada telespectador um crítico

DEPOIS da ideia ter estado adormecida ao longo de muitos anos fomos nós os primeiros a relançar de novo a proposta de criação de associações de telespectadores.

Os críticos de televisão, tal e qual lhes competia, foram, aliás, os primeiros a dar o exemplo. Como é do domínio público, a propósito da passagem dos 25 anos de emissões regulares de televisão em Portugal, unidos em torno do mesmo documento, os críticos de televisão formaram *de facto* a sua Associação à imagem do que já acontecia com os seus colegas críticos de teatro.

Publicado o documento, foi com algum espanto que verificámos que apesar da unanimidade de opiniões, vindas dos mais diferentes sectores ideológicos, jornais houve que ocultaram ostensivamente a publicação do documento, inclusive nos casos em que os seus próprios críticos tinham já apostado a sua assinatura... Não sei de facto sob que pretexto é que o «O Dia», o «Correio da Manhã» e o «Tempo» explicarão a não inclusão da notícia nas suas páginas, mas certamente que não o será pelo princípio de *informar* sob um ponto de vista plural e independente dos poderes mesquinhos que desde a formação de Portugal ainda vão conseguindo vingar...

Vamos voltar hoje a propor publicamente aos nossos leitores algo que há umas semanas atrás sugerimos mas que não nos pareceu ter as repercussões que gostaríamos que tivesse ao nível da opinião pública, nomeadamente nas camadas mais jovens.

O problema é ainda a relação ambígua que se estabelece entre a televisão e os jovens. Há quem diga que ela pode ser o «mais belo sistema de educação popular»; outros preferem defender que o *media* é hoje um terceiro educador, ao lado dos pais e dos professores. Mas há quem pense que a televisão «embrutece» o jovem, que o retira da leitura, do convívio com os outros jovens, etc.

Que fazer, então? Em primeiro lugar há que dar a este assunto a importância que ele nunca teve

em Portugal. Há que chamar os poderes públicos «à pedra» e exigir-lhes que tomem medidas relativamente a esta questão, nomeadamente apoiando a investigação sobre a matéria, defendendo desde já os jovens das agressões constantes a que estão submetidos e, acima de tudo, provocar a formação do telespectador consciente, não o deixando portanto à mercê de todo o poder sugestivo do *media*, quer na violência que dele transparece, na agressividade da publicidade, na manipulação da informação (que nem sequer é dirigida aos jovens), nos atropelos à língua e à cultura, etc.

Os Estados Unidos, que têm uma escola mais avançada na análise da mensagem televisiva, embora exclusivamente ao nível da funcionalidade prática, há muito que suspeitaram deste «alibi» audiovisual, tendo criado múltiplos mecanismos de resposta, nomeadamente fornecendo aos alunos das escolas secundárias toda uma didáctica do audiovisual que é aprofundada depois a um nível universitário, para aqueles que optam por essa via. Hoje são muitas, são dezenas e dezenas de universidades que podem já conceder formação superior no domínio dos meios de comunicação de massa.

Em França, neste momento, após longos anos de silêncio a este nível, depois do 10 de Maio, o Governo socialista encetou todo um complexo conjunto de acções que têm como último objectivo criar a disciplina de comunicação audiovisual nas escolas, ligando também esta área à da introdução da informática — duas zonas que no futuro próximo estarão certamente muito relacionadas entre si.

Importa que em Portugal se pense desde já em seguir o exemplo das nações mais avançadas, para que não se pense qual quer dia que nós estamos integrados na CEE sem o estarmos; sequer, ao nível dos *espectadores* que temos sido. Importa portanto tornarmos-nos *activos* na nossa «função» de telespectadores. Importa que cada um de nós seja um crítico!

Segunda-feira, 22 de Março de 1982

TELECRÍTICA

Rui Cádima



Novo requiem por um certo «quarto poder»

SE o cinema era para Metz o que já havia sido para Marcel Mauss — um *facto social total* —, a televisão sê-lo-á obviamente ainda mais. Com os satélites de radiodifusão directa será, inclusive, um *facto universal total*, passe a redundância. Por outro lado, é costume referir-se o que já Morin tinha observado nas suas deambulações antropológicas: em simultâneo com o cinema aparece a aviação — e, dir-se-ia, isso não foi por acaso. A televisão, por seu lado, e ainda que teoricamente, era «contemporânea» dos satélites artificiais. De uma forma prospectiva o novo *media* antecipou as plataformas e a multidimensionalidade do espaço — McLuhan diria a «aldeia global», ou a ubiquidade do audiovisual; hoje dir-se-ia a generalização das cadeias interactivas entre emissor e receptor... Na sociedade de comunicação que se avizinha, mais ainda do que o cinema, a televisão apresenta-se como uma promotora de filmes como jamais se havia sonhado. Mas não fosse isso e estaríamos na mesma perante um fenómeno de repercussões imprevisíveis, a tal po to que a televisão é hoje considerada unanimemente como um factor social determinante ao nível do poder político.

Prova mais do que suficiente é o que se tem verificado de um modo geral ao longo de toda a gestão de Proença de Carvalho. As vozes dissonantes surgiram logo desde o primeiro minuto. Não era possível — dizia-se então — manter por mais tempo este novo e verdadeiro «quarto poder» ao nível dos aparelhos ideológicos de Estado. Entretanto, assistia-se a um fenómeno já conhecido mas que pela sua raridade dava um pouco o ar de insólito a toda a questão: recordei a demissão do ministro monárquico a propósito da difícil deglutição dos famigerados elefantes, entre os quais se encontrava Proença de Carvalho, e agora o seu retorno, muito recente, aliás, ao hemiciclo, confiante de que havia ganho a contenda. Isto quereria dizer, mais uma vez (dado o número de situações idênti-

cas que, entretanto, foram aparecendo), que Proença de Carvalho já tinha substituído... Era como que uma pequena vingança do poder político em relação ao «quarto poder»...

O curioso é que no próprio dia em que estas linhas saíam num vespertino de Lisboa, Maria Elisa dava uma entrevista à Rádio Renascença onde afirmava, mais uma vez, que a sua programação era como que a melhor entre as melhores, que haveria qualquer coisa a emendar, mas que no fundo tudo estava bem, como sempre esteve...

Em parte retomava algumas das premissas tidas como pontos de honra da administração de Proença de Carvalho, as quais são constantemente referidas sempre que o Conselho de Gerência sente a necessidade de falar aos telespectadores... E isso nunca é bom sinal...

Tudo estava bem, em suma. Mas não, não estava. Ou, pelo menos, assim as primeiras informações o faziam crer. Proença de Carvalho era já a «cabeça» que rolava... Resta de facto agora confirmar os rumores daquilo que agora se diz. Ou será, mais uma vez este homem «psicologicamente forte» a vencer, um tanto surpreendentemente, tudo e todos? De qualquer modo, aqui fica mais um «requiem» por esta administração: depois de um balanço de cerca de dois anos extremamente negativo é mais do que a hora de colocar na administração da RTP alguém que não pactue de facto com a mediocridade, quer apareça ela sob a forma de falso «reencontro», com o país real, quer ainda através de um pacto diabólico com aqueles que à custa de expedientes menos ortodoxos vendem a alma ao diabo, sabe-se lá a pensar em quê...

E falar mais de quê???

Da presença de Alfred Sauvy no «Jornal de Economia»? Quando ele souber a quem empestou a cara há-de corar de vergonha...

Da presença do «Corpo de Intervenção» no «Aqui e Agora» de sábado???

Ainda se fosse à noite nas ruas de Lisboa...

23.3.82

17

TELECRÍTICA

Rui Cádima



Maria Elisa vai aderir à Associação de Críticos

PEÇO muita desculpa mas hoje não faço crítica de televisão. Poderão não acreditar mas isto hoje poderia passar sim por crítica de Rádio, já que de T.S.F. se trata (não confundir com a nova cooperativa...). Tenho muita lena mas hoje vou falar daquilo que ouvi...

Por uma mera casualidade — dado que raramente sintonizo a «Renascença» —, domingo, por volta do meio-dia e meia, estava eu a ver o Luís Pereira de Sousa às voltas com uns penteados de homem como se não vê hoje já em qualquer barbeiro da tropa, trazem-me uma telefonía a pilhas bem sintonizada na voz da directora-coordenadora, que na circunstância botava de sua justiça.

Escutei e pasmei! Imaginem que mal dessintonizo a atenção dos penteados e coloco todo o ouvido no aparelho, ouço a inconfundível voz dizer que não concordava com o dr. Proença de Carvalho (isto está por razões óbvias desinserido do contexto); que o «Topo Gígio» tinha sido um barrete e que era um programa falhado; que não dava atenção à informação — quando o Telejornal entrava no ar limitava-se a tirar o som à televisão — disse; que o Jornal da Economia era de má qualidade e unilateral (referência que tinha sido feita na véspera, no mesmo posto, em conversa com Margarida Marante — a propósito: o que fará correr a directora-coordenadora? Que secreto desejo leva Maria Elisa a correr dia-sim dia-sim para a Renascença neste último fim-de-semana? Mas disse mais. Disse por exemplo que não era «escrava de sondagens» — muito longe disso, antes pelo contrário, que até tinha na manga uma série de propostas que iam contra a corrente dos números, nomeadamente alguns programas que mal ultrapassam os zero por cento em audiência (sic), como uns concertos, uns concertos clássicos e coisas assim.

Mas diria ainda que não tem clube, que suscita sempre dos comunistas, que não quer ser polaca e outras coisas do género, descomprometendo-se em absoluto de acusações ao seu passado político, defendendo a AD (isto não se diz), enfim, deixando crer que o fim e ao cabo o seu clube é aquele que quer fazer de nós todos «polacos»...

Mais disse que respeita o dr. David Mourão Ferreira (só que tinha ficado muito triste com o que ele disse dela), e pouco mais disse sobre os que lhe são (ou foram) mais críticos, como em relação a últimas demissões, etc.

Com um programa destes é óbvio que uma tal franqueza, uma tal autocritica, só a pode colocar na posição algo complexa e surpreendente de, sei lá, por exemplo: sócia honorária, ou coisa assim, da Associação Portuguesa dos Críticos de Televisão (em formação, não esquecer).

Mas não se ficou por aí...

É evidente que a directora - coordenadora - acumuladora - auto - criticada disse outras coisas que a poderão ou não comprometer no processo de adesão...

Não esqueçamos aquela de mandar o locutor perguntar ao Fernando Lopes o que é que aconteceu com «O Render dos Heróis» do José Cardozo Pires; ou aquela de que é perfeitamente normal que a Edipim tenha um estúdio e a RTP não tenha; ou ainda aquela dos números do «Expresso» (segundo a senhora directora as percentagens de produção nacional são de 65 por cento e não de 49 — alguém pergunta ao meu lado se também contou com a Telescola)...

Apesar, pois, de ter declarado a sua perplexidade perante o recente documento dos críticos de televisão (ela detesta-os, todos, não detesta?) Só me resta perceber nas entrelinhas que a Maria Elisa estava sim a propor-se como sócia da novel Associação.

Os críticos irão estudar o caso.

Quarta-feira, 24 de Março de 1982

TELECRÍTICA

Rui Cádima



Balsemão depois de Elisa: mais críticas à RTP...

ONTEM vimos como a directora-coordenadora de programas tinha deixado nas entrelinhas da sua entrevista à Renascença um hipotético desejo de vir a aderir à Associação de Críticos de Televisão...

Mal as nossas palavras eram dadas ao público leitor, o primeiro-ministro Pinto Balsemão aparecia no «Primeiro Jornal» da hora de almoço a plantar uma árvore — o pinheiro de Balsemão (por ocasião do dia da árvore, comemorado domingo, 21 de Março)...

Mas Balsemão apareceu a falar essencialmente nos chamados «novos autarcas», espécie de nova filosofia sobre o regionalismo. E fê-lo, como vimos, no Dia Mundial da Árvore, tal como já havia feito na China Deng Xiao Ping, menos habilidoso, é certo, mas com a mesma moral ecológica, o mesmo espírito libertador...

Talvez por isso não poderia faltar no discurso de Balsemão uma referência à situação dos meios de comunicação de massa, nomeadamente à Rádio e à Televisão...

Ecologia tem rimado com Televisão, monarquia com árvore, e o nosso «primeiro» parece ter dado um brinde aos monárquicos com as suas *blagues* no distrito de Castelo Branco, que por acaso até é «Eanista»...

Registámos. Registámos nomeadamente aquela deliberada crítica de Balsemão à RTP. Não sei se são efeitos do documento dos críticos mas a verdade é que depois da Maria Elisa é o próprio Balsemão a deixar nas entrelinhas que até há pontos em que concorda com o documento dos críticos e que ele próprio até tem novas ideias a sugerir.

Recordo a sua crítica à falta de perspectiva regionalista e, por conseguinte, nacional da nossa informação televisiva, em ambos os canais, ponto de vista aliás extremamente legítimo do primeiro-ministro Pinto Balsemão. O

que é pena é que nas várias tentativas já levadas a cabo no sentido de descentralizar a informação para as regiões, o que aconteceu foi nada mais nada menos do que a colocação de comissários políticos, uns mais incompetentes do que outros, com o objectivo de assegurarem mais displicentemente as abjectas formas censórias concentradas nos comissários para a informação do Lumiar.

Balsemão falou, pois, com razão. Até parecia o director do «Expresso» naquela bela tarde em que plantou o seu pinheiro no distrito de Castelo Branco. Mas não era... «Aquele» Balsemão era infelizmente — e de novo — e apesar das críticas aos *media* estatizados — era, dizíamos, o nosso «primeiro», que tem vindo a pactuar declarada e mediocrememente com o estado putrefacto nacional-televisivo.

Mas no domingo foi ainda o Dia Mundial do Teatro. Foi bonito ver o grupo de jovens de Montemor-o-Novo a oferecer ao «Passeio dos Alegres» um *poster* sobre o Dia Mundial do Teatro patrocinado pela Associação do Teatro de Amadores. Mas no domingo, no Dia Mundial do Teatro, a direcção de programas, como já tem vindo a ser seu apanágio nestes últimos dois anos, deus nos neste dia muito especial um belo jogo de futebol, um mundial de cross, e um rali de fórmula um, tudo bom teatro como pudemos ver. *Mise-en-scène* perfeita, actores óptimos, cenários supernaturais, em superproduções, e tudo em directo. Ai se não fosse o grupo de Montemor!...

Mas vá lá, vá lá... Na segunda-feira o pecador redimiou-se e trouxe-nos na quase clandestinidade um belo programa do «music-hall» italiano já sofisticado, abroadwayizado, com Milva a cantar Brecht.

(Aqui para nós: sabiam que o Brecht era comunista? Pssssuuuu!!!).

... e a Maria Elisa e António Monteiro...

Quinta-feira, 25 de Março de 1982

TELECRÍTICA

Rui Cádima



O processo de comunicação

TEORIZEMOS um pouco.

De facto, isto de ter como actividade diária a crítica de televisão leva-nos muitas vezes a interessarmo-nos um pouco mais pelas questões, inclusive ao nível da teoria da comunicação. É isso que vamos fazer hoje, introduzindo o tema do «processo de comunicação» com base nas duas primeiras teorias mais importantes que surgiram a seguir à II Guerra Mundial.

O acto de comunicar pode ser descrito, na sua forma mais simples, colocando um agente emissor a enviar uma mensagem para um público passivo. Este modelo rudimentar foi, necessariamente, evoluindo.

Em 1948 o fenómeno da comunicação é decomposto por um professor de Direito da Universidade de Yale, Harold D. Lasswell. O modelo por ele proposto, apesar de inovador e mesmo muito importante para o avanço da teoria da comunicação, teve como principal inconveniente o ter provocado uma diversidade de análises inesperada, estabelecendo-se assim uma confusão enorme no estudo do fenómeno, aos diversos níveis, desde a produção da mensagem aos seus efeitos sociais, passando pelos canais de transmissão e pelo conteúdo da própria mensagem.

O paradigma de Lasswell propunha a divisão do processo de comunicação em cinco partes: *Quem* (emissor) *diz o quê* (mensagem) *através de que meio* (meio) *a quem* (receptor) *com que efeito* (impacto).

Exactamente no ano em que Lasswell apresentava as suas cinco questões, Claude Shannon e Warren Weaver, ambos matemáticos norte-americanos, publicam aquilo a que chamaram «A Teoria Matemática da Comunicação». Tratava-se aqui obviamente de *informação* quantitativa que remetia, claro, exclusivamente, para mensagens denotadas.

De qualquer modo eles acabaram por descrever a complexidade do processo com uma maior precisão, agregando, por assim dizer, ao modelo elementar, as componentes da transmissão da mensagem e da descodificação.

A utilidade desta teoria foi, como notou Jean Cloutier, «distinguir claramente os 'canais de transmissão' das mensagens que eles próprios transportam».

Mas vejamos esquematicamente como estava organizada a teoria matemática de Shannon e Weaver: *fonte de informação* (produtor da mensagem) — *transmissor* (transforma a mensagem em sinal susceptível de ser transmitido pelo canal-função de codificação técnica) — *canal* (meio de transmissão) — *receptor* (descodificador exclusivamente técnico) *destino* (destinatário, pessoa). *A fonte de ruídos*, como obstáculo à transmissão (acção sobre o canal transmissor, mas também sobre outro qualquer dos factores), é uma nova contribuição extremamente válida desta teoria da informação.

Aqui, portanto, o receptor já não é passivo. Assume portanto a sua função decifrador. Toma forma, também, no processo de transmissão da mensagem, o canal que lhe serve de suporte físico.

Entre o grupo humano emissor — que produz o sinal (ou a mensagem) e o grupo ou indivíduo que a recebe, está a própria mensagem, como objecto com autonomia estrutural, seja ela icónica, verbal ou sonora.

A abordagem do processo da comunicação, a compreensão dos mecanismos de produção e dos efeitos da mensagem é crucial em qualquer trabalho de análise da mensagem. Esperamos continuar esporadicamente a fornecer alguns apontamentos sobre estas questões por forma a que a leitura da mensagem televisiva se torne cada vez mais «transparente» para o telespectador comum.

Sexta-feira, 26 de Março de 1982

TELECRÍTICA

Rui Cádima



O menino veja lá se tem juízo!

COISA rara na televisão: a RTP falou de si, para si e para mim, para todos. Sinto objecto este, pago e mais que pago, com factura comprovativa, ainda por cima taxado, objecto comprado e possuído que nos está sempre a fazer a desfeita. A gente diz mal dele e ele nada. Ele diz mal de nós e a gente nada... Estranho destino, desatino este...

Quando é alvo de críticas faz vista grossa, passa de lado, faz como se nada fosse consigo. Trata o dono como prestador de culto, apresenta-se na sua soberba sacralizada, como puro fétiche. Julga-se o *totem* desta era pós-industrial...

No fundo nunca respeita o jogo democrático, o *fair-play*, a *fairness doctrine* que tanto gosta de apregoar. Gosta é de fazer propaganda de si próprio e nunca reconhece que é, no fundo, um objecto-móvel, quantas e quantas vezes mandado janelar abaixo. Esconde-o sempre...

Não gosta também de reparar nos seus próprios erros. Sente-se infeliz por raramente lhe darem oportunidade de se afirmar, até de estar de bem com os seus mais fiéis, aqueles que lhe dão atenção desde manhã à noite, mesmo quando não aprovam a sua excentricidade e se zangam com ele, tratando-o como mais um *bi-belot* lá de casa...

Desta vez não se tratava de dizer mal...

Era o quase-objecto-TV reencontrado consigo próprio, a falar de si, vangloriando-se, reluzindo ufano, pavoneando-se sem o dar a entender muito às claras (coisa a que está um tanto desabituaado, diga-se)...

Tudo por causa de ter arranjado entretanto um programa para concorrer à Rosa de Ouro do Festival Internacional de Televi-

são de Montreux.

Vá lá, está a fazer progressos, sim senhor... No ano passado não arranjou nada para lá mandar. (Por este andar qualquer dia ganha um prémio — depois é que vai ser o bom e o bonito. Ninguém mais o há-de calar. Todos os dias há-de dizer que é visto por mais de 200 por cento dos fã-s...)

Este ano vai lá mandar os Agostinhos, ensabadabadados, com o Porto na botelha, em vez do rasca tintol...

Que rico vinho! Que purga! Mas não se ficou por aqui... Aproveitou a deixa, agarrou-se em pleno noticiário ao Camilo e à Ivone e vai de mostrá-los, pegando daqui, empurrando dali, e mais isto, e mais aquilo — e por pouco que obrigava o «Primeiro Jornal» a quase não dizer mais nada.

Esperto!... Como sabe que os Agostinhos quando falam até estão bêbados, vá de levá-los às notícias. Tiveram mais tempo que o Carlos Brito, às aranhas para encontrar o primeiro-ministro no hemisclio...

Os Agostinhos isto, os Agostinhos aquilo, a Ivone práqui o Camilo práli, e que vão em digressão, e que vão a Montreux, e que voltam em Outubro e eu sei lá que mais!

Não disse, claro, que a Ivone vai participar numa «Gala» especial tendo para isso que dar um «extrazito» de 250 contos para o Variedades — isso já não diz — quer que a gente pense que é algum borra-botas se calhar... Sim... para a atenção que dá ao resto que é «nosso»...

Isto é que vai uma...

Lá em casa estou farto de dizer: «— O menino veja lá se tem juízo»... É que não se lhe pode dar asas: Quando sair dos eixos dê-se-lhe uns estalos no rabo...

Sábado, 27 de Março de 1982

TELECRÍTICA

Rui Cádima



Borg à hora de sair das «boîtes»...

A I se Borg... «Iceborg»... Ai se... Se, por exemplo, o meio fosse a mensagem estávamos todos, os cinco ou seis milhões que nas grandes alturas (dizem) temos os olhos postos no «objecto», bem satisfeitos, quanto mais não fosse porque o aforismo machuaniano tinha uma comprovação prática.

Na verdade esta recente visita do grande campeão do ténis a Portugal teve repercussões inesperadas na RTP, com transmissões em directo, primeiro na RTP/2, depois na «1» na «final» do torneio, para a qual Borg conseguiu o apuramento com algum custo, diga-se de passagem.

De qualquer modo aquilo que nos impressionou mais não foi tanto a prontidão em terem sido postos os meios operacionais necessários à transmissão directa de ambas as partidas, mas foi, mais, a forma como foi publicitada a iniciativa, principalmente nos blocos informativos. Chegou-se inclusive ao ponto de levar aos estúdios um representante de uma firma multinacional que a propósito da presença de Borg lançou por aí uma campanha, válida sem dúvida, destinada a captar ainda mais jovens para a prática da modalidade.

O ténis foi assim uma espécie de «assunto nacional», numa terra depressa transformada em província pela amplitude dada à visita de um desportista de grande nível internacional, como o é Bjorn Borg.

Estamos pois, mais do que perante o desportista, perante um fenómeno nacional que se por um lado denota a atenção do serviço público de televisão perante um torneio com objectivos amplamente publicitários e comerciais, por outro lado, as repercussões do acontecimento nos diversos *media*, mas nomeadamente na televisão, dão-nos o retrato aproximado daquilo que é este cantinho à beira-mar isolado.

É pois nesta terra abandonada, terra de sol e de turismo, que se lembramos de reunir numa be-

la noite, fechados num pavilhão, os tenistas à compita.

Quinta-feira, ainda não era propriamente fim-de-semana, já íamos na meia-noite quando acabou o primeiro *set* da final, entre Borg e Gerulaitis. Isso queria dizer que ainda íamos ter ténis até cerca da uma da manhã. Prometido ainda estava um diferido da Assembleia da República sobre a apresentação da moção de censura ao Governo... Se isto não é uma televisão surrealista não sei o que seja...

É sabido que, em televisão, o desporto que apresenta níveis de audiência mais elevados é o futebol. Se fôssemos a ver entre várias modalidades, com os diversos índices de audiência, o ténis encontrar-se-ia numa posição claramente inferior em relação às modalidades mais divulgadas, dado que na verdade não é ainda um desporto verdadeiramente «popular», apesar mesmo do «mito» Borg ter vindo a granjear adeptos e praticantes para a modalidade por todo o mundo. O ténis é ainda curioso por nas transmissões televisivas ter de ser seguido com as câmaras colocadas essencialmente nos topos do rectângulo de jogo, com câmaras secundárias do lado das bancadas centrais.

Se pensarmos agora que por exemplo o «Grande Encontro», nos fins de tarde de domingo, apesar do futebol e das grandes modalidades do fim-de-semana, não tem tanta audiência como o «Topo Gigio» ficamos na dúvida se toda esta campanha bem regada de «whisky» veio a ter pelo menos dez por cento do sucesso que o rato e o Guedes têm... Quando o Borg souber vai exigir jogar contra o rato (ao ar livre e num horário que não seja propriamente à hora de sair das *boîtes*...). Tudo é possível... Este é um país surrealista, ou saloista, ou novo-riquista ou lá o que é... E já nem falo no «tempo de antena» às vinte para a uma (da manhã)...

no âmbito da «bandeja» do próximo fim-de-semana.

Rummenigge lesionara-se durante o encontro da segunda «mão» da Taca dos Campeões

20

TELECRÍTICA

Rui Cádima



Já lá vai o «Jornal de Economia» — livra!...

É bem verdade: o nosso pesadelo é tanto maior quanto maior for o tempo de emissão. O crítico sente-se assim na obrigação de receitar a sua mezinha. E para grandes males grandes remédios...

É óbvio que já estão todos a pensar qualquer coisa como: «Lá vai este outra vez dizer mal do Proença e do «Dallas», do terror e do Duarte Figueiredo...»

Nada disso. Muito menos iríamos blasfemar pela transmissão desse acontecimento nacional que é o Benfica-Sporting — ainda por cima em directo pela televisão...

Não... Aliás, em todo o fim-de-semana, foi este de facto o grande programa, o mais ansiado, aquele que nos reconcilia a todos durante hora e meia — para ao fim desse tempo só metade desses estarem de bem consigo próprios, e ao fim de...

Todas as atenções estiveram pois centradas sobre o Sporting-Benfica. Mas vamos-nos abstrair disso tudo, do resultado, da discussão, das previsões que se estão já a fazer, para recuarmos ao *antes* do jogo, mais concretamente à véspera. Vamos sintonizar-nos por exemplo no anúncio, na noite de sábado, pela continuista de serviço, do referido «derby». Diga-se aliás que aquele *slide* com o «esférico» bem em grande plano, e aquelas mágicas letras por baixo, vieram de facto introduzir um pauzinho em toda aquela engrenagem bem emperada da programação de sábado.

De princípio ao fim uma constante: a da repetição. Volta não volta estávamos a ver qualquer coisa que já tinha passado antes. Parecia, às duas por três, que estavam todos entretidos no Lumiar a ver as reliquias do passado recente, a começar no «Sabadabadu», a passar pelo «Jornal de Economia», no «Aqui e Agora» — e por aí fora...

E já que falamos neste programa especial da informação da RTP/1, seja feita justiça a esta última emissão que, se por um lado não deixou de ter um cariz «policiado», com aquele painel

de «parceiros» que é praticamente uma constante nalguma comunicação de massa, e que têm já um discurso político estafado, por outro lado teve a curiosidade de permitir pôr um pouco mais o dedo na ferida da adesão de Portugal à CEE, ultrapassando-se em parte aquele tipo de discussão bem ginasticada pronta a entrar nas páginas do «Diário da República», coisa em que muitas vezes se transforma o «Aqui e Agora». Às vezes só lhe falta numerar decretos...

Mas o principal relatório do dia viria com aquela «jubentude» do jornaleco da economia, desta vez a despedir-se amargamente como se tivesse perdido um feudo, dando mesmo a entender que aquele cantinho era uma espécie de barricada para voos num desconhecido sebastico — quem sabe — parecendo por isso que os rapazitos se sentiram frustrados na sua cruzada, como por exemplo um sargento na América Central se vê traído quando o grupo de amigos lá do quartel não conseguiu tomar o poder... A Anucha Mil Homens dar-lhes-ia os seus 50 pontecos, uma palmada no rabo e despedia-se deles dizendo o que ela costuma dizer: «— eles ainda se fazem...» De facto é uma «jubentude» apostada no progresso do seu país, nem que seja à porrada... (que me desculpem os mais pacíficos — isto devem ser influências das eleições em El Salvador)... Bom, mas os rapazes lá arranjaram argumento para o programa, deram extractos do mal que fizeram e... deram-se por satisfeitos... Que vão em paz e que nunca mais apareçam é o que eu lhes desejo.

Em relação ao «Sabadabadu», que ainda esteve por lá a queimar os últimos cartuchos, já a conversa é outra. Que regressem, e depressa. Infelizmente não vai ser tão depressa quanto seria desejável. Está quase a entrar a programação de Verão (o ano passado mais valia fechar a loja do que ter no ar um mapa-tipo tão mau) e assim só lá para Setembro... Enfim, até lá que a saúde seja de ferro...

de 1981.

O julgamento de Martina surge um dia depois da reconciliação pública entre os dois jogadores, um abraço presenciado do-

partir de 11 de Abril — foi ontem

pagamento das dívidas dos clubes para com os invertebrados

20

30/3/82

TELECRÍTICA

Rui Cádima



O charme discreto da RTP...

EU cá sou pão pão, queijo queijo. Não acredito que isto de operações de charme se fique só pelas palavras. Aliás o charme é a antítese da linguagem: ou as imagens são de facto sugestivas e fascinantes e então pode-se dizer que há de facto uma «operação» cuidada em marcha, ou então tudo não passa de um mero encontro, de um bate-papo mais ou menos público, que em si não constitui propriamente uma operação.

Operação de charme é, por exemplo, a Gala que a RTP está agora a preparar e que se anuncia desde já extremamente «rafinée», com a participação de «estrelas» estrangeiras e com outras particularidades que não contamos aqui que isto não é propriamente a «coluna social»...

Operação de charme é, também, por exemplo, aquele muito falado encontro-volante dos responsáveis da RTP com os seus colaboradores mais próximos, um convívio que mais pareceu ter sido organizado para tirar um «boneco» para a posteridade do que para outra coisa. Não posso esquecer a forma como o encontro foi acarinhado pelos repórteres do Telejornal, com uma montagem que nos dizia ao ouvido que não há razão para ninguém se incomodar, «tudo está a andar sobre rodas»...

Mas nestas coisas dos meios de comunicação de massa os expedientes «charmosos» na maior parte das vezes só por si de nada valem... Há excepções, é evidente — aliás como em tudo, mas na maior parte das vezes não resulta. O caso já é diferente quando há uma vontade política, uma ideia fixa que aposta no «charme» dos «duros», um pouco na tradição do cinema clássico norte-americano...

De qualquer modo a nossa opinião é que a grande operação de charme, se é que ela existe, não nasceu de encontros ou de galas, de compromissos ou de teimosias, mas, tão somente, nal-

gumas «jogadas» que denotam uma certa imaginação ao nível exactamente da programação!...

Poderão perguntar se se trata de programas em que participem os nossos artistas e autores... Não, não é bem isso... Também não é cinema — que esse vai indo bem graças a Deus. Não é teatro. Também não é variedades. Nem programas culturais. Nem «divulgação». Não, infantis também não... Então o que será?...

Misteriosa pergunta...

Eu diria que a grande operação de charme deste mês de Março que agora está a terminar é exactamente o «grande esforço» que foi feito para acompanhar uma série de transmissões desportivas que temos estado a seguir no pequeno ecran.

Querem melhor operação de charme — do Minho ao Guadiana — do que transmitir um Sporting-Benfica em directo, numa altura em que o campeonato estava de novo a «aquecer»? (e inclusive depois de se conhecer toda a polémica entre a RTP e os clubes?). Haverá ainda melhor operação de charme, das camadas mais populares às de nível económico mais elevado, do que dar o «directo», oito dias antes, do Brasil-RFA?

Na verdade o «leque» conseguido é de tal modo raro que deverá calar a boca a muito descontente. É que às duas por três e mesmo apesar de se tratar aqui de programas exclusivamente da área dos «desportivos», o que acontece é a maior parte do auditório estar de antemão sugestionada e completamente solícita a esses «grandes programas» que fazem esquecer as misérias da casa... Do futebol para o Crosse das Nações, do Borg para o hóquei em patins (que se anuncia) do râguebi para a final de basquetebol de quarta-feira, o auditório ficou na sua quase totalidade agarrado ao vídeo sem dizer «ui». Esta a «operação» do mês... Este o discreto charme da RTP...

TELECRÍTICA

Rui Cádima



A «abertura»? Lá mais para o Verão...

SEM estar grande coisa, a informação da RTP/1 (que é aquela que a grande maioria do auditório segue) está melhor. Penso que a essa ligeira melhoria não é alheio o homem de informação que é Francisco Pinto Balsemão.

Trata-se com efeito de uma mudança tímida (não pode ser muito mais do que isso), feita inclusive a contra-gosto, mas de qualquer modo uma transformação que denota uma certa «abertura». E digo-o exactamente com o mesmo sentido que o termo habitualmente tem quando se fala de totalitarismo. Na verdade, se o consulado de Duarte de Figueiredo está neste momento a balbuciar essa espécie de «mea culpa», fá-lo tendo sido ao longo destes últimos dois anos um *bunker* contra-informativo, uma fábrica de ardis, um poço de incompetência, de manipulação e de deselegância. A mudança que paira no ar — e que muito sinceramente desejamos se venha a operar — não está pois tanto ao nível do discurso global informativo, mas, nomeadamente, no tratamento significativamente mais plural que temos observado nas últimas semanas.

É claro que dificilmente as pessoas comprometidas com o sinistro projecto de Duarte de Figueiredo poderão ser os obreiros da mudança. Só por milagre poderemos ver o Eduardo Moniz ou o Cerqueira, o Hélder de Sousa ou o Durão — os porta-vozes da decadência da informação televisiva — ser os impulsionadores de um projecto de informação inovador e competente. Dois anos e segui-los é de mais (e para tamanho pecado tamanha redenção...). São precisas caras novas, ideias novas, são precisos, claro, *professionais*. E bons.

Conscientes de que a sinistra manobra só lhes trouxe acusações na praça pública, evidenciando o delito, acabaram por reagir. Ao fim de dois anos! Tarde, e a más horas!

Sendo porta-estandartes do Governo, já não o são com a mesma empenhada militância de um passado recente... ou pelo menos é o que parece... Não cremos que escondam tanto nem

tão deliberadamente — como por certo o faziam — determinadas críticas, em primeiro lugar, dos parceiros sociais, à política governamental (mesmo assim na segunda-feira tiveram o descaramento de ocultar no «Telejornal» a posição da Ordem dos Médicos — para além de outras coisas — sobre a publicação da «carreira de clínico geral» no «Diário da República»). Não escondem também de forma quase esquizofrénica — como decerto faziam — as críticas da oposição (mesmo assim, à acusação do primeiro-ministro de o PS dificultar o processo de Revisão Constitucional nada foi ouvido da parte visada...). De qualquer modo a melhor das boas vontades leva-nos a poder dizer que neste momento já não há só Governo, não há só partido único... Fora de brincadeiras: a «abertura» bem quer pôr a cabeça de fora, só que não está habituada a isso...

Depois, há outros sintomas. Uns, claro, ridículos. Outros, não tanto. Farto-me de rir quando os grandes especialistas do «Telejornal», nas várias áreas, recebem a bola do «pivot» e com uma expressão doutoral fazem avançar alguns parágrafos extraídos dos últimos telexes com o ar de quem acabou de regressar do centro das operações, com a reportagem fresca, arrumada, rica de dados, e que não tiveram sequer tempo de tomar um duche antes de irem para os estúdios... São uns cómicos!...

Bom, à falta de melhor, foi com bastante agrado que seguimos o melhor sintoma de todos. Trata-se do «Clube de Imprensa» (em boa hora apareceu: do outro lado, na «2», e logo em oposição ao «Ou Vai ou Taxa», cada vez pior, agora a querer entrar em disputa com os *tatoos* escoceses, ou com os desfiles do género do 10 de Junho...). Espere-mos que o naipe de jornalistas, o elemento-surpresa e a convidado, possam continuar a merecer a nossa atenção, sendo necessário para isso não esquecer que a informação também é espectáculo e que a Televisão não é propriamente o círculo dos políticos e da política, ou o Parlamento.

TELECRÍTICA

Rui Cádima



Do país do «apartheid» com amor...

CONTAM-SE pelos dedos das mãos as emissões que a RTP tem transmitido sobre a emigração portuguesa. Ultimamente, contudo, tem havido um salutar recrudescer de reportagens realizadas exclusivamente sobre as colónias da emigração portuguesa nos cinco continentes.

Para espanto nosso, muitas das vezes, esse tipo de trabalhos surge, não por empenho da Televisão do Estado português, mas sim por iniciativa de estranhos à casa, sejam eles os produtores independentes, sejam mesmo organismos de Estado que não têm nada a ver com os esquemas de produção da RTP e que, autonomamente, se aventuram a subsidiar projectos do género, com um interesse obviamente «regional».

É grave, contudo, que a RTP não tenha tido uma palavra firme, uma acção constante, neste tipo de projectos. É de facto uma das grandes lacunas deste serviço público e por enquanto não se vê vontade política nem perspectiva cultural que a tanto se interesse.

Mas para além da recepção de programas sobre a nossa emigração um outro problema coexiste intimamente ligado a este: refiro-me exactamente à deficiente divulgação da cultura portuguesa e da língua, junto dessas mesmas comunidades no estrangeiro. Aliás, bem recentemente, aquando da realização do I Congresso das Comunidades Portuguesas, um dos pontos mais relevantes foi significativamente aquele que exigia uma «melhoria dos filmes da RTP destinados às Comunidades da França e Alemanha» bem como a cedência, pela RTP, de material e de filmes que pudessem ser integrados nos circuitos de distribuição da Secretaria de Estado da Emigração. Nos encontros preparatórios de Caracas, Newark e Joanesburgo exigiu-se inclusive que o Estado português fosse responsável pela realização semanal de um programa de vídeo que tivesse uma ampla distribuição por todas as

comunidades espalhadas pelos cinco continentes...

Este é pois um problema extremamente complexo, mas que tem sido ostensivamente esquecido pelos poderes públicos.

Ora, da mesma maneira que os emigrantes portugueses necessitam da presença portuguesa através do audiovisual — o meio que assegura a difusão da cultura nas suas dimensões espacial e temporal — também sentem a falta dos homens da informação escrita, falada e audiovisual que, enviados pelos meios de comunicação da sua pátria, ou mesmo como seus correspondentes, assegurem aquele permanente contacto com a terra-mãe.

Isto não tem sido feito, como dissemos. Se recentemente estivemos com algumas comunidades açorianas dos Estados Unidos foi porque o Governo Regional dos Açores nisso se empenhou. Do Brasil, e apesar do escândalo que é ter uma delegação da RTP praticamente improdutiva, raramente recebemos imagens. Do Canadá, idem. Das comunidades europeias também pouquíssimas vezes há notícias. Das das ex-colónias o mesmo. Das comunidades portuguesas na África do Sul tivemos agora um incipiente trabalho de Helder de Sousa, pelo que pareceu enviado de propósito àquelas paragens para, no fundo, trazer na bagagem uma espécie de «adeus até ao meu regresso» de uma certa imigração de Joanesburgo. Um trabalho extremamente «fulanizado», sem perspectiva sociológica, sem impeto profissional. Do país do *apartheid*, com amor... É evidente que não estamos a exigir documentos como «The Last Grave at Dimbaza» (realizado clandestinamente na RAS), mas de facto há um mínimo... Até atingir esse mínimo ainda há muito a esperar. Enquanto se der prioridade ao envio de «funcionários da casa» para grandes prémios de automobilismo e quejandos, deixando os emigrantes no silêncio, é sinal de que está ainda tudo por fazer. No mínimo, os «enviados especiais»...

TELECRÍTICA

Rui Cádima



Timor e El Salvador rimam com horror...

NÃO é preciso estar muito informado para se saber que, «quantitativamente», a situação política e social em Salvador é próxima daquela em que vive o povo de Timor após a ocupação daquela ilha pelo exército indonésio.

Não é preciso ser-se especialmente dotado para se saber que entre dois holocaustos é aquele que está mais próximo de nós, por razões culturais, o que nos interessa em primeiro lugar. Não acredito que haja um único português que, em consciência, possa dizer que Salvador é mais importante do que Timor. Estou certo que os portugueses têm a consciência daquilo que está a acontecer em Timor. Estou seguro de que até mesmo os funcionários do «Telejornal» têm consciência disso, embora não saibam depois dar um tratamento suficientemente claro e válido do facto. Se se justifica, diariamente, um apontamento sobre El Salvador nos nossos blocos informativos, mais se justificaria, em absoluto, um contacto constante com o que se passa em Timor-Leste, nomeadamente após a ocupação indonésia.

Li recentemente num pasquim da direita que em Timor-Leste as «condições» eram «normais»... A notícia, proveniente do estrangeiro, era assinada pelo correspondente do pasquim que citava declarações de um delegado da Cruz Vermelha internacional citadas por sua vez pelo correspondente em Singapura de um jornal alemão... Já se está a ver a que tipo de alterações informativas estamos sujeitos depois de percorrido um ciclo tão viciado... Mas se, segundo esse jornal, as condições sociais eram «normais», segundo Ramos Horta, do Comité Central da Fretilin, entrevistado quase no final do «Telejornal» de quarta-feira, a situação continua ainda a ser gravíssima, tendo o referido político citado nomeadamente o que se passa ao nível religioso, assintendo-se de há anos para cá a um dos mais violentos crimes jamais

cometidos contra uma comunidade: o de provocar ostensivamente uma mudança radical de identidade nacional e religiosa, com a cumplicidade e o silêncio de quase todos os meios de comunicação deste planeta. Reina a tranquilidade em Timor-Leste, deverão pensar os portugueses... Mas não, não reina nada. Pelo menos foi isso que nos veio dizer, à falta de informação de fonte jornalística, um dos nomes mais conhecidos do grupo político que primeiro decretou a independência do pequeno território, há sete anos anexado pela Indonésia.

Mas apesar do holocausto, apesar do elo cultural e afectivo que liga e ligará os portugueses à antiga colónia, o «Telejornal» sempre procedeu como se o Salvador é que fosse uma antiga colónia de Portugal e Timor uma longínqua terra dos orientes que pouco significado teria... É na verdade o que tem acontecido. Vimos este assunto ser tratado depois do Internacional (tal e qual o foi a marcha dos desempregados e a futura greve dos médicos, todos eles factores de primeira página, tratados quase por especial deferência dos funcionários superiores do «Telejornal»)...

El Salvador voltaria a seguir ao último «Árvore das Patacas». Precisamente no «Quarta Há Noite». José Teles estaria nos estúdios para apresentar a sua reportagem, recentemente realizada, ao que supomos (não foi revelada a data da sua produção nem a equipa técnica que a realizou). Apesar de uma ou outra falha, tratou-se de um excelente trabalho (ainda por cima feito debaixo das condições que todos conhecemos e que o próprio jornalista descreveu). Um trabalho, em suma, que veio dignificar o jornalismo televisivo português, tão necessitado de valores como é o nosso. Não me repugna pois absolutamente nada recomendar à Direcção de Pessoal o nome do jornalista já que a dificuldade é tão grande em «descobrir» os profissionais (que me desculpe o José Teles...).

Ó ZÉ ARREGANHA A TAXA

— Variedades — Tel. 326037 —

De terça a domingo às 20.30 e às 23 horas. Folga à segunda-feira. Original de Eduardo Damas, com Carlos Coslho, Vera Mónica, Maria Tavares e Mariema. Não aconselhável a menores de 18 anos. Bilhetes: de 80\$00 a 300\$00.

A FEIRA — Teatro da Graça —



6/4/82

17

TELECRÍTICA

Rui Cádima



A «recuperação» do sr. presidente...

SE já houve uma altura em que os «Aqui e Agora» se limitavam a ser uma espécie de «chá» à hora de jantar, onde o convidado depunha sobre si próprio, os seus projectos e toda a sua faceta de «mister sucesso», a sessão de sábado passado, com o engenheiro Krus Abecasis, fugiu um pouco à regra, chegando-se mesmo a ver alguns dos mais assíduos funcionários do Telegiornal a colocar algumas daquelas questões que eu e você, caro leitor, estamos sempre a querer pôr aos nossos governantes, mas que nunca ouvimos formular, acabando sempre por ficar a «zero», pelo menos em termos de informação televisiva...

Desta vez os funcionários da casa perderam a vergonha, cortaram com o salamaleque mais descarado e vai de fazer daquelas perguntas que nós andamos sempre a torcer para ouvir... Enfim, nestas como nas outras coisas, mais vale tarde do que nunca — e este «bate-papo» a que pudemos assistir no serão de sábado, no «Aqui e Agora», entre os dois últimos presidentes da Câmara Municipal de Lisboa, os funcionários da casa presentes, e algum público «apanhado» na rua e ao telefone, fugiu um pouco à regra.

Ficámos mesmo espantados com o deslante do Almeida Peruchio quando a certa altura, ao descrever alguns dos erros do actual presidente, sobrepuja à famigerada «telenovela» das «Torres do Tejo» a banda sonora do «Dallas»; à semelhança do que já havia sido feito há um ano por um semanário de Lisboa, embora sem som...

Em Dallas ou em Lisboa, o que é certo é que estávamos perante um convidado que é um autêntico fenómeno no seio da classe política portuguesa, conhecido

pelas suas frequentes *boutades*, um político que, habitualmente, em duas afirmações diz três asneiras, ficando só um pouco acima do seu colega de partido que tanto fez rir ultimamente a propósito do aborto (exactamente, o sr. Morgado...).

Bom, mas o que é certo é que para além dos tão falados «arraiais do Abecasis», ali a S. Pedro de Alcântara; para além daquela anedota que foi a feira de Belém, quase em frente dos Jerónimos; para além da anedota que foi o folhetim das «Torres do Tejo»; para além dos Lunas Parques, do jardim da Gulbenkian e de muitas outras coisas (entre as quais gostaria de relembrar a tentativa de Nuno Abecasis de não permitir a estreia do filme «As Horas de Maria»), o que é certo é que — dizia — desta vez, e apesar de uma certa e invulgar «mandrince» dos funcionários do Telegiornal, chegámos à conclusão, no final, que afinal têm sido os meios de comunicação social que têm levantado falsas lebres, isto é, que ao fim e ao cabo, os acusados na praça pública vão ao mais amplo «tribunal» nacional, perante o mais vasto auditório, e ganham o perdão, após lhes ser reconhecida a sua inocência...

Alguna coisa pois está mal na nossa televisão. Ou o engenheiro Abecasis foi sempre um homem que ninguém entendeu, e portanto sempre esteve cheio de razão, ou, caso contrário, e apesar do afloramento por Aquilino Ribeiro Machado de algumas questões «quentes», o seu charme pessoal, ou a convívência dos funcionários com a voz do dono, ou ainda o *laissez passer* por absoluta falta de informação para colocar em xeque o entrevistado, fizeram com que esta sessão fosse como que a «recuperação» pública do polémico presidente da Câmara... Só nos faltava esta!

Sábado, 3 de Abril de 1982

TELECRÍTICA

Rui Cádima



Violência e TV

— So —
— CA —
— CA —
— CH —
— CIN —
— D. J —
— IMP —
— PR —
— RES —
— TE —

VIOLÊNCIA e meios de comunicação de massa estão ligados, tal como a afasia, por exemplo, está ligada com a utilização da linguagem, ou a perversão com a prática sexual. Todas elas são, de facto, formas aberrantes da utilização de meios e de práticas comunitários. Todos eles são factores do nosso quotidiano, pelos quais, aliás, já quase se não nota, tal a assiduidade com que somos confrontados com eles.

Se ligamos o Telegiornal deparamo-nos com a situação em El Salvador, ou na Argentina (neste último caso refira-se aquele pequeno bloco de imagens que nos foi dado ver no Telegiornal de quinta-feira, que pelo seu carácter repressivo e pelo atropelo que constituíram em relação à liberdade de expressão e à ordem democrática nos voltaram a deixar horribíeis dúvidas sobre o que irá acontecer nos campos de concentração argentinos a todos aqueles que vimos ser presos); deparamos também, claro, com a situação na Polónia (um avião desviado: só o mecânico é que declarou às autoridades austríacas que queria ser repatriado...); ouvimos referências ao *apartheid* sul-africano (curiosamente avançadas pelo presidente jugoslavo em Lisboa); pouco nos é dado saber sobre os «cambojas» lisboetas, mas todos nós os conhecemos, basta muitas vezes à noite ouvirmos o alarme de um automóvel ou o vidro de uma mostra a partir-se... A violência está aí, portanto, instalada, nas ruas, nos *media*.

Por vezes chegamos ao ponto de serem os próprios profissionais da comunicação os primeiros a serem alvo da violência de forças policiais (recordamos a manifestação sindical no Rossio há semana atrás em Lisboa, e a agressão aos operadores da RTP), ou inclusive de forças para-policiais, muitas vezes clandestinas, como os «esquadrões da morte» brasileiro, ou salvado-

renho (não esqueceremos o assassinio cometido contra os quatro jornalistas de TV holandeses ainda recentemente em El Salvador, nem tão pouco aquilo que José Teles afirmou à «2» sobre a questão, no dia em que foi transmitida a sua reportagem realizada naquele país).

Mas a violência não se abate só sob a forma da força física, ou sob a brutalidade das armas. Violência é também o desrespeito pelas regras do jogo democrático. Violência nesse sentido é toda e qualquer deturpação ao nível informático, é a promoção da incompetência, é a pequena oligarquia e os novos príncipes que vestem a capa do anjo.

Violência é também a dura realidade do analfabetismo, da centralização e de tudo o que com isso tem a ver ao nível da televisão, desde a falta de programas nacionais aos atropelos à língua, ou a inexistência de programas com características culturais.

Violência é publicidade. Violência é todo o discurso cujo código nos obrigam a decifrar, ou que nos «injectam» diariamente através do pequeno rectângulo que nas piores horas, e nas melhores, dizemos ser a «nossa companhia» (lagarto, lagarto, lagarto...). Violência, é, enfim, todo um largo conjunto de pequenas violações constantes da nossa liberdade, cometidas, na grande maioria das vezes, através dos meios de comunicação de massa.

Foi pois por isso que a escola sociológica americana, ainda nos anos 30, começou por estudar os efeitos dos *media*, precisamente ao nível do sexo e da violência... Em Portugal nada disso ainda se fez. Aqui tudo passa... Nesse aspecto somos uma república de bananas, um porto-franco à agressão exterior. Não queremos entrar em pormenores para já, mas estamos convencidos de que uma abordagem interdisciplinar dos efeitos em Portugal de uma série como «Plantão de Polícia» traria conclusões curiosas...

8/4/82

21

TELECRÍTICA

Rui Cádima



Quarta-feira, 7 de Abril de 1982

TELECRÍTICA

Rui Cádima



Jesus de Hollywood

NÃO é o «Paraíso Azul», nem propriamente «A Lagoa Azul»... Chama-se «Um Amor Infinito» e está ali no Monumental, com um cartaz bem ao rubro, cor quente, atractivo publicitário exposto aos olhos daqueles que andam com a volubilidade mais à flor da pele... Quem olhar para o canto inferior direito do grande tecto vermelho lê — Franco Zeffirelli (Realização).

Do Saldanha para a sala de jantar. Receptor ligado, claro. Horas de ir ao cinema. A Callas ainda no ar (isto é, em fotografias, na boca do mundo lisboeta que a pôde admirar), mas quase quase em cima do «Jesus da Nazaré» de Zeffirelli, realizado há cerca de cinco anos atrás, com versões em simultâneo para o cinema e a televisão, e cujo primeiro episódio de uma série de 6 começámos a ver segunda-feira passada.

Confesso que já não me recordo muito bem de quando é que o filme passou em Portugal mas suponho que foi há cerca de quatro anos, exactamente no período em que agora está a passar na televisão, aproveitando-se a Semana Santa para nos darem um filme sobre o nascimento de Cristo...

Zeffirelli é porventura, actualmente, um dos cineastas italianos que melhores condições de produção dos seus espectáculos consegue reunir, sejam eles óperas, peças de teatro ou filmes. Discipulo do «mestre» Luchino Visconti, Zeffirelli nunca chegou a ser um grande imitador daquele a quem por vezes assistiu na realização. Contudo, e apesar do empenho de grandes produtores norte-americanos, apesar inclusive de um certo tom épico dado às suas grandes produções (como aqui, no «Jesus da Nazaré»), o que é certo é que ele nunca granjeou nem metade dos aplausos que a crítica mais exigente concedeu ao seu «mestre».

A explicação do fenómeno temo-la agora entre nós. Apesar deste «Jesus de Nazaré» trazer o beneplácito papal e a aprovação óbvia da generalidade dos cristãos, o que é certo é que para além de Maria ser filmada como Julieta já houvera sido, sob o ponto de vista de uma filmografia, ressalta logo à vista o trazer à tela a vida de Jesus não por militância fanática ou por humanismo cristão, mas pelo sentido industrial que Zeffirelli tem do cinema, o que lhe permite «agarrar» em Cristo ou em Lourenço de Medicis, no «Romeu e Julieta» ou no «Amor Infinito», aleatoriamente. O pano de fundo geral é sempre o mesmo: exaltar a banalidade daquilo que constitui conhecimento de todos (do drama shakespeariano à história bíblica) para que a mercadoria tenha a aceitação mais ampla (obedecendo assim não aos pressupostos do «mestre» mas ao daqueles que o financiam...). Isso é de facto visível a partir desta experiência já muito rebatida que agora podemos também ver nos nossos ecrãs e que dá pelo nome, como dissemos, de «Um Amor Infinito» — espécie de padrão da pequena história romancesca de amor entre adolescentes, que tão na moda tem estado ultimamente.

Poder-se-ia por exemplo sugerir que este sentido da industrialização da narrativa a partir de temas históricos, bíblicos ou dramáticos, também se verificou em Pasolini por exemplo, que teve inclusive o seu «Evangelho Segundo S. Mateus»... Mas que diferença entre um e outro!... Pasolini no «Evangelho» foi o arquétipo de uma certa «segurança» da palavra evangélica, da verdade cristã — poder-se-ia inclusive dizer. Zeffirelli limita-se aqui a ser o porta-voz de uma «Bíblia» cuja encadernação de luxo não evita as folhas em branco que lá vão dentro...

RIA DO

— Tel.
0. Aos sã
00, 17.00,
de Mel
Sid Cae
books. Co
senores de

fundo: a
ino, a In
evolução

quarteto
as 15.00.
Com Neil
cal. Não
anos.

— Avis
e 21.30.
nti. Co
3 anos.

7821933
Realiza
Richard
r Matu-

STE —
505 —
Roxy
19.00 e
Lupo,
do acon-

OR —
13.30.
80. Rea
Aricello
r. Dra
3 anos.

DOS
— Tel.
e 21.30
743 —
ulização
len Ha
a. Par.

te —
19.00.
8480 —
ulização
ames
o acon-

seu pa
um um
uito d
o barç
sional
família
na ida
a atra
vana e

Resistência
resistências

POUCO se fala sobre as ex-colónias portuguesas na nossa televisão. Segunda-feira à noite, por cima de um telefonema do enviado especial para entrega dos prisioneiros da União, dir-se-ia, mais à frente, que Ramalho Eanes já tinha data marcada para a sua visita a Angola...

Um dia depois chegavam as imagens da libertação dos portugueses. Imagens da mata, do Sul de Angola, algures a 10 quilómetros da fronteira. Presentes, um médico da Cruz Vermelha, Jonas («o Dr.») Savimbi, alguns guerrilheiros, jornalistas, e uma equipa de reportagem da RTP... Recuámos no tempo e pusemos a pensar sobre o que de Angola nos ia aparecendo na televisão... Lembrámo-nos da conferência de imprensa que Adriano Sebastião tinha convocado para dizer «se era assim» (com a televisão que temos) que o Estado português queria retomar uma certa normalidade nas relações entre ambos os Governos...

Na verdade a RTP tem retomado um pouco aquilo que se poderia chamar a «rota do Cabo» calcorreada pelos opositores aos novos regimes em vigor nas ex-colónias. Não nos parece pois que neste caso, como em tantos outros, a RTP se tenha mostrado «isenta», tal qual apregoa; antes, em matéria tão melindrosa, assume-se como porta-voz de uma suspeita «resistência», dando eco ao pensamento e à ideologia da direita portuguesa que nos parece de certo modo apostada em criar conflitos ao nível das relações internacionais do Estado português com as ex-colónias.

Era Manuel Alegre que nos vinha reconciliar, ao princípio da noite, com algo do que melhor teve o povo angolano: o poeta (e o político) Agostinho Neto. De facto a sua poesia ali esteve, de corpo inteiro, resistente, da mesma forma que esteve também «Ariane» de Miguel Torga, em

frente ao Tejo, o mesmo que Manuel da Fonseca cantava e que ali tivemos na voz do Adriano Correia de Oliveira.

Mas muitos outros foram os poetas presentes. De Jaime Cortesão a Daniel Filipa, passando por aquela rápida e justa homenagem a João José Cochofel, foi tempo para a «Poesia como arma da liberdade» — última emissão de Manuel Alegre dedicada aos grandes poetas portugueses que fizeram da palavra um grito de liberdade. Casais Monteiro, Joaquim Namorado, Luís Veiga Leitão, Armindo Rodrigues, Natália Correia e Sophia de Mello Breyner, para além dos já referidos, foram aqueles que desta vez Manuel Alegre trouxe à nossa presença, reavivando a memória dos mais esquecidos, dando-nos, com sobriedade, uma perspectiva panorâmica da nossa poesia de resistência à opressão.

A Callas
em Lisboa

Ontem acabámos por não dizer nada sobre esta emissão da responsabilidade de Rui Esteves, com realização de Fernando Mídões. O facto de nos termos referido só a «Jesus da Nazaré» não quis dizer de modo algum que quiséssemos passar deliberadamente sobre este programa sobre a Callas, em referência à sua passagem por Lisboa (S. Carlos) na Primavera de 58. De facto, na área da programação interna, este foi um dos melhores programas que vimos ultimamente na RTP. E chega!... Parabéns ao Rui Esteves e ao Fernando Mídões.

Alves
e não Teles

Ele chama-se José Alves, assinou a reportagem sobre S. Salvador («Quarta Há Noite» da semana passada), e nós, por um lapso que espero não seja tipo *double bind* (...), chamámo-lhe José Teles. Que nos desculpem, um e outro.

Sexta-feira, 9 de Abril de 1982

TELECRÍTICA

Rui Cádima



Paixão e morte

SEMANA de *Paixão* esta, como o são, aliás, todas as outras, neste compasso algo angustiante de espera pela «ressurreição» do objecto ideal desejado.

Tempo para a música de Johann Sebastian Bach, para o cinema de Jean-Marie Straub («lançado às feras» numa quarta-feira solarenga, em vez de ter sido programado para uma sessão verdadeiramente «cineclubista»), tempo ainda para Bing Crosby contracenar, em padre, com uma Ingrid Bergman (numa das suas piores, se não a única medíocre aparição no cinema).

Altura também para se falar mais da figura de Cristo, da crucificação, da redenção humana, tendo para isso sido encontradas várias formas de o fazer, talvez com algum exagero, insistindo demasiado no sentido religioso que o cristianismo concede à «Paixão».

Tempo ainda, portanto, para Zeffirelli, ou para a Madre Teresa de Calcutá, ou para a anunciada «Via Sacra» do Papa João Paulo II, como acontece todos os anos, em directo de Roma, Sexta-Feira Santa.

Reconsiderando: o sentido cristão ou o cumprimento do calendário; o humanismo «tout court» ou o mero formalismo burocrático, não se compadecem com a necessidade premente de se responder através do serviço público de Televisão às grandes carências em termos de programação, nomeadamente daquele tipo de programas que toda a gente defende mas que na prática nunca resultam, por deficiente empenho, ao fim e ao cabo, naquilo que de mais precioso e «frágil» há neste mundo: as crianças (por exemplo, as crianças...).

Nesta semana da «Paixão», mais do que pensarmos ufanamente em termos de maior ou menor religiosidade, parecendo por vezes que da parte da RTP se quer dar a entender que para

aquelas bandas se é mais papista do que o Papa (e que, pelo menos na Semana Santa, se quer mostrar que não faltariam motivos para levar de vencida o tão falado «canal da Igreja»...), mais valia pensar em termos de *objecto real*.

Esperemos, portanto, para já, que quando chegarmos a momentos de igual importância para outros credos, embora minoritários, que a RTP não se esqueça desse outro sentido religioso e se empenhe dedicadamente, como o fez agora, em, pelo menos, nos dar uma perspectiva sincrética daquilo que na verdade se poderá passar com outras religiões.

Que bom seria acompanhar o Ramadão, ou as festas xintuistas, ou o *sabbath* judaico. Que bom seria que esses credos não fossem esquecidos, sabendo-se que existem em Portugal pequenas comunidades que professam essas e outras religiões, esses e outros costumes religiosos.

Mas falávamos nós de crianças a propósito de tudo isto. Lembremo-nos, exactamente a propósito da já anunciada pequena série de programas infantis de desenhos animados, inspiradas na célebre obra de Jonathan Swift, «As Viagens de Gulliver». Gulliver aparece-nos de algum modo como o moralista, profeta de uma outra religiosidade, esta, toda ela virada para o interesse dos mais pequenos, para o seu «culto», digamos assim...

O culto de Cristo, paradoxalmente, não tem assim equivalente em termos de preparação de trabalhos com o objectivo de se consagrar à criança *ad eternum*, o mesmo ritual idólatra que se soube empreender nesta semana ao culto cristão neste período pascal.

Esta, uma entre muitas outras ilações que se poderiam tirar de um sobreaproveitamento da «Paixão». Vamo-nos pois apaixonar por algo de que estamos mais necessitados. Pela vida, por exemplo.

13

TELECRÍTICA

12/4/82

Rui Cádima



Com que então Belize é uma possessão britânica?...

No Telejornal da passada quinta-feira, dia 8 de Abril, após Teresa Cruz ter apresentado em *lead* o trabalho que íamos passar a ver e ouvir, pudemos assistir a mais uma das *gaffes* dos funcionários do Telejornal, tremenda *gaffe* diga-se de passagem, inadmissível a qualquer amador de noticiário internacional. A Teresa Cruz começou logo por repetir o erro que se ia ouvir de seguida. Mais ou menos assim: «Actualmente a Grã-Bretanha tem ainda sob o seu domínio as ilhas Malvinas, Gibraltar, Hong-Kong e Belize...» E de seguida o *off* de Rui Romano sobre a catadupa de imagens que nos era dado ver. Quando chegou à parte referente a Belize o comentador disse o seguinte:

«... Belize, em espanhol dito «Belice» (?), é a capital das Honduras britânicas. Situada no mar das Antilhas esta cidade britânica é considerada um importante centro comercial. Ao longo do século XVIII o território das Honduras britânicas foi disputado entre a Espanha e a Grã-Bretanha que dispoñdo sempre ali de concessões económicas veio a conquistar a soberania em 1862. Actualmente a República das Honduras reivindica a soberania sobre as Honduras britânicas.»

Vejamos como num texto tão pequeno foi possível dizer tantas asneiras:

1 — Belize era o termo que designava o território da antiga Honduras britânica e não a capital desse território, que tinha e tem o nome de Belmopan.

2 — Belize foi colónia britânica até 1 de Janeiro de 1964, altura em que adquiriu autonomia interna, mas não independência, perante a potência colonizadora.

3 — Em 21 de Setembro de 1981 o Belize passou a ser um Estado independente, não tendo sido reconhecido pela República das Honduras.

Comentários perante estas falcatruas informativas? Às vezes nem vale a pena fazê-los... Por muito que se diga, nunca se altera o estado degradante da informação televisiva — pelo menos é o que se tem visto de há dois anos para cá.

Se há alguém que em pleno Telejornal acusa os funcionários do sr. Duarte Figueiredo de serem «MANIPULADORES» ou «desinformadores» eles logo ripostam que «não têm nada a ver com isso» (Manuel Freire em resposta ao dirigente leonino que no mesmo Telejornal acusava o «Departamento desportivo» de irresponsabilidade e trazia a sua verdade sobre o decorrer do jogo Sporting-Benfica), ou que se isso fosse verdade o dirigente leonino não tinha tido oportunidade de ali estar a dizer exactamente o que disse (José Eduardo Moniz em resposta às mesmas acusações).

Estamos cansados de tanta brincadeira. Estamos fartíssimos de lutar nesta tribuna pela transformação radical deste estado de coisas. Não é possível acreditar que «isto» continue ainda por muito tempo. Este país tem os seus «fenómenos», mas tanto assim não é possível...

Sexta-feira eram as palavras de Ramalho Eanes, mais uma vez, a pretenderem repor o profissionalismo e a democracia na informação televisiva. Mais uma vez era através dos jornais que poderíamos tomar contacto com os passos mais importantes do seu discurso. Sábado foram as conclusões do encontro de jornalistas do Norte — uma repetição do que Ramalho Eanes havia constatado. Mais uma vez o silêncio.

Até quando?

TELECRÍTICA

Rui Cádima



«Anos 40»: para quando a polémica?

FACTOS em destaque neste recente domingo de Páscoa: a estreia de Sérgio Godinho como autor de teatro infantil com a peça «Eu, Tu, Ele, Nós, Vós, Eles» (no fundo, no fundo, o facto relevante é ter aparecido ao fim de longos meses mais uma peça de autores portugueses), e, também, aquela grande *bagarre* a que assistimos à tarde, naquele encurtado «Passeio dos Alegres», levantada em torno daquela figura ingénua e tão severamente ridicularizada, a D. Preciosa: para além de todos os populismos há que ter a responsabilidade de saber escolher os convidados e ver quando é que eles *transgridem* relativamente ao *media* que pretendem utilizar.

O texto de Sérgio Godinho, já premiado no concurso da Secretaria de Estado da Cultura, em 1980, poderia ter sido mais apoiado em termos de adaptação televisiva, com cenários menos rudimentares, com uma melhor utilização do espaço, apesar de ele ser *único*... Por seu lado, a D. Preciosa, que quase provocou a anarquia nos estúdios, colocando o júri em posição extremamente difícil com aquela oferta inesperada das grelhadoras nortenhas, foi o «espectáculo» da tarde... Ao que se está habilitado... Tema de fundo é, porém, no fim-de-semana, o «Muito, Pouco, Tudo, ou Nada» de João Abel sobre a exposição dos «Anos 40» na Gulbenkian.

Tem levantado alguma polémica esse acontecimento, marcante, sem dúvida, que é a grande exposição agora patente na Fundação Calouste Gulbenkian. Na verdade vários são já os textos publicados na Imprensa de Lisboa em que é contestada a forma como a exposição e as obras estão *expostas* nas galerias temporárias da Fundação. Mas enfim, se sobre esta questão já alguma coisa foi dito, muito mais ainda se irá dizer com o decorrer do tempo. De qualquer modo a polémica aí está.

Com algum espanto nosso o programa conduzido por João Abel, ex-continuista do segundo canal, programa emitido à hora de almoço de sábado, abordou quase exclusivamente a exposição sobre os «Anos 40» sem contudo ter impedido que o esquema oficioso de todo o conteúdo tivesse sido abalado por uma qualquer opinião dissonante. Nesse aspecto o programa ainda conseguiu ser mais unilateral do que já havia sido a própria arte nos anos 40...

É óbvio que qualquer uma das personalidades entrevistadas (todas elas com responsabilidades na montagem da exposição e nas suas actividades paralelas, como a organização de concertos, projecção de filmes da época, etc.), nos merece a nossa maior consideração, quer pelo seu prestígio cultural quer pelo seu trabalho à frente dos diversos serviços daquela instituição. Mas o problema não está aqui...

Fernando Azevedo, José-Augusto França, Carlos Pontes Leca, Carlos Wallenstein e João Benard da Costa, todos eles intervenientes no programa, apresentadores de cada uma das «esferas» da exposição e da sua estrutura global, limitaram-se, todos eles, a obedecer às solicitações dos autores do programa.

Estamos certos que também eles acharam que aquela meia hora, espécie de «folha de serviço» interna, foi chata, para além de mal aproveitada no sentido de criar a polémica que os próprios organizadores da exposição pretendiam levantar com a sua montagem. Se a televisão, na sua primeira abordagem do acontecimento não quis introduzir o paizinho na engrenagem, quem será que o virá a fazer com a mesma capacidade interventiva que tem a televisão? O problema põe-se de facto aí. Só nos resta pois desejar que seja reposta a polémica, quanto antes, através da RTP. A exposição necessita disso. Nós também, telespectadores.

TELECRÍTICA

Rui Cádima



Insurreição? Que é isso... Polícia espanhol? Connais pas!

NA véspera do debate entre os «quatro grandes», a propósito da revisão constitucional, o «Clube de Imprensa» trouxe-nos como aperitivo aquele quase frente-a-frente entre Ângelo Correia e Jaime Gama. Jornalistas do «Clube» estiveram presentes José Manuel Barroso, Dinis de Abreu, Bettencourt Resende e Diogo Pires Aurélio — leque um pouco fechado sobre aquilo que nos pareceu ser uma só corrente de pensamento apostada — e de outra maneira não podia ser — em desarticular os discursos mais polémicos do actual ministro da Administração Interna.

Várias questões se podem levantar no final deste debate-entrevista, sem, de qualquer modo, podermos levar a nossa reflexão mais ao fundo do problema; a saber: em primeiro lugar, o facto do apresentador abrir e fechar a emissão não o torna nem moderador, nem «pivot». Num qualquer trabalho deste tipo, haja um ou mais jornalistas em estúdio, faz-se sempre sentir a falta de um profissional que saiba sintetizar em duas ou três linhas o que de mais importante ou polémico acaba de ser dito pelo, ou pelos entrevistados. Se se tivesse feito isso em relação à teia de emaranhados verbais em que se ia perdendo Ângelo Correia talvez que o auditório acabasse de ver o programa sentindo-se de algum modo elucidado. Sem se fazer o «ponto» de algumas intervenções, sem esse sublinhar imprescindível daquilo que é mesmo importante, as questões acabam por se perder, umas confundidas, outras desperdiçadas, outras ainda esquecidas. Muitas foram as vezes em que o actual Ministro da Administração Interna «meteu os pés pelas mãos», para logo de seguida em perfeitos «golpes de rins» ir buscar a «bola dentro da baliza» sem que o «árbitro» desse por isso... Nesse aspecto a presença de Jaime Gama foi extremamente sóbria e arguta, tendo-nos de certo modo compensado da perda do *Rock e*

Clássico que ia batendo aos pontos o ministro, primeiro com os Orchestral Manoeuvres in the Dark, depois com os Tangerine Dream e por fim com Peter Hammill.

Porto, Porto

Setentrão, Norte.

Filmar em português, filmar arte. Júlio Montenegro apresenta-nos José Henriques — artista plástico, cenógrafo, professor universitário, invulgar ilustrador de obras de Jorge de Sena, de Luandino Vieira, de Eugénio de Andrade, também escultor:

«Apetece-me dizer que nós não temos escultura. O que aconteceu ultimamente, nos últimos 40 anos, fez com que haja para aí bastantes pisa-papéis e bustos de Napoleão»... dizia ele referindo-se ao «panorama triste» da nossa escultura actual. As suas esculturas, são por isso minúsculas, árvores em bronze, espaços em aberto, violentados, elogiados, mergulho em raízes.

O espaço teatral: os seus decors, os cenários montados, os estudos, são do melhor que se tem visto em palcos portugueses. E nós vimos alguns, embora no programa o realizador se limitasse a mostrar algumas fotos, tendo perdido uma belíssima oportunidade de nos mostrar um pouco do trabalho de José Rodrigues até agora levado à cena, com os personagens no interior, submersos em toda aquela comovente riqueza de signos e de massas, simultaneamente confortáveis e cortantes.

O programa em si não constituiu propriamente uma «provação» ao artista, como quis confessar Júlio Montenegro no final, mas foi talvez uma certa provocação a um estilo de programação cá do sul... Mas faltou-lhe a irreverência. Faltou-lhe a distância, o avesso da melancolia, a quebra do fascínio latente pela obra de José Rodrigues, grande artista plástico nortenho. A propósito: que é feito dos colegas cá do sul?...

TELECRÍTICA

Rui Cádima



Quatro «grandes» e nenhum «papão»

15.4.84

DISSE-SE «quatro grandes» e não foi por acaso. Se bem que não se tratasse ali exactamente de «futeboís»... Álvaro Cunhal chegou mesmo a dizer que o que se estava a passar ali era um acordo público entre a AD e Mário Soares...

De facto, não foi um acontecimento ou um encontro meramente fortuito... Tratou-se do encontro exacto na hora exacta. Quando a emissão terminou só nos podíamos perguntar por que é que este tipo de troca de ideias não se verifica de forma alargada na RTP. É que as conclusões vieram, bem nítidas, ao de cima. Se há alguém que ainda hoje tenha receios, é, com certeza, suspeito. «Quatro grandes», pois... Assim, pelo menos, o diziam diversos jornais publicados na própria terça-feira em que se realizou o debate em torno das questões da revisão constitucional.

O homem da rua, em conversa de café, um pouco por todo o lado, os comentários que se ouviam apontavam — todos, sem excepção — e em tom pejorativo (costume bem português, sem dúvida), para o espectáculo da noite, misto de comédia e de drama, «clássico» poucas vezes retomado, polémica estranha aos funcionários da informação televisiva.

Da última vez que tivemos uma discussão semelhante estavam em causa resultados eleitorais, em 1976. Nessa altura, em representação do PSD, claro, Francisco Sá Carneiro. Freitas do Amaral, Mário Soares e Álvaro Cunhal bisaram agora com esta recente presença.

Em termos de alinhamento da programação há, porém, ainda muito a dizer. Em primeiro lugar: porquê o retardar da emissão para as 21.40, numa primeira fase, verificando-se depois na prática que o começo seria protelado para cerca de 35 minutos mais tarde, sem se dar nenhuma explicação ao auditório por um tal atraso, extremamente negativo não só em termos profissionais e técnicos como também em significado global.

Mas uma outra questão se colocava entretanto: esta outra re-

lacionada com o alinhamento de vários programas para antes do «Primeira Página» que já se sabia à partida ir ter pelo menos duas horas de «tempo de antena», concedido aos vários intervenientes, fora a publicidade, fora o tempo eventualmente dado a mais, fora as intervenções da moderadora, que bem podia ter sido outra, menos partidária, menos «militante», inclusive.

Para quando se deixa de entregar aos funcionários da informação, militantes partidários, este género de trabalhos de máxima responsabilidade e máxima competência?

Não se percebe pois a razão de ser um «Vamos Jogar no Tótopola» seguido de uma «Nota Sensível» de António Vitorino de Almeida (amanhã faremos aqui uma referência mais pormenorizada sobre esta sua recente emissão) seguidos ainda daquele enfadonho «Conto do Imprevisto».

Não se compreende de facto por que é que perante uma emissão com a importância que se aguardava que o debate tivesse, não se antecipou para mais cedo o seu início, permitindo assim a um maior número de pessoas vê-lo na íntegra, nomeadamente às populações do interior, onde é certo e sabido que muitas das vezes dificilmente se resiste a um Vitorino de Almeida (inclusive a ele!, é bem verdade) quanto mais ao «Conto» sempre imprevisível... Claro que não vamos acreditar que o país rural tenha estado na noite de terça-feira até às vinte para a uma da madrugada a seguir aquilo que se dizia, por exemplo, muito perto dessa hora sobre a «política agrícola» do Governo. Tudo se teria composto se a emissão tivesse começado mais cedo. Se houvesse alguém que preferisse um filme teria na «2» essa obra-prima de Jean Renoir — como todas as suas outras o são — «The River», um filme mágico, encantatório, caudal de inocência e de mestria de «mise-en-scene» que parece ainda hoje longe da percepção de quem quer ter por hábito falar de filmes.



TELECRÍTICA

Rui Cádima



Mondrian e os «cegos» com todas as formas de abstracção

LAMENTAVELMENTE é com certa frequência que ainda hoje vemos na televisão, e nos meios de comunicação em geral, tecerem-se considerações menos ortodoxas sobre a arte abstracta, nomeadamente sobre a pintura não figurativa.

Bastar-nos-ia a consciência do facto para nos empenharmos na defesa desse maravilhoso programa que é *Cem Grande Quadros*. Voltamos portanto a este espaço que nos irá acompanhar ao longo de muitas dezenas de semanas ainda, fazendo desde já votos para que assim que acabar volte de novo ao primeiro episódio... Na verdade, poucas são as séries, entre as de divulgação e as outras, que nos levam a formular este desejo.

Desta vez estivemos com Piet Mondrian (1872-1944), pintor holandês deste século, grande nome da pintura não figurativa contemporânea. Em análise esteve a sua obra «Macieira em Flor», pintada em 1912, aquando da estada de Mondrian em Paris. Como pudemos apreciar o quadro tinha características estilísticas essencialmente cubistas, notando-se desde logo a influência que os pintores cubistas de então, Braque e Picasso, sobre ele exerciam.

O facto do cubismo ter tido, no fundo, a intenção estética de transportar para a tela, em simultâneo, as diferentes perspectivas de um mesmo objecto, visto de diversos ângulos e sob diversa iluminação, levou inclusive McLuhan a dizer que de repente o cubismo tinha anunciado que o meio é a mensagem, querendo com isso dizer que o sequencial cedia à estrutura, que os «segmentos especializados» cediam ao «campo total», isto é, que antes do conteúdo estava a forma como era transmitido.

Bom, mas em McLuhan já nós sabemos estarem os aforismos um tanto ou quanto «esterilizados»...

Voltemos a Mondrian e ao seu abstraccionismo que, certamente, se de algum aforismo necessitasse seria de qualquer coisa como «o meio não é a mensagem»... É que, ainda que no âm-

bito do cubismo, os referentes da sua «Macieira em Flor» remetiam-nos não para o *media* (tela/pintura) mas para a imagem denotada da árvore (a sua imagem física, a expressão da mensagem). Um brinçalhão, o McLuhan...

Tal como se dizia no comentário crítico sobre o quadro, esta «Macieira em Flor» de Piet Mondrian, «um dos quadros cubistas mais satisfatórios que se pintaram, deixa-nos a sensação que invariavelmente têm as melhores obras cubistas de um objecto que foi examinado minuciosamente e pensado durante tanto tempo que acabou por ser substituído por um padrão-arquétipo próprio da mente do artista».

Para desmentir, pois, aquelas opiniões mais correntes de que o não figurativismo e a arte abstracta «levam-nos longe da realidade, do trabalho e da beleza» (esta foi por exemplo uma afirmação de Krutchev) aí está a «Macieira em Flor» de Mondrian. O pintor estudou inclusive esta mesma árvore ao longo de muitos anos, havendo uma boa série de «estudos» anteriores, todos eles menos complicados em termos de estrutura não figurativa. A primeira das suas árvores, a «Árvore Vermelha» (1908) tem mesmo características naturalistas. Depois viria a «Árvore Azul» (1909), a «Árvore Horizontal» (1911), e, por fim, ainda antes da «Macieira» a «Árvore Cinzenta» (1913).

Não admira pois que depois desta evolução de tratamento pictórico da «árvore da vida» — signo universal — Mondrian projectasse a sua obra na redução abstraccionista das formas mais simples, de uma «arte perigosamente perto do vazio». Como se dizia no texto «esta procura do mínimo possível, esta ansiedade para deter a essência de algo nas próprias mãos, sabendo que não é possível reduzir mais, que é impossível reduzir a nossa percepção do mundo a algumas linhas e cores — e contudo o poder da arte é por vezes o poder ser capaz de lutar contra o impossível»...

TELECRÍTICA

Rui Cádima



Na gala (dura) faltou a ditadura

1982, 17 de Abril. Quarenta dias depois do 7 de Março — data em que passaram os 25 anos sobre a primeira das emissões regulares — a RTP organiza a sua «Gala de Prata»; reúne a festa e o fausto sem ligar a despesas e encerra assim seu ciclo de comemorações do 25.º aniversário (ciclo pobre, é certo, pelo menos se considerarmos que a série «RTP — 25 anos» foi em determinados momentos uma caricatura deslavada daquilo que o marcelismo era capaz de fazer se ainda estivesse no poder em 1982...).

17 de Abril de 1982. Uma maioria conservadora no poder. Uma minoria ainda mais conservadora na RTP (como interessa em geral aos poderes...). Uma «Gala» liberal, com textos *progres* como diriam os nossos amigos do Hermano Lobo, em que se acabou por contar e mostrar tudo, tudo aquilo que nós não queríamos saber porque já estávamos fartos de ver (e vira o disco: aí vai pela enésima vez a primeira locutora, o primeiro cancionista, a primeira emissão, a Feira Popular, etc.). Faltou, porém, falar daquilo que nós nunca ouvimos — de um dos principais impulsionadores deste serviço público: exactamente, de Marcelo Caetano. E quem diz Marcelo Caetano... Compreende-se: o povo não quer ouvir falar dessas coisas... O País real quer é o «Ou Vai ou Taxa», o «Bom Dia Domingo» e a «Gala de Prata». O povo quer é *shô*... O povo quer lá saber dos dezassete anos (17) em que a RTP esteve mergulhada no mais sinistro obscurantismo — primeiro órgão que era de propaganda do regime fascista? O povo interessa lá isso...

O povo quer é lembrar-se do Rui de Mascarenhas, das Melodias de Sempre, recordar a canção nacional desses tempos... O povo (outro?) quer é rever os seus ídolos, rever exaustivamente o Fritz que o Raul Solnado levou ao ZIP, ou o «novo visual» da Geninha, enfim, o melhor e o pior, o «Ou Vai ou Taxa» e o «Sabadabadu», como se impõe, e como o serviço — diz-se — exige...

Esta é a receita. Depois há que se inspirar (desculpem o atrevimento, mas é *sic*) nas *homenagens* do American Film Institute e colar os retalhos q.b. E aí te-

mos a festarola prafrentex, o revivalismo do *showbiz* televisivo, essa espécie de passeio dos alegres, a história cara a cara das caras que por lá passaram.

História de caras, mas não de corações...

Por exemplo (um bocadinho de ficção não faz mal a ninguém), se agora a maioria não fosse à direita mas fosse à esquerda, se isto fosse uma espécie de «Primavera Quente» a Gala teria sido obviamente transformada em comício. Os primeiros dezassete anos da RTP seriam por certo tratados em termos de «Deus, Pátria, Autoridade» e os figurões, as comissões de censura, os comissários políticos, teriam lá todos a cara, sisuda, claro, e em *off* não se parava de lhes chamar «malandros»... Cinco minutos depois de começar a emissão choveriam os telefonemas no Lumiar e em cada duas chamadas ouvia-se três vezes o palavrão «comunistas!»...

Era o lado negro da RTP — a «gala» dos censores, o passeio dos tristes.

Mas agora foi o passeio dos alegres. Não digo que toda aquela montagem até ao 25 de Abril pudesse ter sido assinada por Ramiro Valadão, mas quase... Salvo uma ou outra discreta referência (a mais forte voltou curiosamente (!) a ser a de Almada Negreiros — que afinal ao contrário do que havíamos lido não chegou a ser «apagado», como acontece a muito bom programa...), o que vimos foi um mero desfile, saudosos desfile, de tempos idos, e esquecidos, pelos vistos. Foi perdida uma excelente oportunidade de se ensinar a História deste Portugal durante tanto tempo mergulhado numa violenta ditadura, da qual a RTP foi a primeira fiel serventia.

Não foi pois encontrado o meio termo neste espectáculo realizado com excelente profissionalismo, sem dúvida. Não é isso que ponho em causa. Nesse aspecto quero inclusive aqui deixar os meus sinceros parabéns aos profissionais da RTP nele empenhados.

A questão é que a RTP está a facturar com o conjunto das «comemorações» um certo comprometimento tácito com aquilo que se passou de mais grave ao longo da sua história e nomeadamente ao longo de 17 anos de regime fascista.

A GUERRA DOS GANGSTERS — ROXY

TELECRÍTICA

Rui Cádima



Sabemos mais de «chinês» do que pensamos...

As interrogações que António Vitorino de Almeida nos trouxe na sua última «Nota Sensível» em torno das linguagens musicais e das linguagens faladas não deixam, embora tarde, de nos merecer aqui alguns comentários. Digamos, à partida, que a sua exposição nos pareceu um tanto confusa e, por isso mesmo, nos resolvemos a retomar hoje algumas das suas premissas e tentar chegar a conclusões porventura mais nítidas do que aquelas a que na altura se chegou. Trata-se, na verdade, de uma questão extremamente importante, ao nível da mais elementar metodologia.

Poder-se-ia dizer que o programa andou à volta desta sua expressão: «A música chinesa é tão «chinês» como um texto de Confúcio no original — daí a razão de não darmos importância à música chinesa» (e assim poder-se-ia dizer, às músicas orientais, ou mesmo «estranhas»).

Em questão, portanto, os códigos sonoros (musicais) e os códigos linguísticos (mais propriamente o chinês). O código linguístico é, como se sabe, o da língua que se fala; no caso referido por Vitorino de Almeida esse código não é conhecido da esmagadora maioria dos eventuais receptores da mensagem. O outro, o código sonoro, que neste caso concreto compreende os sons da escala musical e as regras combinatórias da gramática tonal oriental, também em nada conhecidas dos seus eventuais auditores ocidentais neste cantinho da Europa...

Um outro código há, porém, que deveria ter sido afluído, e não o foi — tendo por isso sido estabelecida uma certa confusão a partir dos exemplos criados. Refiro-me ao código icónico, aquele que se baseia nos processos da percepção visual — percepção de certas formas como representação de outras formas já conhecidas. Ora, em termos dos códigos icónicos (e o mesmo acontece, de um modo geral, em

relação aos outros códigos já frisados), se o receptor da mensagem enfrentar, através deste último, símbolos ou signos desconhecidos, imagens que não lhe digam absolutamente nada, ele capta-a, ou capta-as, exclusivamente na sua forma sonora, não entendendo, portanto, a mensagem na sua totalidade, uma vez que lhe falta o código específico, indispensável à decifração da mensagem. Acontece aquilo a que habitualmente se chama a «descodificação aberrante».

De qualquer modo — e no que se refere aos signos icónicos —, uma vez que estes possuem grande parte das «propriedades» do objecto denotado (ao contrário do que acontece com os signos linguísticos, que se baseiam em regras ou códigos bem definidos, numa semântica e numa sintaxe concretas), a descodificação a partir das imagens resulta obviamente melhor e é, sem dúvida, mais correcta, em termos gerais, a partir do momento em que remete de imediato para o referente ali exposto. Digamos, pois, que os códigos icónicos permitem uma comunicação mais rápida do que os códigos linguísticos.

Compreendendo-se assim a didáctica da língua, mais difícil do que a da imagem, e experimentando a hipótese de conversão de uma pedagogia tradicional do ensino de uma língua numa pedagogia moderna, audiovisual, por exemplo, teremos obviamente que chegar à conclusão de que, neste sentido, «as palavras de uma qualquer gramática» são menos chinês do que a música correspondente ao meio cultural em que se desenvolveu essa língua...

Inversamente, e noutra área da percepção, estritamente corporal, sensível, a música chinesa, ou o Jazz, por exemplo, são menos «chinês» do que a língua chinesa ou um qualquer dialecto africano. Mas esta questão já Vitorino de Almeida abordou de uma forma clara, enquanto a anterior não. Poder-se-á, pois, dizer que compreendemos melhor o chinês do que pensávamos...

«em um...»
daz que foi o cavaleiro de Oliveira com um músico notável

way.

22.35 □ Último Jornal

O ZE ARREGANHA A TAXA

— Variedades — Tel. 326037 —
De terça a domingo às 20.30 e às 23 horas. Folga à segunda-feira. Original de Eduardo Damas, com Carlos Coelho, Vera Mónica, Maria Tavares e Mariema. Não aconselhável a menores de 18 anos. Bilhetes: de 80\$00 a 300\$00.

AVENTURA NO TEMPO —

Eden — Tel. 320768 — 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30. Aventuras. Interdito a menores de 13 anos.

MAS QUE VIZINHOS — Castil

TELECRÍTICA

20 4 82

Rui Cádima



Domingos mal domados

GRANDE parte das Cerca de 14-15 horas de emissão dos domingos é preenchida como se sabe por dois grandes blocos ditos de produção nacional, o «Bom Dia Domingo» e o «Passeio dos Alegres». Cerca de três horas a três horas e meia de duração para o primeiro, e cerca de três horas e meia também para o programa do Júlio Isidro, fazem, de facto, destes dois espaços o eixo da programação de domingo, com altos níveis de audiência, suplementados depois por rubricas como o «Telejornal», o «Grande Encontro», ou mesmo o «Topo Gígio» (este, neste último domingo, substituído no mesmo horário pelo programa tauromáquico que coincide com a abertura da nova temporada).

Há alguns meses atrás já aqui nos referimos à eventualidade de ambos os programas acabarem por cair em estruturas algo semelhantes uma à outra, o que, a vir a acontecer, provocaria, decerto, no telespectador domingueiro um certo fastio pelo repetir exaustivo de uma mesma fórmula de programa com algumas variações.

Não digo que essa repetição seja de imediato prejudicial a ambos os programas mas julgamos que, em termos globais, compreendidas as cercas de sete horas de emissão que totalizam, rapidamente se virá a constatar o afastamento do auditório não propriamente dos programas em si, mas da fórmula que lhes está subjacente, sendo então esse o primeiro passo para um afastamento progressivo de ambos os programas. Estamos convencidos, inclusive, e embora as sondagens da RTP não apontem exactamente para aí (mas também não nos podemos basear nelas, dado o seu carácter aleatório e «comprometido»), que neste momento, em termos de inovações no alinhamento das variadas rubricas destes dois programas, está já a verificar-se um rebarbar de velhas ideias que terá forçosamente que conduzir a um decréscimo nítido do auditório.

Inclusive fórmulas já quase «estabelecidas» em cada um dos programas constituem desde logo focos de desinteresse progressivo. Só em casos muito excepcionais, mas de qualquer modo com a sua dose de ambivalência, é que poderemos aceitar que as expectativas permaneçam tão intensas como da primeira vez (refiro-me concretamente aos jurados cada vez mais «desbundados» do «Passeio», que apesar, muitas vezes, dos imprevistos e das variações, conseguem pelo menos premiar a curiosidade semanal dos mais fiéis). No «Bom Dia Domingo» poderia citar a rubrica de ginástica que é sempre curiosa, quanto mais não seja por sermos convidados a ver como é possível «praticar» a modalidade num estúdio que parece do tamanho de uma despensa.

Por outro lado, o chamado «lugar aos novos» não tem conseguido ser, em qualquer dos programas, suficientemente exigente e polémico para que não se venha a cair no mais transparente ridículo, em vez de incentivar a qualidade e os novos que têm de facto valor e capacidade para se projectarem num futuro promissor. Muitas das vezes o que vemos é aparecerem os «velhinhos» ainda amadores, e que nunca passarão disso, chegando-se mesmo ao ponto de não saberem entrar em simultâneo com o *play-back*... De qualquer modo os jovens, para quem as emissões pretendem realizar-se, são um tanto ou quanto marginalizados das temáticas culturais e formativas, dando-se prioridade quase sempre a um divertimento nem sempre saudavelmente recreativo. As fórmulas jocosas e pejorativas, todos os «meus» já há muito que estão gastos, não tendo sido ainda inventados outros «meus» a quem bater...

Estas algumas das questões que nos levam desde já a propor que se separe em definitivo claramente um programa do outro, sendo preferível que a manhã passe a ser mais infantil e menos «a retalha», e a tarde mais cultural, com o humor bem demarcado do sério que parece estar também em crise...

Não aconselhável a menores de 13 anos. Bilhetes: de 50\$00 a 280\$00.

GIN GAME — D. Maria II —

Tel. 322210. Todas as noites às 21.30.

TELECRÍTICA

Rui Cádima



25 anos depois 21 4 82 a TV «descobriu» Torga!...

FALAMOS de Teatro.

Em português, claro! Desse teatro um tanto maltratado e esquecido pela RTP de Proença de Carvalho, mas lembrado e bem, ainda recentemente, por Fernanda Borsatti e Rui de Carvalho.

Agora, 25 anos depois de «Mar», a «Terra Firme»! E logo Torga, o grande autor, grande poeta, talvez um dos mais sábrios e incorruptíveis deste século XX português, como por certo muitos reconhecerão.

Torga, visto daqui, do centro do Mundo, desta Lisboa que todos amamos, surge-nos como uma espécie de eremita, patriarca de um inconsciente perdido, embrenhado nas raízes da nossa cultura, arauto do que de mais íntimo e profundo há na nossa «alma» de ser portugueses... «Terra Firme» foi isso tudo.

Torga é um mestre, como raros o são aqueles que conseguem atingir, juntos, com o seu profundo saber, os rurais e os urbanos, gente de algum saber... Torga e as nossas raízes, pois... Torga e este Portugal, redescoberto para Televisão, o claro-escuro da nossa quase tradicional rotina, aqui e ali despontada em aventura. Torga, mais que «Terra Firme», deveria ser uma pequena Bíblia, livro de cabeceira, nosso pequeno diário, a fazer-nos comungar das mesmas paixões, a interligar-nos mais ainda do que a própria Televisão o consegue. As nossas raízes acima das extensões tecnológicas por nós criadas. «Terra Firme» é Portugal. Torga foi um acontecimento. Como tantos e grandes que por aí florescem mas que estão ainda condenados ao duro silêncio a que as ignorâncias se remetem.

Tudo isto e o mais que esta Televisão e este País já alguma vez deram ao mundo, das raízes que têm, não parece ser, contudo, aquilo que por vezes Proença de Carvalho deixa entender ser a

falta, a quase não existência de obras, autores e intérpretes portugueses... Na verdade, «Terra Firme» não existirá sozinha, estamos certos... Torga tão pouco.

Autores e peças temo-los. E temos até, para além dos consagrados, autores premiados (curiosamente pela própria RTP!) que nem sequer são levados à cena (melhor dito: ao estúdio de Televisão), tal como um anterior compromisso parecia obrigar...

Intérpretes também ao pareço faltar... Ou será que «Terra Firme» mostrou todos os «grandes» que temos? Mas quantos mais para além de Rui Furtado, de Helena Félix, de António Assunção? Se o dr. Proença de Carvalho pensar bem irá certamente descobrir muitas mãos cheias de grandes actores portugueses, novos e «velhos», prontos a levar à cena o teatro que se escreve em Portugal e que praticamente não é conhecido porque a Televisão não o descobre, e quando o faz nem sequer trata bem dele, não se esmera em cuidar dele, em passá-lo e repassá-lo (se calhar porque apaga também as peças que produz...) Cala-te boca!

Bom... Não podemos é acreditar que Proença de Carvalho pense como outrora já pensava Ramiro Valadão, nos últimos anos do marcelismo, quando dizia a propósito da programação da RTP, numa publicação da SEIT, que infelizmente tínhamos que viver com as grandes produções norte-americanas que tínhamos, à falta de autores, intérpretes, à falta do «espectáculo televisivo» impossível de realizar por falta de matéria-prima... Não. Bem pelo contrário. Nem seria preciso invocar aquela comovida intervenção de Fernanda Borsatti, ou a de Rui de Carvalho, na Gala dos 25 anos, clamando expressivamente pela produção nacional na «nossa» RTP...

«Terra Firme» foi uma pequena parcela do muito que há a fazer.





A despedida de Natália Correia: um dos seus melhores programas

22.4.82

NATÁLIA Correia despediu-se brindando, propositadamente, copo de vinho na mão, a essa alegria encantatória que já o padre Antônio Vieira havia feito referência («oração sagrada», bebida que alegria o coração dos homens...). Um brinde à comunhão dos portugueses, como disse a poetisa neste seu último episódio da série «1 + 1 = 1».

O sangue da terra duriense, o famoso vinho do Porto, esteve pois em destaque nesta última emissão de Natália Correia. Um programa que surge na continuidade de muitos outros trabalhos nomeadamente na Imprensa portuguesa (mas também na estrangeira — lembro um pequeno suplemento recente do «Le Monde»), onde recentemente tem sido bastas vezes referido, não só devido às falsificações que têm vindo a ser descobertas, um pouco por toda a parte, sem que as autoridades pareçam estar muito interessadas em acabar com uma tal situação, e, por outro lado, por uma questão económica — a exportação — conhecendo-se também vários trabalhos sobre a questão da maior ou menor produção após a seca.

Não nos espanta portanto que este seja sempre um tema curioso de analisar. E não só no aspecto económico, ou na fiscalização da produção. Aliás este não deveria ser, obviamente, o sentido da abordagem de Natália Correia.

Bem pelo contrário: o fenómeno de enraizamento da «sagrada» bebida na cultura portuguesa e nas nossas ancestrais tradições está como vimos ainda bem presente, não só nos costumes e nas tradições populares, como inclusive na poesia dos nossos maiores autores.

Data pois dos longínquos tempos da romanização o início da plantação dos vinhedos trazidos pelos romanos das planícies itálicas. Não cremos por isso que se possa atribuir aos gregos o seu transporte para Portugal, dada a reduzida influência que eles ti-

veram na zona mais ocidental da Península. Talvez seja mais provável que tudo tenha acontecido com os romanos após as conhecidas reformas de Sólon, um dos principais impulsionadores da cultura da vinha da Roma antiga, a partir do século VI a.C.

Depois, ao longo dos séculos, intermináveis são as referências que vamos encontrando, autêntico culto à aromática e perigosa bebida, e isto quer na escultura romana, ilustrativa de todas as festas dionisiacas, que obviamente se repercutiram também em Portugal, quer ainda nas iluminuras medievais, ou no gótico, ou ainda mais recentemente, na arte contemporânea como também foi referido.

Talvez que uma das mais curiosas referências, de âmbito satírico, seja o conhecido monólogo de Gil Vicente, a «Maria Parda» que também vimos no programa da Natália Correia e que já conhecíamos da passagem da peça «É Menino ou Menina» pelo grupo da «Barraca». Teria sido curioso inclusive rever essa grande criação da Maria do Céu Guerra que, como se sabe, lhe valeu um prémio como uma das grandes interpretações da temporada passada. Mas essa interpretação não vimos, e — diz-se — nunca mais voltaremos a ver, não se sabe ainda bem porquê... Aqui fica de qualquer modo a pergunta: É verdade que o «É Menino ou Menina» já não consta nos arquivos da RTP? E se não, porquê??...

Bom, mas voltando a esta «saga», a esta oração à vinha — que «circula nas veias da nossa cultura», como acrescentava a autora do programa, somos ainda levados, por fim, depois de percorrermos uma boa parte dos nossos grandes autores, às figuras religiosas e aos santos que também não deixaram de prestar a sua homenagem à enebriante e ancestral bebida... Assim se despediu Natália Correia, com um dos que foi, sem dúvida, um dos seus melhores programas.



Omissões, exageros e destruições na Informação

23.4.82

SE, como disse uma jornalista americana, a sociedade tem necessidade de *ser informada* pela mesma razão que uma pessoa tem necessidade de *ver* — para saber para onde vai — se na verdade o que disse Mary West é verdade — e nós até concordamos que seja — estaríamos a caminhar todos, ou pelo menos grande parte dos telespectadores portugueses, para uma cegueira de perspectiva política e social, caso a nossa livre iniciativa nos não leve a procurar obviamente outras fontes de informação que não o «Telejornal»...

Assim foi, por exemplo, para a intervenção de José Niza no Parlamento, terça-feira passada, que pelo menos a RTP/1 nesse dia não noticiou, nem no «Primeiro Jornal» nem no jornal do meio, nem sequer no último. Quem gosta de saber aquilo que os representantes do povo reclamam em plena Assembleia, e nomeadamente quando se trata de questões tão «populares» como o são aquelas que estão relacionadas com as próprias atribuições e bizantinices da «nossa» RTP, deverá de facto procurar informar-se por outro meio... Porque, tal como se poderia ter dito no tempo da outra senhora (embora em relação à «Nação»), *tudo pela RTP nada contra a RTP...* De facto assim parece acontecer sempre que se critica a televisão portuguesa. Refira-se a título de curiosidade nestes últimos tempos o documento dos críticos de televisão, o colóquio promovido pelo Sindicato dos Jornalistas e as várias intervenções na Assembleia da República sobre este e outros assuntos relacionados com a RTP.

Mas não só *«tudo pela RTP...»* Se falássemos em termos de «Governo» chegaríamos à mesma conclusão. Ali tudo se faz pelo Governo, nada se faz contra o Governo. Exemplos temos todos os dias. Poderíamos aqui ter mesmo uma coluna que se dedicasse exclusivamente à informação diária que haveria sempre muito a dizer. Os deputados do povo português na Assembleia da República sabem-no

bem. Não é por acaso que já existiram pedidos de visionamento de «Telejornais», embora daí nada pudesse resultar. Na verdade, sobre esta questão concreta do visionamento dos blocos informativos, a Lei prescreve quanto a nós erradamente que as emissões se mantenham em arquivo só pelo prazo de três meses. O que acontece, de facto, embora muitas vezes as imagens não cheguem sequer a ser gravadas! É verdade que a Lei deveria ser imediatamente alterada, mas também é verdade que as administrações dos serviços públicos de televisão devem estar a par das orientações internacionais neste sector e, portanto, apoiar com todas as suas forças um arquivo audiovisual global das emissões de televisão em Portugal. O facto de os «Telejornais» poderem desaparecer ao fim de três meses sobre a sua passagem é sem dúvida um crime cometido contra o património nacional, é, com efeito, comparável à destruição total de uma edição de jornal, sem que reste um único exemplar. Já imaginaram o que era hoje querer-se fazer a história deste século XX português e não existir nenhum exemplar do «Diário de Notícias» ou do «Século»? Pois relativamente aos «Telejornais», por muito que nos custe a crer, é isso que aconteceu!!!

Voltemos à produção da informação, à «cegueira» nacional. Referimo-nos ao episódio com José Niza, mas podíamos-nos referir à greve da função pública, às declarações de Alberto João Jardim a seu propósito, ou ao tratamento dado à greve da Ordem dos Médicos, ao aumento (mais um) dos preços dos bens essenciais a que a RTP nunca dá grande importância (se calhar já têm subsídio para isso...), ou, por outro lado, ao tempo exagerado concedido aos governantes (veja-se quinta-feira Paulo Mendes e André Gonçalves Pereira), etc., etc. Sem dúvida pois que ver o «Telejornal» como única fonte de informação é o mesmo que «cegar» para a realidade nacional que (não) se tem pela frente.

que a programação nos seja enviada

TEATROS

e música de Carlos Correia, coreografia de Fernando Lima e encenação de Rogério Paulo. Para todos. Bilhetes: de 50\$00 (crianças) e 100\$00 (adultos).

VIRGEM ATE CERTO PONTO
— Monumental —

TELECRÍTICA

Rui Cádima



E as crianças, Senhor?

A programação infantil (era bom que se pudesse falar de produção de infantis na RTP...) volta a andar na berra. Não bastava já a constatação diária de que a Televisão portuguesa (incompreensivelmente) não dá nenhuma importância a esse tipo de programação absolutamente imprescindível... De facto, talvez de onde menos se esperasse, a polémica foi agora reacendida com críticas públicas de Maria Alberta Meneses e Maria do Sameiro Souto à orientação da administração da Televisão para a produção de infantis. Tudo isto a propósito dos prémios anunciados durante a Gala... Nós ainda não tínhamos aqui feito qualquer referência ao facto mas talvez seja agora a altura de pegarmos nesta questão, dada a importância de que na verdade se reveste (quanto mais não fosse por ser uma prática nova na casa a da distribuição de prémios anuais aos «melhores» programas) e dado ainda tratar-se da área da programação que nos merece (a nós e ao público em geral, estamos convencidos, infelizmente não à RTP) o maior respeito.

É um dado pois que não existe programação infantil própria na RTP. Dir-se-ia que hoje naquela casa as produtoras de infantis se limitam a tratar das dobragens das séries animadas estrangeiras... Alguém falou no «Topo Gigio» como sendo um programa infantil... Mas será que na verdade o é? Não será o «Topo Gigio» um programa tanto para adultos como para crianças (salvo seja...)? Era certamente errado considerá-lo por exemplo para efeitos de prémios como um programa infantil... Era o mesmo que dizer que os 40 milhões de sons, o José Cid e o Rui Guedes eram para crianças... Eles são para adultos e com reservas...

Afastado o «Topo Gigio», afastado obviamente o «Bom-dia Domingo» (que remete as crianças a troco da «lata» para a posição do «agora deixe-se estar aí quietinho...»), afastado que foi o «Porque Hoje É Sábado»,

afastados aqueles minutininhos com os palhaços aos sábados de manhã, hoje, a RTP nada de português oferece às crianças.

Estou mesmo em crer que nunca como agora o público infantil esteve tão abandonado ao desenho animado estrangeiro. Mesmo a rubrica de Vasco Granja, apesar das suas tentativas sempre didácticas de educar o olhar das crianças, o que acontece é haver uma constante repetição de escolas e autores estrangeiros raramente se saindo desse esquema.

Outra questão não menos importante é a da informação dedicada aos mais novos, ao público infantil e juvenil. Completamente descurada de há alguns anos a esta parte, os pequenos programas ou «magazines» feitos *para as crianças e pelas crianças* também não existem. Ainda recentemente num encontro realizado em Espanha e promovido pela Unicef se chegava à conclusão de que este é na verdade um dos grandes problemas da informação a nível mundial. De facto os meios de comunicação de massa raramente se dedicam ao público infantil, esquecem os suplementos para as crianças e adolescentes, não procuram idealizar sequer o pequeno jornal de informação concordante com as várias idades dos potenciais leitores, telespectadores, etc. Isto para além obviamente, de também não ser dada a importância que tem na sociedade contemporânea os problemas dos jovens. Quem é que se lembra de uma notícia no Telegiornal que denotasse uma clara preocupação (bom, isso é coisa que não acontece em geral) sobre que tema for...), mas, dizíamos, uma preocupação em levantar as questões gravíssimas que os jovens que tinham 10 anos no 25 de Abril hoje enfrentam?

Má hora aquela em que a RTP instituiu prémios para dar a si própria... Mas já que eles foram entregues, temos só a lamentar que não tenha existido o «prémio limão», eu diria o prémio do desconsolo e da falta de bom senso: esse iria certamente para o alheamento puro e simples dos «infantis».

TELECRÍTICA

Rui Cádima



Abril: festa ou protocolo?

Neste interregno vi Abril menos Abril. Fechado em casa, ligado quase umbilicalmente àquela janela para o Mundo, vi Abril com parada militar e com discurso — o que, em termos de televisão, se não é contra Abril é pelo menos contraproducente...

Que vos dizer destes praticamente três dias bem cheios de motivos para esta escrita quotidiana? Queria falar-vos sobretudo daquilo que ressalta mais rapidamente à vista e, por sinal, a fere também mais depressa...

Em primeiro lugar uma pergunta «retroactiva»: alguma vez teria passado pela cabeça da RTP festejar a comemoração dos seus 25 anos, por razões óbvias, no dia 24 de Abril de 1982? Maldosa ou não, trata-se de uma dúvida absolutamente pertinente, não só pelo que vimos na Gala, como pelo facto de a 24 de Abril o calendário já estar preenchido com o concurso de canções da Eurovisão, já na sua fase descendente.

Do Concurso Eurovisão da Canção pouco haverá a dizer. Oferece-se-nos entretanto ter algumas considerações de índole genérica, sobre um espectáculo que sem dúvida se repete na sua banalidade sacralizada.

Talvez este ano tivéssemos podido ver mais claramente como este tipo de festivais internacionais, se têm alguns aspectos positivos em termos nacionais (dada a mobilização de novos compositores e intérpretes na busca de um lugar no *showbiz*, busca aliás defraudada este ano em Portugal devido ao conhecido — e impune — escândalo da escolha das canções), não o têm tanto a nível internacional — aí estamos já perante uma luta de capital.

Se digo que vimos o concurso este ano mais claramente é porque, mais do que em qualquer outro ano, a nossa representação esteve agora formalmente padronizada naquilo que todos sabemos ser corrente lá fora: o «som» de festival, a coreografia maquinizada, o visual espalhafatoso, o toque de «nonsense», o «merchandising» e o empenho

concorrencial das editoras (e do lado de cá o novo-riquismo desta gente empobrecida mas «engalanada»). Globalmente, este ano houve de facto uma aproximação, talvez aparente, da imagem de marca do que se convencionou ser a canção «à europeia» para festival, com todos os adereços e adornos circundantes. Isso vi-mo-lo de facto muito claramente este ano. Não seria necessário referir que a nossa delegação era a mais numerosa em Harrogate, e que a delegação da RTP teve, segundo os cronistas, numerosos turistas. Mas isso não vimos nós... Doce como a Europa, pois... Mas este péssimo investimento já havia começado em Lisboa. Os fatos das Doce e o teledisco do Luís Andrade (teria sido dele a planificação?) ditaram por assim dizer o valor da canção. Explorar a pluma, explorar o corpo, não saber explorar uma orquestração. 13.º lugar, pois... Esperemos que a ligação tenha servido quanto mais não seja para se passar a saber realizar telediscos. A BBC, pelo menos, ensinou-o. E chegámos ao 25 de Abril. Vejamos o dia em vários pontos:

— Uma presença de corpo inteiro a do Bispo resignatário do Porto, D. António Ferreira Gomes, no programa «70x7». Parabéns pela emissão aos padres Villas-Boas e Rego.

— O esforço da esmola do «Bom Dia Domingo», pela criança surda-muda que fez 8 anos no 25 de Abril.

— O esforço inglória da RTP em cumprir oficiosamente uma data. 5h30m de discursos e parada militar no primeiro canal deixam pensar que Abril é protocolo e não espontaneidade, povo, festa.

— O esforço da RTP em, em 25 de Abril, ter colocado o microfone do Presidente bem na linha da câmara, para que passássemos a maior parte do tempo a vê-lo escondido por detrás de fios e microfones. Este o «acto» do dia. O resto foi «Topo Gigio» e futebol. A 25 de Abril, para que conste.

TELECRÍTICA

Rui Cádima



Prémio seguido de «despedimento»?

OS dois programas de divulgação habituais das segundas-feiras (de título genérico «Energia» e «Encontro com a Ciência») tiveram recentemente, cada um deles, a sua última emissão. Os seus autores despediram-se de nós pela última vez, sem contudo, deixarem no ar a hipótese de regressarem em breve à companhia dos telespectadores.

Isto, à partida, afigura-se-nos algo paradoxal, na medida em que ainda recentemente, na «Gala» dos 25 anos, um dos programas foi premiado pela própria RTP (refiro-me ao programa do dr. António Manuel Baptista, produzido pelo Cinequanon), não tendo sido entretanto renovado o seu contrato... É caso para perguntar se mesmo quando os programas são internamente reconhecidos como os melhores no seu género é assim tão difícil reconhecer-lhes o mérito em continuarem junto dos telespectadores...

Alguna coisa está mal...

Sobre estes dois programas, aos quais não nos referíamos já há algum tempo, gostaríamos ainda de avançar algumas considerações que julgamos importantes, não só por uma questão de elementar justiça para com os seus produtores e o seu trabalho (não esqueçamos que tanto a Cinequanon como a Cinequipa são as duas cooperativas que têm no activo um maior número de produções em Portugal para cinema e Televisão, com mais de quatrocentos programas realizados entre séries e filmes, depois do 25 de Abril), mas também porque se trata aqui de programas integrados numa área extremamente importante no quadro geral da agenda da RTP, área a que normalmente não se dá a importância devida.

Mas, voltando ainda aos pr-

mios que a RTP aconselhou a dar na «Gala», se puséssemos em questão estes dois programas a que aqui nos estamos a referir, rapidamente chegaríamos à conclusão de que tanto um como outro mereciam o prémio atribuído. E mais não dizemos tão-só porque muitos mais programas de «divulgação» não conhecemos na RTP. Haverá talvez uma excepção extremamente louvável, aliás, para o programa «Respública», produzido pelo estúdio do Porto, já que quando é realizado em Lisboa deixa muito a desejar... Mas em geral, de facto, para além de não se saber muito bem o que é que a RTP entende por programas de «divulgação», não existem suficientes programas nesta área didáctica e formativa que justifiquem quase a designação dessa mesma área...

Voltando aos dois programas em questão, seria importante dizer que qualquer dos dois são, segundo julgamos, produzidos dentro dos limites (estreitos, aliás), habitualmente impostos pela RTP às produções externas correntes nesta mesma área. Um pouco e ridículas dezenas de contos pagam habitualmente — mal, claro — este tipo de trabalhos, impondo, por isso mesmo, uma série de limitações aos seus produtores, que vão desde questões de material, aos efeitos especiais, mas incidindo essencialmente sobre a capacidade de produção.

Seria bom, portanto, que não só fosse substancialmente alargado o género de programas deste área, como também se passasse a reconhecer na RTP o direito dos produtores externos trabalharem em condições mais favoráveis, produzindo melhores programas. Se o futuro já começou na RTP, esperemos que do passado fique o desejo de investir como se viu na «Gala», mesmo que seja a 10 por cento...

agitam nos lugares: é o momento épico desta obra-prima, ouve-se a «Internacional» em clima de apoteose...

crisã que tem um rapaz da mesma da jovem. Mas a beleza desta «sheik» que dizima a caravã persegue os sobreviventes...

TELEVISÃO



TELECRÍTICA

Rui Cádima



Por uma reforma do audiovisual 29 482

BREVE pausa na crítica. Abro hoje um parêntesis para tentar levantar algumas questões genéricas sobre a necessidade de uma reforma para o serviço público de televisão.

Actualmente em França está a decorrer um longo debate político em torno daquilo que virá a ser a «reforma do audiovisual», reforma que abrange, nomeadamente, televisão e cinema.

Recentemente liamos no «Le Monde» que um deputado da oposição (UDF) se tinha declarado abertamente contra as reformas previstas pelo governo Mauroy, porque os socialistas, quanto a ele, pretendiam criar uma televisão mais educativa que recreativa, melhor: pretendiam «transformar a televisão em meio de educação e os jornalistas em educadores»; e concluía assim: «Os cidadãos são maiores, não têm nada que ser educados ou reeducados pelo Estado...»

Invertam-se as posições: em Portugal governam os «amigos» do referido deputado francês. Os socialistas estão na oposição. E criticam este aparelho ideológico de Estado que é, infelizmente, a televisão (essencialmente pela sua falta de isenção, ou pelo seu cabotinismo). Para só falar nas críticas dos socialistas lembramos o discurso de Jaime Gama na Assembleia, a 25 de Abril, e também a sua intervenção no «Clube de Imprensa» frente a Ângelo Correia (crítica à falta de isenção na RTP) e também a posição assumida quer por José Niza (na A.R.) quer por Mário Soares (no encontro com alguns jovens em Nafarros), referindo aspectos negativos da «Gala». No fundo, aquilo que a oposição socialista diz é que este governo quer transformar (ou já transformou) a televisão num meio de sedução e os jornalistas em natos propagandistas (isto para responder também pela inversa ao que o deputado francês reclamava).

Trata-se, no fundo, de uma questão essencialmente cultural. Isto é: estamos na verdade perante uma questão relativa ao *media* de maior impacto junto da população portuguesa e em simultâneo estamos perante uma das grandes questões culturais nacionais mais importantes que o problema editorial ou a indústria cinematográfica, o teatro, etc., etc. Uma televisão que cumpra a rigor as suas três principais funções — *informar, educar, divertir* — assume uma relevância em termos nacionais absolutamente complementar das instituições escolares, por exemplo. Não podemos exigir que a televisão seja a escola, mas temos que defendê-la da deformação que provoca (e que invoca). E deformativa é-o quando promove os mediocres, quando dá uma reduzidíssima importância à cultura, aos autores e intérpretes portugueses, quando esquece as crianças, etc.

Também em Portugal é importante, pois, que se pense em realizar uma reforma do audiovisual. Muito há a fazer neste âmbito. Algumas hipóteses foram, inclusive, já formuladas publicamente, com inegável interesse, aliás. Lembro, nomeadamente, as sugestões de Soares Louro relativamente à criação de um Conselho Nacional de Televisão à imagem do que se criou na Alemanha Federal e um pouco à imagem também do que será a «Alta Autoridade» em França. No entanto, esse debate não tem sido lançado por cá. Sabemos que, por exemplo, se prepara a aprovação do Estatuto do Instituto Português de Cinema, mas, ao que sabemos, nada contemplado aí relativamente à complementaridade cinema/televisão.

Importa, pois, abrir o debate, tendo por objectivo final consagrar a independência dos meios de comunicação social estatizados relativamente ao poder político.

TELECRÍTICA

Rui Cádima



Produção nacional? só conversa

É frequente ouvir-se dizer que os debates parlamentares televisados, ou mesmo os frente-a-frente, e os debates de estúdio são muitas vezes seguidos como «teatro». Ultimamente, contudo, essa ideia tem tomado uma outra dimensão, não só porque não temos, praticamente, teatro em português, mas também porque não há por agora telenovela ao princípio da noite. Em consequência disso, dirão as más línguas, para contrabalançar, a RTP decidiu-se pelo debate político de estúdio, tão desprezado que estava (não sai caro e ainda passa por «teatro»...).

O Lumiar parece, assim, transformar-se (salvaguardadas as devidas distâncias) na velha Ágora Ateniense, praça pública para onde convergiam sofistas, homens de negócios e políticos, fazendo-se notar, sobretudo, estes últimos pela sua inquebrantável eloquência diária da oratória, exercício político por excelência. Claro que da retórica e da metafísica dos filósofos para a tragédia e a comédia ia um passo...

Por isso se fala em «teatro», ou se diz por exemplo que os políticos devem ser sempre bons actores... Mas, lançada a palavra, expostos os temas à discussão, depressa extravasam para o exterior (e agora, hoje, em vez de serem ouvidos pelos cidadãos em plena Ágora, são seguidos por milhões de telespectadores).

Discute-se se foi beltrano ou cicrano que foi mais convincente, qual «pestanejou» mais, qual defendeu melhor os interesses do colectivo, fazem-se estatísticas, sondagens à opinião pública, etc., etc. E às duas por três, sem se aperceber disso, o telespectador vê-se autenticamente soterrado em «informação». E nós já estamos pelo pescoço... E, curioso, só agora demos por isso... Façamos, pois, o «ponto»: os primeiros quatro dias da semana todos eles têm à noite, alternadamente, da «2» para a «1», pro-

gramas de informação — a saber: «Clube de Imprensa», à segunda-feira; «Grande Reportagem», à terça; «Quarta Há Noite», à quarta; «Primeira Página», à quinta.

As sextas-feiras atenuam um pouco esta violência, este ritmo louco (...), com o concurso de Artur Agostinho, e os sábados e domingos lá vão tendo os seus blocos informativos, quer seja, ao sábado, o «Aqui e Agora», quer, aos domingos, a informação desportiva que parece ter agora decaído para os cerca de 10 por cento de audiência... Não se esqueça ainda que durante a semana também não faltam programas desportivos no âmbito da informação.

Contabilizado tudo isto, não admira então que as percentagens de produção nacional ultrapassem, à vontade, os 50 por cento, chegando, inclusive, à média dos 60 por cento, segundo os números da casa.

O problema é que ficção, teatro, musicais, culturais e recreativos é coisa rara. Um tímido (e quase ido) «1 + 1 = 1» às terças, um concurso às sextas e agora uma série policial intragável às quintas, no segundo canal, preenchem o leque da cultura e da diversão. Programação estrangeira? — perguntar-se-á... Isso é com a Maria Elisa. Dizem que ela tem comprado melhores programas que anteriores directores de programa — e isso até é capaz de ser verdade... Mas será essa a função de uma directora de programas?

Adiante. Depois de Vítor Alves ter sido opositor ao «Taxas», depois de Kurosawa ser alternativa aos negócios escuros dos oiros (...), o «Quarta Há Noite» veio-nos lembrar todo o historial do 1.º de Maio, o direito ao (e do) trabalho, não tendo deixado de denunciar aquilo que foi uma curiosa abstenção das associações patronais.

Em resumo: há documentários e estúdio a mais nas noites, da RTP. Assim, sufocamos.

11.52 □ Temos Festa «A
União Faz a Força»
12.25 □ Telenovela Ciranda
de Pedra (episódio n.º 53)

20.00 □ Telejornal
12.35 □ Raízes (8.º episódio)
Treze saldares no ano

CINEMAS

TELECRÍTICA

Rui Cádima



A criança, os pais e a droga Electrónica

É hoje um dado irrefutável (adquirido através de estudos sociológicos e de estatísticas internacionais absolutamente credíveis) que as crianças passam mais tempo perante a televisão do que a falar com os pais, ou nos bancos da escola, ou inclusive a ler e a estudar.

Outro dado assente, é este: hoje, as crianças vêem mais (numa diferença percentual assustadora) os programas para adultos do que as emissões infantis propriamente ditas, que lá fora até existem... (e que por cá cada vez serão em menor número, pelo menos se a RTP continuar a discriminar de uma forma absurda a programação infantil, dando-se exclusivamente ao trabalho de dobrar séries estrangeiras e não a produzir programas infantis de qualidade).

Ainda outro dado: inúmeras têm sido as vezes em que se tem reclamado a nível internacional que os códigos de publicidade sejam extremamente severos relativamente à utilização, abusiva e à exploração comercial das crianças digamos assim, pela publicidade.

Por exemplo, não foi ainda há muito tempo que a Academia Americana de Pediatria tomou uma posição quase radical nesse sentido ao partir do princípio que as crianças estão completamente indefesas em relação à mensagem televisiva de qualquer sentido crítico perante a massificação de todo um conjunto de imagens e perante também a criação de modelos consumistas perfeitamente desproporcionados. Mesmo inclusive ao nível da «leitura» dos adultos passam muitas vezes despercebidos... De facto a publicidade é hábil nisso, como sabemos.

De tudo isto resulta algo de

profundamente perigoso na sociedade contemporânea: começam como que a desaparecer as fronteiras entre o mundo cultural especificamente infantil e o dos adultos.

As crianças correm assim o risco de entrar demasiado cedo em contacto com uma realidade cultural extremamente complexa ficando completamente vulneráveis, digamos, às agressões constantes que diariamente notamos na programação para os adultos — e se a mensagem é de facto agressiva para o adulto o que se dirá em relação à criança?

Ora, se os adultos, os pais, não podem assumir em casa a função do intermediário para obviar às descodificações aberrantes que a criança constantemente realiza, então estaremos perante o grave problema de ver a criança absorver perigosamente a imagem da sociedade e dos modelos sociais dos adultos tal qual eles surgem no écran. Dessa descodificação aberrante no contacto com o mundo cultural do adulto nascerá não só a incompreensão e o choque de mentalidade, de nível cultural, como também uma reacção anormal e conflituosa resultante do choque do seu «mundo» com o dos adultos.

É assim extremamente perigoso que os pais, talvez confiantes demais nos responsáveis pela programação infantil, e nomeadamente na nossa desavergonhada RTP, deixem os filhos absorver — eu diria quase sofregamente — horas e horas de programação semanal, privando-os assim de elementos essenciais ao seu desenvolvimento e permitindo que sob uma vulnerabilidade total sejam provocadas no mundo da criança aberrações que em casos extremos poderão ser irreparáveis. E não esqueçamos nunca os efeitos da mensagem publicitária a este nível...

TELECRÍTICA

Rui Cádima



De tudo, menos Maio

POUCOS foram os que trabalharam a 1 de Maio. O «PH», por exemplo, folgou. Nós, «Telecrítica», estivemos de olho bem vivo, como não podia deixar de ser... E a 1 de Maio, se houve coisa que notámos, na programação em geral, foi a falta de referências concretas ao dia do trabalhador (isto, obviamente, para além daquelas feitas — melhor fora se o não fossem... — no «Sumário» e no «Telejornal» integrado no «Aqui e Agora».

Ao longo de todo o dia muitas foram as ideias surgidas e só de poucas delas aqui vos vamos dar sinal. Assim:

* «Novos Horizontes»: trouxe-nos pela terceira vez Sérgio Wonder, conhecido elemento do duo Sérgio e Madi. O facto de ele ser como que uma espécie de móvel da casa, isto é, do programa «Novos Horizontes», leva-nos a notar-se no que se refere aos autores e intérpretes ditos deficientes não haverá outros mais, nomeadamente aqueles que encontramos diariamente nas ruas, no metropolitano, que tivessem algo de mais interessante a dizer, para além daquilo que o Sérgio tem vindo dizer — e repetir — das três vezes que esteve presente?

* «Cem Grandes Quadros»: «O Triunfo da Virtude», de Tiepolo, pintando em 1740. De «temas» poder-se-ia falar em castelos nas nuvens, em flutuações no espaço. «Ama-se Veneza da mesma forma que se ama Tiepolo», dizia o comentador. Vivaldi, o Rococó, e as influências de Tiepolo em Goya, que admirou os seus tectos no Palácio Real, em Madrid, «Cem Grandes Quadros», cem grandes programas de dez minutos cada. Eu quero já começar a rever!

* Passo às visitas de Maria João Aguiar. Não... Prefiro falar da visita da Isabel Bahia, ou Baía... Pedro Bandeira Freire, homem dado às letras, agora destacado para os cinemas ali para as traseiras da Estados Unidos. Umas fortes outras menos, outras ainda de desencanto, mas todas, todas, bem espontâneas e

honestas denotando ainda um romantismo extremamente salutar.

Talvez por isso tivesse sido interessante a passagem do trailer de «A Mulher do Lado», trailer que visto após o filme só nos deixa a sensação de que Truffaut aprendeu melhor a fazer publicidade do que a copiar alguns clássicos.

* Das visitas da Maria João Aguiar aquilo que eu gostaria de dizer é que elas tinham estado muito melhor a comemorar o 1.º de Maio nas ruas, naqueles mares de gente e cor, de vida, do que sentadas naquelas poltronas passadistas a cheirar a um mofo democrático. — Ó Maria João, veja lá se começa a receber as visitas na rampa do Lumiar. Vai ver que o programa melhora.

* Portugal-Angola passava entretanto em directo na «2». Não apareceu o Jonas Savimbi a comentar em directo. Apareceu a Leonor Pinhão. Essa já foi uma vitória, embora nossa, dos telespectadores, que não do «Telejornal».

* Gorilas a meio da tarde. Vinhos. Não, não eram os da América Latina. Eram do Zaire... Não, não era o Mobutu, eram os naturais, primatas, em parque natural. Dóceis, como os outros nunca quiseram ser.

* E o «Magazine do Cinema», aberto agora a todo e qualquer distribuidor que tenha produto para distribuir no mercado à excepção do *hardcore*, letra x, interdito. De resto passa tudo. Quem estiver interessado é só telefonar para o 760031, 5 de Outubro, Direcção de Programas. Só se não tiver trailer é que não passa. É pior que o direito de antena...

* Azeredo Perdigão: nome grande demais para os Cerqueiras e Peruchos da praça televisiva. Consequentemente, na «Telecrítica» (pelo menos na de hoje), também não cabe.

TELECRÍTICA

Rui Cádima



É mais fácil meter Portugal no Lumiar do que o Rossio na Rua da Betesga...

FINALMENTE surgiram no pequeno *écran* as primeiras imagens daquela que será a primeira telenovela portuguesa «Vila Faia». Não vimos ainda cenas dos próximos capítulos, imagens em movimento, mas pelo menos pudemos ver já *slides* do que será um pré-genérico para promoção, com Rui de Carvalho, Nicolau, Zanatti, etc.

Estamos, pois, ansiosos que chegue segunda-feira para vermos o primeiro episódio de «Vila Faia» que todos certamente desejamos seja, na verdade, um grande êxito. Aliás, dos nomes empenhados neste trabalho, todos profissionais com boas provas dadas, só há a esperar o melhor. Para além disso, «temos» no activo já dez telenovelas brasileiras o que, transformado em totais, nos dará qualquer coisa como mais de mil horas de telenovela transmitida de há cerca de cinco anos para cá, *came from* Globo... Cá ficamos, pois, à espera desse trabalho que será, ao fim e ao cabo, pioneiro, e que será também, no fundo, não dizemos a melhor, mas pelo menos uma boa prenda à RTP e aos telespectadores, pelos «25 anos» tão maltratadinhos que foram.

Entretanto, segunda-feira passada tivemos o primeiro de uma série de episódios sobre a zona do nordeste transmontano, com o título genérico «O Homem Montanhês», realizada por Ricardo Costa há já uns anitos (não estando nós seguros se esta foi, de facto, a estreia deste trabalho na Televisão), com excelente imagem do jovem director de fotografia Vitor Estêvão.

Ricardo Costa é um cineasta com provas já dadas em Televisão, foi ele que realizou (e filmou) aquela célebre série «Mar Limiar». No entanto, a sua intromissão na ficção, se assim se pode dizer, foi de facto uma tentativa algo frustrada, apesar do realizador não o ter julgado assim. De qualquer modo, este «Homem Montanhês» que vimos agora, espécie de levantamento

etnográfico do quotidiano daquelas gentes da região de Castro Laboreiro, documento que deveria ser ao fim e ao cabo parte de todo um conjunto alargado de trabalhos a todo o território nacional, mas para o qual nunca houve, de facto, uma vontade determinada por parte dos organismos competentes (entre os quais a Televisão, claro), mas o documento, só pelo facto de existir quase isolado, mas também por ter uma inegável qualidade de apontamento de encontro com algumas das comunidades transmontanas, numa leitura mais de âmbito meramente documental do que numa perspectiva opinativa, digamos, ou poética, como escolheu António Reis em Trás-os-Montes, leva-nos mais uma vez a aqui deixarmos a nossa estupefacção por neste momento ainda não se ter apostado neste género de trabalhos, mobilizando técnicos e autores neste labor maravilhoso que é trazer Portugal à Televisão portuguesa.

Portugal na Televisão portuguesa... É isso que nós queremos ver na grande maioria das vezes. Os nossos comentários, aliás, incidem, particularmente, por nossa livre deliberação, sobre a programação nacional. Pena é que raramente possamos aqui falar com assiduidade sobre este ou aquele programa português... Aconteceu agora com esta chamada de atenção à «Vila Faia», com a passagem do documentário do Ricardo Costa e... *last but not the least*... o Portugal-Itália em Hóquei em Patins transmitido em directo do Pavilhão dos Desportos, com aquela saborosa e retumbante vitória. De permeio tivemos mais uma formalidade, a entrega dos Óscares da Academia de Hollywood, que este ano, ao contrário dos dois anos anteriores, veio de novo premiar a superprodução hollywoodiana. E, por lá, bem precisamos... o Coppola que o diga. Não por cá somos menos exigentes. Contentamo-nos, por exemplo, com o que tivemos hoje (isto é, segunda-feira) — que não foi nada mau.

TELECRÍTICA

Rui Cádima



Homens de mármore de pedra e cal com pés de barro

QUE eu saiba, Portugal não é a Polónia, ainda que haja para aí muita boa gente que queira fazer de nós polacos...

Isto aqui, como se diz, é uma Democracia. Na Polónia, não: é uma ditadura. Acontece, porém, este facto curioso: a Polícia, aqui reprime a matar, reprime, portanto, como se isto fosse uma ditadura... E a Polícia na Polónia reprime como se aquilo lá fosse uma Democracia... São os impoderáveis do destino... como diria o «Gordo»: eu quero aplaudir...

Mas da Polónia sabe Rui Romano... No Telejornal de terça-feira teve direito a comentário especial sobre a repressão na Polónia e tudo... Ele pode não saber de Belize, pode desconhecer que se trata de um país independente e vir dizer que se trata de uma colónia inglesa... Por isso, o Dr. Proença de Carvalho não afasta os «profissionais» do seu Telejornal... Só por irregularidades disciplinares... Por incompetência não. Bom, mas a ditadura polaca lá serviu mais uma vez para o comentário do comissário político, para mais um exercício do espírito de cruzada do Telejornal.

Não eram, pois, necessárias aquelas palavras de reconhecimento servil. Se Rui Romano tivesse ficado calado e nos tivessem mostrado mais imagens de Varsóvia, todos tínhamos ficado mais elucidados — pelo menos não tinha havido ruído de interferência, segundo a velha tese de Schramm...

Mas deixemos os ruídos e as interferências negativas no Telejornal e falemos de algo importante — falemos de coisas sérias.

Quando na terça-feira à noite comeci a ver a emissão de «O Homem de Mármore», do polaco Andrzej Wajda, a primeira coisa em que pensei foi na narrativa de reportagem que, de facto, envolve o filme de uma ponta a outra, pensando nas grandes e pequenas reportagens que costumamos ver também às terças-

feiras. Desta vez, era mesmo uma «grande», uma excepcional reportagem.

O que é curioso de notar em «O Homem de Mármore» mais para além de todos os lugares comuns já referenciados em relação à actualidade polaca, é a transparência, ou melhor, a clarividência de Wajda na forma como ele acaba por expor o terrível tema — a dura realidade — que hoje atinge o jornalista, o repórter, o historiador: refiro-me às barreiras constantes que se levantam em todas as sociedades contemporâneas à função de informar, de escrever sobre o presente e o passado. Posso partir do exemplo dado por Wajda através da candidata a realizadora de Cinema (que é um pouco o próprio Wajda enfrentando inúmeras dificuldades para conseguir realizar o seu filme); poder-vos-ia ainda apontar um outro filme recentemente em exibição em Lisboa que é o excelente «Blow Out», de Brian de Palma, poder-vos-ia lembrar o Rossio ou o Porto e as cargas policiais sobre os jornalistas... E a partir daqui é mergulhar em todo um mundo de segredos, de pistas apagadas, de compromettimentos silenciados, de passados — e «pecados» — não assumidos.

Sem dúvida que por se tratar de uma crítica aberta ao regime, os censores polacos de então dificultaram imenso o trabalho do realizador. Basta dizer-se, por exemplo, que o seu projecto não nasceu com Gdansk, como, aliás, o próprio filme deixa entender, mas sim com os «heróis positivos» dos anos 50 e as lutas operárias dos finais da mesma década. Foram, pois, cerca de 15 anos à espera da luz verde... Esta história (verdadeira) do operário Birkut, não é assim totalmente negativa, quer em termos nacionais polacos (redescobrir a geração de 50, crítica ao stakhanovismo e à burocracia) quer em termos internacionais, sendo como que uma saga pela liberdade de informar. Uma lição, em suma.

pois castiga Virginia quando ela está inocente. Daniel pede a Lúcia que interne Laura na

to. (12.º e último episódio) Lady Turton comanda o rido com um ponteiro de fer-

TELECRÍTICA

Rui Cádima



Alívio: o Guedes foi-se embora

DESTA última vez o rato contracenou com parte dos «astros» televisivos que foram convidados ao longo de algumas das vinte e tal emissões do programa, actores, cançonetistas e outros que ali foram dar umas «dicas», conversata para encher, enfim, «palha» televisiva.

O simpático ratinho, coitado, não teve culpa nenhuma do mal que lhe fizeram muito menos do aproveitamento político que dele fizeram. O rato patrono, na penúltima emissão, já havia feito o testamento político do programa. Soube vir dizer, com o «proençal» beneplácito, que não havia melhor que o rato, para crianças e adultos — e que havia quem o não compreendesse, e que havia para aí quem tivesse a obsessão de criticar o que era bom, e patati e patatá... Em resumo: o Guedes, com as costas quentes do rato Gigio, e com oitocentos mil postais na alçada, reclama a popularidade do boneco para si, criador mágico de sons «marados», como diria o Tony Silva.

Domingo último foi o dia do testamento económico. Não era propriamente o corredor do metropolitano, pano estendido no chão, melodia no ar... mas quase. Cada lágrima do rato era uma carta do Guedes ao dr. Proença de Carvalho a reclamar a renovação do contrato. No fim foi o que se viu. Os pedidos repetidos e insistentes do maltratado Gigio para que todos os meninos e meninas deste país escrevessem para a RTP a pedir o regresso... Mas o regresso de quem? Isso aí é que eu já não posso responder... Presumo, no entanto, que se tratava do regresso do Gigio, *lui-même*. Se assim for, para já apoio a ideia. Proponho inclusive que a confirmar-se a eventualidade do rato voltar (a pedido de muitas famílias) que variem desta vez de colaborador. O Guedes terá assim tempo de se preparar para os

seus altos voos sonoros, com as orquestras nacionais (como solista, claro!) e a Televisão fica assim com a oportunidade de experimentar novos colaboradores... Eu sei lá... poderão convidar, dentro do mesmo «ramo» um Cabeleira, um Roberts (que o Júlio Isidro apresentou neste passado domingo), qualquer deles também autênticos pianistas, domadores de sons, de milhões de sons, por certo, e que tal como o Guedes nunca tocaram piano no metropolitano... Agora mais Guedes não!... Mais cabotinismo não!... E mesmo que eles não consigam os milhões de sons que o outro conseguia, não haverá problema... Mais quinhentos mil, menos quinhentos mil, que é isso?

Terror e Dallas — Volto a sábado à noite, para vos dizer que estava já muito ensonado a seguir aquelas histórias de arrepio quando me trazem uma TSF com informação bem em cima da hora, notícias extra durante a «24.ª». Tratava-se, claro, do ataque britânico às Malvinas. Ouvi, re-ouvi, pensei, repensei... e aguardai que os funcionários das notícias televisivas aparecessem também de urgência a informar os telespectadores, tal como já haviam feito na Rádio. Nada... Era quase uma hora fecharam a loja, vieram-se embora, e quem quisesse que ouvisse telefonia, que a Televisão nestas como noutras cala-se muito bem calada...

A diocese do Papa — Roma recebeu a visita do programa «70x7» para uma breve visita à diocese de João Paulo II nas vésperas da sua partida para Lisboa. Às duas por três estávamos a pensar em termos de «Grande Reportagem», humilde, mas perfeitamente conseguida. Espere-mos que o próximo «TV Repórter» que se anuncia também sobre a visita papal seja complementar deste. É o mínimo que se pede.

TELECRÍTICA

Rui Cádima



O Papa e eu

7/5/82

EM primeiro lugar, eu! (Peço desculpa a Sua Santidade por este imodesto ego-centrismo...).

Eu conto a história: em Janeiro de 1980 passou na RTP um filme sobre o pintor Carlos Botelho que, quis o destino, foi realizado por um senhor chamado Rui Cádima — que por acaso até sou eu. A cor só se estrearia na RTP em Março desse ano, e o meu filme acabou por passar, por circunstâncias várias, ainda no período do preto e branco, embora sendo colorido. Estabeleceu-se então que futuramente passaria a cores. Mudaram as administrações e apesar das referências elogiosas ao meu primeiro trabalho como realizador nunca mais o vi passar a cores na RTP. No ano passado, uma assessora da Maria Elisa ainda visionou o filme tendo-me dito então que passaria com certeza dentro de pouco tempo, agora a cores... A assessora entretanto deixou o seu posto... e do meu filme nada... Há cerca de dois meses atrás a Isabel Bahia lembrava-se de Carlos Botelho e fazia um «Muito Pouco Tudo ou Nada» totalmente preenchido com o pintor por convidado. Achei ótima a ideia e na altura lembrei-me, claro, de como seria bom se a RTP passasse finalmente o *nosso* filme a cores, pela primeira vez, tanto mais que a Directora de Programas, logo de início, tinha sido alertada para o facto...

Vi agora que a Maria Elisa nunca mais se lembrou do meu filme. A tal ponto que passados dois anos sobre a produção da minha primeira obra (bastante apreciada inclusive por antigos professores meus da Escola Superior de Cinema do Conservatório Nacional, pessoas extremamente criteriosas) a Directora de Programas dá ordens para que um realizador da casa — contra o qual não tenho nada — o José Elyseu, realizasse novo documentário sobre Carlos Botelho. Passou anteontem. Eu prefiro o meu, de longe. Mas não é isso que está em causa. O que está em causa é que não só sinto que o meu trabalho está a ser desrespeitado, como está a ser desrespeitado o trabalho de muitos autores portugueses que não têm um metro de filme na RTP!

Contra isto não se faz justiça?

telho e outro para o Elyseu, que realizou um trabalho discutível, sem rasgos nem ar livre.

«O Papa e Eu» é o título português para um filme de Pascuale Festa Campanile actualmente em exibição em Lisboa, com Adriano Celentano no protagonista, cujo «spot» publicitário não pára de passar na RTP.

Com a aproximação da chegada a Portugal de João Paulo II vemos sucederem-se as referências, umas descabeladas, outras não tanto, sobre tão importante acontecimento na vida social e religiosa portuguesa.

Há aproveitamentos de toda a espécie, como poderemos começar logo a constatar a partir do título do filme italiano. No mesmo dia foi ainda o «Vamos Jogar no Totobola», que antes da chave final, antes do 1X2, nos dava imagens da Praça de S. Pedro, onde se via Sua Santidade preparando-se para iniciar a habitual comunicação das quartas-feiras aos peregrinos.

Ainda na quarta-feira um «TV Repórter», assinado por António Luís Rafael, fazia um rápido levantamento de todos os preparativos oficiais, de norte a sul, para a recepção ao Santo Padre. Fazia também uma entrevista curiosa com a irmã de Lúcia, embora o entrevistador de televisão não tivesse lá estado... Nós compreendemos que parar em Fátima depois de percorrer o País inventariando limpezas de fachadas e filmando os locais por onde passará «O Peregrino» é um tanto ou quanto reconfortante, e um convite claro à meditação, a um momento de descanso. Só que António Luís Rafael não deveria estar ali propriamente na qualidade de crente, a dizer que sim-senhor com a cabeça... O entrevistador não esteve lá. Ainda assim a nomenclatura ainda soube contar um ou dois pormenores relativos às aparições da Cova da Iria extremamente definidores da forma como inicialmente tudo se terá passado, descrevendo inclusive a conversa que Nossa Senhora teve com os três pastores, contando tim-tim por tim-tim os diálogos, tal qual ela julgava lembrar-se, até acabar naquele momento tão saboroso quando «a senhora muito bonita» respondeu «que morava no Céu»... Um belo documento, uma entrevista para a História, apesar de o não ser.

TELECRÍTICA

Rui Cádima

Droga: 8.5.82
objecto de espectáculo

OITO dias depois de aqui falarmos das dependências mais ou menos funestas relativamente à droga electrónica, mais conhecida por televisão, eis que o programa «Grande Reportagem» nos traz um mundo de outras drogas, mais palpáveis, conhecidas por drogas «leves» e «pesadas», e nos fala de «fumo», «chuto», «snif», etc. ...

Poucos têm sido na verdade os trabalhos deste género aqui realizados em Portugal, sobre este tema. Recordamo-nos de alguns artigos de jornal, de algumas publicações em livro — que se podem contar pelos dedos da mão — e pouco mais. Habitualmente, em termos televisivos, aquilo que nos surge é de proveniência exterior, e, ou nos fala dos clãs mafiosos colombianos e/ou tailandeses, ou das rotas da Índia e do Nepal... Enfim, «espectáculo» mais a sério, mais ao nível das necessidades comerciais e das exigências da audiência que diariamente «digere» activa ou passivamente a droga electrónica...

Ao nível de Portugal o «espectáculo» é menor. Claro que se conseguem captar os preparativos das «viagens» dos mais dependentes, mas sem dúvida que o «mercado» português é bastante mais reduzido e mais «leve» que o dos países mais desenvolvidos — onde se consome mais — à frente dos quais se encontra obviamente os Estados Unidos da América.

De qualquer modo, por cá, como vimos, o problema tem-se agudizado nos últimos anos. Como os próprios responsáveis dos centros de reabilitação e da polícia referiram, tem-se verificado ultimamente como que uma homogeneização nos consumidores jovens em termos de sexo e ascendência social, embora com nuances no que diz respeito ao tipo de droga consumida.

Em termos globais notámos dois grandes defeitos neste programa. Por um lado o problema não foi abordado, em termos sociais, como se impunha que fosse (com uma ampla e clara abordagem do problema a partir das suas causas primeiras no seio dos jovens — só um dos drogados actualmente preso se referiu à questão do desemprego, bem como os do centro de Coimbra), por outro lado uma das questões actualmente mais em discussão nos países desenvolvidos relativamente ao consumo da droga — a possibilidade da liberalização das chamadas drogas «leves» — não foi sequer aflorada no programa de Barata-Feyo.

No conjunto a reportagem foi sem dúvida interessante de seguir, com aspectos inclusive extremamente curiosos (as fotos, depois de cinco dias de espera com câmara de filmar, do negócio entre traficantes e «dealers» ao que pareceu com kalashnikov à mistura e tiros de revólver) mas pareceu-nos um pouco desgarrada em termos de realização e de concepção global.

Um dos aspectos menos dignificante deste trabalho foi a forma displicente como foi abordado o problema nos liceus, com alguns planos insignificantes sobre os arredores do D. Leonor e com umas entrevistas que não passavam de uma brincadeira onde se falava de droga a «cem paus»... Esta sem dúvida uma sequência infeliz, tal como infelizes deverão ser aqueles que quando querem comprar «haxe» acabam por levar alpista... O problema dos liceus não é de maneira nenhuma tão grave como se apregoa. Aliás, nada de especial se viu...

De qualquer modo o programa não foi uma «droga»... como se costuma dizer. Nem sequer uma «droga leve». Muito menos uma «droga pesada» — coisa que não falta na RTP, diga-se.

TELECRÍTICA

Rui Cádima



Uma semana como nenhuma outra

11.5.82

A semana que agora começou é sem dúvida nenhuma uma semana invulgar na história da televisão portuguesa. Os próximos dias comprovarão o que agora afirmamos através de um conjunto de programas nacionais e estrangeiros que agora se concentraram, casualmente, nestes sete dias que decorrerão até ao próximo domingo.

A RTP está, pois, de parabéns. Talvez pela primeira vez após ter passado a data comemorativa dos seus 25 anos. Isto não quer dizer que tenha aqui começado o tal futuro a que Maria Elisa se referiu, na qualidade de primeira apresentadora do infeliz *show* que a actual administração promoveu para a comemoração da data.

De ontem — segunda-feira — dia em que foi exibido o primeiro episódio da primeira telenovela produzida e realizada em Portugal, até domingo — dia em que veremos essa quase final do Campeonato do Mundo de Hóquei em Patins que é o Portugal-Espanha, muita coisa irá passar, estando sem dúvida em primeiro lugar o difícil trabalho de realizar sem problemas de maior a cobertura da estada de João Paulo II em Portugal.

Se esta não é, pois, a melhor semana na história da programação da televisão, é porque factores ainda mais excepcionais como o do início das emissões de televisão ou a introdução da cor se lhe poderão sobrepor.

Era, pois, com grande curiosidade que, para além do mais, aguardávamos o novo horário do «Cartaz TV». Esse seria exactamente o espaço consagrado a introduzir uma tão importante semana. E se esse objectivo lhe estava destinado, outros não menos significativos lhe devem ser atribuídos, apesar de não deverem vir a ser cumpridos, nem mesmo a médio prazo — isto se a tradição continuar a imperar na casa. Novo horário, portanto, data significativa, genérico do inconfundível «Cartaz» de Jorge Alves, substituição do horário do Guedes, responsabilidade ao

nível dos programas de maior audiência.

Esta sem dúvida uma importante questão: Manuela Moura Guedes com certeza que não se apercebeu da diferença que existe entre pôr no ar um «Cartaz TV» à hora de almoço aos domingos e passá-lo depois para o fim da tarde... Se o primeiro é visto quase de soslaio — ainda por cima descarregado de sentido pelo «Bom Dia Domingo» — o segundo é seguido com atenção expectante, uma vez que substancialmente mais próxima a semana que começa — e maior predisposição para isso, praticamente findo o período do descanso semanal. Numa televisão com uma programação razoável, o «Cartaz TV» nos fins de tarde dos domingos é um espaço que reúne todas as condições para captar a maioria do auditório. Não sei se a Manuela Moura Guedes se apercebeu disso. Penso que os responsáveis pela programação não se aperceberam do facto. Se assim fosse certamente que outro destaque teria sido dado ao programa. Em primeiro lugar com outro genérico — não só com imagens bem montadas, mas também com um novo som. Não sei a que propósito é que vem a banda do Jorge Alves, quando o que se pretende em televisão é fazer sempre novo e melhor que o anterior. Em segundo lugar com um ritmo de emissão bastante mais forte e incisivo e ainda com uma Manuela Moura Guedes — outra. Só quem não liga nenhuma a estas questões de primordial importância é que não vê que uma continuista não pode *repetir-se* numa selecção semanal, ou que uma apresentadora de variedades não pode ser entrevistadora política. Há coisas que não jogam. O público sente essas incompatibilidades. Só em casos muito excepcionais é que não se repara nisso. O «Cartaz TV» pode tornar-se num dos programas de maior audiência da televisão portuguesa. Para tanto é preciso que o programa seja preparado para isso. Cabe aos responsáveis conseguí-lo.

TELECRÍTICA

Rui Cádima



Sábado de pernas para o ar: em vez do Papa o Pai Natal

TROCARAM-NOS as voltas no sábado. Numa semana em que não se falou noutra coisa se não na visita do Papa a Portugal o «Aqui e Agora» lembrou-se de vir falar na queima das fitas, tradição quase secular da velha Lusa-Atenas. Era de qualquer modo perfeitamente legítimo pensar — mesmo apesar da transmissão do «TV repórter» sobre os preparativos da visita — que se o «Aqui e Agora» quisesse brilhar o poderia ter conseguido perfeitamente, tratando a questão mais falada do momento. Mas Adriano Cerqueira já lhe havia traçado o destino uma semana antes...

Voltas trocadas também, por exemplo, no programa do Michel Costa. Imaginem quem foi a convidada: a Teresa Cruz, neófito no jornalismo televisivo, mas, ao que nos pareceu, uma exigente e cuidada cozinheira, quem sabe se mesmo melhor na cozinha do que na banca das notícias, não desfazendo... claro porque no marasmo da apresentação ela é uma das que se vai salvando, ainda que atolada no lamaçal.

Voltas trocadas ainda nos «Novos Horizontes», onde pudemos assistir a um debate extremamente interessante entre representantes da Associação dos Deficientes e da TAP, no qual se discutiu se o complexo arquitectónico do aeroporto de Lisboa era ou não de acesso fácil ao deficiente que se movimenta em cadeira de rodas. Viu-se rapidamente que não. Mas o curioso foi ver os participantes insistirem neste aspecto, ao fim e ao cabo extremamente discutível em termos globais, relativamente aos grandes problemas do deficiente. Parece-nos que muito mais importante do que estar a discutir se o aeroporto está ou não a estudar o caso, seria discutir o problema em termos de vias públicas, onde todos sabemos que a esmagadora maioria dos deficientes se movimenta com as maiores dificuldades. Esta uma questão de princípio...

Outra coisa fora do «programa», por assim dizer, foi o *Natal* no «Barco do Amor» (a série dos sábados de tarde), desta vez com

direito a Pai Natal e tudo — barbas brancas de neve, talvez para amenizar um pouco mais o clima, mas quase a lembrar o Papa.

Mais para o meio da tarde — e um tanto inesperadamente — damos com o Jorge Pego a fazer elogiosas referências ao «Chico Fininho»... Tudo pareceria normal se se tratasse efectivamente de música, do «Vivámúsica» da entrada da segunda parte. A questão é que ele falava de cinema. Nem mais nem menos: referia-se ao filme recentemente estreado na capital — uma produção absolutamente independente do «papá IPC», toda ela feita com dinheiros nortenhos, só que com o «ligeiro» problema de ficar um tanto aquém daquilo que habitualmente se considera cinema (fazemos referência às críticas avisadas, que nós, de avisados, já nem lá poremos os pés). Pois a unanimidade do filme e do público em considerar o crítica «Chico Fininho» como um subproduto do cinema deixou-nos perplexos quando vimos o apresentador do programa dizer que eram precisos muitos mais «Chicos Fininhos»... Alguém que viu o filme dizia-me que teria sido melhor estrear o teledisco dos GNR, pois assim as pessoas só veriam três minutos de filme mas não sairiam defraudadas. Totalmente, consta...

A curiosidade do dia ia, porém, para o «Muito Pouco Tudo ou Nada», que passou sensivelmente à hora de almoço, sendo entrevistado Nuno Abecasis. Eu só queria aqui deixar um recado para o João Abel e para os responsáveis relativamente à forma como os programas habitualmente são feitos. Trata-se da urgência em recusar o jeito de «tempo de antena» que este espaço tem. Este último «Muito, Pouco...» foi autêntico tempo de antena do Presidente da Câmara. Com a agravante de ele ali ter vindo defender um «programa cultural» para Lisboa, quando todos sabemos que os projectos culturais do Sr. Presidente iam voltando esta cidade de pernas para o ar. Será preciso recordá-los todos? Mas ninguém lá esteve para denunciar isso. Assim Abecasis acabará em santo.

12.5.82

17

TELECRÍTICA

Rui Cádima



Novas, novelas e velhas

«**T**RÊS anos de governo AD duplicam a dívida externa portuguesa» — afirmava ao «Clube de Imprensa» Vítor Constâncio, precisamente no intervalo do Portugal-Argentina em Hóquei em Patins, enquanto na «1» o comentarista falava na habilidade dos nossos avançados...

De um lado a crise, do outro a mestria... O «Clube de Imprensa» acabava, começava o jogo de hóquei — um «directo» muito a quente, como ainda não tínhamos visto até à altura. Pavilhão a abarrotar, muito som perdido, inclusive o apito do árbitro, muito calor sentido. Uma segunda parte de olhos pregados no ecrã seguindo a bola sempre que ela se via, sempre que a reportagem deixava... embora este jogo tenha sido melhor coberto pela reportagem de Félix Ferreira do que jogos anteriores, onde era frequente perder-se o rasto à bola e aos avançados que a levavam. Uma outra questão técnica extremamente negativa e indesculpável a falta das repetições dos golos — inclusive por câmaras propositadamente colocadas para o efeito. Não sei se aqui a culpa também é do Papa (ou por outra: dos meios que a sua vinda canalizou). Grande vitória pois da nossa equipa, vitória também da Televisão portuguesa — ainda que se não tenha respeitado a transmissão de jogos de tanta importância como um Espanha-Argentina, por exemplo.

Mas a noite de segunda-feira seria ainda «grande» por outras razões. A primeira das quais é obviamente a transmissão do primeiro episódio de «Vila Faia» — finalmente pronta para exibição após cerca de dois meses sobre o 7 de Março — data para a qual chegou a estar prevista a emissão deste primeiro episódio que agora vimos.

A primeira impressão é bastante positiva. Não temos dúvidas nenhunas que está, desde já, aberto o caminho para a conti-

nuação deste género de produções. Aliás isso mesmo afirmámos nós nesta coluna há cerca de um ano quando falávamos dessa mininovela que foi a «Moita Carrasco», realizada por esta mesma equipa, pelo menos ao nível da direcção de actores, da realização e inclusive de alguns actores. Essa tinha já sido de facto uma excelente experiência ao nível das produções do Lumiar. Estamos, pois, io bom caminho. Dizêmo-lo ainda bem em cima do primeiro episódio, quase certos de que não nos enganaremos. Apontaremos daqui a dias para pormenores da novela, ficando hoje por estas generalidades. Será tempo de qualquer modo de se saber desde já qual a novela que a RTP prepara para se seguir à «Vila Faia»... É, sem dúvida, imperdoável que esta venha a ser como que uma experiência piloto posta à observação dos incríveis «expert» como Torquato da Luz que aparece no genérico com a maximalizada denominação de «supervisor» da telenovela... Mas será que Torquato supervisa alguma coisa? Será ele competente para superintender a execução ao nível de produção e de realização desta telenovela? Ou será ele um «verbo de encher»? O que é que faz ali o Torquato? Não havia quem na RTP, profissional competente, com muitos anos «disto», pudesse emprestar o seu nome à «supervisão»? Foi mesmo necessário ir buscar uma tal cabeça a um vespertino em crise? Isso faz-se aos profissionais da RTP? Não, não se faz. É, no mínimo, uma ofensa.

O programa de segunda-feira à noite teve ainda outros excelentes, atractivos como foram aqueles apontamentos sobre o Ballet Gulbenkian e a coreografia de Vasco Wallencamp em Cinco Poemas de Amor sobre música de Wagner — uma excelente realização também — e ainda o espantoso programa sobre os interiores dos «Marretas». Tivemos noite!

TELECRÍTICA

Rui Cádima



Mais uma patacoada monstruosa

MAIO, antes do Mundial de Futebol a transmitir de Espanha, no próximo mês de Junho:

Para além das transmissões directas das visitas de João Paulo II às diversas cidades portuguesas, e também para além dos jogos «directos» realizados pela equipa nacional de hóquei em patins no Campeonato do Mundo, Maio ficará para a história da televisão como um mês particularmente «prendado» em transmissões da rede da Eurovisão.

Vejamos, dia-a-dia, o calendário:

- Dia 9: Grande Prémio de Fórmula 1 da Bélgica.
- Dia 12: Final da Taça dos Vencedores das taças.
- Dia 15: Campeonato do Mundo de Boxe Amador.
- Dia 22: Final da Taça de Inglaterra em Futebol.
- Dia 23: Grande Prémio de Fórmula 1 do Mónaco.
- Dia 25: Jogos sem Fronteiras.
- Dia 26: Grande Prémio de Fórmula 1 de Itália.
- Dia 26: Final da Taça dos Campeões Europeus de Futebol.
- Dia 28: Visita de João Paulo II ao Reino Unido.

Sem pretender de maneira alguma defender a tese de que na RTP se pensa como no tempo de Salazar (nomeadamente no que se relaciona com o velho slogan «O que nós queremos é futebol»), gostaríamos, de qualquer modo, de aqui alertar para factos que eventualmente venham a fazer pensar que hoje na RTP ainda se pensa como no tempo de Salazar...

A questão é simples: pelo conjunto das transmissões directas a que a RTP acedeu este mês se pode concluir que ainda se continua a pensar na 5 de Outubro que a cultura não interessa aos portu-

gueses, que o que interessará — dirão as más-línguas — o futebol...

A tese não é nova — nem sequer existe sozinha — hoje. Ramiro Valadão pensava no seu tempo que em Portugal não existia cinema, não existia teatro, não existia nada... Cultura, nem pensar...

Ora tudo estaria muito bem, todas as transmissões eurovisivas estariam muito certas, se não houvesse um único programa (com outro carácter, mais cultural, menos desportivo), um único só, para transpirar no meio deste «marasmo», digamos assim. Tudo o que é de mais cheira mal — diz quem sabe...

A verdade é que houve. E houve qualquer coisa de grande interesse, duplamente desprezada pela RTP. Refiro-me ao Concurso Internacional de Jovens Músicos patrocinado pela TFI, que é uma espécie de resposta — resposta muito séria, diga-se — ao desaturado e descabelado Festival de Canções da Eurovisão. A final internacional do concurso teve lugar em Manchester, anteontem, dia 11, e foi transmitida em directo para grande parte dos países europeus, à excepção de Portugal, claro...

Será curioso, inclusive, referir que a razão da não presença este ano da França no Festival da Eurovisão está um pouco relacionada com a realização deste Concurso, para o qual a Televisão francesa se preparou cuidadosamente, fazendo-se representar por um jovem clarinetista de dezassete anos, escolhido após se terem realizado várias eliminatórias a nível nacional. Boa resposta da França, portanto, à mediocridade do Festival da Eurovisão.

Em Portugal ficamo-nos por mais um pequeno escândalo... Mas o que é isso, «mais um pequeno escândalo»?...

14/5/82

13

TELECRÍTICA

Rui Cádima



Não digam que não podem fazer «directos»

O calcanhar de Aquiles da longa reportagem da RTP/1 no primeiro dia da estada de Sua Santidade em Portugal foi sem dúvida alguma a forma distante como a televisão cobriu o acontecimento, cedendo à aparente impenetrabilidade da Igreja portuguesa e do próprio João Paulo II, não tendo feito uma única tentativa de se aproximar de si, ou sequer dos contactos por si estabelecidos com os crentes, os políticos ou os representantes da Igreja. As câmaras fixas e as móveis primaram assim pela sua discrição, pela sua formalidade. O que é pouco.

Isto não quer dizer que o trabalho da RTP não tenha sido louvável. Simplesmente pareceu-nos que o empenho e a dedicação dos trabalhadores da RTP em levar a bom termo toda a cobertura televisiva, quer do percurso pelas ruas de Lisboa, quer das manifestações em Fátima, teve um reverso que foi o de provocar como que uma letargia criativa nos coordenadores da reportagem, que não conseguiram colocar os seus jornalistas «em cima» dos momentos mais emocionantes da visita, nomeadamente nos múltiplos contactos estabelecidos na Nunciatura Apostólica em Lisboa. Evidentemente que esta questão embora não tenha tido repercussão negativa na totalidade da reportagem não deixou por isso de lhe ter retirado um pouco do sentido da reportagem sobre o imprevisto, do jornalismo acutilante e irrequieto, sempre necessário — e mais ainda quando os trabalhos assumem uma característica formal.

Foram pois várias dezenas de câmaras e algumas centenas de profissionais que estiveram empenhados em todo este trabalho, desde a chegada ao aeroporto de Lisboa até ao encerramento das cerimónias religiosas em Fátima, já passava das onze da noite. Um

trabalho assim veio de facto trazer um pouco de «honra» ao convento, como se costuma dizer, uma vez que a função informativa tem sido pouco dignificada na casa, umas vezes por paixão política exacerbada (lembram-se dos funerais de Sá Carneiro?), outras vezes por manipulação descarada das matérias tratadas. Aqui, porém, tratava-se de matéria consensual. E o consenso mobilizou os meios de há muito desprezados.

A programação de quarta-feira teria ainda outro espaço dedicado à visita do Papa a Portugal. Refiro-me ao programa «70x7» especial que passou por volta das 17 horas. Nele pudemos assistir uma vez mais (dado que se tratou de uma repetição na RTP/1) a um breve trabalho de reportagem sobre os locais que o Santo Padre irá visitar — já começou a visitar — nesta sua vinda como peregrino. O percurso foi praticamente o mesmo que António Luís Rafael — jornalista da «1» — já havia percorrido num «TV Repórter» transmitido a semana passada e ao qual aqui fizemos referência. Pois desta vez não foi o «TV Repórter», foi o «70x7» que percorreu esses mesmos locais, de Vila Viçosa ao Sameiro, passando pelo Porto e Coimbra. Obviamente que o programa teria que dar prioridade aos aspectos litúrgicos, pastorais, da presença de João Paulo II nessas dioceses, mas o facto nada obstará a que nestas duas deslocações sucessivas — de duas equipas — se tivesse feito um outro trabalho, desde que coordenado em termos de produção externa/produção interna, complementares ainda com o trabalho das equipas já presentes para assegurarem o eixo das reportagens. Só que nesse âmbito não parece haver grande coordenação na RTP. Isto não tem nada a ver, claro, com a equipa de coordenação da reportagem sobre a visita do Papa, entenda-se.

16

15.5.82

TELECRÍTICA

Rui Cádima



500 profissionais na cobertura do Papa

PENSO que será do maior interesse para todos os telespectadores — para todos os leitores — fazer aqui hoje uma análise mais pormenorizada das condições de produção, dos meios técnicos e humanos que têm estado ao serviço da RTP para a cobertura da visita do Papa João Paulo II a Portugal.

Começaria por vos descrever em termos globais quais os números a que tivemos acesso, no que diz respeito a profissionais empenhados, parque de material utilizado, etc. Faria depois uma rápida comparação com outras grandes reportagens como esta o foi. Penso que talvez seja curioso tomar como termo de comparação o trabalho que o ano passado a BBC nos proporcionou ao realizar de forma absolutamente extraordinária e rara a reportagem sobre o casamento de Lady Diana com o Príncipe Carlos, em 29 de Julho do ano passado.

Vejam os então:

No total, este trabalho teve cerca de 500 profissionais nele empenhados; um realizador-coordenador (Rui Ferrão) e mais dez realizadores para cada um dos «directos» localizados; sete carros de exteriores e uma régie central no Lumiar; 55 câmaras divididas pelos vários locais e muitas vezes, ao que julgamos, utilizadas mais do que uma vez — não devendo ser assim, no total, as 55; 1 helicóptero, uma moto e um carro com câmara móvel — todos eles acompanhados de técnicos franceses. De referir ainda que dois dos carros de exteriores eram estranhos à RTP, sendo um do Estado-Maior-General das Forças Armadas e outro da Televisão espanhola (TVE). Cerca de 20 profissionais, entre locutores, jornalistas e comentadores apresentaram o conjunto de reportagens.

Em Fátima estiveram distribuídas por todo o recinto 14 câmaras (sendo duas portáteis); três carros de exteriores (um da TVE, acompanhado dos profissionais para a sua manutenção, efeitos especiais, etc.); mais de

cem profissionais, à frente dos quais esteve Luís Andrade — realizador que havia de dizer ao Telejornal de quarta-feira que em Fátima a RTP ia fazer «a cobertura mais perfeita que se fez na Europa ao Papa» ... afirmação exagerada, claro, ou não fosse feita ainda antes da reportagem ser realizada.

Em Lisboa, no dia da chegada de Sua Santidade, foram destacados cerca de duzentos profissionais no total para cobrirem todos os locais aonde João Paulo II se deslocaria, desde o aeroporto (4 câmaras) à Sé de Lisboa (4 câmaras) e à Igreja de Santo António (também com 4 câmaras). Pelo caminho estariam 6 câmaras isoladas, nos principais cruzamentos e praças, 3 câmaras móveis — as já referidas, vindas de França — e mais duas câmaras em estúdio, para o «pivot».

Para que se tenha uma ideia, o casamento de Lady Dy, foi coberto por 60 câmaras, estando 44 delas ao longo de todo o percurso do cortejo e dentro da Catedral de S. Pedro, para as cerimónias religiosas (12, mais concretamente). No total estiveram mobilizados 12 carros de exteriores, para vários locais e para três quilómetros do percurso. Não estando nós absolutamente certos do número de profissionais empenhados neste trabalho, mas calculando que proporcionalmente ele não andará muito longe do número de profissionais destacados para a cobertura da visita do Papa a Portugal; tendo ainda em consideração as naturais distâncias entre uma BBC e uma RTP, e tendo também em consideração o trabalho limpo que nos tem sido dado ver, e o brilhante esforço colectivo realizado para a sua montagem, é lícito aceitar com uma certa razoabilidade aquilo que Luís Andrade afirmava antecipadamente sobre o trabalho da RTP. Parabéns!

Concluo lamentando de qualquer modo que a RTP não tenha aproveitado a ocasião para discutir também a Igreja em Portugal.

TELECRÍTICA

Rui Cádima



Os corvos os terrores e o teatro

19/5/82

O corvo é um bicho tétrico. Traz sempre em si uma simbologia negra, de morte, quase adereço solene do fantástico e do terror — de Bram Stoker a Poe, de Kafka para Borges e Garcia Marquez, de Sartre para Sastre.

O corvo é medo. Os pássaros do Hitchcock eram negros, negro de corvo, no momento do ataque, em ascese diabólica e maligna. «O Corvo», de Alfonso Sastre que a Televisão passou a «teleteatro» e exibiu na passada segunda-feira, deixava antever todos esses mundos, do horror para o realismo fantástico, do terror para a mística e para o mais insondável sobrenatural.

Foi isso que aconteceu. A tal ponto que, depois do segundo intervalo, quando os horrorosos efeitos técnicos antecederam a saída de Aura, para o «chamamento» exterior, todos pensávamos já ter regressado pela máquina do tempo a sábado, às longuíssimas e amedrontadíssimas noites de terror que têm feito deitar o País mais cedo, temendo-se, naturalmente, que os demónios entrem janela electrónica dentro e se sentem ao nosso lado.

Como o terror tem faltado, pelo menos de há duas semanas para cá, vai de arranjar um peçazito de nuestros hermanos — do consagrado Alfonso Sastre — uma coisa que é meia «huis clos» sarreano, meia «metamorphose» nafkiana, meia «corvo» edgariana.

O resultado foi horroroso. Não no sentido em que estão a pensar... Nada disso. Uma coisa são os efeitos especiais estranhamente inventados para denunciar a náusea e o sonho colectivos (no Teatro, que eu saiba, estas coisas costumam-se fazer com a iluminação e as expressões dos actores), outra coisa é o cômputo final, direcção de actores, encenação e realização incluídas.

A realização de Vítor Manuel, salvo uma ou outra vez um microfone em campo (ou pelo menos a sua sombra), um enquadramento menos feliz ou uma montagem de recurso, foi escorreito,

embora não tenha sido brilhante. Apesar do razoável trabalho dos actores a direcção de actores não foi assinada, ou seja, ninguém ali se assumiu como encenador, o que é, sem dúvida, mau processo.

Salvo raríssimas excepções, não se pode dizer que na Televisão haja realizadores com uma experiência válida e profundamente conhecedora do que é dirigir actores. Isto é válido tanto para a Televisão como para o Cinema em Portugal, diga-se — pelo menos é o que se houve frequentemente dizer aos actores. No Teatro já não acontece o mesmo. Temos excelentes encenadores. Dos grupos independentes para as companhias nacionais são vários os profissionais extremamente capazes — alguns mesmo excepcionalmente bons — em encenar os actores portugueses. Penso que no que toca à representação de peças para Televisão seria do maior interesse mobilizar os bons encenadores portugueses para dirigirem as peças que a Televisão está interessada em produzir, por forma a que aos seus realizadores fosse permitido uma melhor trabalho sobre a realização em exclusivo. Penso que assim ganhariam ambas as partes.

Mas aqui é que está o «busilis» da questão... Dá-se o absurdo de alguns excelentes profissionais não serem utilizados de há bastante tempo para cá; dá-se o absurdo de algumas peças premiadas pela própria RTP no primeiro Grande Prémio de Teatro da RTP (1979), (refiro-me a «O Jeep em segunda mão», de Fernando Dacosta e a «Um Homem É Um Homem», de Helder Costa) não terem sido ainda exibidas; dá-se o absurdo de uma peça de Cardoso Pires que se sabia seria exibida no estrangeiro ter sido interrompida já em fase avançada de produção; dá-se o absurdo de peças do grupo «A Barraca» já exibidas terem sido desgravadas por ordem de altas instâncias internas...

Este outro tipo de terror. Fica a pergunta: No meio disto tudo onde é que estão os corvos?

TELECRÍTICA

Rui Cádima



Parabéns e... paradoxos

ESTAVA prestes a começar o jogo Portugal-Espanha em hóquei em patins, com os jogadores já no círculo central à espera do apito do árbitro, e a RTP, esquecida e incompetente, dava-nos pegadas de caras, festa brava que é também festa estúpida, em horário nobre de emissão. Sai o Guedes e vêm as touradas. Bela política!

De caras ou de coroas o que é certo é que estava quase a começar o jogo e... nada! Por pouco que a RTP não apanhava as primeiras imagens do desafio. E tratava-se do Portugal-Espanha «final» do 25.º Campeonato Mundial de Hóquei em Patins. Se de outra coisa se tratasse não sei como seria...

Descontentes todos nós, todos os amantes da modalidade — principalmente por não termos visto a verdadeira festa, quer no final do jogo, com a entrega da taça e os cumprimentos generalizados à equipa nacional (a reportagem desgraçadamente foi cortada no preciso momento em que se entoava o hino nacional no pavilhão de Barcelos — o que não deixa de ser esclarecedor), quer antes dele ter começado, com a entrada das equipas em campo, altura em que se começou logo a celebrar a vitória, com serpentinas, graffiti, todo aquele colorido humano, as canções, a alegria, etc. Descontentes ainda por não nos ter sido mostrado um minuto só do Argentina-Chile — espécie de segunda final, jogo para os lugares seguintes do topo da tabela. Seria ainda com alguma irritação que víamos o primeiro plano captado pelas câmaras da reportagem de Marques Vicente focar nem mais nem menos alguém da limpeza que retirava do recinto os últimos dejectos para lá lançados naquela festa antecipada. Foi sem dúvida uma imagem surrealista, no pior sentido... A não ser que tivesse sido mesmo propositada ou dela se tivesse encarregado a Divina Providência...

Quem não ficou de certezinha absoluta contente com os «estratagemas» causados foi o Mauricio Vale e o Fernando Penalva, responsáveis pelo «Sombra e Sol»,

programa interrompido abruptamente para se ver o início do jogo. Curioso é que sobre essa interrupção nada se tenha dito, ninguém tivesse pedido desculpa e, mais grave ainda, o programa tivesse sido mesmo interrompido, o que é sem dúvida um grave atentado aos direitos jurídicos e morais dos autores, agressão passível de punição em qualquer parte do mundo nivilizado. Há que respeitar o *trabalho das pessoas e há sobretudo que saber o que é que se anda a fazer quando se tem a responsabilidade pela emissão.*

Ainda a reportagem sobre o Papa

Já aqui dissemos tudo o que de mais importante tínhamos para dizer sobre o trabalho da RTP ao longo dos quatro dias em que João Paulo II nos visitou.

As nossas críticas dirigidas ao Departamento de Informação vieram agora de certo modo a ter a sua explicação nas palavras muito elogiosas dirigidas pelo padre Feytor Pinto a todo o trabalho realizado. Feytor Pinto não quis distinguir, obviamente, o trabalho filmado (de boa qualidade) da cobertura jornalística do acontecimento (nula). Os comentários religiosos que fomos ouvindo ao longo dos quatro dias pautaram-se pois pela total submissão à palavra da Igreja Católica, transformando a RTP no tão falado futuro canal da Igreja ou — o que é o mesmo — numa sucursal da Rádio Renascença. Nem mais. O padre Feytor Pinto só me veio ajudar...

De referir ainda a péssima entrevista (?) que Adriano Cerqueira lhe fez, pedindo-lhe «as grandes linhas da visita», «as conclusões tiradas pela Igreja» — questões que praticamente não comportavam significado algum, como aliás se viu pela negativa das respostas. Continuam-se a escrever as perguntas no «Telejornal» — o que é errado — e ainda por cima sem a noção global das questões, ficando os funcionários do «Telejornal» ainda mais limitados por elas do que o que eles já estão profissionalmente.

17.5.82

21

TELECRÍTICA

Rui Cádima



O Papa entre a «telecrítica» e a «radiocrítica»

HOJE é dia de balanço final da cobertura televisiva realizada pela RTP/1 ao longo dos quatro dias da visita de João Paulo II a Portugal, numa reportagem de mais de trinta horas de transmissões directas, vindas das três principais cidades do País, e dos seus três mais importantes santuários.

Há que distinguir, em primeiro lugar, dois aspectos: por um lado o trabalho de realização das diversas equipas, bem como a captação das imagens e dos sons, isto é, a reportagem filmada que nos foi dado ver; em segundo lugar, o trabalho suplementar da reportagem filmada, quer dizer, a condução de toda aquela programação bem específica, noticiários complementares, todo o restante trabalho jornalístico, colaborações exteriores, etc.

Quanto ao primeiro ponto, já aqui nos referimos circunstanciadamente, nos dois primeiros textos aqui publicados sobre a cobertura feita pela RTP à visita do Papa a Portugal. Quanto ao segundo, só agora, no final, é possível acrescentar algo de mais concreto relativamente ao trabalho global da RTP.

Começaria por dizer, de forma um tanto insólita, que tomarei como termo de comparação aos dados que vou lançar (embora tratando-se de outro meio de comunicação, com outros suportes substancialmente diferentes) o trabalho apresentado ao longo dos quatro dias pela Rádio Comercial, sob a direcção do «pivot» Adelino Gomes que fez da Sampaio Pina uma espécie de centro de operações a nível nacional. Chamo aqui para a «Telecrítica» o trabalho da RC porque ele é na verdade o justo exemplo do que deve ser feito em semelhantes circunstâncias.

Isso mesmo, aliás, reconhecia o porta-voz da Presidência, Joaquim Letria, em entrevista ao próprio Adelino Gomes a propósito das conversações entre Ramalho Eanes e João Paulo II sobre o futuro da ocupação indonésia de Timor. De facto, a ma-

ratona da RC «meteu a um canto» o trabalho da RTP, mesmo quando o colorido do Parque Eduardo VII ou as imagens do Sameiro faziam render ao seu maravilhoso o mais atento dos ouvintes.

Peço, pois, desculpa por nesta «Telecrítica» fazer comentários sobre a Rádio... Aliás, não é esta a primeira vez. Mas as coisas são tão claras e evidentes que não podemos fugir à verdade nua e crua. E ela é para se dizer. Daí se tratar aqui também de «radiocrítica»...

Foram muitos, bons e polémicos os participantes na maratona da Rádio Comercial. Lembro alguns: Padre Luís de França; Padre Manuel Serrazina; Padre Adelino Alves; Padre Vilas-Boas; Maria Belo; Zita Seabra; Teresa Costa Macedo; Lucas Pires; Jorge Listopad; sindicalistas da CGTP e da UGT; António Barreto; José Hermano Saraiva; Joaquim Letria; diversos representantes das mais variadas confissões religiosas em Portugal, etc., etc., etc.

Da parte da RTP, meia-dúzia de comentadores religiosos, algumas vozes monocórdicas mais papistas que o papa, julgando estar a falar nalgum canal da Igreja, na Rádio Renascença ou em exclusivo para um auditório teológico ou mariano — e não nacional.

De um lado, pois, a reportagem, o comentário, a informação, a explicação, o didactismo, a polémica, os grandes tenas em aberto, a discussão das homilias, enfim, o profissionalismo. Do outro lado a legenda quase sempre deslocada e inaudível, a sonolência, o ritual quase ortodoxo. Que me perdoem mas só faltou o Raul Durrão, qual noviço, pôr também incenso na banca, antes de pregação...

A reportagem falhou na RTP — quanto ao texto, entenda-se. Já esperávamos isso. O que é certo é que as equipas técnicas, móveis e odos os «operacionais» no exterior não o mereciam. O barco continua à deriva.

20/5/82

21

TELECRÍTICA

Rui Cádima



«Anos 40» e João Paulo II: a RTP repete-se, «rumina»

ARTP é um mar de surpresas. Nós ficamos espantados quando acontecem daquelas coisas contra as quais nos opomos — contra as quais pomos de sobreaviso os responsáveis pela programação *previamente* — mas que acabam por suceder inevitavelmente dias depois de falarmos nisto; dias depois de o público em geral falar nisto, tempos depois dos jornais falarem, diria quase exaustivamente disso.

Por exemplo: a exposição da Fundação Calouste Gulbenkian sobre a arte em Portugal nos anos 40. Logo na abertura da exposição o programa de João Abel, «Muito, Pouco, Tudo ou Nada», trouxe-nos uma apresentação sumária do conjunto da exposição, tendo para isso feito deslocar toda a equipa para a Fundação. Ai foram feitas pequenas entrevistas, recolhidos alguns depoimentos dos principais responsáveis pela reunião de obras, organização e montagem da exposição, nos seus diversos domínios artísticos, das artes plásticas para o cinema, do bailado para a escultura.

Concordemos que essa poderia ter sido uma primeira forma de abordar a exposição através da televisão. No entanto, estando já nós precavidos para este género de coisas, calculámos, desde logo, que esta seria, muito provavelmente, a única oportunidade que teríamos para seguir pela RTP algo do que de muito importante se iria passar ao longo de todo o período em que a exposição esteve patente ao público — e não só da exposição como também das actividades paralelas que a acompanharam.

As nossas previsões não se cumpriram na sua totalidade, mas o que é facto é que o único programa que vimos na televisão para além do de João Abel, consagrado à arte em Portugal nos anos 40, foi aquele que passou, na passada terça-feira, logo a seguir à telenovela.

Este programa, com texto assinado por António Carvalho e realização de Helder Duarte, enfermu dos mesmos erros que já havíamos anotado ao programa de João Abel. Mais: para além de ter na verdade sido um pro-

grama que não levantou em absoluto nenhuma polémica sobre uma exposição que continua a ser muito discutida (ainda hoje, como certamente os leitores se têm apercebido), ele chegou aos ecrãs precisamente dois dias depois da exposição ter encerrado — o que, dado as suas características (ou seja: dado tratar-se de um programa meramente introdutório do que foram as artes plásticas nesses anos e consequente cobertura feita pela exposição), foi francamente negativo, pois praticamente não podia ter tido efeitos positivos em termos de uma eventual maior frequência da exposição, e ainda por pouco mais ter feito do que poderia há muito ter realizado, mesmo ainda antes dela ter sido aberta ao público. Mas agora fechou — e já foi tarde. Ficou-nos o prazer de ter revisto algumas das obras mais significativas do período. Para além disso, nada mais há a referir. Fernando de Azevedo repetiu-se; o texto de António Carvalho repetiu lugares-comuns. A RTP voltou a não cumprir. Somos os primeiros a lamentá-lo.

«Os bastidores da visita de João Paulo II»

Jorge Passarinho e João Filipe Barbosa foram mais anunciados com esta reportagem do que a telenovela «Vila Faia» o foi nas vésperas do início da sua apresentação. Foram repetidas as vezes que se deu notícia da passagem deste trabalho... Tanto barulho para nada. De facto, foram mais os exteriores já vistos do que os bastidores desconhecidos. Alguns aspectos, aqui ou ali menos conhecidos, acabaram por salvar um trabalho que poderia ter sido inglório. Inclusive as imagens de Krohn, no seu julgamento na Judicatória, foram captadas e transmitidas pela Informação/2, coisa que não foi referida na reportagem, aliás, como muitas outras imagens que não eram propriamente «bastidores». De muito má qualidade foi a montagem deste trabalho — por onde passa também a reportagem.

21/5/82

17

TELECRÍTICA

Rui Cádima



Pela complementaridade dos dois canais

A chamada «dança dos canais» nunca mais é irradiada da RTP. De fact, prosseguem as trocas e baldrocas de programas, havendo umas semanas mais calmas, mas, logo de seguida, aparecendo aos dois e três programas a serem alterados, relativamente ao escalonamento previsto antecipadamente.

Quarta-feira passada, nada mais nada menos do que a transmissão da segunda meia-final da Taça UEFA foi pura e simplesmente mudada de um canal para outro, como se estas coisas não devessem ser previstas a tempo e horas, como se o futebol fosse «parente pobre» da programação —, o que todos sabemos que não é verdade... Se há emissões com elevado nível de audiência, principalmente por parte do auditório masculino, as finais da Taça Europeia de futebol são muito provavelmente o género de programa com índices mais elevados.

Mas assim o não entendeu a RTP, pois inicialmente havia programado o jogo entre o Hamburgo e o Gotemburgo para a RTP/2...

Feita a emenda a tempo e horas, passado o jogo para a «1», foi com o sentido do «aperitivo» que o seguimos ao longo de quase todos os noventa minutos, com um breve intervalo para seguir a «Informação/2» — um esforço permanente pela informação, independente dos poderes políticos, um esforço pela qualidade, que é infelizmente esquecido e quase completamente abandonado pela gestão do dr. Proença de Carvalho. Desde a simultaneidade dos blocos (que privilegia *a priori* a «1», pois sob o ponto de vista tecnológico, económico e também no que compete à programação, é para aí que se joga) até à sua (da «2») quase falência, sob o ponto de vista dos suportes técnicos e humanos, a «Informação/2» é hoje uma imagem muito apagada daquilo que ela foi em tempos, mais concretamente no período que

teve em Fernando Lopes o director de programas do segundo canal.

Mas, dizíamos nós, a final da Taça UEFA entre alemães e suecos foi, de facto, mais um aperitivo para a longa série de desafios que se avizinham já para o próximo mês de Junho. De qualquer mod, este «aperitivo» trouxe-nos um petisco forte, uma «prenda» forçada, como, aliás, tem acontecido repetidas vezes na RTP.

Referimo-nos ao espaço alternativo criado na «2», relativamente ao jogo de futebol que a «1» transmitia em directo. Reparem: enquanto na «2» começava por volta das 19 horas o programa «Desporto Plural», dedicado às várias modalidades mais em evidência no Norte do País, a «1» iniciava o jogo entre o Hamburgo e o Gotemburgo. Isto quer dizer que qualquer que fosse o telespectador não amante do género de programas desportivos, passaria de imediato para a «2»... Qual não seria o seu espanto ao ver que também ali se falava de «pontap na bola», como se costuma dizer nos meios menos «aficionados»...

Isto acontece ainda hoje na RTP, anos e anos depois das direcções de programas saberem (ou esquecerem) que quando estamos perante serviços públicos de Televisão nunca se deve criar esta espécie de concorrência estúpida, dentro da mesma função. Tudo aponta, na verdade, para a complementaridade de programas entre os dois canais e não para uma concorrência que, na verdade, não faz sentido existir quando não se trata de canais de Televisão meramente comerciais, privados, etc. No entanto, a Televisão esquece-o, esquece a sua real função e não dá nenhuma alternativa aos desapaixonados destas coisas. Gostaríamos de saber quantos telefonemas não chooveram na RTP, a partir das 19 horas de quarta-feira...

Já é mais que tempo de se saber evitar este tipo de situações.

Sexta-feira, 28 de Maio de 1982

Sábado, 22 de Maio de 1982

TELECRÍTICA

Rui Cádima



Lugar às minorias

POR vezes acontece-nos ficarmos extremamente curiosos pela programação do dia seguinte... E quem diz pela programação do dia seguinte, diz pela programação da noite... Então ligamos o televisor à hora do almoço, esperamos pelo final de emissão e ainda com uma restea de esperança, aguardamos que a continuadora de serviço nos diga com a sua voz meiga e a sua expressão simpática qual a emissão da noite...

Espera frustrada... De facto, contam-se pelos dedos de uma só mão as vezes que a RTP nos diz de véspera ou mesmo no próprio dia, antes do cartaz dos espectáculos, quais os programas que poderemos ver à noite, em alternativa à saída para o teatro ou para o cinema.

Reparem por exemplo o caso desta última quinta-feira: À hora de almoço a emissão encerra com o anúncio dos títulos genéricos dos programas da noite sem uma só referência ao seu conteúdo, deixando crer que, por exemplo, ainda não sabiam o que nos traria o programa de Margarida Marante.

Pelo nosso lado, podemos dizer que no caso concreto de quinta-feira nos interessava saber o que é que se iria passar na «Primeira Página». Pois a nossa espera foi aqui mais uma vez inglória. Só minutos antes, já o episódio de «Raízes» se aprontava para ir para o ar é que Isabel Ayres surge com a informação do que é que se iria passar no programa de Margarida Marante.

Todos aqueles que acompanharam a programação de quinta-feira passada viram de que é que se tratou. Um estudante, um padre, um trabalhador e um intelectual reuniram-se por detrás da banca da «Primeira Página» para extrair algumas conclusões mais palpáveis da visita do Papa João Paulo II a Portugal.

De uma forma geral os princípios que presidiram a todo o trabalho orientado pelo Departamento de Informação da RTP ao longo dos quatro dias em que João Paulo II nos visitou estiveram também aqui presentes. Se aqui há dias nós nos referíamos a uma certa repetição na forma de abordar aspectos directos e marginais resultantes da visita do Papa, anteontem, apesar de ter decorrido, entretanto, um razoável período para reflexão sobre a visita, os convidados de Margarida Marante, pela sua natureza, vieram de novo recolocar a questão da unilateralidade na informação televisiva, dado todos, mas todos, terem ido ali defender os pontos de vista da Igreja Católica portuguesa, como, aliás, já havia acontecido nos *magazines* e em todas as reportagens que incidiram sobre a visita papal.

Não há qualquer dúvida de que em Portugal, neste momento, todas as outras confissões religiosas se sentem marginalizadas de todo este processo, isto é, se sentem afastadas compulsivamente deste grande meio de comunicação de massas, numa altura tão importante para as comunidades religiosas nacionais — quer minoritárias quer maioritárias. O mesmo se poderia dizer dos parceiros sociais. Nesse aspecto a RTP não soube assumir-se como serviço público de Televisão que é. Os próprios elogios feitos pelos católicos portugueses a todo esse trabalho pecam por não levarem em conta o exagero de todo um conjunto de programas que não saíram efectivamente dos parâmetros iniciais, rigidamente delineados. A intenção de Margarida Marante seria sem dúvida conseguida se, desta vez, desta única vez, tivesse sido aberto o leque. Mas a RTP, cegamente, teima em ser ela a dar o canal de Televisão à Igreja, substituindo-se assim ao Parlamento...

As 10.00. Edição a segunda-feira. Original de Henrique Santana, César de Oliveira, Rogério Bracinha e Augusto Freixo, com Ivone Silva, António M...

Segunda-feira, 31 de Maio de 1982

TELECRÍTICA

Rui Cádima



Agora falta o concurso do «Mister Portugal»...

FEZ sábado passado oito dias a RTP ofereceu-nos pela primeira vez na sua história uma corrida à espanhola com touros de morte — e portugueses houve que protestaram. Recordo aquilo que algumas organizações zoófilas a propósito afirmaram, acusando de hipocrisia as entidades oficiais e considerando que «uma decadente minoria elitista quer prostituir o inato humanitarismo dos portugueses e degradar a sensibilidade das nossas crianças e adolescentes, servindo-se de todos os meios — e de um dos mais poderosos: a televisão».

Ainda não refeita de uma, oito dias depois a RTP mete-se noutra: retoma uma certa tradição de antes do 25 de Abril e dá cobertura a um concurso entre vinte meninas que, segundo corria, eram candidatas — todas, todinhas — ao título de Miss Portugal 1982 (tudo mentira!...).

Pelo meio a RTP não se perdeu: mais ou menos a meio da semana Pinto Balsemão agradava Proença de Carvalho e a sua equipa pelo trabalho realizado na cobertura da visita de João Paulo II a Portugal.

Chegávamos a sábado. O dia televisivo lá foi correndo na monotonia habitual até que por fim surgiu o polémico momento. Durante o dia ainda portugueses houve (principalmente portugueses) que protestaram. Do que se disse, o melhor é não transcrevermos, para não ferir susceptibilidades...

Antes do evento começar nós estávamos sinceramente convencidos de que a RTP, bem consciente de que o espectáculo que se preparava para servir nada ficava a dever a Vénus e a Afrodite, tinha já previamente escolhido uma verdadeira alternativa para a RTP/2: nada mais nada menos do que o mais conhecido filme de Richard Harris — «O Homem a quem Chamaram Cavalos»...

No entanto, às duas por três, nós que já tínhamos visto o filme

com Richard Harris, apercebemo-nos de que a noite que a «2» nos propunha com «O Homem a quem Chamaram Cavalos» era incomparavelmente mais *espectáculo* que as misses a quem chamaram «de Portugal». Comum a ambos os espectáculos estava com efeito um mesmo tema — a escravização dos corpos (e dos espíritos).

Mal ou bem aceite o corpo do outro, mais ou menos «freaks» no écran, há que ir ainda mais além e entrar um pouco no *corpus* do espectáculo, já que a filosofia que a ele preside é, também ela, bastante contestada, com alguma razão, como todos concordamos seguramente.

Que dizer pois do espectáculo transmitido pela RTP na noite de sábado? Em primeiro lugar que, por todas as razões e mais uma, continuamos medievamente na sombra da Europa. Curioso que inclusive o fundo musical escolhido por Jorge Machado para acompanhar o desfile e a consagração final das pequenas, não deixou de ter um desastrado sabor a torneio medieval (Machado nitidamente em dia não — compreensivelmente, aliás). Em segundo lugar há que ver que os organizadores desta operação *voyeurista* primaram pela ineficácia: três horas e meia para escolher a mais bela entre vinte, ainda por cima em directo pela televisão, é uma espécie de obras de Santa Engrácia das revistas corporais. O Júlio Isidro no mesmo tempo, com a equipa do «Paseio», tinha eleito misses para tudo o que é País... Depois tudo aquilo cheirou a improviso, a mau gosto, a pechisbeque, a novo-riquismo, a reconciliação com o gratuito. À uma da manhã quando apagámos a televisão foi a sensação generalizada de que já todos deitávamos misses pelos olhos... O que vale é que isto é só uma vez por ano... (Não nos venham agora com a Miss músculo, o mister Portugal, o concurso de cãesinhos, de gatos, de rabos, pescadinhas, etc., etc., etc.)...

— De terça a sexta às 21.30 e sábados e domingos às 16 e 21.30. Folga à segunda-feira. Original de Ron Clark e Sam

Sábado, 29 de Maio de 1982

TELECRÍTICA

Rui Cádima



Os primeiros passos de «Vila Faia»

PASSADOS os primeiros catorze episódios de «Vila Faia» impõe-se que aqui façamos um primeiro balanço do que está a ser a primeira telenovela portuguesa.

Começaria, inclusive, pela análise de como esta produção da Edipim — «thilovel», chamou-lhe o Tony Silva — foi lançada na RTP. Se estão lembrados dois ou três dias antes do primeiro episódio ir para o ar a RTP começou a emitir o genérico de abertura da telenovela — aqueles planos quase «slides» com o Rui de Carvalho, a Mariana Rey Monteiro, o Nicolau Breyner — anunciando que «a partir da próxima segunda-feira» iniciaria a transmissão. O mesmo fez o Telejornal que salvo erro no domingo à noite dava também a notícia passando o mesmo genérico. Ainda nesse domingo a Manuela Moura Guedes levava ao «Cartaz TV» dois dos mais novos actores portugueses, estreantes em «Vila Faia»: Manuela Marle e Luís Esparteiro (respectivamente Cristina e Manuel Marinhais). E foi tudo. Algo de mais positivo foi feito algum tempo depois pelo «Aqui e Agora», faz exactamente hoje oito dias, programa a que aqui nos referimos já.

Pelo que aqui fica, penso que facilmente se tirará a conclusão de que «Vila Faia» foi pessimamente mal lançada na RTP. O facto de se tratar de uma grande produção com um tão extraordinário impacto público (ao ponto de bater todos os outros programas — pelo menos é isso que temos visto publicado pelas sondagens do vespertino «A Tarde») merecia um outro lançamento na televisão portuguesa. Aquele «Aqui e Agora» deveria inclusive ter sido feito antes. Muitas coisas, enfim, ficaram, e estão a ficar por fazer.

O primeiro episódio foi para o ar e logo nós apercebemos todos de que não estávamos perante o «fiasco» que tantas vezes se temeu. Pessoalmente sempre acreditei que fosse conseguida uma realização e uma direcção de actores razoável, exactamente porque «Moita Carrasco» — a experiência piloto, digamos assim, já tinha essa qualidade. Deixem que

lhes diga que assim *a priori* até me parece que essa brincadeira muito séria estava mais bem planificada do que a própria «Vila Faia» está.

Algumas dúvidas surgiam entretanto: o primeiro episódio chegava ao fim — e qual não foi o nosso espanto quando ao lermos os resumos que a revista quase oficial da RTP publicava, reparámos que o primeiro episódio tinha correspondido aos resumos do primeiro e do segundo episódios referenciados na «TV Guia». Pensámos que tudo estaria bem... Alongar um pouco mais os episódios para que o público se agarrasse mais depressa à história, percebesse as montagens paralelas, etc. não estava mal. Veio o segundo episódio e aconteceu precisamente o mesmo: correspondia nada mais nada menos do que aos terceiro e quarto episódios da «TV Guia»! Ai já começámos a achar estranho... É que a continuar esta progressão aritmética poderíamos chegar, passadas poucas semanas, ao fim da telenovela, quando estivessem transmitidos cerca de 37 episódios (e metade do contrato — 75).

Hoje ainda receamos que algo de parecido venha a acontecer. Na verdade quem abrir a «TV Guia» desta semana na página relativa a sexta-feira da próxima semana (4 de Junho, último dia deste número) repara que o resumo que lá vem relativo ao 19.º episódio já foi visto no episódio número 13, que passou anteontem. Esperemos que tudo isto não passe de uma falta de atenção da revista...

Seja de que modo for, julgo que esta dança de episódios está de certa forma relacionada com o pouco impacto dos primeiros episódios junto da opinião pública. Mesmo um pouco mais dilatados continuou a verificar-se a pouca força do *conflito* criado na narrativa construída por Alves da Costa e Nicholson. Mais do que pequenos desequilíbrios dos actores e da realização este é, para já, o primeiro grande problema de «Vila Faia». O que é curioso é que o balanço é mesmo assim positivo. Estamos convosco!

tudo terem-se ao anúncio de

PECTÁCULOS

27/5/82

Quinta-

TELECRÍTICA

Rui Cádima



Cultura, culturas

ANTES dos «Jogos sem Fronteiras» transmitidos em directo de Itália na passada terça-feira, tivemos mais um programa da série «A Data e o Feito», uma produção de João Ponces de Carvalho que se tem vindo a afirmar no panorama dos programas de divulgação da televisão portuguesa pelas curiosidades que nos traz ou, melhor, pelas efemérides que recorda e relembra através dos seus pequenos apontamentos, sempre curiosos, sempre atentos e sérios.

Neste último programa tive-
mos breves apontamentos sobre
Ferreira de Castro, Aquilino Ri-
beiro, o 28 de Maio de 1926, Se-
bastião Magalhães de Lima
(grão-mestre da Maçonaria entre
1907 e 1928, decano dos jornalís-
tas portugueses na altura e ainda
fundador da Liga Portuguesa
dos Direitos do Homem). Para
falarem de todos estes nomes e
da data em questão, várias perso-
nalidades a eles ligados, por
laços familiares, como Elena
Muriel e Aquilino Ribeiro Ma-
chado, em relação aos dois pri-
meiros, e o apresentador do
programa e o historiador Olivei-
ra Marques para os dois últimos.
Um programa extremamente in-
teressante, nada fastidioso, com
variados motivos a chamarem a
nossa atenção — um pequeno
magazine de efemérides que es-
tou certo agradará a uma boa
parte do auditório — por isso
aqui chamo a atenção para ele.
Passa às terças-feiras antes do
Telejornal.

A cultura portuguesa ainda es-
taria presente, depois da teleno-
vela. José Augusto Seabra visi-
tou Amândio Martins Janeira,
profundo conhecedor das re-
lações entre a cultura portuguesa
e o Japão, dir-se-ia o Wenceslau
de Moraes do Século XX portu-
guês. Um belo programa de José
Augusto Seabra, um tema a recor-
dar e a ampliar na nossa televi-
são.

Lucas Pires
e a Televisão

Na passada segunda-feira à
noite, na RTP/2 (enquanto na
«1» passava a segunda parte do

programa Rock e Clássico com
John Miles, Gary Brook, Peter
Hammill e outros grandes nomes
do rock), o ministro da Cultura
Lucas Pires foi o convidado dos
jornalistas Dinis de Abreu e Dio-
go Pires Aurélio, do «Clube de
Imprensa».

Cultura e política estiveram
em questão. A estrutura do pro-
grama sofreu porém a sua pri-
meira alteração: o habitual con-
vidado-surpresa, desta vez, apa-
receu desde início, e em vez de
ser uma só pessoa foram quatro.
A saber: Natália Correia, Antó-
nio Reis (ex-secretário de Estado
da Cultura), Eduardo Prado
Coelho e António Vitorino de
Almeida.

Perante um painel destes vá-
rias coisas se poderia adivinhar:
em primeiro lugar que a palavra
iria ser de tal modo modulada
que pouco tempo haveria para o
debate político propriamente di-
to. Em segundo lugar que peran-
te a actividade do Ministério Lu-
cas Pires alguma coisa iria clau-
dicar, não fosse mesmo a própria
oposição (presente em força, de
qualquer modo).

Apesar dos entrevistadores do
«Clube» terem exagerado no
início do programa o género de
pergunta inútil que tem por ob-
jectivo especular maliciosamente
sobre afirmações circunstanciais
do convidado, Lucas Pires, de
forma invulgarmente inteligente,
enfrentou as pequeninas provo-
cações, discorrendo sobre o seu
pensamento, a sua acção à frente
do Ministério, e a filosofia da-
quilo a que chamou o consenso
cultural de que o Mais está neces-
sitado. E de tal forma o fez que
as interpelações vindas da banca-
da não tiveram o impacto cultu-
ral e político que ainda se espera-
ria tivessem. Isso é talvez a con-
sequência imediata de uma certa
consagração de Lucas Pires à
frente deste Ministério.

O consenso haveria de surgir
curiosamente sem os presentes se
terem apercebido disso. O que
aconteceu exactamente quando
Eduardo Prado Coelho levantou
a questão do tratamento dado
pela Televisão à cultura portu-
guesa. Lucas Pires aceitou tacita-
mente, deixando crer que não é
só o PPM que engole elefantes...

denal
fi-
taspr-
je-
ita
is-
u-

TELECRÍTICA

Rui Cádima

Na Informação
Abrantes foi às urtigas

TANTO quanto nos tem sido
possível, temos aqui
acompanhado ao longo
de mais de dois anos a informa-
ção que se faz na RTP, nomea-
damente a do primeiro canal.
Sempre que é caso disso, pomos
aqui em evidência os aspectos
menos ortodoxos no que respeita
à isenção da informação, à sua
manipulação, enfim, ao comissá-
riado político e à propaganda.

São muitos os casos por nós
apontados, muito deles também
expressos nos inquéritos já ela-
borados, inclusive ao nível parla-
mentar. Casos que, afinal, foi
possível descortinar. Como se sa-
be, muitas das vezes quando uma
qualquer comissão pretende vi-
sionar determinados serviços in-
formativos da RTP a resposta é:
— «Já estão apagados, não é
possível visionar qualquer Tele-
jornal...»

Um dos temas mais recentes
em que houve uma clara manipu-
lação da informação, pelo facto
de ter sido elaborada com a in-
tenção de minimizar uma fla-
grante falta de Governo de Pinto
Balsemão, foi a recente questão
da não comparência de membros
do Governo no encontro que o
Presidente da República teve,
domingo passado, em Abrantes,
com os autarcas do concelho.

Ao fim da tarde os noticiários
da Rádio Comercial iniciavam os
seus pequenos blocos com a
constatação dessa ausência, refe-
rindo que o próprio Ramalho
Eanes se tinha pronunciado no
final do seu discurso, dizendo
que essa falta se deveria ter fida-
do a dever a motivações razoá-
veis e que por isso estava conven-
cido que não havia razão para
pensar que o Governo estava a
esquecer deliberadamente os au-
tarcas da região. Mais se adianta-
va já: o ministro Ângelo Correia
dizia em entrevista que não tinha
sido convidado e que por isso
não poderia obviamente ter esta-
do presente.

20 horas: entra o Telejornal.
Naquele curto *lead*, antes do bo-
letim meteorológico, Manuel Me-
nezes diz-nos a abrir que em
Abrantes Ramalho Eanes se ti-
nha referido à importância da re-
gionalização, num discurso aos
autarcas... Nessa altura nós já
estávamos a pensar o pior...

O Telejornal começa, e após
uma longa lengalenga sobre a
questão da regionalização e a vi-
sita de Ramalho Eanes faz-se

uma pequena referência ao facto
da ausência dos membros do Go-
verno. Cita-se a entrevista de Ân-
gelo Correia à Rádio Comercial.
Ficam por aí.

Entretanto, não satisfeitos
com esta informação do Telejor-
nal, voltamos a ligar à Rádio. A
pesquisa continua. É entrevista-
do um dos responsáveis do mu-
nicípio de Abrantes, responsável
pelos convites aos membros do
Governo, que aliás já tinha de-
clarado anteriormente aos or-
gãos de informação que Abran-
tes se mostrava algo indignada
com essa ausência. Diz então à
Rádio Comercial que tinha de
facto convidado o ministro da
Indústria e o ministro da Habita-
ção e Obras Públicas, embora
sem ter recebido uma resposta
positiva — o mesmo que já há al-
gum tempo tinha acontecido com
o próprio Pinto Balsemão.

Na noite de domingo não ha-
via na televisão o habitual «Últi-
mo Jornal», a encerrar a emis-
são. Esperámos assim pelo «Pri-
meiro Jornal» de segunda-feira,
à hora do almoço, para ver que
novidades nos traria a informa-
ção de Duarte Figueiredo sobre o
assunto. Vimos que, ao contrá-
rio do texto elaborado para domín-
go à noite, desta vez optaram por
integrar a polémica criada em
torno da ausência dos membros
do Governo logo a abrir (por ser
à hora de almoço, entenda-se).
Continuaram referindo exacta-
mente o mesmo que já haviam
dito no dia anterior... Uma novi-
dade tinha, entretanto, surgido:
a RTP tinha entrevistado pelo te-
lefone o ministro Ângelo Correia!
(Ora bolas!) Passam a con-
tar o que o ministro lhes tinha di-
to — exactamente o mesmo que
havia dito à Rádio, sem tirar nem
pôr, e que eles próprios tinham
citado no dia anterior. Seguiu-se
um ponto final no assunto. Da-
qui se conclui que Duarte Figuei-
redo não quis ouvir nenhum au-
tarca e que portanto mandou
Abrantes e o seu povo às urtigas.
Donde se conclui que quem man-
da Abrantes manda Portugal e os
portugueses. Donde se tira ainda
a conclusão que Informação para
aquela horda de comissários
não existe — o que existe é a de-
fesa paranóica do Governo,
contra tudo e contra todos. Es-
quecida Abrantes, esquecidos os
portugueses, manipulada a infor-
mação, resta a pergunta: O que é
que esta gente faz na Televisão?

2/6/82 17

TELECRÍTICA

Rui Cádima



O que o povo quer é... «disto»?

DIZIA a Isabel Baia que na segunda-feira à noite iam todos ver o programa «dos subscritores», querendo assim referir-se ao «Ou Vai ou Taxa», o festival do nacional-cabotinismo, espécie de peste de fim de mês, que alia por vezes algo do melhor da cultura popular ao pior da cultura urbana, já decadentista, doentia, idiota.

Assim é que, se por um lado, neste último programa, pudemos assistir logo na primeira apresentação a alguns dos mais típicos tradicionais alentejanos interpretados pelo Grupo Coral da Casa do Povo de Safasa, logo de seguida viria um belo exemplar da «raça» nacional-cançonetista — voz arranhada e rouca, fado-canção desnaturado, berraria às três pancadas, enfim, daquilo que dizem que o povo gosta, ou, antes, daquilo que o obrigam a gostar.

A «festa» — como lhe chamam — não nos parece ser de facto aquela que os produtores pensam que realmente estão a fazer... Compreendido o fenómeno no âmbito da regionalização, atendendo-se à eterna oposição entre o campo e a cidade, e colocando em primeiro lugar as consequências derivadas de se tratar do principal meio de comunicação de massa junto das populações do interior, habitualmente desconsideradas e esquecidas em termos informativos, culturais e recreativos não espantará que este tipo de recepções seja sempre semelhante ao que agora vimos, com uma assistência de cerca de oito mil pessoas, muito choro de bebé pelo meio e muito assobio, também, áquilo que na verdade não tinha qualidade (e muito foi)...

Não se diga pois que Portugal quer é «disto»... Estão é a dar «disto» a Portugal — e, como se sabe, o interior sempre foi bom hospitaleiro... (para além de ser, ainda por cima, marginalizado

pela capital e pelos meios de comunicação de massa).

Mas nem só de «Taxas» vivemos nós... Ao fim da tarde de segunda-feira, um documento bastante mais sério, também ele «descentralizador», era-nos dado ainda pela RTP/1.

Tratava-se de «O Homem Montanhês», pequena série de Ricardo Costa à qual nos referimos já nesta coluna, chamando a atenção sobretudo para o facto de ser uma série pouco habitual na programação da RTP (devido ao facto de fazer como que um levantamento etnográfico e antropológico dos usos e costumes da região do Barroso, onde se encontram pequenas comunidades ainda organizadas, em termos de produção, num sistema comunitário primitivo). Aliás, o programa da semana anterior tinha já dado um particular relevo às relações de produção comunitária da região de Pídes, vendo-se sobretudo as pastagens dos gados do colectivo, a utilização do forno do povo, o ensino das crianças da escola para as práticas comunitárias, etc.

Mas enquanto no «Taxas» se assiste à deseducação do gosto das pessoas, com espontâneos que nem cabiam na festa de finalistas, e com trios alentejanos de renome internacional a cantar à mexicana, «O Homem Montanhês» procurava dar-nos a imagem justa das coisas concedendo ao povo de Pídes o espaço que lhe era devido num programa do género. É evidente que se tratava de dois programas com funções distintas. Mas enquanto o «Taxas» corrompe (não se sabe por que preço) os costumes mais arcaicos nas populações, levando-lhe, inclusive, da cidade, gato por lebre, a série de Ricardo Costa, limitou-se a ouvir as populações de uma região de igual modo desprezada como as outras. O que bastou para dar seriedade ao projecto.

Quinta-feira, 3 de Junho de 1982

TELECRÍTICA

Rui Cádima



Por que não se produzem programas para crianças?

ANTEONTEM foi o Dia Mundial da Criança. A pesar-lhe a consciência, a RTP arranjou uma maneira como que instantânea para suprir as insuficiências que tem vindo a denotar nos últimos anos relativamente à produção de programas especificamente para as crianças.

De yue modo resolveu então a RTP comemorar uma tão significativa data? Passando pura e simplesmente alguns slides com imagens contrastantes entre a cidade rica e os arredores pobres, tendo por comentário off algumas brevíssimas referências ao panorama prospectivo da criança no mundo do betão armado. Ouvimos estatísticas sobre a população das cidades do futuro e ouvimos ainda uma recomendação do Comité português da UNICEF, no sentido de fazermos todos um esforço permanente com vista a suprir em definitivo as carências das crianças menos protegidas no mundo.

Para além destas breves referências, que surgiram à noite, antes dos variados blocos já anunciados, vimos ainda um curto trabalho de Helena Balsa, espécie de «tapa-buraco» de circunstâncias, que teria, obviamente, que ser transmitido mais do que uma vez... E assim aconteceu, inevitavelmente. A colagem de Helena Balsa, com texto off, foi assim transmitida quer no «Primeiro Jornal» quer no «Telejornal» do já referido dia — 1 de Junho.

E ficou a festa feita. Agora... para o ano haverá mais...

Até lá a RTP com certeza comprará muitas e boas séries no estrangeiro, dobrará algumas, outras não, continuará com a «Animação» de Vasco Granja e com o «Sítio do Picapau Amarelo» e muito provavelmente terá um dia o descaramento de afirmar que a criança sempre teve o seu lugar na programação da televisão...

A deficiente planificação da programação infantil e juvenil na RTP é um dos grandes escândalos da gestão do dr. Proença de Carvalho, a par, obviamente, da supercontrolada informação. De há dois anos para cá são estes os aspectos que mais têm merecido a nossa reprovação e a nossa indignação.

Se quanto à informação «compreendemos», politicamente, o fenómeno da manipulação e da subserviência (quando não mesmo o da falta de profissionalismo), já quanto à não existência de qualquer programa de produção inteiramente nacional dedicado à criança e/ou ao público juvenil a nossa admiração e o nosso espanto é total, não sendo de facto possível perceber porque é que se gastam milhares e milhares de contos em operações de charme, em galas e programas mediocres, e não se dá prioridade ao melhor que há no mundo — às crianças.

As armas laser

Pensávamos nós nestes problemas da programação para crianças quando se iniciava mais uma «Grande Reportagem», desta vez incluindo um documento da série «World in Action» sobre a já chamada «guerra de prevenção» entre as duas maiores superpotências nucleares, isto é, sobre os preparativos da guerra nuclear no espaço com o auxílio de armas laser (que têm a particularidade de destruir, inclusive, ogivas nucleares com uma rapidez idêntica à da velocidade da luz). Perante o espectro da morte, desta conjuntura laser e nuclear, a temática tratada anteriormente poderia parecer de menor interesse. Mas, de facto, é, ainda aqui, pela criança que pode passar a dissuasão. A criança é, enfim, a vida. Vida que a RTP desconhece.

1/6/82

TELECRÍTICA

Rui Cádima



«Plantão de Polícia»: um belo policial

COMO os leitores sabem, às sextas-feiras a «Telecrítica» está habitualmente «de folga», como se costuma dizer, não tendo nós por isso feito ainda qualquer referência à excelente série brasileira «Plantão de Polícia» que passa em horário «nobre», entre o «Telejornal» e o concurso de Artur Agostinho, «Toma Lá Dá Cá».

Acompanhámos entretanto alguns dos últimos episódios e, por isso mesmo, aqui estamos hoje para, inclusive, vos recomendar este trabalho de grande qualidade da Rede Globo — uma série policial de excelente nível que, afinal, tem sabido respeitar as regras mais elementares da produção de policiais para televisão, no que diz respeito nomeadamente ao abuso de narrativas policiais sensacionalistas, e consequente impacto em camadas da população perfeitamente permeáveis ao tipo de violência veiculada. «Plantão de Polícia» nesse aspecto não se apresenta como uma série meramente especulativa, onde a violência impera pela violência, bem pelo contrário: é muitas das vezes a partir de trabalhos jornalísticos e de reportagens aprofundadas no âmbito da criminologia e da delinquência, vistas depois de uma forma mais depurada, tendo em atenção que vão ser difundidas para milhões de telespectadores, que esta série nos parece ser produzida. Só há uma questão que se pode pôr com alguma consistência relativamente ao impacto de séries semelhantes junto dos telespectadores portugueses: é que, de facto, aqui trata-se, apesar de tudo, de um outro «clima» criminal, bem mais complexo e desenvolvido que em Portugal. Poder-se-á perguntar pois, uma vez que tais disparidades se mostram à evidência, se não haverá uma qualquer consequência menos positiva nas repercussões desse tipo de mensagens no seio de uma certa margem do auditório.

Essa é aqui, de facto, a princi-

pal questão. Uma resposta adequada só poderia ser adiantada após um estudo sociológico levado a cabo por especialistas — estudo esse que seria importante fazer. Já é tempo de se dar ao impacto da televisão a sua devida importância — e cabe à RTP neste aspecto criar um gabinete de pesquisa sociológica que saiba dar um tratamento adequado a todo um conjunto de questões que remetem exactamente para essa análise atenta dos problemas mais agudos.

Bom, levantadas aqui algumas das questões mais prementes relativamente ao «Plantão de Polícia» convém agora vermos em que situação ficámos no último episódio — já que neste momento a série está a ser emitida em episódios com continuação, uma série dentro da série, digamos assim, de quatro episódios, subordinados ao título genérico «A Caminho das Estrelas», e dos quais já foram para o ar os dois primeiros.

Trata-se de uma pequena série com texto de Aguinaldo Silva e Doc Comparato, duas «raposas velhas» nestas coisas do jornalismo criminal, argumentistas de cinema e televisão, também, que seguiram aqui a rota do tráfico de cocaína na América do Sul, percorrendo o triângulo tricontinental deste comércio. No fim do segundo episódio que vimos sexta-feira passada, o «herói» da série, o jornalista Waldomiro Pena (Hugo Carvana), partia para Bogotá, capital da Colômbia, preparando-se para entrar em contacto, a todo o preço, com os «produtores» do chamado ouro branco... E a continuação dessa cena que começaremos por ver logo à noite. No início da série há um pequeno resumo dos dois anteriores, que permitirão a quem não os pôde acompanhar, ficar a par da sequência. Se querem um bom programa televisivo para logo à noite não percam, pois, o terceiro episódio de «A Caminho das Estrelas».

TELECRÍTICA

Rui Cádima



A oposição só vai ao Telejornal quando se zanga?

É raro falarmos aqui na «Telecrítica» de Informação bem feita, «isenta», como costuma ser referido pelos responsáveis, enfim, de *Informação* no estrito sentido que a palavra tem. Hoje vamos fazê-lo, sem esquecer que devemos desde já deixar aqui a ressalva de que não nos tornamos moralmente responsáveis pelo que amanhã possa eventualmente acontecer no Telejornal ou em qualquer outro bloco informativo à ordem de Duarte Figueiredo...

O facto é que em cerca de dois anos de consulado Duarte Figueiredo na Informação da RTP, não nos lembramos de uma única vez em que se tivesse realizado um Telejornal com convidados os partidos de oposição para ser debatido um determinado problema.

Se só agora o pupemos ver, talvez fosse por se tratar de uma ocasião deveras excepcional no âmbito das relações partidárias e parlamentares na história recente da jovem democracia portuguesa. Como todos sabem foi na passada quarta-feira que se registou o corte de relações entre socialistas e comunistas após o que aconteceu na Assembleia da República — e que já é do conhecimento de todos.

Pois logo no dia seguinte o José Eduardo Moniz tinha nos estúdios nada mais nada menos do que dois convidados — ele que raramente os tem (inclusive uma altura houve em que só a «página» desportiva tinha esse direito...). Eram eles António Campos do Partido Socialista e Octávio Pato do Partido Comunista.

Houve quem não quisesse acreditar no que os seus olhos viam... O que é certo é que eles lá estiveram durante uns bons minutos. Razões para o estranho acontecimento?... Há quem pense que o estranho fenómeno se deve ficar a dever realmente ao

facto de se estar a operar uma autêntica *abertura* nos domínios quase «feudais» da Informação da RTP/1... Mas houve também quem aventasse a hipótese de se ter tratado de um caso isolado, pois o objectivo era ali, nem mais nem menos, fazer os portugueses assistir a uma confrontação verbal entre os dois políticos da oposição (numa altura em que a AD se debate com dissidências internas, com ministros demissionários). Os homens de mão da maioria (ou da «minoría da maioria», como alguém disse), gostariam de gozar o espectáculo da acusação mútua, de ver por terra, desencontrada, a oposição...

É perfeitamente possível que tal tivesse sido, ao nível do inconsciente, a verdadeira causa da inédita presença. Vamos, porém, acreditar que a intenção foi a melhor, e que daqui para a frente não será preciso o PS e o PCP se zangarem para verem os seus deputados, os seus representantes, irem ao Telejornal falar sobre os problemas que afectam os portugueses.

Outros trabalhos de Informação foram surgindo ao longo da semana com inegável interesse. Lembramo-nos do «Quarta Há Noite», que abordou a recente entrada da Espanha para a NATO, e recordamos também o último «República», transmitido quinta-feira passada ainda antes do Telejornal.

Foram dois blocos de qualidade, qualquer deles trabalhos aturados e sérios sobre os temas em análise, o primeiro da responsabilidade da equipa do «Quarta Há Noite», reforçada por José Alves em Madrid, o segundo elaborado por José Melo, dos estúdios do Porto. Resta-nos aguardar pelos próximos dias e ver se de facto estamos perante uma «abertura» na Informação, ou se estamos perante uma brincadeira de mau gosto do Telejornal...

TELECRÍTICA

Rui Cádima



«Tur/82» e Cannes novidades de sábado

HÀ coisas que o crítico não deve aconselhar a ninguém... É o caso por exemplo de dizermos a alguém para encerrar a hipótese de ficar a ver televisão desde que acaba de tomar o pequeno-almoço até às tantas da madrugada, quando acaba a interminável casa dos terrores — qualquer dia fantasmas do nosso sono, ou mesmo pesadelos dos nossos sonhos. E não aconselhamos a ninguém porque isso corresponderia quase a instigar o consumo de «drogas» para muitos pesadas, de incidências sociais ainda não determinadas...

De facto não há nada como saber fazer a sua própria escolha, ser um telespectador activo, e optar por um ou dois programas, no máximo, num dia de emissão «dilatada» como o é o sábado, a que hoje fazemos aqui uma referência alargada.

Se o estimado leitor tivesse que fazer uma opção para sábado passado, uma opção *a priori*, teria tido algumas dificuldades, exactamente aquelas que é habitual ter e que derivam em primeiro lugar do facto de a RTP não dar a devida informação e o devido destaque à sua programação. É raro sabermos com exactidão qual o conteúdo dos programas, mesmo quando se sabe com exactidão qual o alinhamento dos programas, o que de igual modo raro.

Vamos por partes: sábado sabia-se previamente que ia estreiar um novo programa na RTP/1 sobre Turismo — o «TUR/82», da responsabilidade de José Rocha Dinis e Cabita Neto — um jornalista, o outro deputado PSD pelo Algarve. Logo à partida tratava-se de um programa que merecia a nossa maior atenção, quer pelo tema em si — assunto de grande importância a nível nacional — quer pelo facto de ser bastante desprezado em termos de produção de informação, nos meios de comunicação social. Se você o visse, como nós, com certeza que não lhe teria desagradado de todo. A «filosofia» dos seus autores apresentada no final é extremamente

válida, as imagens montadas eram também felizes — o essencial, no fundo, para produzir programas de televisão que tenham a aceitação do grande público. O receio de que, por motivos óbvios, a região do Algarve fosse privilegiada pelos autores do programa parece não ir verificar-se, mas apesar de tudo há que estar atento, há que fazer sugestões, há que criar uma solidariedade nacional para que este género de programas seja útil não só aos industriais como aos utentes do paque turístico nacional.

João Abel, neófito entrevistador, apareceu-nos no sábado por duas vezes. Primeiro no «Muito, Pouco, Tudo ou Nada», logo numa das suas melhores edições; depois num curto apontamento sobre o último Festival de Cinema de Cannes aonde se deslocou juntamente com um responsável da RTP, José Manuel Alves da Silva. Qualquer dos programas teve um interesse inegável. Fraca, foi, ainda assim, a entrevista com Maria José de Almada Negreiros, sobre «Conversas com Sarah Afonso». Melhor foi o apontamento sobre «Oicam como eu respiro» com excelentes rábulas da Irene Cruz, um tanto ou quanto cornucopianas, em cena no Teatro Aberto na Praça de Espanha. Do trabalho realizado em Cannes, que foi certamente bastante mais do que aquilo que vimos, só há a lamentar — profundamente — que mais não tivesse sido montado, que não tivesse sido feito um programa mais ambicioso com todo o material reunido. Poderiam inclusive tê-lo passado para a noite, em vez de terem repetido, em curto espaço de tempo, o programa com Frei Hermano da Câmara.

Quanto ao resto, aconselhamos que quando ficarem enjoados com aquele «pastel» do «Baralha, Parte e Paga», e com aquele programa do supérfluo em horário de luxo que é o «Hoje Há Visitas» de Maria João Aguiar, mudem para o «Movimento/2» e vão ter uma surpresa.

TELECRÍTICA

Rui Cádima



Às vezes «aquilo» parece uma TV de gente doida

DOMINGO, 23 de Maio de 1982.

Programado para as 14.10, na RTP/1, o início da transmissão do Grande Prémio de Fórmula 1 do Mónaco. Passava-se, assim, por cima da habitual rubrica de Sousa Veloso, «TV Rurel», que não chegou a ser emitida nesse domingo.

Sensivelmente à hora marcada o enviado especial da RTP/1, Adriano Cerqueira, iniciava o seu trabalho de reportagem sobre o Grande Prémio.

a RTP/2. Estava à vista que não. Porquê? — Era a pergunta. O Telejornal deveria, assim, acabar às 22.20h; o «Cartaz TV» deveria terminar às 22.50 (hora inicialmente prevista para o começo de «Felix Krull») e lá mais para diante, quase em cima da meia-noite deveria começar o «Grande Encontro» — e o português, nessa noite de domingo, nada mais tinha a fazer que começar mal a semana, mal dormido que iria ficar.

★ ★ ★

★ ★ ★

Domingo, 23 de Maio de 1982, cerca de uma hora depois.

Aproximam-se as 15.30 da tarde e, tal como estava previsto já há muito, a RTP/1 preparava-se para ligar ao Estúdio 1 do Lumiar onde estava Júlio Isidro e toda a sua equipa para dar início a mais uma transmissão de «O Passeio dos Alegres». Para obv

20.00 □ Telejornal. As notícias do dia, em desenvolvimento. 20.35 □ Vamos Jogar no Tómbola. 20.40 □ Telenovela. «Vila Fata» 21.15 □ 1 + 1 = I. «Nota Sensível» — VI programa. 22.15 □ O Mordomo Ideal. 22.15 □ Grande Reportagem. Programa de Responsabilidade do Departamento de Informação. 23.10 □ Último Jornal. Última serviço noticioso.

Este quadro de previsões, já de si perfeitamente ridículo, iria ser substancialmente alterado (para muito pior), sem que os responsáveis da RTP tivessem mexido uma palha para o aligeirar. Isto é: em vez de duas horas e meia de «vrrum vrrum» tivemos com ligeiros intervalos três horas e meia! (das 19.10 às 22.35h! na RTP/1, para mais). O «Felix Krull» tinha, entretanto, passado para o final da emissão, o que significava para além do mais que, com os atrasos, iria acabar quase em cima das duas da manhã — ficava assim bem «queimado», como a cruzada puritana quis. Mas o horário nobre dos domingos, que foi destinado ao «Topo Gigio» e que é agora servido às touradas, teve no domingo passado a tourada maior: três horas e meia de bólides servidos àqueles que já se tinham fartado do Guedes e que já estão fartos de touradas. Decididamente: os domingos estão uma balda! Este último, então, só de malucos!

TEATROS

FERNÃO MENTES? — A Baraca — Tel. 686300 — De quinta a

naí ue trrenque bantana, César de Oliveira, Rogério Bracinha e Augusto Fraga, com Ivone Silva, António Mourão e Joel Branco. Não aconselhável a menores de 18 anos. Bilhetes: de 100\$00 a 300\$00.

Quarta-feira, 9 de Junho de 1982

TELECRÍTICA

Rui Cádima



Em português como deve ser!

SOCIOETNOLOGIA, antropologia cultural, bailado, informação e debate político complementavam, em português, a noite da passada segunda-feira em ambos os canais (não esquecendo, obviamente, que diariamente temos agora também a primeira telenovela portuguesa, o que por vezes passa despercebido para quem pensa em termos de programação da noite).

Bom, este breve painel de programas de produção nacional basta, por assim dizer, para exemplificar aquilo que pede e deve ser feito, minimamente, no âmbito da programação diária dos dois canais.

Poder-se-ia dizer, de qualquer modo, que o género de programas apresentados antecem não foi do inteiro agrado do auditório nacional. É uma hipótese extremamente pertinaz, ou não fosse, ao fim e ao cabo, nomeadamente o espectáculo de bailado, um programa essencialmente para o telespectador de nível mais elevado, um programa para os telespectadores das grandes cidades, mais habituadas aos espectáculos de dança moderna.

Na verdade, «Antemanhã», espectáculo de bailado contemporâneo do Ballet Gulbenkian, com coreografia de Vasco Wallencamp, gravado pela RTP por uma equipa dirigida por Cecília Neto — já consagrada realizadora da casa neste tipo de espectáculos — foi muito possivelmente mal interpretado na sua extraordinária beleza por uma parte significativa do auditório nacional devido ao facto de se tratar de um tipo de programas pouco comum na televisão portuguesa, ou, melhor, de não haver uma habitação e consequentemente um apuramento do gosto, digamos assim, a este tipo de trabalhos, sem dúvida de grande qualidade.

Não seria portanto necessário acrescentar que se torna imperio-

so não perder agora este pequeno balanço de trabalhos realizados em comum entre a RTP e as companhias portuguesas de bailado.

Parece-nos que a RTP está efectivamente decidida a isso — esperamos não ficar desapontados nos próximos tempos sobre este aspecto particular.

Falávamos no princípio de socioetnologia e antropologia cultural. Falávamos como com certeza repararam de «O Homem Montanhês», que encerrou agora o breve ciclo sobre as actividades sociais, políticas e produtivas da região de Píodes. «A Festa» era o título deste último episódio. Nele a câmara de Victor Estevão dava-nos imagens significativas do culto a S. João Evangelista, imagens ainda da reunião dos emigrantes da região, da romaria à capela da montanha, dos vários rituais comunitários, etc. Ninguém esperaria era que numa região com as características desta, onde predominam ainda relações de produção de tipo comunitário primitivo, viesse a estar presente nada mais nada menos do que o embaixador dos Estados Unidos da América em Portugal. Um apontamento estranho que não foi devidamente explorado pela equipa de «O Homem Montanhês» — que, se, por um lado, respeitou o sentir e o ser das gentes daquela região, por outro lado falhou em determinadas circunstâncias no que se refere ao trabalho jornalístico para televisão. Aqui, nomeadamente, sentiu-se essa lacuna. Isso não invalida, claro, todo o trabalho feito — e todo o trabalho a fazer, junto das populações do interior, num amplo trabalho de levantamento cultural das regiões.

Debate político tivemos-lo no «Clube de Imprensa», no «2». Almeida Santos versus Veiga de Oliveira, mais concretamente. Agora que o PS e PC estão de relações cortadas é curioso constatar que nunca como agora se encontraram tanto na RTP!...

Quinta-feira, 10 de Junho de 1982

TELECRÍTICA

Rui Cádima



A nota hipersensível de Vitorino de Almeida

QUAL Noé, já bem instalado na sua magnífica Arca, António Vitorino de Almeida apareceu-nos terça-feira passada casa dentro, como se o dilúvio viesse aí, ou melhor, como se o cenário Orwelliano descrito para 1984 tivesse agora o início da contagem decrescente.

O sítio escolhido pelo desculpabilizado autor de «A Culpa» foi nada mais nada menos do que esse quase Panteão dos medos da cultura ocidental perenemente instalada — o Castelo dos Mouros, encostado às escarpas da Serra de Sintra, mesmo ali à beira da romântica Pena, onde Byron, motivado por outras razões que não as das cruzadas contra outras culturas, se afeiçoou à mesma terra e à mesma paisagem que outrora tinham servido a intenções opostas...

O tema da conversa era, obviamente (ou não tanto), o velho tema bíblico da maternidade sobre algo que surge a ser reivindicado por duas partes, encarniadamente opostas.

A comparação imaginada por António Vitorino de Almeida fazia-nos aceitar forçosamente a sugestão de que tanto o espírito como a matéria poderiam ser metidos no mesmo saco imaginário ou histórico (sem qualquer convulsão). A partir daí o corpo do filho das mulheres que reivindicam a Salomão a maternidade sobre o menino, passa a ser comparado com a humanidade, e as «mães», surgem-nos como duas eventuais grandes ideologias que se reclamam de ter a solução e serem simultaneamente as raízes dessa mesma humanidade. Aceitemos os pressupostos...

Melhor: passemos por cima deles. O cenário quase apocalíptico que serviu para tema desta conversa de Vitorino de Almeida está de facto, hoje, cada vez mais a apresentar-se como uma realidade possível. Ele próprio o explicou quando se referiu

às guerras entre compadres que por aí proliferam.

Perante o cenário de morte o autor de «A Nota Sensível» instalou-se no reduto mais ocidental dos lusitanos e vai de blasfemar contra aqueles que por artes e manhas se comportam como «artistas» de causas menos claras, contra uma espécie de maioria silenciosa dominada pelo espectro do medo que lhe é imposto, medo que é ignorância.

De facto, Salomão é aqui visto como um deus da cultura, ou como a cultura ela mesmo. A partir dela e da sua apropriação, o fenómeno do entendimento da arte, e do artista que divulga através das suas obras a mensagem da Paz, segundo Vitorino de Almeida, poderá de facto resultar pelo menos no que diz respeito a um maior entendimento entre os homens.

Convém agora reflectir um pouco mais sobre a mensagem do artista António Vitorino de Almeida que uma vez mais através da Televisão emite não a sua mensagem musical, como fez nomeadamente na Série «A Música e o Silêncio», mas sim a sua mensagem essencialmente filosófica, como aconteceu na maioria dos casos nestas notas sensíveis.

O sentido marcadamente ideológico e filosófico imposto pelo maestro nestes seus últimos programas, quando a mensagem esperada deveria ser, e bem, um discurso de musicólogo ou de compositor e intérprete, onde ele parece ser de facto um grande homem de televisão, fez com que a identificação sugerida relativamente a Salomão não tivesse sido entendida como cultural — como à partida poderia parecer — mas sim como ideológica, uma vez que o discurso utilizado não passou disso, se bem que por vezes o não tivesse parecido claramente. Vitorino de Almeida acabou de facto a sua série «A Nota Sensível» com uma hipersensibilidade que não lhe assenta bem...

Quarta-feira, 16 de Junho de 1982

TÁ ENTREGUE A BICHARADA — Aduque — Tel. 874476 — Segundas, terças e quintas às 21.30, sextas e sábados às 20.30 e 23 horas e

Sábado, 12 de Junho de 1982

TELECRÍTICA

Rui Cádima



Falhas do 10 de Junho

COMUNICAÇÃO e Cultura, foram talvez as palavras-chave deste 10 de Junho, Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas que agora passou.

Qualquer das duas palavras esteve bem presente nos dois discursos mais importantes de dia 10, a saber, os discursos de Ramalho Eanes e Azeredo Perdigão, pronunciados em directo perante o vasto auditório da televisão portuguesa.

É disso que vamos falar hoje. Pelas repercussões, não só a nível nacional, em termos políticos, sociais e culturais como, nomeadamente, a nível da programação da televisão nestes últimos dias, as comemorações do Dia de Portugal estiveram de facto em evidência, de quarta-feira à noite para cá.

Relativamente ao 10 de Junho, portanto, conviria recordar agora o que vimos. Remeter-vos-ia para o «Primeiro Jornal» de quarta-feira — hora do almoço — onde um dos enviados da RTP/1 à Figueira da Foz, Carlos Noivo, iniciava a introdução a esta pequena maratona da RTP (que mobilizou ambos os canais, embora com uma diferença de meios quase abissal entre os dois). À noite, no Telejornal, largo espaço seria já concedido a José Eduardo Moniz que da Figueira coordenava a informação relativa ao 10 de Junho. Minutos depois, após o episódio de «Vila Faia» começava o espectáculo da noite de véspera do Dia de Portugal, espectáculo totalmente preenchido com a participação de alguns dos canconetistas e intérpretes de maior popularidade no âmbito da música ligeira portuguesa.

Os organizadores não estiveram muito pelos ajustes e se recomendaram a Rui Veloso que improvisasse alguns *play-backs* dos seus maiores êxitos (três, ao fim e ao cabo), não permitiram que a genialidade de Carlos Paredes a denilhar a guitarra portuguesa passasse de uma única interpretação, para além de ter servido de «fundo» aos sonetos de Camões ditos por Rui Mendes. Uma falha nitida.

Mas o Dia de Portugal e de Camões não se ficaria só por

aqui no que diz respeito a falhas.

Quinta-feira, Filinto Lapa, enviado da «1» à Figueira, ao que julgamos como repórter (onde tem andado este profissional da RTP de há dois anos para cá, que raramente o temos visto?) entrava no ar também no «Primeiro Jornal» com um trabalho de excelente qualidade (excelente, relativamente ao que temos visto habitualmente na Informação da RTP/1) onde começava por entrevistar Vitor Alves, na qualidade de um dos responsáveis máximos pelas comemorações, solicitando-lhe que fizesse alguns comentários às críticas de Jos Vitorino sobre lacunas do 10 de Junho deste ano. Depois ouvia o próprio José Vitorino. Este clarificaria o que já havia dito e responderia depois ao que Vitor Alves havia dito ao repórter. Um bom trabalho. E foi de facto um bom trabalho não só pela forma como foi planificado e apresentado, como também pela perspicácia que encerrava, relativamente a uma das grandes lacunas das comemorações deste ano no que se refere exactamente à não repetição do que já havia sido feito no ano passado com o I Congresso das Comunidades. Estes ano não houve Congresso, não se realizaram encontros prévios (pelo menos não houve notícia deles), enfim, o Emigrante não foi de facto lembrado por «nós», salvo seja, que habitamos este eterno cantinho. Não foi assim cumprida a palavra e o nosso desejo sintetizado por Azeredo Perdigão no seu discurso.

Esquecido do que foi de certo modo o Emigrante, esquecido acabaria por ser ainda o próprio Camões. Ainda aqui o texto de Azeredo Perdigão acentuava uma certa reaproximação do épico, mas isso só por si não era suficiente. Finalmente foi Portugal que esteve, quando esteve, no centro das atenções. Inclusive a situação económica era afluída. O censo nacional também. E a descentralização. Sem querer retomar os decadentistas, não queremos deixar de expor aqui o nosso pessimismo relativamente ao 10 de Junho na TV.

Quanto a Portugal... é um caso a ver.

Segunda-feira, 14 de Junho de 1982

TELECRÍTICA

Rui Cádima



Ausência das marchas: Incapacidade dos meios ou meios incapacitados?

ESTÁ-SE a aproximar a passagem a uma estação baixa televisiva, tempo de veraneio que, a chegar como em anos anteriores, fará do telespectador sedento de bons programas uma espécie de aguadeiro no Alentejo.

Se seca este ano não houve, por certo ela chegará em termos de televisão, agora que todos nos preparamos para mudar de horizontes, pelo menos para compensar mais os pequenos horizontes da pantalha electrónica com os naturais.

Bom, da programação de domingo não vos falo hoje (estou a escrever este texto no princípio da madrugada de domingo), mas de qualquer modo não quero aqui deixar de referir o facto de ontem ter começado a transmissão do Campeonato do Mundo de Futebol, acontecimento que será por certo de grande interesse para uma boa percentagem do auditório, mas que será, também, eu diria quase odiado, de igual modo por uma boa parte da audiência televisiva, nomeadamente pelo público feminino. Agora que o campeonato está a começar, resta-nos desejar que todas essas pessoas para quem o futebol não tem interesse nenhum possam de facto encontrar excelentes alternativas na RTP/2 — partimos do princípio de que deve haver entre os dois canais uma complementaridade e não uma concorrência (a primeira é possível, para além do mais — e a segunda já todos sabemos que não).

Bom, mas indo ao que interessa, gostaria de aqui referir relativamente à programação de sábado algo que não caiu bem em amplos sectores do público de sábado à noite que, habituado à tradição, sempre pronto para a comemoração dos Santos Populares, não viu a RTP dar o devido destaque a estas coisas de sabor tão popular — e que são sempre curiosas, desde que reali-

zadas, no mínimo, de forma empenhada.

Não vamos pensar o pior... Julgamos que a RTP irá certamente dedicar parte do seu tempo aos Santos Populares. De qualquer modo não foi sem espanto que soubemos que instada a pronunciar-se sobre a razão da sua não comparência no desfile das Marchas Populares, que decorreu sábado à noite na Av. da Liberdade em Lisboa, a RTP alegou que por razões de ordem técnica e dificuldades quanto a meios operacionais não tinha de facto podido transmitir em directo ou gravar sequer o espectáculo.

Bom, não pôde estar presente na Avenida com um carro de exteriores, mas pode ficar na Figueira a remoer um mesmo tema, com os «meios» ocupados por mais uns dias. Mas isso de qualquer modo não constituiu certamente um óbice decisivo à não gravação de outros espectáculos... Não nos esqueçamos que durante a visita de João Paulo II estiveram 7 carros de exteriores operacionais... Dirão que os Santos não são o Papa...

O que é certo é que na véspera do dia de Lisboa foi a Figueira da Foz, centenária, que teve honras de reportagem no «Aqui e Agora». Longe de nós os bairrismos ou os centralismos... Aguardemos...

Depois da Figueira vieram os Jogos sem Fronteiras em diferido (será isto sinal de uma eventual próxima desistência da RTP?) e a noite encerraria, desta vez com mais acerto, com a série «Dallás». Não porque tivesse sido um grande «fecho», que não foi (eu sou como os japoneses — detesto a série), mas porque houve algum bom senso em não prolongar o martírio com terrores de segunda, ainda por cima por sistema...

Por sistema está aí já o futebol. Para vê-lo o Mundo pára. Falaremos disso amanhã.

Terça-feira, 15 de Junho de 1982

TELECRÍTICA

Rui Cádima



Um banho de futebol que é um balão de oxigénio

«O Passeio dos Alegres» está a acabar (domingo que vem nem sequer há, para no dia 27 deste mês realizar a sua última emissão), a excelente série «Felix Krüll», sobre uma obra homónima de Thomas Mann, acabou anteontem, o «Bom Dia Domingo» de vez em quando assina a sua própria morte (quem lhes disse — ao Luís Pereira de Sousa e à Maria João Metelo — que o público gostava de reles imitações de subprodutos da nossa canção ligeira como o é o Marco Paulo? Que ideia é essa de servir em horário nobre o cabotino e o medíocre a pretexto de que «o povo gosta de disso»? Se há quem goste daquilo é mau sinal, e se a RTP ainda por cima vai sublinhar o mau gosto e o medíocre, quando a sua função é definitivamente a contrária — ou seja, contribuir para uma educação do gosto e para uma formação do telespectador a partir dos mais altos valores da cultura e do espectáculo deste país, então teremos que concluir que algo de muito grave se passa no seio dos responsáveis pelo programa e também no seio dos responsáveis da RTP.

Bom, mas para compensar todas estas graves deficiências, todas estas mortes, lentas e rápidas, aí está a 12.ª edição do Campeonato do Mundo de futebol, de que vimos a cerimónia de abertura e o primeiro desafio também anteontem. Ao longo de 29 dias, até, portanto, 11 de Julho, dia da final, será um autêntico banho de bola, de certa forma a compensar todos os amantes do desporto-rei das sucessivas e infrutíferas tentativas da administração da RTP junto dos clubes portugueses na intenção de levar ao pequeno ecrã, como aliás tinha acontecido no ano anterior, parte dos jogos do campeonato nacional da 1.ª Divi-

são... Se calhar, por não o ter, conseguido em tempo, a administração da RTP mais uma vez quis ser mais papista que o Papa e vai de escolher nesta primeira fase da competição nada mais nada menos do que 28 jogos em 36!

Um exagero, de facto. Com a agravante de não nos parecer existirem as alternativas necessárias no canal oposto ao das transmissões, como se impunha que acontecesse.

Houve quem dissesse que esta edição do Campeonato do Mundo de futebol constituía (tal como já havia acontecido com a 11.ª edição, na Argentina, em 1978) um verdadeiro «balão de oxigénio», no caso ao governo espanhol de Calvo Sotelo, que neste momento enfrenta redobradas dificuldades com as eleições do próximo ano já no horizonte das diversas formações políticas. Quem o disse foi, mais concretamente, o «Le Monde». Nós por cá somos também levados a estabelecer um paralelismo semelhante entre esta dose maciça de futebol e a periclitante situação do governo Balsemão. O primeiro-ministro com certeza estará agradecido a Proença de Carvalho...

Bom, veremos o que nos trazem os próximos dias, veremos também como conciliaremos a nossa função de crítico de televisão com a de amante (moderado) desta jogatana fabulosa. Pode ser que tudo venha a correr bem... Para já o início foi maravilhoso, com um belo espectáculo inicial e com um jogo extremamente bem disputado, com aquela surpresa da Bélgica, equipa pela qual — vamos confessá-lo — nós torcemos de princípio ao fim (é que no fundo estas coisas das velhas democracias europeias ainda pesam muito, nomeadamente perante repúblicas de bananas...).

TELECRÍTICA

Rui Cádima



Sexo e moral em «Felix Krüll» como em Franz Kafka

PROSSEGUE o banho televisivo de futebol, cujas primeiras incidências sociais parecem ser os engarrafamentos às quatro da tarde com todo o mundo a correr para ver os desafios da parte da tarde. Por outro lado, obviamente, já não se discute se Balsemão está bem ou mal: discute-se é o desafio de futebol da véspera...

Façamos entretanto um intervalo nas futeboladas. Pensemos um pouco no termo de «Felix Krüll», de que vimos o último episódio domingo passado, do qual não vos pudemos falar ontem por falta de espaço.

Vários aspectos há a abordar. Em primeiro lugar o carácter eventualmente chocante da série, relativamente aos telespectadores menos liberais. É um facto que apareceram corpos nus de mulheres. É um facto que a mulher foi sempre tratada nesta série pelo lado decadente e libertino, privilegiando-se a beleza do personagem principal — Krüll-Armand-Venosta. É um facto que algumas das cenas vistas não são muito vulgares na nossa televisão... Basta pensarmos no alarido que ainda hoje se faz quando uma actriz portuguesa beija, frente a três milhões de portugueses, o actor principal ou secundário (e já agora: se há beijos que ficaram já na história dos programas de televisão portugueses, o de Margarida Carpinheiro a Nicolau Breyner na «Vila Faia» é um deles — um beijo deveras profissional...). Ora transpondo todo o erotismo da conversa para «Felix Krüll» há de imediato que constatar que por nenhuma vez, com nus ou sem eles, as sequências mais atrevidas foram «chocantes», vergonhosas ou sequer gratuitas. Quem se dê ao trabalho de comparar o original de Thomas Mann com a adaptação de Bernhard Sinkel verá que muitas das cenas descritas pelo autor são na verdade bem mais atrevidas do que as que vimos nesta série televisiva. Bom, mas isso não explica grande coisa. Resta que

os pais que tiveram eventualmente alguns problemas morais em deixarem os seus filhos mais novos ver a série, porventura ficaram ainda mais amedrontados depois da RTP ter feito a sua cruzada de quase abstenção, chegando mesmo a inserir os famosos «caracteres» em cima das imagens, como que a dizer que estava arrependida de ter praticado um tal acto... Perdoai-lhe, Senhor... O que é facto é que não havia razão para tanto barulho. A RTP encolhe-se sempre que algumas senhoras idosas um pouco mais excitadas telefonam para o Lumiar e encham o saco de reclamações de vitupérios... Há que, em primeiro lugar, *saber* aquilo que se vai passar. Esse é o erro de RTP... Veja-se este último episódio, extremamente aberto a todos, inclusive a Portugal, uma vez que aqui foi realizado, com grande respeito pelas nossas coisas, dos valores tradicionais ribejanos à nossa belíssima Lisboa (inclusive aproveitada — com os seus eléctricos elevadores, para constituiram cenário monegasco...). Nada, mas nada de anormal se passou neste fecho da série e no entanto a RTP não deixou de fazer o gosto ao dedo espalhando caracteres mentirosos em cima das imagens.

De uma coisa, entretanto, se não aperceberam os telespectadores portugueses. Refiro-me ao facto de o texto original de Thomas Mann não ter sido fiel à realidade portuguesa. Na verdade muitas são as imprecisões nesta «Confissão de um Cavalheiro da Indústria». Desde os enganos geográficos e toponímicos aos erros culturais e, não conhecimento das tradições, em tudo isto falhou, de algum modo, a narrativa de Thomas Mann, sem dúvida um dos grandes escritores do século. Curioso é ainda notar um certo plágio que há nesta «Confissão» relativamente a «América» de Kafka. Mas como Franz Kafka é como F.K. (Felix Krüll) basta tudo isto.

Sexta-feira, 18 de Junho de 1982

TELECRÍTICA

Rui Cádima



Mundial: nuestros hermanos não acertaram uma

NÃO tenho a intenção de vir aqui aborrecer as pessoas com mais futeboladas, mas a verdade é que muitas são as coisas a dizer sobre as transmissões dos jogos através da RTP.

E uma das coisas que mais nos tem impressionado nestes «directos» e diferidos da 12 edição do Campeonato Mundial de Futebol é exactamente a grande balbúrdia que reina no plano técnico das transmissões e de que são principais responsáveis «nuestros hermanos», que muito têm pedido às estações estrangeiras presentes em Espanha e que pouco lhes têm dado.

Talvez o telespectador não saiba mas a televisão espanhola procedeu a profundas remodelações estruturais com vista à cobertura televisiva de todos os jogos deste Campeonato (que se realizam em 17 cidades diferentes, remodelação essa que não se ficou só por esse objectivo pontual mas que visou de facto ir muito mais além. Refiro-me justamente ao estudo de há muito leado a abo na TVE, estudo que tinha por objectivo apresentar um relatório circunstanciado do que se previa ser absolutamente necessário para os anos 80 em termos de novas tecnologias e novas estruturas.

Só para que tenham uma ideia do que entretanto se fez e das novas estruturas criadas, passo-vos dizer que o edifício de construção recente onde estão instalados os centros de produção, as redacções e todas as infraestruturas técnicas das grandes cadeias de televisão estrangeiras presentes no Campeonato será, assim que acabe o Campeonato, o novo edifício-sede da TVE. Para além disso, como devem calcular, muito material foi comprado, muitas câmaras foram importadas, enfim, muito feixe, muito telecinema, muito carro de exterior é novo na casa. O que não se pode dizer é que todo este novo material esteja a ser bem utilizado. As transmissões que têm chegado a Portugal são de facto de tão má qualidade que a isso somos levados a chegar.

tamente escandaloso; a transmissão em diferido do jogo entre a Alemanha Federal e a Argélia no princípio da noite de quarta-feira chegou a Portugal pelo que pude perceber com dois sons de referência sobrepostos. Um era o som ambiente do jogo (que quase se não distinguia) e o outro era o som do relator inglês do jogo que tínhamos visto à tarde em directo entre a Inglaterra e a França. Chegava-se assim a situações extremamente caricatas como por exemplo um jogador argelino se preparar para lançar uma boa em pontapé de baliza e o relator estar a descrever uma jogada de ataque dos franceses com Platini no comando e uma algazarra em fundo quase ensurdecedora. Estes, os ruidos absurdos e estranhos relativos a esta transmissão asneiras também não faltaram.

Aquela de alguém que falou na macumba argelina, fora a mediocridade dos comentários — que se pretendia que viessem de especialistas, foram de facto as «notas» da tarde.

De qualquer modo, voltando às condições técnicas da chegada a Lisboa e Porto destas transmissões há de facto que lamentar profundamente as péssimas condições em que o fazem, aliás, de uma forma absolutamente sem paralelo em qualquer retransmissão desportiva — seja ela os Jogos Olímpicos, o Mundial do México, um Grande Prémio de Detroit, ou qualquer outra transmissão via Eurovisão ou via Mundovisão. As transmissões de Espanha estão de facto, em termos de som, um perfeito caos. Impõe-se um protesto junto da televisão espanhola. É de facto inadmissível.

Outra coisa inadmissível nesta transmissão é a deficiente cobertura em termos da realização. Faltam imensos «replay», os meios não são aproveitados suficientemente, o espectáculo muitas das vezes limita-se a ser a reprodução por uma só câmara. A parte da televisão portuguesa, no estúdio ou no estádio, um outro esforço há a fazer para melhorar as coisas. Está tudo também muito por baixo.

Sábado, 19 de Junho de 1982

TELECRÍTICA

Rui Cádima



Touradas e futeboladas a granel

PODEM pensar que não é verdade: no meio de tanta xaropada futebolística e tauromáquia o que ainda talvez vá «agarrando» o auditório mais fiel da RTP é, sem dúvida nenhuma, a primeira telenovela portuguesa que parece estar a subir de qualidade, nesta altura em que já passaram os primeiros 25 episódios, ou seja, um terço da telenovela.

O que havíamos dito há algum tempo sobre a não existência de conflito na narrativa de Alves da Costa/Nicholson parece-nos entretanto ter sido conseguido a diversos níveis, isto é, em mais do que uma das narrativas paralelas que dão «vida» à telenovela. A esse novo desenlace das narrativas não é sequer estranho um elemento absolutamente exterior à produção de «Vila Faia» como foi já tornado público...

Estão pois a surgir motivos diversos, a justificar um redobrar de interesse relativamente à primeira telenovela portuguesa — que tanto sabemos está também a merecer o agrado e o carinho, inclusive, do público em geral. O crítico, neste caso, não é excepção.

Mas se se nota nos autores e actores da telenovela um grande esforço por vir ao encontro das preferências do público em geral, o mesmo não se poderá dizer de outros sectores da RTP, que preenchem grelhas de programas a granel, não diria com filme a metro, mas quase, não dando suficientes alternativas quando já se sabe à partida que muitos dos programas escolhidos vão ter inúmeros opositores na grande plateia televisiva nacional.

É sem dúvida o caso do Campeonato do Mundo de Futebol, é também o caso das sucessivas transmissões de corridas de touros (espectáculo deveras pouco edificante — que nos perdoe a

aficion e todos os profissionais que vivem dos touros), mas é que é verdade é que se trata aqui de um espectáculo que só deve ser levado à televisão com sérias reservas, uma vez que se trata, quer queiram, quer não, de um espectáculo de sangue que fere a sensibilidade de muitos, inclusive das crianças que vêm pela primeira vez.

Infelizmente a RTP não está a saber dosear suficientemente bem este tipo de espectáculos. Como se sabe, inclusive a corrida com touros de morte levantou uma grande onda de protestos de norte a sul. Depois disso tivemos já, num curtíssimo espaço de tempo, mais duas outras touradas. Ainda vamos ter mais! É de mais!...

O exagero atinge também o futebol. Incompreensivelmente, a RTP é entre algumas cadeias de televisão mundiais (as que, aliás, conhecemos o calendário de transmissões) aquela que mais jogos vai transmitir da primeira fase — o que quer dizer que no fim do campeonato é também aquela que mais jogos transmitiu, uma vez que a fase final é transmitida por todas as redes de televisão na sua totalidade, ou na sua quase totalidade.

Podemos fornecer-vos os seguintes números: a Rede Globo do Brasil, que tem o exclusivo absoluto das transmissões para todo o país, vai transmitir desta primeira fase um total de 25 jogos (e não esquecer, é o Brasil!). Um outro exemplo que conhecemos é o francês. Deste país, também representado no Campeonato com a sua equipa nacional, os canais TF1 e Antenne/2 vão transmitir os mesmos 25 jogos (e mesmo número de jogos) que os brasileiros vão receber. Só nós é que vamos receber 28 jogos! Se isto não é um exagero não sei o que será...

TELECRÍTICA

Rui Cádima



Serviços bonitos e bonitos serviços

HÁ programas de que nós gostamos e há programas de que nós não gostamos — coisa mais normal deste mundo — e até aí tudo bem... Todos compreendemos que tenha que ser assim nomeadamente num serviço público como a televisão... Mas quando nos apercebemos de que aquilo que se passa já transcende os domínios do gosto e entra nos domínios da mais pura imperfeição, então aí todos somos capazes de dizer *basta!*...

Bom, em primeiro lugar vejamos aquilo que ainda é suportável nos domínios do «gosto» para depois finalizarmos referindo-nos a alguma coisa que está já nessa infeliz zona do «basta!»... Tudo referent, diga-se de passagem, à programação do último sábado.

Em primeiro lugar, portanto, algo que nos parece aceitável: por exemplo, a entrevista de João Abel (como sabem um continuista da RTP agora com funções de entrevistador quase quase «mundano») a Luís Francisco Rebelo no «Muito, Pouco, Tudo ou Nada»; mas no reverso da medalha — e ainda relativamente ao mesmo João Abel, algo que já não nos parece aceitável: a designação para entrevistador da RTP em Cannes, no recém-realizado Festival Internacional de Cinema. Não contrariamos que João Abel possa ser eventualmente um bem informado cinéfilo, que tenha mesmo dotes de «cinéfilo» como se dizia nos anos 30, ou mesmo que seja um apaixonado curioso... Contrariamos é principalmente o facto de ele ter pensado que poderia estar suficientemente bem a pôr questões em inglês a toda aquela gente que entrevistou. Como ele sabe — como se viu — imensas foram as «gaffes», os erros, as imprecisões linguísticas — e inevitavelmente — as incompreensões, resultantes da sua participação no programa sobre o Festival de Cannes. Já nem discuto o valor das perguntas que ele levava escritas — que eram quase iguais para todos... Ponho em causa a sua estrutura linguística; sintáctica, vocabular. O problema é este: alguns dos entrevistados deveriam ter ficado com a ideia no final da entrevista de

que a televisão portuguesa deve ser uma qualquer «nova-rica» que pode mandar gente a Cannes e ao mesmo mandar tirar um curso de inglês da BBC durante o percurso de avião (enfim, o João Abel não é assim tão mau... mas o que é verdade é que nalguns casos é como se fosse). Isto de facto deu azo a que por exemplo uma das entrevistadas, a certa altura, depois de uma pergunta muito remexida sobre que outros papéis gostaria ela de representar (pergunta que ela não percebeu), e sobre a qual João Abel insistiu tentando que ela percebesse colateralmente, fornecendo exemplos como: se ela gostaria de fazer de princesa (assim mesmo) no próximo filme... ela respondeu muito espantada, que, princesa, não, de maneira nenhuma... Mesmo para quem estivesse a seguir as legendas a pergunta teve certamente o efeito que qualquer pergunta mentecapta teria... Ora estas coisas têm de ser evitadas. 25 anos de televisão já deveriam ter impedido que isto acontecesse há muito. É preciso profissionalizar a televisão portuguesa, chamar aos lugares as pessoas competentes e saber quando se pode responsabilizá-las pelas tarefas a cumprir.

Ainda sobre neófitos (ao que julgamos). Refiro-me agora ao jornalista (também ao que suponho) Mário Crespo, que no «Aqui e Agora» de sábado teve a seu cargo o comentário e o alinhamento (ao que penso) de dois pequenos blocos do «internacional» sobre as Malvinas e o Líbano. O seu trabalho não foi de todo negativo, embora ele não tenha para já uma *presença* televisiva, uma », em todos os sentidos da palavra. Mas aquilo que nós lamentamos é que quando surge um novo comentarista na RTP ele não seja apresentado aos milhões de portugueses que o passam a conhecer. Isto é o mínimo que se exige.

De resto a vergonha do dia foi o «Aqui e Agora» ter vindo falar do Mundial quando na «2» começava mais um jogo do Campeonato. Os adeptos do futebol ficaram sem saber para onde se voltar e os opositores a estes programas ficaram sem alternativas! Bonito serviço!

TELECRÍTICA

Rui Cádima



Nas transmissões do Mundial a RTP vai à frente...

DOMINGO fomos os «maiores» no Mundial... Não temos lá a nossa equipa, mas temos lá a RTP que parece querer-se vingar da desfeita, batendo aos pontos tudo o que é rede de Televisão... Domingo bateu o recorde: nada mais nada menos do que três jogos, seis horas de pontapé na bola, repartidas pelos dois canais.

Tratou-se, na verdade, de um «score» significativo, de uma «overdose» de futebol que, mais uma vez, se encontrou o agrado de todos os «tiffosi» da nossa praça, encontrou a adversidade de uma boa parte do auditório, parte essa cada vez mais descontente por não existirem alternativas válidas a este verdadeiro massacre de desafios de futebol. Domingo passado então chegou-se ao ponto de ter sido suspenso por uma semana o programa de Júlio Isidro, que regressa para acabar de vez no próximo domingo (é bom que se pense desde já numa fórmula alternativa ao «Passeio» que nesta fase final estava a ficar pior do que uma festa de finalistas mal engendrada)...

Bom, mas a determinação da nossa Televisão em bater o pé às suas congéneres vai, inclusive, ao ponto de, como dissemos, ter comprado mais jogos do que, por exemplo, a Rede Globo, que tem o exclusivo absoluto das transmissões para todo o Brasil. Posso adiantar-vos que neste último domingo os brasileiros optaram por transmitir «apenas» dois desafios, os realizados entre Inglaterra e a Checoslováquia e entre a Espanha e a Jugoslávia. Do jogo entre a Alemanha Federal e o Chile, a Globo apenas transmitiu aquilo a que chama os «compactos», resumos dos melhores momentos dos desafios, que vão para o ar diariamente às 23 horas (mas é mesmo às 23 horas...). Quanto a nós, mais uma vez, como dissemos, a RTP vai

alternativa na RTP/2 ao jogo entre a Alemanha e o Chile. Depois, às 18 horas, quando começava em diferido o Inglaterra-Checoslováquia na «2» tivemos um breve «interlúdio» musical, para depois ficarmos de novo sobre o signo dos toiros e do futebol...

Seria importante voltarmos aqui a protestar pelo excesso também de transmissões tauro-máquicas que, aliás, vão continuar por este Verão dentro... Convenhamos que um canal de Televisão que apresenta uma programação sob o signo dos touros e do futebol é uma Televisão que resvala a passos rápidos para a degradação.

Estamos por isso mesmo a atravessar uma fase de certo esvaziamento na programação, período defeso em que se aguarda simultaneamente a chegada de gente nova à Televisão, gente «louca», melhor dito, que poderá de facto trazer uma certa frescura a esta monotonia «fadista» em que está mergulhada numa boa parte dos programas e da Informação (refiro-me nomeadamente ao programa do Luís Filipe Barros). Ainda relativamente às transmissões dos jogos do Campeonato do Mundo há a ressaltar que, entretanto, a qualidade técnica na chegada das emissões está francamente melhor, sem interferências, como de início, e com o som ambiente já normalizado. Por outro lado, o nível das realizações está também melhor, embora de vez em quando ainda se vejam planos de relva com as câmaras às voltas — o que é, aliás, absolutamente incompreensível numa qualquer transmissão quanto mais num trabalho com esta responsabilidade que está agora acoimada à TVE.

No entanto, quer os comentários quer os «compactos» da noite estão ainda a um nível muito

TELECRÍTICA

Rui Cádima



Televisão de acesso e educação permanente

A série «O Homem Montanhês», que continua a passar às segundas-feiras, antes do Telejornal, leva-nos hoje a abordar uma temática pouco frequente nestas nossas crónicas televisivas. Hoje, um tanto excepcionalmente, a televisão de acesso, as regiões, o levantamento etnológico e a educação permanente constituem o fulcro do nosso texto.

A série já todos conhecem, com certeza: trata-se de uma realização de Ricardo Costa, cujo principal objectivo é passar ao celulóide toda uma memória perdida nos tempos que os nossos pastores e as nossas gentes das regiões monhanhosas do Norte do País ainda guardam — tenuemente — no seu dia-a-dia feito de sangue, suor e lágrimas.

Desta vez em foco uma aldeia serrana, Videmonte (Serra da Estrela), onde predominam obviamente as pastagens, a produção do leite e do queijo ainda sob a forma tradicional apesar da industrialização já andar perto...

A realização não trouxe novidades em relação aos programas anteriores da mesma série, quer dizer, limitou-se mais uma vez a «fotografar» as gentes serranas, sem intervir, por exemplo, com uma ou outra pergunta, agindo sobretudo na montagem das sequências filmadas. É um processo extremamente louvável mas que nem sempre resulta em televisão. Há que ver que o cinema etnográfico com a sua característica essencialmente contemplativa nunca se coaduna muito bem com o discurso por vezes agressivo e de montagem rápida que a televisão exige. Não quer dizer que o plano longo e demorado desde que belo não faça o próprio telespectador participar nessa mesma contemplação — o que acontece é que o discurso em si não é o mais aconselhado.

Bom, no que diz respeito à televisão de acesso, isto é, à possibilidade das populações do interior, nomeadamente essas, fazerem chegar a sua voz — perdida nas teias da burocracia e do centralismo do Estado — à televisão, um programa como «O Homem Montanhês» não atinge totalmente os objectivos, uma vez que nem sempre aprofunda as carências sociais e económicas que atingem as regiões tratadas no programa. Essa é aliás mais a função do programa de reportagem como por vezes vemos no «Respublica» (mas que nem sempre é bem feito, como o foi, por exemplo, um dos últimos, sobre Castelo de Vide). De um para outro se vê qual a diferença entre o filme de carácter etnográfico a aqueloutro que tenta participar das carências das populações, permitindo-lhes assim o acesso à televisão, o que significa também o acesso aos governantes, a quem de direito, quem sabe..., enfim, o acesso a todos os portugueses, para que se saiba da realidade nacional. Este é na verdade o grande problema do interior.

Daqui para a educação permanente nos domínios concretos e específicos de uma certa região (neste caso seria a formação com vista a um melhor aproveitamento de algumas inovações técnicas e estruturais por parte dos pastores e produtores da região, bem como a sua própria formação, alfabetização em muitos casos, utilização do pouco tempo livre, etc.), vai um passo.

O que é facto é que esta última questão da educação permanente não tem feito história ao longo de 25 anos de programas. Não são os chamados programas de «divulgação» que têm cumprido esta função, embora algumas das vezes se aproximem dos objectivos de um programa desse âmbito. Seria bom que a RTP pensasse também nesta lacuna da sua orientação global.

TELECRÍTICA

Rui Cádima



Revisão constitucional Belém e PRP: ausência na informação

De novo, e à semelhança do que tinha acontecido há poucos meses aquando da discussão na Assembleia da República do Orçamento Geral do Estado, mais uma vez agora em relação à discussão do projecto de revisão constitucional, a RTP anunciou cerca de 15 minutos antes do Telejornal de terça-feira, um programa referente a esses debates (tempo que com certeza seria distribuído por todos os partidos) — só que os não transmitiu.

Como da primeira vez, julgamos que o facto se fica a dever a desentendimentos entre os partidos políticos no que concerne à distribuição dos tempos e à orientação geral a seguir ao longo de todo o processo de revisão. Mas, agora como dantes, o que é facto é que pela sua não transmissão quem fica a perder não são os partidos, nem porventura nós, telespectadores, mas, com certeza, mais directamente o próprio regime democrático.

É lamentável que estas transmissões televisivas não sejam acordadas no seu devido tempo. Talvez aqui caibam algumas culpas à própria televisão, mas o que interessa desde já é resolver o mais rapidamente possível este diferendo ou este impasse e concretizar de facto estas transmissões que se nos afiguram da maior importância para todos quantos se interessam pelos grandes debates parlamentares e pela discussão das grandes questões nacionais.

Não esquecer ainda relativamente a este caso que não se trata aqui, de modo nenhum, de uma teimosia nossa sobre algo a que eventualmente não se dará grande importância noutros países. O que se passa é que os organismos internacionais representativos das nações a isso aconselham nas próprias recomendações relativas à utilização da radiodifusão na transmissão dos debates parlamentares.

Ainda no domínio das meras conjecturas para referir o recente

convite feito ao Presidente da República, ao que se presume pela direcção de informação, que tanto tem sido acusada de falta de isenção quer pela Presidência quer pela oposição, quer ainda por alguns sectores menos ortodoxos da própria maioria.

Curioso este convite, vindo exactamente de quem tem sido fiel servidor de um estilo de contra-informação que em nada tem beneficiado Belém (enfim, nem Belém nem quem quer que seja, uma vez que a manipulação e a falta de profissionalismo não podem beneficiar nada nem ninguém, ainda que aqueles que se julgam beneficiários de uma tal prática pensem o contrário...), mas, dizíamos, curioso este convite essencialmente porque assume o lado da provocação, sem sombra de dúvida. Resta-nos esperar e ver se o futuro justifica uma qualquer contrária...

Mais recentemente foram os próprios presos do PRP que vieram mais uma vez constituir motivo de censura e motivo de análise pelo tratamento que entretanto a RTP/1 lhes tem dispensado nesta última fase. Poder-se-á mesmo dizer que para o Telejornal uma coisa é Bobby Sands (que abriu por diversas vezes o principal bloco da «1», antes e depois da sua morte) e outra coisa são os presos políticos portugueses (estes, para o telejornal não existem praticamente...). Motivo de censura, portanto, mas dizíamos também motivo de análise inclusive nas bancadas da maioria e por quem talvez se não esperasse... A «2», entretanto, que já havia sido perseguida por fazer aquilo que em qualquer canal comercial seria certamente elogiado, continua a dar uma atenção particular ao caso, tendo chegado mesmo a entrevistar Carlos Antunes quando este compareceu aqui há dias no tribunal. Esperemos agora que não haja outro processo sobre os profissionais da RTP/2...

Sexta-feira, 25 de Junho de 1982

TELECRÍTICA

Rui Cádima



Revisão e PR Mundial e Telenovela são tema «Top»

DE um dia para o outro muita coisa pode acontecer... De facto, relativamente à nossa crónica de ontem onde falávamos da ausência de alguns temas nacionais na informação televisiva, o Telejornal do dia seguinte (o de quarta-feira — o nosso texto havia sido escrito na véspera) veio repor alguns pontos nos ii ainda que de forma não totalmente satisfatória.

Assim, e em primeiro lugar, temos que nos congratular com aquele novo período de emissão que surgiu ainda antes do Telejornal relativo à revisão constitucional. Depois de um trabalho extremamente longo durante o qual os diversos representantes dos partidos que prepararam a revisão esboçaram o acordo final (período do qual nós pouco sabemos através dos meios de comunicação social, ainda que duas ou três mesas-redondas tivessem sido realizadas pela RTP), é agora a altura de discutir publicamente o que será essa revisão. Em boa hora pois a televisão achou que deveria conceder — como é da lei, aliás, — aos partidos políticos, tempo de emissão que lhes permitisse defender as suas teses, apresentar enfim aos portugueses os resultados do seu trabalho.

No dia aprazado para a primeira destas emissões, mais uma vez, aparecia um «branco» na programação, coberto na circunstância pelo «Terço dos Mais novos». Nós, já habituados a este tipo de alterações, recebíamos que viesse a acontecer com a revisão constitucional o mesmo que já havia acontecido com a discussão do Orçamento Geral do Estado. Felizmente que os nossos receios não se concretizaram. Logo no dia seguinte, anteontem) o programa em questão ia para o ar. Considerações genéricas dos diversos partidos sobre a revisão foram obviamente o tema. Foram pois 15 minutos de grande importância para todos — assim todos os portugueses

saíam ver neste espaço uma pequena tribuna parlamentar de indiscutível interesse nacional. Só talvez uma coisa a alterar: o seu horário de emissão que por enquanto é certamente provisório devido às transmissões do Mundial.

Mas na nossa crónica de ontem não falávamos só nesta questão. Referimo-nos também ao convite a Ramalho Eanes para estar presente no programa «Primeira Página» a responder a perguntas de três directores de jornais. Ironia do destino: um dia depois de falarmos na questão o Telejornal dava a resposta de Belém: uma negativa que se justificava pelo receio do Presidente interferir com as suas declarações no andamento dos trabalhos da revisão constitucional... Há sempre respostas e respostas... Esta talvez seja a mais diplomática a uma televisão que faz coro com o governo nos ataques ao P.R. Com isto não queremos dizer que tenha havido alteração na orientação da informação televisiva... Um convite como este não quer dizer necessariamente que tenha havido uma mudança na forma como o Lumiar está a ver Belém... Bem pelo contrário... Mas aguardemos.

Está agora a acabar a primeira fase do Mundial. Desta quarta-feira de que vos falamos vimos o Brasil-Nova Zelândia — um jogo que já se sabia à partida que não ia ter história, mas que a RTP mesmo assim achou por bem transmitir. Este género de jogos, apesar mesmo dos laços afectivos que nos ligam «escrete», só tem vindo a fazer com que a telenovela atinja índices de audiência inesperados. Parece que todos aqueles que não são amantes do desporto-rei se guardam para a «Vila Faia» como forma de retemperar as forças de tanto futebol. E, curioso, esse é um bom sinal. É mesmo um sinal de bom gosto — e logo pela produção nacional, quem diria...

Sábado, 26 de Junho de 1982

TELECRÍTICA

Rui Cádima



O audiovisual e o êxito no ensino

DIREITO, acesso e êxito (ao) e no ensino foi algo de novo introduzido entretanto nesta revisão constitucional exactamente por Teresa Ambrósio como com certeza todos se aperceberam no tempo de emissão dedicado aos trabalhos da Assembleia da República em torno desta longa questão.

Teresa Ambrósio, ao que rezam as crónicas, foi inclusive um pouco teimosa na defesa da introdução da expressão, ou melhor, da palavra «êxito» na nova formulação da lei, relativa às questões genéricas da educação, questões que agora começaram a ser discutidas para aprovação final.

Todos sabemos como este tipo de questões merecem sempre uma atenção pouco habitual por parte dos pais, dos professores e dos próprios alunos, mas o que é facto é que poucas vezes as leis merecem o acordo de todos... A nossa crónica de hoje tenta dar um pouco de continuidade à discussão dos problemas do ensino mas colocando em evidência a importância dos meios de comunicação na educação em geral e numa nova perspectiva do ensino em particular.

Impõe-se de qualquer modo aqui uma referência a uma nova alteração que o ministro Vítor Crespo deixou para aprovação relativamente à substituição da disciplina «Introdução ao Jornalismo» (cadeira de opção do 10.º ano de escolaridade) por uma outra essencialmente voltada para o âmbito das relações públicas... Isto, no fundo, traduz toda uma filosofia que quase deixa transparecer um secreto desejo de arrepiar caminho exactamente na área em que se adivinhava que algo de positivo e avançado viesse a acontecer. E não só arrepiar caminho, mas, também, transgredir em relação ao próprio futuro da sociedade de comunicação que se avizinha (bem como banalizar pelo lado mais negativo — o do comércio — os cursos que antecedem a entrada na Universidade...).

O êxito na escola de que falava a deputada Teresa Ambrósio na TV, no período que agora é concedido aos partidos para discutirem as questões relativas à revisão constitucional, passa também por aqui, isto é, passa por uma reformulação da cadeira «Introdução ao Jornalismo» e não pela sua abolição pura e simples como ficou proposto pelo ministro Vítor Crespo — medida contra a qual todas as vozes da comunicação social e das escolas se devem levantar.

E isto por uma razão muito simples: é que a nova pedagogia passa hoje por uma resposta decidida ao novo desafio que se levanta no domínio da educação futura, sobretudo naquilo que mais a prende com a utilização dos chamados novos media: a televisão, o vídeo, a informática e a telemática.

De facto, para que se consiga uma evolução progressiva nesse domínio é absolutamente indispensável partir por exemplo de uma disciplina como o é a «Introdução ao Jornalismo» e depois aperfeiçoá-la, ramificá-la nos diversos sentidos já de todos conhecidos, nomeadamente no âmbito dos audiovisuais.

Será curioso por exemplo acrescentar que em França o governo socialista, através do seu ministro da Educação, Alain Savary, prevê que a curto prazo sejam introduzidas profundas alterações no ensino secundário com a aprendizagem obrigatória do essencial relativo aos meios e às linguagens audiovisuais. De qualquer modo não se pense que a França seria pioneira neste caso. Por toda a Europa do Norte, nomeadamente, já de algum tempo a esta parte que diversas experiências têm sido realizadas com êxito. Um êxito que tem o seu fundamento no facto de se tratar de uma perspectiva de futuro. Assim ela fique estabelecida na Constituição e na orientação da educação em Portugal. Infelizmente não é isso que parece estar a acontecer.

LEAKING

Praga, com Ivette Silva, António Almeida e Joel Branco. Não aconselhável a



M.R.S.: moderador de debates de TV

O programa «1.ª Página», que vimos terça-feira à noite, veio repor algumas dúvidas em todos nós quanto ao que se poderia considerar, ultimamente, ser uma «abertura» política no plano da informação nacional, nomeadamente no que diz respeito aos programas não-diários.

E digo dúvidas exactamente porque numa mesa-redonda de tão grande responsabilidade nacional quanto a uma das mais complexas discussões políticas dos últimos anos (a revisão constitucional e os poderes do Presidente da República), a RTP, entre outras coisas, escolhe para moderar o debate, uma vez mais, uma sua jornalista de fracos recursos (como o tem provado ser Margarida Marante). Mais grave ainda: para além dos fracos recursos demonstrados, Margarida Marante enferma de um outro que é de facto extremo em circunstâncias semelhantes: refiro-me ao facto de se tratar de uma jornalista que é simultaneamente militante do principal partido da actual maioria, que era (por acaso...), neste debate, um dos principais oponentes de qualquer que fosse a posição quase diria favorável a Belém, que eventualmente ali viesse a surgir.

Isto não quer dizer que o jornalista militante não consiga, por sistema, desvincular-se dos princípios e orientações políticas momentâneas e pontuais do seu partido. Consegue-o, mas é raro. Margarida Marante, para além de o não ter conseguido nesta mesa-redonda, não conseguiu ainda ter sido sequer a sua moderadora. Inclusive o chamado «ponto final» do debate em jeito de cômputo coube não à jornalista, como lhe competia, mas sim ao ministro dos Assuntos Parlamentares, Marcelo Rebelo de Sousa, que, para além de um excelente polémico e acusador político número um da maioria, viu-se neste novo papel de moderador de debates televisivos, tare-

fa que aliás cumpriu com grandes discrição e eloquência.

Isso parece, em todo o caso, não ter passado despercebido ao grande público. Foi de facto por demais evidente a falta de preparação de Margarida Marante para ombrear de forma capaz sobre matéria tão delicada (que se está aliás a divulgar nos meios de comunicação de massa de forma algo incompreensível). Na verdade a discussão dos poderes do Presidente quase não foi tocada, pelo menos se o vímos em termos de comparação com todas as outras questões afloradas.

A questão de se ser independente ou não e quais as incidências morais e políticas de uma tal «flutuação», de uma tal «frontalidade» ao sistema pluripartidário (como também foi referenciado de uma forma assaz capciosa), foram questões amplamente polemizadas entre alguns dos participantes e aquele que foi o «eleito» pelos responsáveis por este debate para estar ali a fazer de Ramalho Eanes, espécie de alvo privilegiado, émulo da ex-CNARPE, figura de independente que não era decididamente interpretada como tal... Refiro-me, como já perceberam, a Me-deiros Ferreira.

Foi pena de facto que pessoas mais comprometidas com as posições vindas a público da área de Belém não tivessem estado ali presentes para se debaterem mais abertamente com os outros convidados, representantes partidários. E digo que foi pena porque há que ter consciência de que as relações entre os partidos, o Governo e a Presidência da República têm sido de tal modo gravosos para o sistema democrático (e para o entendimento que os portugueses fazem de todo este processo), que deixá-los de ierto modo em branco foi o pior serviço que era possível prestar.

Em não o ter reconhecido, reside talvez a única falha do moderador da noite — que não foi Margarida Marante, mas sim, e bem, Marcelo Rebelo de Sousa.



Enxovalhada a memória de Jacques Lacan

JACQUES Lacan: um nome demasiado importante (da cultura contemporânea) para passar despercebido num dos seus talvez únicos aparecimentos na Televisão portuguesa.

Foi sexta-feira à noite num programa especial intitulado «Encontros com a Psicanálise» — programa que foi para o ar na RTP/2 e que começou sensivelmente à mesma hora do concurso de Artur Agostinho — facto que, quer pelas características do programa e do seu tema em si quer pela popularidade de que goza o concurso de Artur Agostinho, não foi, com certeza, visto por mais de 1 a 2 por cento da audiência total dessa noite. Entre esses 1 a 2 por cento, obviamente estaria grande parte dos estudantes, especialistas e neófitos da Psicanálise de uma forma geral.

Jacques Lacan morreu em Setembro do ano passado, com 80 anos de idade e, segundo rezam as crónicas, desses 80 anos de vida de grande importância para a Cultura e a Ciência deste século e dos próximos, poucas imagens existem em arquivo sobre o psicanalista e o seu pensamento. Um pouco adverso ao *media* sempre a fugir a entrevistas (e de certo modo sempre a esquivar-se ao encontro com os auditórios que ele sabia à partida que o não iam entender, mesmo apesar de ele ter afirmado o contrário a Benoit Jacquot que fez um outro filme sobre ele para a Televisão francesa), Lacan nunca permitiu que os seus famosos «Seminários» fossem filmados.

O filme que vimos agora — um documentário com uma pequena entrevista a Lacan, a participação do psicanalista belga Van Reeth, professor em Paris-7 e também com extractos de uma conferência proferida pelo «mestre» na Universidade Católica de Louvain, na Bélgica, foi realizado por uma belga, Françoise Wolff, que segundo cremos é ainda a responsável pela série de programas em que este documentário se insere. Ainda segundo cremos — e dado que Fran-

çoise Wolff, também entrevistadora e apresentadora do filme assim o anunciou, haverá uma segunda parte na próxima sexta-feira na continuação do trabalho agora visto, que terá como participantes nomes famosos como os de Thomas Szasz e de Leopold Szondi. O filme foi realizado recentemente, mas os extractos que vimos da Conferência de Louvain datavam certamente dos finais dos anos 60/princípios dos anos 70 (lamentavelmente a conferência não foi datada nem nós conseguimos saber em que ano ela realmente se realizou).

Antes da sua transmissão um psicanalista português, r. Pedro Luzes, surgiu nos pequenos *écrans*, para apresentar aos telespectadores o filme e a controversa personalidade de Lacan.

Foi de facto lamentável que perante uma figura de tão grande prestígio a nível mundial e perante também um cientista de tão grande importância no plano das Ciências Sociais e Humanas, aparecesse a figura tão soberba e ridícula do Dr. Luzes a tentar em duas ou três pinceladas de altivez destruir ou menosprezar todo o trabalho desenvolvido ao longo do século por Lacan — a quem ele chamou o bruxo da psicanálise, para depois emendar para «a bruxa», devido àquilo que Luzes pretendeu ser a transformação do ídolo paternal em protótipo maternal, efeminado, mutação que se teria operado depois de sua expulsão da Sociedade de Psicanálise Internacional, em 1964.

Queremos aqui deixar, pois, o nosso protesto por a RTP, numa circunstância tão particular — e que para além do mais se deveria sempre afirmar pela pedagogia e pela clareza em relação àquilo que nos traz de novo, optou pela «polémica» sem nexo, desabrida, na apresentação de um nome novo para os telespectadores, ainda por cima sem ter sido ouvido o outro lado. Foi de facto uma apresentação pouco clara e pouco digna. Não por aquilo que pensa o Dr. Luzes, obviamente, mas por não ter sido cumprida a função da Televisão.

Terça-feira, 29 de Junho de 1982

TELECRÍTICA

Rui Cádima



Nova grelha eternas cabalas velhas «gaffes»

MARIA Elisa: pessoalmente acho que mais jogo menos jogo de um Campeonato do Mundo de futebol não tem realmente grande importância em termos absolutos, no que diz respeito obviamente a uma grelha de programas de televisão. Poder-se-á dizer, inclusive, que o exagero não é só da televisão portuguesa — é geral. Só que a RTP exagerou um pouquinho mais e logo no conjunto dos jogos relativos à primeira fase do Campeonato, fase que, como sabe, é significativamente menos interessante que a que se lhe segue imediatamente. E menos ainda do que a fase final.

Ora daquilo que V. disse no «Cartaz TV» — e nomeadamente que a televisão francesa iria transmitir mais jogos do que a televisão portuguesa —, isso é de facto verdade, na totalidade dos jogos, entre diferidos e directos, embora os dois canais franceses tenham transmitido mais diferidos do que a RTP. Mas foi pena que V. não tivesse falado do exemplo da Rede Globo, velha raposa nestas coisas, que como sabe tem em Madrid o maior número de profissionais de televisão estrangeiros (para além do mais), e que vai transmitir, no total, menos jogos para o Brasil que a RTP para Portugal. Ao tentar atingir este ou aquele órgão de informação a Maria Elisa ocultou este dado, por exemplo este, que teria sido extremamente útil para o auditório se aperceber que na realidade houve um exagero no número de jogos que a RTP aceitou transmitir. De facto não vi razão para um tal ataque aos jornalistas (com *slide* da programação francesa e tudo...). Acho que se há razão por vezes para a Direcção de Programas repor alguns pontos nos ii, este não foi um exemplo tratado com grande felicidade porque sobretudo se trata de um caso em que as reclamações são extremamente justas. Da maneira que o problema foi apresentado fica a ideia de que há cabalas e há certos nos órgãos de comunicação social relativamente à Direcção de Programas e à sua política,

quando penso que é de facto o contrário que acontece: não foram os críticos de televisão e, enfim, os jornalistas que escrevem sobre a televisão, que deixaram de responder a eventuais convites, trocas de impressões, apresentações de programas, etc. Foi exactamente a Direcção de Programas que deixou de os convidar, incompreensivelmente, para tal. Penso que a RTP perde com isso. Mesmo quando há um pouco mais de virulência ou de sarcasmo por parte de quem escreve não é caso para tanto.. Terríveis serão os tempos em que a televisão deixe de ser vista com essa saudável verrina, sempre necessária para comentar um serviço público de efeitos tão desastrosos...

Relativamente ao mapa-tipo que agora veio apresentar, através do pequeno écran — e não como em tempos tinha o hábito de fazer, aliás muito respeitosa e diplomaticamente, para a Imprensa em primeiro lugar —, pouco há a dizer (e isto é já muito bom sinal, sem dúvida).

Vimos que vão finalmente haver alguns programas de produção nacional que surgem como verdadeira alternativa, pelo menos potencial, aos que agora, domingo passado, nos deixaram; vimos que foram escolhidas também algumas boas séries estrangeiras (confiamos no gosto da Directora de Programas neste campo), vimos que se estão a produzir algumas séries portuguesas (muito poucas, apesar de tudo) que, segundo disse, vão dar trabalho aos actores portugueses (pobres deles se estiverem à espera da televisão...). Uma nota negativa — muito negativa mesmo — tem de ir mais uma vez para o abandono das crianças às séries estrangeiras. Para quando, Maria Elisa, a prioridade às crianças em termos de produção nacional?

A terminar: não perdoo a «gaffe» televisiva do ano: 4 óperas de Wagner em Beirute! Beirute, para mim, é no Líbano... Não quereria dizer Bayrouth, na Alemanha Federal, «santuário» wagneriano?

Quarta-feira, 30 de Junho de 1982

TELECRÍTICA

Rui Cádima



A nossa homenagem ao «Passeio»

HOJE impõe-se que façamos aqui uma breve homenagem às 58 emissões do «Passeio dos Alegres». Não o fizemos ontem porque como estão lembrados no mesmo dia em que se fazia o «enterro» do programa do Júlio Isidro a Directora de Programas da RTP, Maria Elisa, aparecia no «Cartaz TV» com o objectivo de apresentar os novos programas do mapa-tipo de Verão. Ontem, portanto, referimo-nos superficialmente à nova grelha de programas que vai entrar no ar; entretanto, hoje, as honras desta coluna vão para a(s) equipa(s) do «Passeio» (e não só...).

O último programa desta longa série de 58 anunciava desde logo, através do cenário de João Rosa, o cunho hollywoodesco simultaneamente fúnebre da ocasião. No entanto, com o decorrer da festa, ver-se-ia que a memória de que foi feito o programa não era passadista nem saudosista, menos ainda carpedeira, mas sim privilegiado ponto de encontro de muitos dos melhores que ao longo de mais de um ano foram fazendo, domingo a domingo, um dos programas de maior êxito da história recente da televisão portuguesa. E essa arte de fazer confluír as audiências sem as tratar descaradamente de ignorantes e idiotas é sem dúvida arte difícil... A verdade é que Júlio Isidro, de forma algo modesta, naquele tu-cá-tu-lá a que ele nos habituou, conseguiu de facto fazer algo extremamente difícil: criar um consenso nacional entre a vasta audiência que o programa teve, com o número recorde de 4 milhões de telespectadores em Maio do corrente ano, segundo números da casa (que apesar de extremamente falíveis, deveriam ter mesmo acertado neste caso concreto...)

Por lá passaram nesta última emissão passados dos melhores do «Passeio». Bandas rock, obviamente estiveram quase todas, à excepção de algumas do Porto (logo por sinal das melhores como os Jáfumega, os Roxigénio e os GNR), mas estiveram os Taxi, esteve Rui Veloso — de cá de baixo estiveram também os «habitues»: os Heróis, os UHF, a Lena d'Água, Rock e Vários. Gri-

po de Baile, etc. O rock foi momento alto, mas a poesia, com Mário Viegas (sobre Mário Henrique Leiria), não o foi menos. Volto ao cenário de Jorge Rosa para referir um outro pormenor a ele associado: o «pastiche» da atribuição hollywoodesca dos óscares que neste caso foram «chónes» — *gold chónes*... Às duas por três aquilo já parecia uma cópia das homenagens do American Film Institute... Foi, de facto, uma ideia curiosa, sobretudo se pensarmos que com ela se pretendeu sobretudo premiar os trabalhadores da RTP que tornaram possível aquilo que todos sabíamos ser e sempre um pequeno milagre — domingo a domingo.

No final também foram fornecidos os «números» do «Passeio». Aqui os vamos deixar, para que não se percam, na fluidez dos néons televisivos...

58 emissões que correspondem a 230 horas de programação; 90 artistas nacionais a que corresponde a participação de 350 pessoas; 30 artistas estrangeiros (cujas particularidades, extraordinárias, diga-se, é não terem custado um dólar à RTP!), a que corresponde a participação de 65 pessoas; 75 telediscos (isso é que foi promoção!); 18 longas-metragens; 8 grupos de teatro; 90 passatempos; 55 reportagens; e ainda ranchos, coros, grupos de dança, de ginástica, artistas de circo, etc., etc. Ainda um acréscimo de audiência que segundo algumas sondagens (que não em grande precisão, como se sabe) passou dos 12 para os 72 por cento!

Bom, tudo isto é muito bonito, mas agora é tempo de aguardar pela próxima ideia do Júlio Isidro que terá com certeza o seu lugar na RTP.

E já agora, num domingo de despedida tão diferentes só temos pena que o Bom-Dia Domingo não se possa reclamar da mesma inteligência do «Passeio». Muito provavelmente o programa do Luís Pereira de Sousa e de Maria João vai voltar nos mesmos moldes. Gostaríamos que isso fosse evitado. É que o Bom-Dia Domingo é um programa dúbio e por isso perigoso. Mas a seu tempo lá iremos...

Quinta-feira, 1 de Julho de 1982

TELECRÍTICA

Rui Cádima



Belarmino ou os campeões também vão ao tapete

ANTECIPANDO-SE ao início do ciclo de Verão que se anuncia sobre cinema português — «de Manoel de Oliveira a Paulo Rocha» (assim tituló a RTP esta curta série) terça-feira passada, no «Cineclube», exactamente ao mesmo tempo que na RTP/1 se dava início à segunda parte do Alemanha Federal-Inglaterra, na RTP/2 Fernando Lopes iniciava a apresentação do seu filme sobre Belarmino Fragoso, antigo campeão nacional de boxe, falecido recentemente.

Muito poucos terão deixado o futebol para ver aquelas sequências nervosas de um ex-campeão aos muros ao sacco, campeão cansado, agora num combate muito mais violento — o combate pela sobrevivência num dia-a-dia quase sempre feito de derrotas...

Poucos decerto viram ou reviram o filme de Fernando Lopes... Eu, posso dizê-lo, quase que o reví na íntegra, com uma ou outra fuga do jogo entre alemães e ingleses — que entretanto prosseguia nulo em golos e em espectáculo. E mais uma vez fiquei como que deslumbrado pela crueza das imagens e pela violência das perguntas que Baptista-Bastos lhe ia pondo, num *voz-off* constante, quase fantasmático, também espécie de alterego do pugilista, duelo de gigantes, mas sobretudo afirmação televisiva — ou cinematográfica, ainda que em off, dessa velha raposa do jornalismo que ainda hoje professa o culto e dá pelo nome de BB, melhor: Baptista-Bastos.

Aliás, o filme era todo ele uma crónica de bons e velhos malandros destas últimas artes... Fernando Lopes teve como director de fotografia essa «instituição» da fotografia em Portugal que se chama Augusto Cabrita (ainda por cima assistido por um jovem

que hoje é um dos preferidos de Manoel de Oliveira — Elso Roque); Alexandre Gonçalves era o responsável pelos efeitos sonoros. Enfim, no conjunto era na realidade uma superequipa — e compreendia-se que dela saísse um filme, um documentário — «cinema-verdade» — aquilo que lhe queiram chamar, verdadeiramente singular.

Belarmino era por seu lado o malandro máximo, peça do «mobiliário» da Mouraria e do Bairro Alto...

Sem papas na língua lá foi dizendo as suas verdades, extremamente cruéis, e que hoje, a quase vinte anos de distância, espantam sobretudo pelo lado «económico» da questão... Que ganhava combates com uma bola de berlim e um copo de leite no «buche», quando ganhava... Ou que tinha combates em que o que ganhava era um par de sapatos em segunda mão... Ou ainda que às vezes lá tinha que pedir cinco croas aos amigos para levar a mulher e os miúdos a ir comer uma económica e um pão, e dar uma gorjeta ao criado.

Belarmino-filme é assim... Um documento de rara beleza, ponto alto da cinematografia portuguesa dos anos sessenta e seguramente um dos filmes do Fernando Lopes que eu prefiro.

Não queria acabar sem chamar a atenção para o apelo que o cineasta fez a todos os cinéfilos que seguíam aquele «Cineclube» no sentido de estarem presentes na festa de homenagem que se realizará amanhã, sexta-feira, em homenagem ao Belarmino e cuja receita reverterá a favor da viúva que tanto quanto percebemos está também em situação económica bastante difícil. O apelo aqui fica na esperança de que cada vez menos Belarminos se deixem ficar no tapete quando ainda há muita luta por vencer...

Sexta-feira, 2 de Julho de 1982

TELECRÍTICA

Rui Cádima



Como vão os magazines? — mal, muito mal...

DEDICAMOS a crónica de hoje aos magazines televisivos de produção nacional, nos diversos domínios da área da cultura, a saber: do teatro, do cinema, das artes plásticas, da efeméride, etc.

Começáramos por este último, uma vez que se deve exactamente a «A Data e o Feito», transmitido quarta-feira, antes do «Telejornal», esta nossa ideia de hoje.

Não é a primeira vez que aqui falamos deste magazine de efemérides da autoria de uma jovem equipa externa à televisão onde, salvo erro, participam também alguns técnicos da RTP. Dela se destacam os nomes de Jesé Costa Ferreira, na coordenação, pesquisa e texto, e João Ponces de Carvalho na realização.

Trata-se com efeito de um programa que se poderia considerar modelar no âmbito deste tipo de emissões magazinescas. De características essencialmente enciclopédicas, mas partindo sempre desse dado extremamente curioso que é a efeméride na vida cultural portuguesa — dado curioso e que permite também uma expectativa interessada e sempre recompensada sobre o *quem* e o *quê* escolhidos para o programa, «A Data e o Feito» tem vindo a afirmar-se no panorama da produção nacional de «divulgação», por assim dizer, ou, melhor, no conjunto dos programas que habitualmente passam no horário das 19.20h.

Gostamos sinceramente do programa e explicamos porquê: encontrados os assuntos a tratar na emissão, a equipa, para além de efectuar desde logo um cuidadoso trabalho de pesquisa sobre os temas em questão, convida, para além disso, um especialista, ou alguém que possa colaborar de uma forma informada depondo sobre esses mesmos temas.

Dando-vos exemplos de como

tudo se passou nesta mais recente edição do programa: um dos nomes focados foi Wenceslau de Moraes (1854-1929) — como se sabe um português que se apaixonou no século passado pelo Japão, ao ponto de ser hoje uma figura muito mais conhecida naquelas paragens do que em Portugal. Como se sabe poucas pessoas há para falarem deste grande nome da cultura portuguesa e das suas relações com o Japão. Armando Martins Jancira seria uma hipótese — a melhor sem dúvida; Paulo Rocha seria uma outra hipótese (ele acabou finalmente a sua «Ilha dos Amores» sobre a vida e o espírito digamos assim de Wenceslau), mas quem acabou por ser escolhido — e bem — foi Luís Miguel Cintra que no filme encarna a figura e a memória desse grande português. Aliás a forma como o actor falou de escritor foi, apesar de cautelosa, inteligente, inclusive não esquecendo aquilo que será mais criação do próprio Paulo Rocha, sobre o espírito das ex-mulheres como contributo válido para um reencontro final com a «alma»... Enfim, perspectivas influenciadas pela filosofia oriental... Poder-se-ia ainda falar das participações de José-Augusto França e João de Freitas Branco, bem como da efeméride sobre S. Carlos... Mas o espaço é pouco... e só estes nomes falamos por si...

Infelizmente o que dizemos em relação ao magazine de efemérides não podemos dizer em relação ao magazine de cinema — que está um perfeito caos, nem tão pouco em relação ao magazine de teatro que pura e simplesmente já não existe... E isto é ainda mais lamentável. Por que razão não existe um magazine de teatro semanal da televisão portuguesa??? Artes plásticas, na «1», idem... Livros, idem... Porquê? Alguém me saberá dizer?

NA JOGA
CA A FUGA

TEM
DO A
R TODO
HAVIA-
LANEA-
DI!



alizado
em habi
e

87 31 31
87 22 40
76 11 81
86 31 43
80 41 31
68 35 91

64 70 17
77 54 75
36 81 41
115

Sexta-feira, 2 de Julho de 1982

Quinta-feira, 1 de Julho de 1982

ARTHUR, O ALEGRE CONQUISTADOR — ABCine —

Tel. 803055 — Sala A às 14.30, 16.30, 18.30, 21.45 e 24 horas. Realização de Steve Gordon, com Liza Minelli, Dudley Moore e John Gielgud. Comédia. Não aconselhável a menores de 13 anos.

A FORÇA DA RAZÃO — Alvalade —

Tel. 897480 — 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30. Monte Carlo — 15.30, sábados e domingos às 15.30, 18.30 e 21.30. Indiano. Não aconselhável a

TÁ ENTREGUE A BICHARADA — Adoque —

Tel. 874476 — Segundas, terças e quintas às 21.30, sextas e sábados às 20.30 e 23 horas e domingos às 16 e 21.30. Folga à quarta-feira. Original de Francisco Nicholson e Gonçalves Preto, com Henrique Viana, Delfina Cruz e António Montez. Não aconselhável a menores de 18 anos. Bilhetes: de 100\$00 a 280\$00.

A VIAGEM — Comuna —

Tel. 762624 — Todos os dias, excepto segunda-feira, às 21.45 horas, e sábados e domingos também às 17 horas. Texto de Helder Costa com Carlos Paulo, Carmen Marques e Argentina Rocha.



TÁ ENTREGUE A BICHARADA — Adoque —

Tel. 874476 — Segundas, terças e quintas às 21.30, sextas e sábados às 20.30 e 23 horas e domingos às 16 e 21.30. Folga à quarta-feira. Original de Francisco Nicholson e Gonçalves Preto, com Henrique Viana, Delfina Cruz e António Montez. Não aconselhável a menores de 18 anos. Bilhetes: de 100\$00 a 280\$00.

A VIAGEM — Comuna —

Tel. 762624 — Todos os dias, excepto segunda-feira, às 21.45 horas, e sábados e domingos também às 17 horas. Texto de Helder Costa com Carlos Paulo, Carmen Marques e Argentina Rocha. Não aconselhável a menores de 13 anos. Bilhetes: 150\$00.

CULTURA-ESPECTÁCULOS

13

TELECRÍTICA

por Rui Cádima

Cinema português e exteriores em força: um dia em cheio

O «Festival de exteriores» assim se podia chamar ao dia de sábado. Começámos logo de manhã com a Fórmula 1 e o circuito de Zandvoort, prosseguimos depois de almoço com a final de senhoras, do torneio de ténis de Wimbledon, continuámos com o vrrum vrrum, agora em directo do autódromo do Estoril, com os «stock cars» — espectáculo às moscas, para variar, — acabámos a tarde com um «directo» do Festival da Força Aérea — e como se isto não bastasse, a informação obrigava à «regionalização» para terras de Trás-os-Montes e a noite fechava ainda de um exterior de Cascais com a 18ª. Corrida de Touros/TV.

Um dia em cheio, no que diz respeito às transmissões, uma significativa jornada para todos os profissionais da RTP que estiveram empenhados de um modo ou de outro em todo este

trabalho de reportagem em directo, ainda que, nalguns casos, a qualidade técnica das transmissões muito tivesse deixado a desejar, quer sob o ponto de vista técnico, da imagem, quer na qualidade do som (falhas técnicas que se verificaram sobretudo no trabalho do autódromo, no de Vila Real e no de Cascais). Mas do fim-de-semana ressaltaria sobretudo algo que vinha já na continuação do que se havia passado durante a semana, exactamente na área da produção cinematográfica nacional. Referimo-nos à estreia de sábado, no segundo canal, do ciclo «Documentarismo Português» da responsabilidade de José de Matos-Cruz, técnico da Cinemateca Portuguesa que acompanhou de perto o importantíssimo trabalho de Félix Ribeiro no que diz respeito ao levantamento filmográfico e documental da cinematografia portuguesa. E dissemos que vi-

nha na continuação de um outro trabalho precisamente porque ao longo da semana anterior algo de especial havia acontecido relativamente à presença do cinema português na RTP. Referimo-nos ao início de um ciclo de filmes portugueses a que a televisão decidiu chamar «De Manuel de Oliveira a Paulo Rocha, ciclo este que irá decorrer ao longo destes meses de verão às quintas-feiras à noite.

Curioso é notar que dois dias antes deste ciclo começar, isto é, no «Cineclube» de terça-feira da semana passada já havia passado «Belarmino» de Fernando Lopes, conforme nós aqui nos referimos, aliás. Isto quer dizer que, no fundo, o tal ciclo de cinema português começou ainda antes do dia em que a RTP anunciou que ia começar... Quem planeou o ciclo com certeza que se esqueceu da passagem do «Belarmino» - ou então considerou-o produção estrangeira ou qualquer coisa assim...

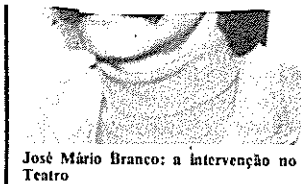
Sempre bem estruturada esta RTP...

O que é certo é que oficialmente o ciclo de cinema português recairá só sobre as quintas-feiras e será sempre apresentado pela mesma pessoa - Helena Vaz da Silva, no caso, que se estreou com o «Aniki-Bobó» de Manuel de Oliveira, quinta-feira passada, com um texto que mais parecia uma crítica para o «Expresso». Lá esteve Helena, lendo, relendo, citando, recitando, explicando, tudo sem necessidade... Ou por outra: exagerando ainda mais do que o António Pedro de Vasconcelos...

Curioso, aqui também é de notar o facto de Helena Vaz da Silva ser, como disse, uma simples apresentadora das sessões não tendo por isso qualquer responsabilidade na escolha dos filmes... (Se alguém souber explicar estas políticas televisivas que «apite»...).

Vera Mónica, Maria Tavares e Maria. Não aconselhável a menores de 18 anos. Bilhetes: de 80\$00 a 300\$00.

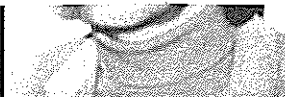
ERNÃO MENTES? — A Barraca — Tel. 686300 — De quinta a sábado às 21.30, domingo às 16 horas. Folga à segunda-feira. Adaptação de Helder Costa da «Peregrinação» de



José Mário Branco: a intervenção no Teatro

anos. Bilhetes: de 80\$00 a 300\$00.

ERNÃO MENTES? — A Barraca — Tel. 686300 — De quinta a



CINEMAS

Filmes em estreia

ARTHUR, O ALEGRE CON-
QUISTADOR — 7.ª Arte —
Tel. 730716

vidos em casos

CULTURA - ESPECTÁCULOS

8 Julho 1982

TELECRÍTICA por Rui Cádima

Viagem às ilhas
da costa portuguesa

SEM dúvida que há muito tempo não víamos ser apresentado um trabalho de reportagem com uma informação tão vasta como foi o «TV Repórter» de terça-feira na RTP/1, com a assinatura de Jorge Passarinho.

O objectivo, umas vezes conseguido outras não, era sobretudo darmos uma panorâmica geral sobre as várias ilhas que se espraiam ao longo da costa portuguesa e que são de facto ainda mal conhecidas em termos de imagem televisiva. Digase desde já que esse grande objectivo foi plenamente cumprido.

Assim, das Berlengas para a ilha do Pessegueiro (esta ainda na costa ocidental, a alguns quilómetros a sul de Sines, ilha de reduzidas dimensões), e desta para as várias ilhas algarvias, todas elas visitámos através da resposta de Jorge Passarinho.

Em primeiro lugar, portanto, as Berlengas. A equipa de reportagem parte no barco que habitualmente aos fins-de-semana mantem um serviço de ligação entre as ilhas e Peniche. Imagens da viagem, o enjoo a bordo, de todos conhecido com certeza (mesmo daqueles que nunca lá foram de tal modo é

afamada a difícil viagem de uma hora), e de imediato a chegada. Em montagem paralela são-nos dadas outras imagens desta vez captadas de helicóptero. Nesta nova perspectiva excelentemente conseguida, aliás, e obviamente complementar da primeira, ficámos com uma ideia plena da paisagem e do recorte geográfico das Berlengas como de facto nunca (pelo menos na televisão, ao que nos lembremos) víamos. Alguns aspectos foram inclusive extremamente curiosos para quem como nós nunca lá foi: um restaurante-esplanada em pleno funcionamento, as belíssimas escarpas, as grutas penetradas pelos pequenos barcos de motor, e, enfim, aquele pequeno conjunto de casario um pouco mais acima do porto onde habitam algumas das poucas famí-

lias de pescadores que fazem da ilha ponto de partida para a sua actividade piscatória.

Das Berlengas para a ilha do Pessegueiro, fácil de atingir mesmo para o mais vulgar dos nadadores. Dista cerca de duzentos metros da costa, um pouco a sul de Sines como dissemos. Excelentes novidades nos trouxe a reportagem do jornalista sobre esta ilha. Vimos assim encontrarem-se nela as ruínas de uma fortaleza filipina construída durante a ocupação espanhola e vimos ruínas romanas muito semelhantes a todo um conjunto de outras que conhecemos em Portugal, com destaque para as ruínas de Tróia e as de Santiago do Cacém, todas elas datando dos séculos I a IV da era cristã.

Importante foi o apelo lançado no programa para a defesa

deste autêntico parque natural, arqueológico e histórico que é a ilha do Pessegueiro. De facto deve-se ao Gabinete da Área de Sines todo um interesse excepcional pela ilha, interesse aue foi de facto o primeiro responsável pelas escavações registadas e, enfim, pelo estudo da fauna e da flora da ilha. Que a reportagem tenha despertado nos responsáveis do Ambiente, do Património e dos Parques Naturais a atenção que o problema merece é de facto o mínimo que se pede. Ao menos olhemos para esta simpática ilha... Saibamos ao menos fazer aquilo que fenícios, romanos e espanhóis noutros tempos souberam fazer... olhar para a importância da ilha (nessa altura uma importância estratégica do ponto de vista militar...).

Descemos depois ao Algarve. Aí a reportagem «escorregou» um pouco. O jornalista alguns casos entrou de microfone aberto, como se não estivesse presente, embora depois no «off» tivesse corrigido o mal que tinha feito... O problema social, sobretudo esse, ao nível das infra-estruturas do saneamento básico e da escola, foi também tratado, ficando-nos do conjunto uma ideia extremamente agradável que nos apraz aqui registar.

Nota:

Por lapso técnico não foi possível publicar as colaborações críticas televisivas de Rui Cádima, pelo que pedimos desculpas aos nossos leitores e ao nosso prezado colaborador.

A crítica de terça-feira referia-se ao último episódio da série «Enolay Gay». Rui Cádima fazia uma crítica acesa contra a propaganda militarista norte-americana e contra a apologia da Bomba Atómica que transpirava do filme.

Na Telecrítica de ontem, o nosso colaborador destacava o «Estouro» da selecção do Brasil frente à Itália.

TELECRÍTICA

Rui Cádima



Solidariedade ou não

A semana passou a correr — e foram tantos os pontos de interesse que entretanto nos esquecemos de uma série de coisas... Poderão pensar inclusive que se tratará de qualquer coisa de secundário, mas não: na verdade trata-se de algo de extremamente importante, como irão ver.

Começamos por nos referir à nova programação da RTP para o período de Verão, continuámos com uma simbólica homenagem ao programa de Júlio Isidro que havia terminado no domingo, continuámos com Belarmino e com os magazines culturais e de divulgação.

É hoje altura de nos referirmos aqui, a algumas alusões directas e indirectas feitas nos ecrãs televisivos e em referência a determinados casos que têm andado nas bocas do mundo.

Uma primeira questão: recuemos ao «Clube de Imprensa» de segunda-feira passada. Se bem se lembram (...) o programa teve como convidado especial o ministro da Justiça, Menêres Pimentel. A certa altura, quando eram discutidas, entre outras coisas, as sanções atribuídas a alguns profissionais da RTP após a já muito falada reportagem clandestina no Hospital de Santa Maria, Menêres Pimentel disse que não lhe competia pronunciar-se sobre as leis internas da casa (RTP) mas que havia algo que com ele estava directamente relacionado e sobre o qual ele não desejava de modo nenhum fazer segredo... Tratava-se nada mais nada menos de um parecer do provedor de Justiça que em tempos foi solicitado pela administração da RTP exactamente sobre a reportagem feita por jornalistas da «Informação/2» integrados numa equipa do «A Par

e Passo». O parecer foi dado, enviado ao presidente da RTP, e a partir daí o que se sabe (ouvimos da boca de Menêres Pimentel) é que Proença de Carvalho entregou a Manuel João da Palma Carlos o «dossier» sobre o caso, fazendo assim tábua-rasa da posição da Provedoria (é o que se presume uma vez que tudo o leva a crer a partir do momento em que ela não foi divulgada...). Menêres Pimentel demonstrou o seu desacordo pelos métodos seguidos, mas, mais do que isso, trouxe mais uma acha para esta violenta fogueira que acabou por estender-se à própria RTP desde que alguns profissionais seus ficaram sujeitos a ser, inclusive, despedidos, pela reportagem realizada sobre a passagem de Carlos Antunes em Santa Maria. Como alguém disse, eles podem vir a sofrer pesadas consequências por algo que deveria constituir motivo de elogio.

Mais recentemente, um caso paralelo foi noticiado: um jornalista da «1» presente no aeroporto de Lisboa para cobrir um determinado acontecimento, aproveitou a chegada de Basílio Horta do estrangeiro para o entrevistar a propósito de algo de que no momento se falava muito — o caso das bananas de contrabando. Questão idêntica, como é óbvio, e que segundo chegou a ser afirmado iria merecer da administração da RTP igual inquérito...

Em relação a tudo isto só estranhámos o facto de não existir uma cadeia de solidariedade em relação aos jornalistas acusados. Esse apoio ainda não surgiu (tanto quanto sabemos) na RTP; ainda não surgiu na Imprensa ou na Rádio. Importa que isso aconteça. Essa solidariedade é, também aqui, imprescindível.

25/5/82 17

TELECRÍTICA

Rui Cádima



Quem foi a «mãe» da telenovela?

ONTEM distraímos-nos a falar da programação de sexta e de sábado e não tivemos espaço sequer tanto para o «Aqui e Agora» como para a reportagem sobre o conflito entre a Inglaterra e a Argentina, tratado num especial «Grande Reportagem». A noite de sábado seria ainda preenchida com a série «Dallas» — o enjoo supremo da actual programação a emparecear com o menos criativo da produção nacional. «Dallas» é... Dá-las... É um padrão esgotado... para português ver. Resta saber qual a importância que o público em geral está a atribuir a esta série, agora. Os japoneses é que tiveram juízo: oito por cento de audiência, série fora do mapa-tipo. Mas ainda haverá quem queira ver «Dallas» aos sábados à noite?

Fora o «Dallas», há que fazer uma referência ao excelente trabalho de colagem feito pela equipa de Barata-Feyo em torno do conflito das Malvinas. Foi, de facto, muito e bom o material reunido, registos vindos da Argentina, da RFA, da Inglaterra, entrevistas feitas aqui em Portugal aos embaixadores dos países beligerantes, comentários, no estúdio, de Barata-Feyo e Albarán. Só um senão a apontar a esta emissão: o facto de ela ter ido para o ar num horário mais próprio para o musical, o humor ou as variedades.

Ainda quanto ao «Aqui e Agora» penso que a última emissão sobre os «interiores» da telenovela portuguesa foi seguramente uma das raras emissões, se não mesmo a única, em que o programa conseguiu chegar àquilo que lhe é exigido naquele horário de que desfruta. Fê-lo um tanto timidamente, ou não fosse a Teresa Cruz, ali, a estagiária com pouco jeito para a função. No es-

túdio, por outro lado, para além da sua nudez, esteve um Eduardo Moniz também sem jeitinho nenhum para estas coisas. Nós estamos tão habituados a vê-lo saber ser fiel ao comissário, que de verdade, apesar da sua boa vontade, não o conseguimos ver a desempenhar o seu papel. Fica-lhe melhor o de comissário. No seu lugar poderia ter aparecido o conhecido jornalista Torquato da Luz, que, segundo se disse — e nós temos oportunidade de ver todas as noites no genérico de «Vila Faia» —, tem espilhado por cima e por baixo o que se passa com a produção e a realização da novela, ravelando-se assim um eminente «expert» nestas coisas do audiovisual, não parecendo ser para si de modo nenhum um novel mister, mas antes uma velha arte. Torquato da Luz, jornalista, supervisor de telenovelas, director de programas do segundo canal, funcionário da RTP, teria sido certamente o mais competente «pivot» daquele «Aqui e Agora». Ficou-se por aquela pequena intervenção, enganando-nos, assim, sobre a sua competência e a sua falta de modestia. Que pena Torquato! Você fez ali tanta falta! Juro!...

E porque não dar... Parabéns a toda a equipa, que mesmo assim, com certas deficiências, produziu e realizou este trabalho, de facto sobre matéria própria para aquele horário. E que saibam partir daqui para desmpegnarem os cacos e as cucas de comissários mal engendrados.

Em vésperas do Dia da Mãe não deixou de ter a sua piada a revelação feita por Thilo Krassman de que o «pai» da telenovela tinha sido o dr. Proença de Carvalho. Que o Nicolau e o Thilo apenas tinham sido as «partei-ras»... Quem terá sido a mãe? Um doce a quem adivinhar.

7.7.82

TELECRÍTICA *por Rui Cádima*

Mapa-tipo de «Verão» em maré de estreias

POR esta altura, no ano passado, fomos nós os primeiros a lamentar, nesta mesma coluna, o facto de a programação considerada como «de verão», o chamado mapa-tipo de verão, ter entrado numa fase de profunda quarentena em sentido figurado, entenda-se, o que quer dizer no essencial que em relação à programação nacional não se viu praticamente nada.

De facto, logo após os grandes programas de produção nacional terem ido de férias — programas como o de Júlio Isidro e como o «Porque Hoje é Sábado», bem como alguns magazines (no fundo o fundamental da melhor produção nacional de então) — o que se seguiu foi em boa verdade uma espécie de «encerramento para férias»... Disso aqui demos conta na altura.

Este ano, e à medida que a

programação primaveril se aproximava do seu termo, tememos que tudo voltasse ao mesmo e que em geral não surgissem quaisquer alternativas aos programas que entretanto se preparavam para férias (bem merecidas, nos melhores e nos piores casos, diga-se de passagem...).

Mas o que é facto é que em geral nada disso aconteceu. E dizêmo-lo ainda numa altura em que uma boa parte dos programas alternativos anunciados ainda não se terem afirmado, ou, melhor, ainda não terem tido oportunidade, nas suas poucas emissões, de merecerem do auditório o agrado que os «idos» tinham merecido.

Entretanto, vários novos programas começaram a aparecer em substituição dos primeiros e outros mais se anunciam para muito breve.

Se um dos programas que está

a ter desde já uma grande curiosidade entre o auditório é o novo concurso «Retrato de Família» da autoria de Raul Calado e de seu filho Nuno Calado (um dos programas que ainda não começou a ir para o ar), outros há de facto que já têm entre os telespectadores fiéis adeptos. Inevitavelmente o novo «Rcques da Casa» que começou a ir para o ar no domingo passado a partir das seis da tarde é um desses programas. Da autoria de Rui Pego e António Duarte, dois nomes ainda jovens, já muito conhecidos de todos quantos seguem com muita atenção aquilo que se escreve e diz sobre música rock em Portugal, este novo programa sem dúvida que à partida conta com a adesão daqueles que viam no programa de Júlio Isidro o espaço dedicado ao «pessoal da pesada»...

A primeira emissão do «Rcques da Casa» veio demonstrar isso mesmo: que se pretendia com este novo espaço (curiosamente emitido a partir dos estúdios do Porto com dois apresentadores de Lisboa — ao reside o último dos enigmas da nova programação...) compensar algo do que entretanto havia desaparecido. E, de certo modo, isso foi conseguido logo na primeira edição. As próximas edições dirão do seu futuro, como alternativa aos programas do género, «em férias»...

Mas entretanto novos programas, uns de divulgação, *tout court*, outros culturais, têm vindo a aparecer, deixando-nos a ideia clara de que este mapa-tipo de verão não é efectivamente um «encerramento» para férias como aconteceu no ano passado. E esse é já um ponto positivo.

10.7.82

TELECRÍTICA *por Rui Cádima*

Deixa-nos o Mundial revisita-nos o cinema português

O Mundial aproxima-se do fim. Hoje mesmo disputar-se-á o jogo para o terceiro e quarto lugares e para amanhã, domingo, a ansiada final que desta vez terá por equipas participantes duas formações que dificilmente os especialistas e os apostadores poderiam adivinhar vir a encontrar-se.

De facto, naquela pequena maratona televisiva de quinta-feira, com o prolongamento entre a França e a República Federal Alemã e os penalties (o que levou a que só este desafio, para além do outro que já se havia realizado durante a tarde entre a Itália e a Polónia, durasse quase três horas), chegou-se finalmente a descobrir o grande enigma de quase todo um mês de Mundial: Alemanha e Itália seriam os finalistas, depois de terem ficado pelo caminho algumas das equipas com melhor futebol neste campeonato, nomeadamente a grande favorita de todos quantos

acompanharam estas transmissões televisivas na sua grande maioria — o Brasil.

Bom, mas depois de tanto termos ouvido falar nos bastidores deste Mundial, com referências à organização, à situação política em Espanha ou ao aumento dos bens essenciais no Brasil enquanto a equipa ia ganhando, ao mercado negro dos bilhetes e, enfim, a todo um conjunto de aspectos que sobram sempre à margem da reportagem, há que dizer muito claramente que se se verificou um certo descalabro nesse «à margem» deste Mundial, o mesmo se foi verificando em boa parte das transmissões, quer ao nível da realização (e ainda nos aspectos técnicos das retransmissões), quer também ao nível da locução que não teve em Graciela Alves (e muito menos em Nuno Brás) profissionais verdadeiramente à altura da função, um com um pendor caracteristicamente radiofónico, o outro ba-

ralhando tudo, trocando nomes, vendo jogadas a mais, confundindo inclusive equipas inteiras — o habitual no Nuno Brás, diga-se de passagem — um profissional que será certamente muito competente a fazer outras coisas mas que, no que diz respeito ao acompanhamento dos jogos através da televisão, é um convite permanente à desatenção e à charada. Aliás, tanto não será de estranhar... Ou não é também o outro jornalismo televisivo, para além do desportivo, um convite também à charada?

Deixando por agora o Mundial, esperando nós ainda fazer mais uma referência depois do Campeonato estar definitivamente encerrado, gostaríamos agora de chamar a atenção mais uma vez para dois ciclos de cinema português que estão agora a decorrer na programação da RTP/2.

«De Manuel de Oliveira a Pau-

lo Rocha» é o ciclo que está a passar às quintas-feiras e que desta última vez nos dava exactamente a segunda longa-metragem de ficção de Manuel de Oliveira — «O Passado e o Presente», esperando-se ainda duas mais nas próximas semanas. O curioso é neste último caso ter-se verificado uma coincidência de horários entre o jogo que decidia qual o finalista opo-
sitor à Itália e o filme de Oliveira que visto dez anos depois seria certamente um «novo» filme, proporcionaria com certeza uma nova leitura, tal como Helena Vaz da Silva aliás sublinhou na sua apresentação. Pena de facto uma tão «difícil» coincidência... Mas este ciclo e um outro dedicado ao documentarismo português que se poderá acompanhar hoje à noite na «2» são de facto dois bons momentos da actual programação da RTP. Não os percam. São uma boa «alternativa» ao Mundial...

«Dallas» é... dá-la!

A série «Dallas» parece que veio de facto para nos ficar... a chatear, ad eternum...

Recentemente, aquando do anúncio dos principais programas do novo mapa-tipe para todo este Verão, Maria Elisa deu a entender que se a série ainda não foi «expurgada» da programação da RTP isso se fica a dever ao facto de continuar a desfrutar de grande popularidade entre os telespectadores. Pressupomos nós que essa forma de avaliação assenta nas sondagens que habitualmente a RTP recebe dos tais cerca de mil e cem telespectadores que se comprometeram a fornecer elementos opinativos sobre os programas, a troco de uma assinatura da «TV Guia». Mas é que é facto é que, ou esses dados estão viciados, ou esses telespectadores são demasiado benevolentes (ou outro qualquer estranho fenómeno se passa, uma vez que noutras sondagens que vamos

vendo por aí os números andam muito longe daqueles que a RTP dispõe como seus).

MAS indo aos números: num recente artigo publicado na já referida revista intitulado «Dallas e os portugueses», adiantava-se que em estudos tendentes a avaliar índices de audiência, à pergunta — «Em sua opinião a série Dallas dá uma imagem da sociedade americana?» — 75 por cento responderam afirmativamente, 14,3 por cento disseram que não e os restantes 10,7 por cento não emitiram opinião. Neutros inquiridos somos contudo confrontados com outro tipo de argumentação nitidamente contrária, e ainda com níveis de audiência que não atingem valores tão altos como em toda a primeira fase da série — até à tentativa de assassinato de J.R. (episódio que bateu recordes de audiência da história da televisão americana, inclusive).

Que «Dallas» força bastante a nota no que diz respeito à «retração» da sociedade americana penso que é do domínio geral mesmo apesar dos índices à RTP — de que, pessoalmente, sempre suspeitei pela sua pouca proximidade (que me parece existir) relativamente à realidade.

QUE para muitos de nós é extremamente penoso ficar aos sábados à noite sintonzados na «1» também me parece ser a dura verdade. Para além de mais julgo que todos os outros (aqueles que ainda vão vendo a série) estarão já de certo modo a compreender o logro que é o prelongamento infundável e remoldo deste produto de exportação, que dorme agora à custa da popularidade inicial, vendendo sempre o mesmo tipo de conflito dramático na medida em que o princípio é servir aqueles que, sobretudo telespectadores passivos, vão admitindo que esses

processos menos honestos ainda façam carreira em muitas redes de televisão espalhadas pelo mundo.

«DALLAS» é pois neste momento uma série já morta. Disso mesmo nos parece estar ciente também a Direcção de Programas. Importa pois desde já alertar a opinião pública para o facto de estar ainda a consumir aquilo que no fundo, em termos de defesa do consumidor, é um produto já impróprio para consumo.

Nós aqui iremos dando elementos para uma mais rápida compreensão do «fenómeno» e ficaremos a aguardar que o mesmo acente nos outros meios de comunicação social, esperando portanto que lá para Outubro, ou no máximo Janeiro, já não haja razão para se dizer que se a série continua é por culpa dos telespectadores...

Futebol de primeira touros de segunda fado de terceira

44 jogos de futebol em menos de um mês (traduzindo por miúdos: mais de um jogo por dia, levar-nos-iam nestes primeiros dias após a grande final em que as simpatias iam todas para os esforçados e habilidosos italianos, a perguntar qualquer coisa como: - E agora RTP? Agora... vamos a ver... Para já posso-vos dizer que séries estrangeiras não vão faltar. Não será à média de uma por dia, mas andará lá perto. Programas portugueses também há, sim senhor, mas não serão obviamente à razão de um por dia... Mesmo assim fez-se neste âmbito um esforço (relativamente ao ano passado) que nos parece ser desde já de louvar. Espero bem que não tenha de me arrepender do que agora digo...

Mas nesse último dia do Mundial, domingo passado, nem só de futebol viveu o telespectador... Houve também fado e touros. Só que nem os touros nem o fado se aproximaram am-

termos de verdadeiro espectáculo daquilo que nos trouxe o match entre italianos e alemães federais. De facto, se o «Sombra/Sol 82» que desta vez foi para o ar no horário habitual do «TV Rural» - isto é, sensivelmente entre as 14 e as 14.30h. - nos veio falar de novilhadas e quejandos, o fado chegou-nos em «Grande Noite» organizada sob o patrocínio da Casa da Imprensa (numa iniciativa de tradições de que vimos agora a primeira parte do espectáculo deste ano, continuando a segunda parte no próximo domingo), mas chegou-nos, dizia eu, nas suas características habituais: consagrada fundamentalmente à revelação de «novos nomes» da «canção nacional», festa de amadores, por excelência.

De qualquer modo a primeira parte que vimos nem só de amadores viveu... Alguns intérpretes já conhecidos também por lá apareceram, mas há que publi-

nhar esse aspecto amador que aquela «festa», chamemos-lhe assim, fundamentalmente teve. Foi por isso uma «festa» ainda pior que as velhas «Melodias de Sempre», que os «Serões para Trabalhadores» ou os «TV's Shows»... Uma lástima, sem dúvida.

Não há qualquer dúvida de que se trata de um espectáculo erradamente dito de «popular». De facto, a pretexto de ali se irem em maratona potenciais «novos valores» da canção nacional («novos valores» esses que este ano se apresentaram a concurso com idades compreendidas entre os 5 e os 46 anos de idade...), é organizada uma grande festa dita a «Grande Noite do Fado» em que são mais os fadistas de terceira e os «desafinadores» do que aqueles que defendem os «pergaminhos» da velha canção... Perante uma plateia de milhares de pessoas (desta vez alargada a todo o país através deste diferido televi-

sivo), o «espectáculo» lá foi prosseguindo (depois de montado benevolentemente, pelos responsáveis pelo programa). Aqui ou ali lá se ouviam uns assobios de protesto mas do que não há dúvidas é que as palmas, também elas benevolentes, iam sobretudo daqueles que por este ou aquele motivo ali estavam, «em família», para verem os «seus», integrados na «Grande Noite». Em suma, uma péssima festa de benevolência... «Grande Noite» do fado sim, mas rigorosa, criteriosa, bem programada, bem produzida - e no Coliseu. Tudo se complica quando as coisas extravasam para nossas casas... Se o amadorismo deve ter acesso à televisão - e tem todo o direito a isso - esta «Grande Noite do Fado» teria que esperar quase na cauda da «bicha» dos artistas amadores portugueses — do teatro para as artes — da canção para o cinema. Amadores sim, mas

TELECRÍTICA DE RUI CÁDIMA

Depois do fadário o fado de Ti Alfredo

Voltámos a ter fado na RTP. Desta vez um in memoriam Ti Alfredo Marceneiro, «morto não de velhice mas de stress», como foi dito na apresentação do programa que passou segunda-feira à noite no primeiro canal, pouco mais de quinze dias depois deste amado «filósofo do fado» se ter passado para o Olimpo dos grandes deuses caiseiros. Chamava-se o programa «Alfredo é só Fado» e um tanto ou quanto inesperadamente havia de surgir exactamente um dia depois de termos visto esse espectáculo que pouco dignificou o fado e a televisão portuguesa - refiro-me como devem calcular ao diferido da «Grande Noite do Fado».

Em boa verdade, dois fados — e dois destinos — estiveram traçados nestes dois programas, ainda que se possa julgar que Ti Alfredo pudesse ter aceite um eventual convite para participar no espectáculo do Coliseu

aolado de todo aquele amadorismo — e, já agora, ao lado também de Ti Hermínia e Ti Amália que também por lá passaram...

Dessa «grande noite», que na realidade foi muito pequena, já aqui demos algumas pinceladas na nossa crónica de ontem. Mas dada a coincidência e a repetição de programas sobre a «canção nacional» (para muitos longa e injustamente arredados da programação da RTP), conviria decerto retomar algo do que aqui deixámos no ar ainda relativamente à «Grande Noite» para depois nos referirmos ao programa sobre Alfredo Duarte Rodrigues de seu verdadeiro nome.

Se, por um lado, a imagem que a «grande noite» nos deixou a todos foi a de um espectáculo caracterizadamente bairrista, bem localizado, que dificilmente poderia extravasar para fora desse meio ben defi-

nido, fechado, quer sob o ponto de vista social e cultural, quer sob o ponto de vista geográfico, o que numa primeira análise nos levaria de imediato a apontá-la como uma «pequena noite», o programa sobre Alfredo Marceneiro, pelo contrário, conseguiu pelo menos ter o mérito de se constituir em memória audiovisual, realmente existente (e não apagada ou desgravada, ou ainda pura e simplesmente desbaratada). Esta conservou-se mesmo e com ela veio, tão só, a recordação dessa figura arreigadamente lisboeta — e não mais que isso. Ainda a particularidade de se ter tratado de uma produção Henrique Mendes/Carlos do Carmo...

«Grande Noite» foi pois a de segunda-feira. Na outra, que comparada com esta poderia ser mesmo uma «fatídica» noite, o Coliseu dos Recreios funcionou como se fosse um grande salão de festas desse bairro imaginário de onde saíam inevita-

velmente todos os potenciais candidatos ao primeiro lugar do concurso que elegeria o grande fadista amador do ano... E tudo estaria muito certo se essa festa «familiar» não saísse da sua estrita intimidade, isto é, não desse o flanco ao exterior, permitindo que o mediado maior impacto social penetrasse nessa nua e crua verdade, que no seu mais profundo significado acabaria por denunciar um comportamento em nada semelhante àquilo que Jean Duvignaud chamou em tempos a festa...

Marceneiro, como modelo do intérprete que levou a festa ao fado, basta-se a si próprio. Sozinho, compõe a grande noite e todos, aldeia global, cabemos nela. Somos facilmente cúmplices desse cio... Mas espectáculos como o que a RTP aceitou transmitir no domingo à noite fazem-nos cúmplices sim, mas violentados. E aí acabou a festa...

«A III Guerra Mundial»: um suporte da política de Reagan

Todos estão ainda recordados decerto de uma série que passou recentemente na RTP aos domingos à noite — a última, no caso: «Enola Gay». A série ficou entretanto na memória de todos pela forma como escamoteou uma tristemente célebre realidade histórica: Hiroshima. Que as bombas lançadas sobre Hiroshima e Nagasaki tinham contribuído para a paz era a tese dos autores daquela série norte-americana. E todos os portugueses que pouco mais sabiam de Hiroshima foram com certeza deitar-se nessa noite convicts de que a 6 de Agosto de 1945 a humanidade havia assistido, feliz, porventura, à explosão da primeira bomba atómica sobre uma cidade, «pela Paz»...

«Enola Gay» era de facto um trabalho de pura propaganda militar, sem qualquer perspectiva científica ou qualquer aná-

casasse por assim dizer o genocídio de Hiroshima.

Ainda mal refeitos da febre de militarismo e de propaganda que exalava da série, eis que quase quinze dias depois uma outra série de proveniência norte-americana e, de certa forma, também polémica, embora a um outro nível, invade as casas de milhões de portugueses, tão pouco afeitos a estas coisas dos «cenários eventuais» para uma terceira guerra mundial — nós que até mantivemos a neutralidade na II Grande Guerra...

Sem se poder dizer que na nova série, estreada quinta-feira passada com o título genérico «A III Guerra Mundial», se tenha chegado de igual modo ao escamoteamento da História, importa contudo reparar nalguns aspectos extremamente significativos das intenções que nos parecem presidir à produção deste trabalho. Ainda que os

pontos que vamos levantar não passem de uma primeira e breve análise do primeiro episódio, o que aqui vamos deixar não deixará de constituir em absoluto material para reflexão com vista à continuação do visionamento da série.

Trata-se, em primeiro lugar, de uma quase «premonição», ou melhor, de um cenário composto pelos produtores norte-americanos para o início de uma série que se pretende de antecipação, mas que no fundo não será mais do que a passagem a filme das orientações do Governo Reagan relativamente à política a seguir no domínio do rearmamento militar avançado.

De facto, neste primeiro episódio, poder-se-á desde logo arranjar razões de sobra para exemplificar o que avançámos. Por exemplo, quando o presidente americano (do futuro) que é interpretado por Rock Hudson, recebe por sete minutos

uma «velha raposa» feminina do jornalismo norte-americano e lhe diz mais ou menos o seguinte: — «Falhámos na nossa tentativa de provar a nossa superioridade militar sobre Moscovo»..., é óbvio que poucas mais dúvidas poderão restar sobre os objectivos da série. Depois haveria que citar toda uma série de pequenas referências a conflitos que ainda ocorrem neste momento como a invasão do Afeganistão, a pressão sobre a Polónia, o petróleo do Alasca, a exportação dos cereais, etc. Também a forma como os «vermelhos» são caracterizados, como os seus disparos são enquadrados, os seus rostos focados, etc., também nos leva a crer que «A III Guerra Mundial» não é mais senão um importante documento justificativo de uma certa «guerra fria» que ao contrário do que muitos julgam ainda não cessou fogo...

«No Reino de Neptuno»: o maravilhoso mundo do mar

Felizmente, neste fim-de-semana televisivo, embora muito haja a dizer de francamente negativo, podemos dar-nos por satisfeitos pelo aparecimento de alguns programas que vieram contrariar a tendência que no ano passado por esta altura se havia verificado, e que todos fomos unânimes em considerar como uma profunda «seca» televisiva.

Este ano a televisão não é essa. Não se pense de qualquer modo que houve uma mudança a 180 graus... Nada disso.

Mas para já é de realçar esse esforço assinalável em criar programas alternativos àqueles que entretanto foram de férias e que tinham deixado uma vasta audiência a levantar-se por isso... O «Berros e Bocas» é um deles... No momento em que escrevo estas linhas só sei que o programa de Luís Filipe Barros e Manuela Moura Guedes vai

ter (ou teve) ótimos convidados, bom «rock» português e alguma loucura, embora mais moderada do que aquela que todos estamos habituados a ouvir no «Café com Leite» da Rádio Comercial... Amanhã vos falarei do programa, tentando apontar aquilo que de mais bem feito existiu e o menos bom, o não conseguido que também é capaz de haver (de ter havido...) etc.

Bom, mas deixando as suposições e entrando nas realidades de sábado, gostaria de vos alertar para uma outra estreia — esta posso-vos desde já assegurar ser de grande qualidade e portanto merecer a vossa maior atenção. Trata-se de «No Reino de Neptuno» — série documental norte-americana que começou sábado a ir para o ar no horário das 14.30 h. Como o próprio título indica — com a

referência ao deus dos mares — Neptuno, esta é uma série essencialmente dedicada aos mistérios das profundezas dos mares. Quem viu o primeiro episódio num aparelho de TV a cores com certeza que descobriu nesta um verdadeiro espectáculo raro de ver. Com efeito trata-se de um trabalho perfeitamente conseguido sob o ponto de vista da exploração dos segredos que as profundezas do mar escondem. Com uma sofisticada aparelhagem para a captação de imagens no fundo dos mares — aparelhagem que vai do mais simples «spot» de luz à mais sofisticada câmara —, os autores desta série conseguiram de facto os seus objectivos dando-nos imagens de grande beleza, um mundo maravilhoso no qual os nossos olhos quase dificilmente creem por vezes...

Evidente portanto que se trata de uma série que só deve ser

vista a cores... O preto e branco deve inclusive transformá-la num produto corrente...

Se esta foi na verdade uma excelente estreia, o mesmo não podemos dizer de uma outra que passou no «Tempo dos Mais Novos» de sábado de manhã, e que — essa sim — foi a preto e branco para todos... Mas o problema nesta série não é não ter cor... É não ter actualidade, por assim dizer... Trata-se de um trabalho de origem britânica que deve pertencer já ao pó dos arquivos das produções inglesas para as camadas mais jovens. E uma produção com cerca de vinte anos em cima — e isso é suficiente para a destruir... As crianças aparecem de cabelo rapado, os adolescentes são perfeitos «rockers» dos anos 60 (do princípio, só lhes falta dançar o Twist Again) enfim, uma já «peça de Museu»...

O «Berros e Bocas» foi só... boite... e, portanto, boato...

Rock, muito rock, bom rock, mas poucos Berros e poucas Bocas que era o que mais se esperava na primeira emissão do dito cujo...

Um Luís Filipe Barros detrás da banca de «disc-jockey» a mandar entrar os bombeiros quando o que devia fazer era atear o fogo naquele forno que é o pequeno estúdio do Lumiar onde o programa foi produzido. Foi a imagem que ficou. A casa a arder seria algo mais parecido com as pequenas loucuras da Sampaio Pina, entre as 7 e as 10 da manhã... Aliás, chegou a haver de facto uma certa semelhança nos estranhos ruídos que nos agrediram momentaneamente os tímpanos no decorrer da emissão, o que é mau.

Outro aspecto para o qual gostaria de chamar a atenção prende-se com as entrevistas. Entrevistados tivemos nesta primeira vez o Humberto Coelho, o Ney Matogrosso, um

necessitado de amores, e mais um ou outro participante nas pouco felizes iniciativas desta edição. Sabemos, de anteriores trabalhos seus, que nem a Manuela Moura Guedes nem o Luís Filipe Barros são umas «barras» nestas coisas das entrevistas... É uma arte como outra qualquer esta coisa de saber fazer perguntas sempre em cima do momento certo... Neste primeiro «Berros e Bocas» o que vimos foi mais ou menos isto: a Manuela agarrava as poucas deixas que conseguia, inclusive aquelas do «Berros», e este refastelado na «poltrona», de costas para os prezados telespectadores, sem dar uma para a caixa... Muito possivelmente a estrutura do programa obriga a que as entrevistas sejam mais para a Manuela e os discos e a algararra para o «Berros»... Pensamos que não é a melhor solução. Têm que se apoiar um ao outro mas têm sobretudo que complementar tão loucamente

quanto possível as questões postas — e aí talvez se encontre um ponto de equilíbrio. O «non-sense» chegou recentemente à nossa televisão pela mão do Herman José e pensamos que um outro género de humor, mais característico, mais «selvagem», pode tornar o programa mais atractivo sob esse ponto de vista.

Com as próximas emissões, e com um maior à vontade dos seus autores esperamos que tudo vá um pouco mais ao lugar. Mas ainda sobre a questão do humor seria importante referir que a participação daquele «Dr». Stragavários ou lá o que é terá também que melhorar em termos de texto e inclusive de representação.

Outra coisa: é óbvio que globalmente este é um programa que pretende atingir outras camadas que não aquelas que o programa de Júlio Isidro atingia. Isto não é grande problema

mas o que não deve ser perdido de vista é a necessidade de no horário dos domingos à tarde, no caso dos grandes blocos, dever-se atender à heterogeneidade do auditório e daí ser deveras arriscado produzir um programa com características específicas de um estrato etário bem definido. O «Berros e Bocas» terá por isso que começar a cortar na «boite» montada no estúdio (que teve de facto muito pouca gracinha — eram mais os pezudos e os coxos do que os «boiteiros» de gema) e explorar mais o humor e as participações consensuais...

E tal como prevíamos, ido este primeiro «Berros e Bocas» — um pouco adiantado em relação ao horário previsto — diga-se de passagem — veio logo de seguida essa espantosa série «Fama» que sem ter a qualidade do filme de Parker é no entanto um trabalho fortemente concorrente do «Roches da Casa» que não merecia a coincidência.

«Olho de Vidro»: uma certa visão sobre a fotografia

A história da fotografia é parte da história da nossa memória. Se as imagens do Vietnã foram lançadas nos jornais mesmo à custa da morte dos seus próprios autores; se as imagens captadas em pleno «estado de coma» desta sociedade putrefacta em que continuamos a submergir foram captadas mesmo à custa do suicídio dos seus próprios autores; se as imagens da decadência acabaram por levar atrás, muitas das vezes, boa parte daqueles que tiveram que mergulhar nela para a captarem nas suas objectivas; se tudo isso é parte dos materiais plásticos e visuais que hoje ajudam, ainda que temporaneamente, a avivar a nossa mais profunda memória de todos os pequenos e grandes holocaustos dos dois últimos séculos, é também parte inevitável da construção de uma qualquer série que tenha por objecto fundamental o, «objecto» fotográfico.

Estamos portanto já na série que supomos da autoria de An-

tónio Sena, pintor-fotógrafo, fotógrafo-pintor, voz que supomos ser também maioritária no conjunto de vozes que nos são dadas ouvir e que também, paradoxalmente ou não, é a voz menos possível para as imagens possíveis que essa mesma voz escolhe...

Ao princípio confundimo-lo com a voz do Diogo Pires Aurélio, mas no final, no genérico, vimos que não... Era muito parecida mas não era a sua... António Sena deveria ser também o seu autor por aproximação ao «lettering» do genérico... Se o fotógrafo deve ter olho de falcão e mãos de veludo, no caso do fotógrafo autor de programas de televisão (que empresta a sua voz ao *off*) dever-se-ia acrescentar ainda que deve possuir uma voz metálica e não propriamente uma voz de chumbo.

Mas para uma porção de imagens-outras que não aquelas que tinham na voz de chumbo a sua «melhor» locutora, muitas e dignas foram as personalidades convidadas a deporem com a

sua voz de não-chumbo... Algumas delas, mesmo de voz doce e estrangeirada, nem sequer figuraram no genérico... O Jorge Listopad, voz de resistência sobre imagens de opressão foi claramente banida — talvez por trazer já na legenda invisível qualquer coisa como «sem comentários», ou «este comentário é inconfundível», ou qualquer coisa assim...

Fotografia e autores é coisa a que a cultura pátria pouco se tem habituado de há um século para cá... Cinema sim, agora fotografia é que não. Será porventura uma arte menor, no panorama desolado — desértico — dos gostos, das tendências, do saber, deste conhecimento que se trava no dia-a-dia. Mas pensando bem na velha questão do «olho de vidro» (o título da série é exactamente este — e para quem ainda não sabe, passa às terças-feiras antes do Telejornal) trata-se com efeito de uma arte muito explorada; poder-se-ia dizer mesmo que é a arte mais divulgada em todo o

mundo só que infelizmente suporta sempre o condão de nunca ser respeitada como tal... A fotografia é para a grande maioria daqueles que a praticam uma espécie de esboço quase perfeito, possível a todos aqueles que nunca o conseguiram só com lápis e papel... É mais do que isso: é também o local de uma passagem — uma paragem — numa vida que por vezes é colocada determinadamente num eixo específico, mas que regra geral está desenquadrada de todo e qualquer objectivo (a). A fotografia é assim a arte mais popular... Quando deixa de ser popular e passa a ser erudita, ou pelo menos suporta em si a sensibilidade indesmentível do seu autor, pode-se considerar «arte». É essa arte que António Sena nos traz todas as terças-feiras às 19 e 45. Só que Sena está a fazer um programa erudito sobre os quase imperceptíveis artistas... E se eles já eram quase desconhecidos, neste enquadramento fugidio e altivo, continuam *malheureusement* a sê-lo...

«O misterioso mundo de Arthur C. Clark»

Não sei quantos de vocês já tiveram porventura ocasião de seguir pelo menos um dos três episódios da série «O Misterioso Mundo de Arthur C. Clark», a passar às duas e meia da tarde, às quartas-feiras.

Vou partir do princípio que, no mínimo, já ouviram falar da série e que já estão avisados das suas características e da sua excepcional qualidade. É sobre esta série que vos vou falar hoje, com algum atraso desde a sua estreia, é certo, mas a verdade é que tínhamos preparado já um texto para a semana que passou mas que por avaria técnica não pôde sair.

Primeiro que tudo importa saber quem é Arthur Clarke. Apresentado na RTP, pelas locutoras-continúas como o «inventor» dos satélites de telecomunicações e também como o autor da obra «2001 Odisseia no Espaço» — que deu origem ao filme homónimo — Arthur Clarke é na verdade muito mais

do que isso...

Não se pode dizer, desde logo, que este extraordinário cientista é o «inventor» do satélite de telecomunicações... Se se pudesse dizê-lo teríamos então que recuar mais atrás e ir mesmo ao século passado, concretamente às obras de Júlio Verne e aí iríamos descobrir algo de muito semelhante àquilo que, nos anos 50 deste século, se passou a chamar os «satélites artificiais».

Arthur Clark foi, isso sim, um extraordinário antecipador, um quase visionário daquilo que viriam a ser esses «OVI'S» (objectos voadores identificados...) que viriam a transformar todos os nossos hábitos mais arraigados desde a Revolução Industrial. Na verdade foi cerca de 12 anos antes do primeiro lançamento de um satélite artificial (o que aconteceu com o Sputnik soviético, em 5 de Outubro de 1957) que Arthur Clark num artigo que ficou fa-

moso — publicado na revista «Wireless World» (o artigo intitulava-se «Extraterrestrial Relays»), previu que dentro de anos seria possível abrir uma nova era nas comunicações humanas. Clark, velha «raposa» nestas coisas da investigação científica e espacial, extraordinário escritor britânico de antecipação científica, consultor de organismos internacionais bem conhecidos nos domínios da tecnologia espacial, Clark, dizia, sabia bem daquilo que estava a falar...

O que é facto, aliás como a série tem vindo a demonstrar, é que Arthur Clark não é só um renomado autor neste exclusivo âmbito espacial.

De facto, o primeiro episódio fez-nos uma introdução global da série, descrevendo-nos que tipos de enigmas é que iriam ser mais tratados ao longo da série de treze episódios — identificando como enigmas do terceiro grau aqueles mais difíceis de

desvendar — e que serão portanto os de ordem essencialmente psicológica (deu como exemplo uma chuva de rãs que os habitantes de uma localidade britânica em tempos disseram ter visto) passou depois aos enigmas do segundo grau (as bolas de fogo, os montes vitrificados da Escócia, o sistema de rodas dentadas da Grécia Antiga, etc. etc.) e aqueles mais comuns habitualmente considerados como do «primeiro grau» e que são conhecidos de todos: os eclipses do sol, espécies gigantescas de peixes, etc.

Tudo isto já vimos nos três episódios que passaram. Já viajámos com Arthur Clark às «sete partidas do Mundo»...

As filmagens totais e absorventes de um eclipse total do sol ocorrido nos finais de 79 na Índia e filmados pela sua equipa ficaram inclusive para a história da televisão... Ainda querem perder mais episódios???

Vanguardismos: entre a «Vila Faia» e o «Amor de Perdição»

24.7.82

Abro parêntesis: poder-vos-ia começar por dizer que a nossa tão amaldiçoada televisão tem alturas, quando lhe passam coisas pela esquizoide e devoradora cabeça, que até parece caminhar na vanguarda de todas as drogas electrónicas deste mundo...

A esse propósito poderia citar por exemplo a telenovela portuguesa que teve na quinta-feira um episódio de excepcional qualidade — de humor extraordinariamente refinado e «consensual», acessível às amplas massas... —, poderia citar ainda o ciclo de cinema português das quintas-feiras, apresentado por Helena Vaz da Silva (mas não seleccionado por ela — é também uma originalidade rara...) e poder-vos-ia citar...

Bom... Era o que faltava era haver assim tantos exemplos de vanguardismo na nossa RTP — talvez o «Olho de Vidro» do António Sena justifique uma

chamada de atenção aqui...

Indo por partes: a telenovela portuguesa por, entre outras coisas, ter agora feito admissão de «pessoal» novo no «cast» — gente que vem dos grupos independentes, actores das fornadas mais recentes do teatro português. Lembraria a Paula Guedes — durante muito tempo actriz do grupo de teatro de «A Barraca» e que até agora ainda não teve oportunidade de «brilhar», embora os autores do textos já tivessem autorizado um esgar do menino Pedro para o trazeiro da rapariga, no bar da Ti Ermelinda... Novo, também nestas andanças, é o João Perry, que à partida toda a gente pensaria ser um actor pouco afeito a estas coisas mais popularuchas da telenovela, mas que não senhor, até achou muito bem o papel de doutor e está agora, depois de terceira ou quarta aparição, a esmerar-se um pouco mais no tratamento a dar à personagem, tudo levando a

crer que o grande actor de teatro que é acabará por se afirmar nesta difícil arte de «telenovellar»...

Para além do texto que João Alves da Costa e Francisco Nicholson criaram para «Vila Faia», e mais em concreto para o episódio de quinta-feira como já referi (as criadas são despedidas; o Pedro procura o Gudunha na «tasca»; o Eng. Gonçalo continua a «fazer-se» à secretária Inês, etc., etc.), para além da riqueza de diálogo criados — excelente, sem dúvida — está de facto essa curiosa questão de estarem a despojar alguns actores do teatro independente que têm feito o melhor teatro português dos últimos anos. E digo «curiosa questão» porque de facto ainda há muita gente que pensa que Portugal não tem actores, não tem *autores* — e que a cultura portuguesa não existe... E quem pensa assim é alguém que tem responsabilida-

des hoje na RTP...

Outro sintoma, embora isolado, de «vanguardismo», é de um modo geral o ciclo do novo cinema português que está a passar às quintas-feiras na RTP/2, mas muito particularmente a passagem excepcional do «Amor de Perdição» de Manuel de Oliveira na passada quinta-feira, integrado no referido ciclo. De facto de uma «passagem excepcional» se tratou: foram quatro horas e meia de «cinema», das sete e meia da tarde até quase à meia-noite. Desta vez tivemos sim o «Amor de Perdição» em condições mais razoáveis do que na primeira vez, há mais de dois anos. Nessa altura o preto e branco, a montagem improvisada e a divisão em episódios foi de facto um erro. Desta vez tudo se conjugou para que a passagem fosse um êxito, embora o auditório da RTP não tivesse sido *infelizmente* motivado para um momento tão particular.

Revisão constitucional na RTP: um péssimo «negócio»

26.7.82

A profunda monotonia da programação de sábado mais nos fez lembrar ainda a marcante mediocridade de uma estreia que tínhamos visto no dia anterior, sexta-feira: «Constituição — Amanhã», assim se chama a série em questão.

Anunciada em primeira mão pelo semanário «Tempo» para se estreiar em Abril último, esta discutida série (discutida ainda antes de o ser) só agora, meses depois de ter sido anunciada a emissão do primeiro episódio, é que viu rodarem as bobinas do telecinema...

Talvez que este atraso tenha a ver com algumas das críticas então surgidas. Recordo nomeadamente uma, que vinha da bancada parlamentar comunista, em que se defendia que esta série, negociada no segredo dos deuses da «reação», teria como objectivo principal pressionar (a contento) os trabalhos da revisão que entretanto se aproximavam do seu início... Diziam os comunistas que este

seria mais um negócio escuro da actual administração, uma vez que, segundo eles, Proença de Carvalho era parte interessada dos dois lados contratantes... Mas começada a emitir nesta altura, bastante tempo depois de terem começado os trabalhos Parlamentares, a série auto-ilibava-se das primeiras acusações... Quanto às segundas, a nossa boa fé leva-nos a não pensar sequer nas relações que muitas vezes se estabelecem entre administradores e co-produções com empresas externas... Neste caso então, a 300 contos por episódio, «negócio», a haver, só podia ser político... E é isso que realmente acontece.

Ninguém duvida de que há sempre uma nova aproximação dos poderes instituídos com as suas áreas políticas. Isso teria que acontecer obviamente com a AD no poder. A televisão reflectiu-o desde logo. O problema, no caso desta nova série, não é tanto o dessa aproximação ideológica, mas antes o que

acontece a partir daí, isto é, o ostensivo alheamento (patente no conteúdo do primeiro episódio) de outras ideologias que habitam este país — e mais do que este país — os portugueses (alheamento a que só se pode atribuir um suspeito objectivo de bipolarizar efectivamente a sociedade portuguesa em termos de conservadorismo e humanismo) e por outro lado, para além desse perigoso sectarismo político, defendido por esses sectores mais reacçãoários, este primeiro episódio ficou marcado pelo seu carácter de baixa ética social e política, e também pelo seu carácter quase experimental e de deficiente técnica televisiva, quer sob o ponto de vista de linguagem, quer sob o ponto de vista de conteúdo, quer ainda no aspecto formal, imagem, montagem, som, etc. Produzido pela Telecine (que é uma das grandes produtoras de publicidade para cinema e televisão) esta série teve neste primeiro episódio um

cabal exemplo de algo que não tem de facto qualquer nível técnico para ser emitido numa rede de televisão nacional. Uma coisa é a publicidade outra coisa é o programa de televisão...

Em termos concretos: a constante referência à situação social e sindical polaca (ocultando a realidade nacional); a provocação feita — em imagens — a uma central sindical nacional e aos partidos fora do âmbito da AD e leva a que se conclua que este não foi um «negócio» mal feito por uma ou outra razão, mas efectivamente porque quem de direito (os responsáveis pela série — a Associação Cívica para a Revisão Constitucional, dirigida por Santana Lopes e Nuno Rocha) não tem de facto qualquer nível profissional, ético e político para se assumir como responsável perante os portugueses por um programa com uma responsabilidade deste. O «mau negócio» foi esse. Deliberada ou inocentemente.

TELECRÍTICA DE RUI CÁDIMA

Juro que vi e ouvi o Francisco Fanhais na televisão!...

Domingo: mais de 30 graus de temperatura a colocarem os mais dependentes da droga electrónica perante uma opção sempre difícil de tomar: ou deixar a televisão desligada e partir para as ultrapoluídas praias dos arredores, com os inevitáveis engarrafamentos (para o carro e para a toalha), ou ficar em casa com a família (como aliás aconselhava a secretária de Estado da tutela, a polémica Teresa Costá Macedo) e então dar uma espreitadela àquilo que aparecesse a partir logo das 10.45 h, que é agora o horário de abertura de Verão, com o «70X7» a anteceder a Eucaristia dominical.

E se isso acontecesse, se se tivesse preferido o fresco da casa ao calor da rua, quem ligasse a televisão logo na abertura veria, durante a parte da manhã, aquilo que se poderia considerar talvez, algo do que de mais interessante teve a pro-

gramação deste último domingo numa grelha muito variada, mas também com poucos momentos de verdadeira qualidade. Refiro-me exactamente ao programa produzido pelo Secretariado do Episcopado para as comunicações sociais — o «70X7» — que mais uma vez veio demonstrar quanto está interessado numa verdadeira formação social, cultural e religiosa dos seus telespectadores. E é curioso — essa formação religiosa que se subentende dos temas e da forma como são tratados — é bem mais interessante e bem mais límpida do que uma outra (de)formação a que vamos assistindo ainda em muito programa de produção interna — nomeadamente do departamento de informação.

Não se pode apontar ao programa de António Rego, Reis Ribeiro e Vilas Boas qualquer ponta de demagogia, qualquer atitude conservadora ou retró-

grada quer sob o ponto de vista religioso quer sob o ponto de vista social. É de facto reconfortante reconhecê-lo sempre que nos vem à ideia o marasmo generalizado... Desta vez o «70X7» veio falar-nos de um encontro que decorreu há dias no Buçaco e que reuniu um grande número de jovens que fazem parte das juventudes de agricultores católicos. Para além dos jovens nos terem apresentado sumariamente quais os seus grandes problemas, qual a sua actividade militante, quais os seus ideais, aquilo que nos ressaltou mais no programa foi o aparecimento de um conhecido cantor popular — o Francisco Fanhais — que nós nos lembramos de ver antes do 25 de Abril nas reuniões associativas de estudantes, cantando a liberdade, lançando a sua mensagem a todos os que ansiavam por essa liberdade, e muitas das vezes sabendo que essas reuniões

corriam o perigo de ser descobertas pelos esbirros da Pide... Pois se Francisco Fanhais foi depois de Abril um cantor muito ouvido, hoje ele é praticamente um nome apagado...

E se digo apagado, digo-o no sentido de «censurado». É muito raro de facto ouvi-lo no rádio e penso ser muito difícil ouvi-lo — e vê-lo — na televisão. Desta vez passou, porém. E — curiosamente — num programa da responsabilidade da Igreja Católica. A sua mensagem que se poderá considerar eventualmente de «radical» não deixa de facto de ser compatível com a mensagem revolucionária de Cristo — penso que foi por isso que o «70X7» achou por bem captar essas imagens no Buçaco.

Num domingo em que também passaram pela televisão a Madalena Iglésias, o Roberto Carlos e a Amália Rodrigues foi bom ouvir o Francisco Fanhais.

«Retrato de Família» não arreganhou a taxa mas deitou a língua de fora

Qualquer retrato de família, por muito sépia que esteja, pode ser sempre uma ótima imagem de um tempo específico, de um acontecimento memorável, ou pode ser uma frustração — sempre que o «passarinho» não esteja presente...

Esta primeira «take» do «Retrato de Família» — o novo concurso da RTP, que aliás não podia ter entrado melhor (leve-se em conta o facto deste novo programa ter entrado para o lugar do «Ou Vai ou Taxa» — e a propósito de «Ou Vai ou Taxa»: será que para o ano, sem amnistia papal, mas com muitos mais proprietários de aparelhos de televisão — e com muitos menos subscritores — haverá um «Ou Vai ou Taxa» todos os dias, em jeito de telenovela, constringindo os faltosos ao pagamento da dita cuja?), mas dizia eu atrás que o novo concurso não podia ter entrado em melhor altura...

Por um lado, portanto, devido ao facto de ter desaparecido do mapa o «taxas», por outro lado por estarmos a atravessar um tempo «baixo» da programação que necessita mesmo de novos programas, fundamentalmente de produção nacional, de forma a reduzir os efeitos mais negativos resultantes da ida para férias de alguns dos programas de maior audiência.

Há depois a considerar alguns outros factores, mais para além daqueles de origem temporal. «Retrato de Família» foi já visto como um quase prolongamento tardio da «Visita da Comélia» que tinha, como todos se lembram, o Raul Calado no júri (daí — e não só daí — alguma da proximidade deste concurso com esse outro que recordamos com agrado). É exactamente essa aproximação entre concursos, o «trabalho de casa» em equipa, devendo os concorrentes aliar a representação teatral à

interpretação musical e, por exemplo, ao convite a um artista que lá estará em nome do nome de família, enfim, a todo um conjunto de situações que, em compita entre as três famílias, desde que haja esse necessário trabalho de preparação — trabalho de qualidade, entenda-se (só assim, aliás, se poderá compreender que as famílias marquem presença frente a uma audiência de milhões de telespectadores), mas desde que esse trabalho seja feito, dizia, podemos acreditar desde já, a partir desta sessão experimental, que o novo concurso tem reunidas todas as condições para vencer, isto é, para agradar — e para formar, já agora...

De facto, este género de programas de televisão só se entende desse modo. Recordo, por exemplo, alguns dos números do mais recente concurso da RTP — o «Toma lá Dá cá», de Artur Agostinho, onde aconte-

ceu múltiplas vezes que a má preparação dos concorrentes, o carácter demasiado amador da participação dos seleccionados, levou a que o concurso caísse num profundo ridículo que na maior parte das vezes não era acompanhado pelos índices de audiência que a RTP recebia na 5 de Outubro. Exige-se, portanto, neste género de programas, a qualidade — como em tudo, aliás.

A sessão experimental do «Retrato», se não teve os 18 pontos andou lá perto... Ouviu-se dizer mal — e bem! — do que está mal — e é muito! — como já não se ouvia na RTP há bastante tempo. E depois foram os quadros revisteiros de excelente qualidade — tudo a deixar-nos boa recordação da noite de segunda-feira (o quadro final dos bolos é que não teve de facto gracinha nenhuma). Aguardemos então pelas sessões «a sério»...

Você está já a comer os últimos bacalhaus... goze-os bem...

Há séculos que não se ouvia falar de bacalhau na nossa (nacionalizada, nossa) RTP-EP. O bacalhau, peixe fino, pois então, não o merecia... Ainda se fosse carapau de gato ou cavala..., mas agora bacalhau, francamente... É sem dúvida nenhuma um peixe «burguês», que merecia um outro tratamento da nossa aristocrata televisão.

Anteontem, contudo, inesperadamente, antes do telejornal, um documentário assinado por Alfredo Tropa, intitulado assim, tão simplesmente, «Dorothy», que dizia apresentar em paralelo a «longínqua pesca à linha» em contraponto à pesca de arrasto costeiro, veio de certo modo repor o dedo na ferida.

Tomem pois atenção: dentro de dois, três anos, todo e qualquer amante do «fiel amigo» vai-se ver em sérios embarrasos para distinguir entre o marisco-marisco (lagosta, e outros assim) do marisco-bacalhau...

Quem nos avisou desta vez foi um armador da Figueira da Foz, o Eng. Cação, que respondia a algumas tímidas perguntas do realizador do programa, que fazia também de entrevistador (se o Sindicato sabe...).

Nós já há algum tempo atrás que tínhamos feito nas páginas do «PH» uma referência directa a esta questão. Fazíamos então (ver «PH» de 31.5.81) uma reportagem sobre uma série que iria ser realizada para a televisão conjuntamente com uma longa-metragem para o cinema. Tratava-se, se ainda se lembram, de a «A Epopeia dos Bacalhaus», sendo seu realizador Francisco Manso, que vinha então de dirigir parte dos episódios da série «Manta de Retalhos». Afir-mávamos também para o problema das 200 milhas marítimas em águas canadianas (com tudo o que isso acarretava para a pesca do bacalhau em Portugal), bem como para o problema da redução progressiva das

quotas de pescado, o que levaria (levará) a uma situação com certeza insustentável em termos de comercialização do pescado.

Entretanto, os anos vão passando e tudo se aproxima do prazo limite imposto pelas autoridades do Canadá a todo e qualquer barco estrangeiro que em condições normais queira ir pescar nos já tradicionais «ban-cos» da Terra Nova...

O alerta agora levantado no documentário de Alfredo Tropa, foi, por assim dizer, o aspecto mais importante ali focado. Para além disso, seria talvez de referir as imagens que acompanharam, em montagem paralela, o documentário sobre o «Dorothy». Essas imagens de arquivo vinham já dos anos 60 e mostravam-nos a partida de um dos navios, dessa altura, do porto de Lisboa. No cais, o ritual de luto: a despedida lamuriosa das mulheres dos pescadores, as ladainhas interminá-

veis, o negro terrível até o barco desaparecer no horizonte...

Tudo isto, para ao fim de 6 meses, aquando do regresso dos pescadores, se repetir idêntico espectáculo... Tratava-se de um documento de grande qualidade — ou não fosse ele produzido pela National Geographic Society... Qualquer semelhança entre as imagens que víamos com quase 20 anos e as do filme de Tropa seria pura coincidência...

Bom, agora que o problema foi de novo levantado; agora que Francisco Manso apronta nas mesas de montagem da Tó-bis os seus oito episódios para a RTP; agora que a posição de armadores e pescadores foi divulgada através deste importante meio que é a TV, resta-nos esperar a resposta dos nossos governantes: Afinal o bacalhau será ou não, dentro de poucos anos, o marisco mais caro do mercado?

Madeira: um bilhete postal com caruncho

A Madeira está na berra. Volta não volta eis-nos perante um bilhete postal televisivo da agora chamada «ilha das flores», mas também denominada «pérola do Atlântico» — ou ainda, mais recentemente, de «flor carnívora do Atlântico».

Há uns meses atrás foram as referências à Semana da Madeira em Lisboa: foi o início, por assim dizer, de uma grande «operação de charme» promovida pelo Governo Regional da Madeira aqui no Continente, e assim, junto da televisão também.

Mais recentemente, e num curto espaço de tempo, a Madeira esteve por diversas vezes com «tempo de antena» na RTP. O ponto culminante de toda esta operação foi sem qualquer dúvida os «Jogos Sem Fronteiras», transmitidos em diferido de Lisboa para a Eurovisão na passada quarta-feira, um dia depois de se terem reali-

zados no Funchal, num cenário que foi considerado pelos criadores deste famoso divertimento como a maior montagem até hoje realizada em 18 anos de «Jogos». Foi bom portanto ver a vitória da equipa madeirense nesta edição histórica — sem dúvida nenhuma um excelente prémio também para todos os que participaram e suportaram esta grande aventura financeira que é — sempre — a produção dos «Jogos» (este ano avaliada em mais de 60 mil contos).

Mas volto ainda um pouco atrás para vos falar desses «bilhetes postais» que têm vindo a aparecer com tanta insistência sobre a ilha. Há duas semanas atrás foi o programa de Cabrita Neto e José da Rocha Dinis a visitar o arquipélago, dando-nos uma breve panorâmica do actual momento turístico da Madeira, com os seus problemas, os seus projectos, os seus serviços. Enfim. Enfim, nós

não somos técnicos de turismo mas pareceu-nos que se tratou de um trabalho esmerado, honesto, informado, tudo atributos que não vimos num programa como o «Constituição-Amanhã», por exemplo. Depois foi a visita do Fernando Pessa para filmar a equipa participante nos «Jogos» com toda aquela habitual panóplia de anunciantes (no caso não é publicidade encapotada ou sublimar — é mesmo às claras — de outro modo não poderiam ser realizados estes jogos).

Agora, horas antes desta edição no Funchal, um outro documentário sobre a Madeira encheu bem o pequeno ecrã de nossas casas. Durante mais de vinte e cinco minutos (antes do telejornal). Era também publicidade descarada, sem dúvida, embora não se tratasse aqui de promover marcas mas tão só as belezas da ilha — que, como alguém disse, não fora o Tu-

rismo, e a Madeira seria hoje uma rocha dentro do mar... Autêntico bilhete postal, pois. Só que, em televisão, em filme, em documentário, não há pior do que fazer as coisas como se de um diaporama só com música de fundo se tratasse. E foi o que aqui aconteceu. «Olho de peixe» para aqui, «zoom» para ali, panorâmica para a esquerda, panorâmica para a direita e nada mais. Nem sequer um gravador de som levaram para a Madeira. Nem um só som, natural, da ilha, dela. Vieram as imagens e depois, no Lumiar, meteu-se-lhes música (péssima) de bôite...

O que é estranho é que este produto inqualificável foi assinado por um nome que se diz com pergaminhos dentro da RTP. Mas será possível que um realizador como Luís Andrade chegue ao fim de vinte anos de carreira e faça uma coisa daquelas?